



DEMOCRACIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

Dossiê IV ENEPCP - Sociedade, estado e o público: formação e ação por caminhos democráticos em contextos de crise

Entrevista com o Prof. Dr. Edgilson Tavares de Araújo, Presidente da Associação Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas

PÁG. 09

Educação socioambiental e o direito à cidade: reflexões sobre um programa de extensão universitária durante a pandemia da covid-19 no interior do Ceará - UFCA

PÁG. 16

A inscrição de autores negros pela literatura afro-brasileira como tema em uma ação extensionista - UEMG

PÁG. 68

Revista Extensão. 21ª edição, vol. 1 (janeiro, 2022) - Cruz das Almas, BA:
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão, 2022
Semestral

ISSN: 2236-6784

1. Extensão Universitária - Periódicos. I. Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão.

CDD 378.81

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que
sejam citadas as fontes.

Allows reproduction in published information, provided that
sources are cited.

Pede-se permuta./ We ask for exchange.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

RUA RUI BARBOSA, 710, CENTRO, CRUZ DAS ALMAS - 44.380-000, BAHIA, BRASIL

REITOR

Fábio Josué Souza dos Santos

VICE-REITOR

José Pereira Mascarenhas Bisneto

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Tatiana Ribeiro Velloso

COORDENADORIA DE CULTURA E UNIVERSIDADE (CCU)

Daniele Pereira Canedo

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E AÇÕES COMUNITÁRIAS (NUEDAC)

Sergio Luiz Bragatto Boss

Tábata Figueiredo Dourado

Míriam da Silva Ferreira

EDITORES-CHEFES

Daniele Pereira Canedo, Dra. (UFRB)

Sergio Luiz Bragatto Boss, Dr. (UFRB)

EDITORA EXECUTIVA

Míriam da Silva Ferreira, Esp. (UFRB)

EDITOR DA SEÇÃO DOSSIÊ IV ENEPCP

Gustavo Costa de Souza, Dr. (UFLA, Diretor de Extensão da ANEPCP)

COMITÊ EXECUTIVO

Daniele Pereira Canedo, Dra. (UFRB)

Míriam da Silva Ferreira, Esp. (UFRB)

Sandrine Souza, Ma. (UFRB)

Sergio Luiz Bragatto Boss, Dr. (UFRB)

Tábata Figueiredo Dourado, Ma. (UFRB)

ESTAGIÁRIA

Jessica Duart da Silva, discente do CETEC/UFRB. (NUEDAC/UFRB)

CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Tatiana Ribeiro Velloso, Dra. (UFRB)

Ana Rita Santiago, Dra. (UFRB)

Custódia Martins, Dra. (UMINHO/Portugal)

Juan A. C. Rodriguez, Dr. (UACH/México)

José Alberto Pereira, Dr. (IPB/Portugal)

Odette Gonsález Aportela, Dra. (UH/Cuba)

COMITÊ EDITORIAL

Daniele Pereira Canedo, Dra. (UFRB)

Sergio Luiz Bragatto Boss, Dr. (UFRB)

Franceli da Silva, Dra. (UFRB)

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Sandrine Souza, Ma. (UFRB)

EDITORAÇÃO

Míriam da Silva Ferreira, Esp. (UFRB)

CAPA

Thaís da Silva Cruz, discente do CAHL/UFRB, bolsista de extensão. (NUCOM/PROEXT/UFRB)

PROJETO GRÁFICO

Renata Machado Gomes, Esp. (ASCOM/UFRB)

EDITORES/REVISORES DE TEXTO

Claudia Feio da Maia Lima, Dra. (UFRB)

Lélia Maria Sampaio Santana, Ma. (UFRB)

Luciano Sergio Hocevar, Dr. (UFRB)

Rafael dos Reis Ferreira, Dr. (UFRB)

Rogelma Maria da Silva Ferreira, Dra. (UFRB)

AVALIADORES AD HOC DA 21ª EDIÇÃO, ANO 2021.2

Adriana Barni Truccolo (UERGS/RS)
Alexandre Zandonadi Meneguelli (UNIJIP/RO)
Amanda Maria Villas Boas Ribeiro (UFBA/BA)
Ana Luísa de Castro Coimbra (UFRB/BA)
Anderson Belmont Correia de Oliveira (UNIPÊ/PB)
Antônio Carlos Duarte Ricciotti (UNIR/RO)
Daiana Camargo (UEPG/PR)
Daiani Ludmila Barth (UNIR/RO)
Ederson Luiz Locatelli (UNISINOS/RS)
Érica Bastos da Silva (UFRB/BA)
Fabia Faria da Silva (UFU/MG)
Fabiana Lopes de Paula (UFRB/BA)
Fabiana Martins Dias de Andrade (UFMG/MG)
Fabiana Santos Costa (UNISANTOS/SP)
Geremias Soares dos Santos (UFBA/BA)
Juliana Maria Moreira Soares (USP/SP)
Laís Santos de Magalhães Cardoso (UFMG/MG)
Lívia Valença da Silva (UFPE/PE)
Mabel Diz Marques (UFBA/BA)
Magda de Souza Chagas (UFF/RJ)
Marcelo Alves Brazil (UFS/SE)
Marcos José Clivatti Freitag (IFRJ/RJ)
Maria Aparecida de Matos (UFT/TO)
Marilde Queiroz Guedes (UFOB/BA)
Miria Alves da Silva (UFBA/BA)
Patrícia Ferreira Miranda (UNIR/RO)
Patrícia Lima Pereira Peres (UFRJ/RJ)
Paulo Sérgio Dutra (UNIR/RO)
Renata Heisler Neves (UERJ/RJ)
Renata Novaes da Silva (UFPA/PA)
Rosângela Souza da Silva (UFRB/BA)
Rosaria Da Paixão Trindade (UEFS/BA)
Sara Jane Cerqueira Bezerra (UNEAL/AL)
Sazana Assunção Martins dos Santos (UFBA/BA)
Sônia Maria Oliveira Cavalcanti Marinho (UFPE/PE)
Suane Felipe Soares (UFRJ/RJ)
Tábata Figueiredo Dourado (UFRB/BA)
Valéria Dos Santos Nascimento (IF Baiano/BA)
Waldiselia Dos Santos Passos (UFBA/BA)

ÍNDICE

- 08** EDITORIAL
- 09** ENTREVISTA: GESTÃO DA PANDEMIA EXIBE A FRAGILIDADE DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

DOSSIÊ IV ENEPCP - SOCIEDADE, ESTADO E O PÚBLICO: FORMAÇÃO E AÇÃO POR CAMINHOS DEMOCRÁTICOS EM CONTEXTOS DE CRISE

- 16** EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E O DIREITO À CIDADE: REFLEXÕES SOBRE UM PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 NO INTERIOR DO CEARÁ
- 31** DISTOCULT: MEDIAÇÕES DE LEITURAS ENQUANTO UMA NOVA FERRAMENTA DE ESTÍMULO À REFLEXÃO CRÍTICA
- 41** EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: OS DESAFIOS DA CURRICULARIZAÇÃO NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
- 54** OS SENTIDOS DAS PRÁTICAS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM UM CURSO DO CAMPO DE PÚBLICAS: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

ARTIGOS

- 68** A INSCRIÇÃO DE AUTORES NEGROS PELA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO TEMA EM UMA AÇÃO EXTENSIONISTA
- 77** TABULEIRO DO AMOR: APRENDER BRINCANDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

- 88** CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: PROMOÇÃO DA SAÚDE EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA
- 96** O USO DO TEATRO DE FANTOCHES COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE PARA CRIANÇAS
- 104** A COMPOSIÇÃO MUSICAL ENQUANTO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO INTERDISCIPLINAR
- 112** WEBTV SABERES CRUZADOS: DA WEB PARA TV
- 118** A EXPERIÊNCIA DE EVENTO SOBRE BORDADO, COM A PARTICIPAÇÃO DAS IRMÃS DA BOA MORTE DE CACHOEIRA, BA

- 125** MULHERES NA ENGENHARIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO ELAS MUDAM O MUNDO
- 133** VIVENCIAR PARA APRENDER, APRENDER PARA VIVENCIAR: UMA EXPERIÊNCIA DO CURSO DE GESTÃO DE COOPERATIVAS EM TRÊS ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS DE GOVERNADOR MANGABEIRA/BA
- 141** IMPRIMINDO UMA IDEIA: CASE DE SUCESSO DO PROJETO DE EXTENSÃO INDUSTRY APPLICATIONS SOCIETY IEEE IAS
- 146** DESAFIOS DAS FAMÍLIAS E PROFESSORAS NAS ATIVIDADES ESCOLARES ONLINE EM TEMPOS DE PANDEMIA
- 154** APOIO ACADÊMICO A ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO E (IN)FORMAÇÃO
- 160** DIVULGAR PARA QUEM? PLANO DE COMUNICAÇÃO DE LABORATÓRIOS DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
- 167** ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS: RELATO DE UM EVENTO EXTENSIONISTA
- 174** ABRINDO AS FRONTEIRAS DA UNIVERSIDADE ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

EDITORIAL

O ano de 2022 vem sendo aguardado com a expectativa de que seja um marco do fechamento de um ciclo de convivência com a pandemia do novo coronavírus e do retorno a um contexto de normalidade das vivências cotidianas. Infelizmente, a descoberta de nova variante e o crescimento dos casos em diversos países, no final de 2021, indicam que a crise sanitária perdurará por mais tempo do que se esperava.

No Brasil, as consequências da pandemia foram ainda mais graves em um contexto de crise que, além de sanitária, é também política e humanitária, e que encontrou fertilidade no solo de um país cujo sistema foi forjado com base nas desigualdades sociais e no racismo estrutural. Os efeitos da COVID-19 foram bem mais severos para grande parcela da população brasileira que se encontra em situação de subalternização e vulnerabilidade social. Já a crise política tende a se complexificar tendo em vista as eleições a serem realizadas neste ano.

Diante dessa conjuntura, a 21ª edição da Revista Extensão apresenta como tema "Democracia e Políticas Públicas". Em uma parceria com o IV Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas, foi organizado o Dossiê "Sociedade, Estado e o Público: formação e ação por caminhos democráticos em contextos de crise", tema do evento. Os artigos dialogam com o papel da extensão universitária na contemporaneidade, a partir da curricularização da extensão, do direito à cidade e de iniciativas de estímulo à reflexão crítica. O dossiê é introduzido por uma entrevista com o prof. Edgilson Tavares sobre como a gestão da pandemia tem evidenciado a fragilidade da democracia brasileira e os caminhos possíveis para o fortalecimento das relações entre Estado, mercado e sociedade através de políticas públicas democráticas e inclusivas.

Tais preocupações também estão refletidas nos artigos e relatos de experiência provenientes da Bahia e dos estados de Pernambuco, Ceará, Goiás, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Os trabalhos apresentam atividades extensionistas que se dedicaram: à promoção da saúde de crianças, populações trans e em comunidades quilombolas; às práticas de ensino e aprendizagem sobre sexualidade, gênero e raça, bem como do trabalho e do empreendedorismo; aos desafios da educação em tempos de pandemia para estudantes, famílias e docentes; e às sociabilidades desenvolvidas a partir de práticas culturais, inovações tecnológicas e linguagens artísticas como a literatura, a música, o teatro, o audiovisual, o designer, o artesanato e a cultura tradicional e popular.

Convidamos você a ler esta edição não como um periódico acadêmico, mas como uma publicação que reflete a força da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e o papel da universidade, da cultura e da prática extensionista no enfrentamento das crises brasileiras.

Boa leitura!



Edilson Tavares de Araújo, docente da UFBA e da UFRB. Preside a Associação Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas e coordenou o IV ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA DO CAMPO DE PÚBLICAS.

ENTREVISTA

GESTÃO DA PANDEMIA EXIBE A FRAGILIDADE DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

Por Sandrine Souza

A gestão da crise ocasionada pela pandemia de Covid-19 evidencia a importância de um Estado forte, capaz de criar soluções para as demandas emergenciais e garantir proteção social para os mais vulneráveis. Na avaliação da Organização das Nações Unidas, a democracia é essencial no contexto da atual crise, para garantir o fluxo de informação, a participação da sociedade civil na tomada de decisões e a responsabilização pela resposta à pandemia.

Na contramão do que preconiza a avaliação da ONU, os golpes contra a democracia brasileira continuaram, por meio de discursos anticonstitucionais e decisões políticas autoritárias. A gestão pública nacional negou os caminhos propostos pela ciência, atrasou a vacinação e promoveu a desinformação. Como consequência, a perda de mais de 600 mil vidas, o aumento da fome, o enfraquecimento da economia.

De acordo com indicadores compilados pelo *Index Democracy*, classificação da revista *The Economist*, o Brasil nunca chegou a ser considerado uma democracia plena, na qual liberdades políticas e civis fazem parte da cultura política e o governo funciona de forma satisfatória. A novidade é que, em vez de avançar, nos últimos anos, o país tem perdido posições no ranking que avalia o estado da democracia de 167 países.

Nesse sentido, a ONU alerta para o fato de que a pandemia tem sido usada para restringir os processos democráticos e o espaço cívico, especialmente, em países em que a democracia não se estabeleceu na sua plenitude.

Considerando as mediações democráticas necessárias, nas relações entre Estado e sociedade, como forma de enfrentamento das incertezas decorrentes das crises, o campo de políticas públicas reiterou seu cerne de propósitos no IV ENEPCP. O encontro, promovido pela Associação Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Políticas entre agosto e setembro de 2021, teve como tema “Sociedade, Estado e o Público: formação e ação por caminhos democráticos em contextos de crise”.

Para falar sobre o tema da quarta edição do evento e do dossiê temático desta edição, a Revista Extensão entrevistou o Prof. Dr. Edilson Tavares de Araújo, pouco antes da realização do evento. Edilson Tavares de Araújo é presidente da ANEPCP e professor da Escola de Administração da UFBA e do Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas da UFRB.

Confira a entrevista!

"Sem um Estado forte e garantidor de direitos, por mais que contemos com as solidariedades da sociedade civil, não conseguiremos vencer as crises."

Revista Extensão - Professor Edgilson, a crise sanitária, política e humanitária que enfrentamos tem impactado as populações, a administração pública e as políticas públicas. Neste contexto, quais os papéis e limites do Estado, mercado e sociedade civil?

Professor Edgilson - O processo de quarentena e de isolamento social nos coloca várias ambiguidades. Ao mesmo tempo que diminui riscos, vulnerabilidades e danos pessoais e sociais, pode gerar outros que afetem aspectos físicos, psicoemocionais, econômicos e financeiros. A complexidade da crise aumenta quando compreendemos que ficar em casa é alternativa que pode ser viável para aqueles que possuem moradia e vida relativamente estável. Nesse sentido, é fundamental desmentir a falácia da dicotomia entre saúde versus economia, bem como das lógicas privatistas, meritocráticas, negacionistas e reacionárias que se expandem pelo Brasil. Sem um Estado forte e garantidor de direitos, por mais que contemos com as solidariedades da sociedade civil, não conseguiremos vencer as crises. É preciso que o mercado entenda que sem uma sociedade fortalecida e protegida pelo Estado, não há caminhos para o desenvolvimento. Nesse sentido, não basta apenas falarmos em inter-setorialidade e governança, por exemplo. Precisamos praticá-las a partir de um quadro de valores em que as fronteiras de atuação sejam o interesse público e a democracia.

Revista Extensão - De acordo com a ONU, a democracia é essencial para garantir o fluxo de informação, a participação na tomada de decisões e a responsabiliza-

ção pela resposta à pandemia. Qual a sua avaliação destes três pilares na gestão da pandemia no Brasil, levando em consideração os fatos constatados pela CPI da Covid?

Professor Edgilson - Desde 2016, vivemos constantes e progressivos ataques à nossa democracia tão jovem e, por vezes, ainda tão despolidizada devido à nossa terrível herança elitista, racista, misógina, sexista, capacitista. Como garantir fluxo de informações num momento em que fake news mobilizam negacionismos e ódios ao público? Como mobilizar a participação, quando nossas lógicas caminharam mais para dimensões institucionalistas que em uma canetada estão sendo desintegradas de modo autoritário? Qual o papel do Estado, quando o atual governo nega a ciência, a vida e a proteção social? As respostas a tais questões se evidenciam mostrando exatamente como a ausência da gestão pública e das políticas públicas voltadas para o interesse comum, inclusive da falta de coordenação interfederativa, geraram a catástrofe de mais 578 mil vítimas da Covid, um processo de vacinação tardia e desordenada. Além de tudo, os fortes indícios de corrupção que estão sendo investigados pela CPI da Covid. Nesse sentido, avalio que a nossa democracia para além da vertigem, passa por um processo de asfixia. Por isso, cabe ao Campo de Públicas, enquanto conhecedor, formador e defensor da democracia, da gestão pública e da Política voltada ao interesse comum, cada vez mais refletir e se posicionar na defesa republicana do Estado e da sociedade civil.

"Desde 2016, vivemos constantes e progressivos ataques à nossa democracia tão jovem e, por vezes, ainda tão despolidizada devido à nossa terrível herança elitista, racista, misógina, sexista, capacitista."

Revista Extensão - Como o Estado deve

agir com relação a populações vulneráveis frente ao Coronavírus, na busca por proteção social e garantia das vidas?

Professor Edgilson - Cabe ao Estado amparar de modo público, principalmente, as populações em situação de vulnerabilidade, já que estas estão em maiores riscos e menores condições de enfrentamento da pandemia. Assim, é preciso priorizar e garantir de modo universal, a única certeza que a ciência nos dá até agora sobre como enfrentar a pandemia: vacina já para todos, todas e todos! É preciso também garantir políticas públicas de segurança alimentar. As pessoas estão morrendo de fome, desempregadas, desamparadas... Por mais que existam ações solidárias da sociedade civil para amenizar esse grave problema público da fome, é o Estado que deve garantir o direito à alimentação para quem precisa. A garantia da segurança de renda básica, seja por auxílio emergencial ou outra política pública com valor justo, tem que ser compreendido como um direito e, desse modo, só o Estado tem o poder para isso.

Além disso, ao invés de estimular o negacionismo da ciência, cabe ao Estado informar e formar a população para o correto uso da máscara, bem como distribuí-la para a população em situações de vulnerabilidade, como inclusive ocorre em outros países com melhores resultados nos enfrentamento da pandemia. É urgente estimular a vacinação bem como controlar socialmente tal questão.

Outrossim, é fundamental revertermos alguns absurdos que tivemos nos últimos anos no país, como a emenda constitucional nº 95 que impõe o teto dos gastos que afeta diretamente as políticas de proteção social, inclusive da Saúde e da Assistência Social. A garantia das vidas não pode ser feita quando a prioridade é apenas o equilíbrio fiscal e o império da lógica privatista. Tenho a impressão que estamos vivendo uma total inversão de valores e de pautas. É tirano, num momento em que tantas pessoas morrem de Covid-19 ou de fome, em que o desemprego assola, a prioridade de agenda governamental seja, por exemplo, a chamada Reforma Administrativa e a privatização de estatais.

"A nossa democracia para além da vertigem, passa por um processo de asfixia"

Revista Extensão - Qual o papel das universidades públicas brasileiras no enfrentamento do atual contexto? Como a extensão universitária no campo de públicas pode colaborar?

Professor Edgilson - As universidades públicas vêm exercendo o seu papel na produção da ciência, da formação de profissionais-cidadãos, do desenvolvimento de ações extensionistas voltadas para o enfrentamento das crises, destarte todos os ataques que temos sofrido. Nesse sentido, é preciso que cada vez mais nos posicionemos pela defesa da vida, produzindo conhecimentos não apenas aplicados, mas implicados na busca de mudanças sociais. A extensão é uma das pontas do nosso tripé universitário que deve ser cada vez mais valorizada, uma vez que ao mesmo tempo que estabelece as relações de apoio às comunidades e sociedades, é um espaço de profunda aprendizagem significativa para estudantes e professores.

"A garantia da segurança de renda básica, seja por auxílio emergencial ou outra política pública com valor justo, tem que ser compreendido como um direito e, desse modo, só o Estado tem o poder para isso."

Revista Extensão - Como enfrentar as novas crises após a pandemia?

Professor Edgilson - Em meio a essas gravidades insurgentes, o Campo de Públicas deve cada vez mais reiterar seu cerne de propósitos, formando futuros gestores(as) públicos(as) e de políticas públicas de excelência, capazes de desenhar novos caminhos para responder às aspirações do público. Seguimos como um campo de resistência e de luta formando profissionais com competências tecnopolíticas direcionadas à valorização dos bens públicos, em especial, o maior de todos eles que é a vida humana. Penso que os caminhos para enfrentar novas crises passam pela formação e ação por caminhos democráticos, como assertivamente, trazemos no tema do IV ENEPCP.

"As universidades públicas vêm exercendo o seu papel na produção da ciência, da formação de profissionais-cidadãos, do desenvolvimento de ações extensionistas voltadas para o enfrentamento das crises, destarte todos os ataques que temos sofrido."

Revista Extensão - O que motivou a escolha do tema (Sociedade, Estado e o Público: formação e ação por caminhos democráticos em contextos de crise)?

Professor Edgilson - Num momento de crise em que precisaríamos ter o público fortalecido, principalmente, por meio de um Estado atuante e garantidor de proteção social, temos uma sensação terrível de um "desamparo público", como muito bem nos pontua a Profa. Rosana Boulosa. Um sentimento ou afeto de abandono, de desvalorização e de destruição da coisa pública. Isso faz com que as múltiplas demandas de uma sociedade tão desigual como a nossa, carregue esse afeto sociopolítico devido a negação dos valores democráticos e republicanos. Precisamos reagir e enfrentar essa questão. Através disso, temos uma progressiva desarticulação do Estado e da sociedade civil, que frente às demandas emergenciais,

acabam dissipando ou bloqueando experiências públicas multiatoriais que colaborem para a solução de problemas públicos sanitários, econômicos, políticos etc. Percebemos que nos últimos anos tem sido valorizada a experiência privada, individualista, retorno das lógicas caritativas ao invés da garantia dos direitos sociais, a personificação de mitos, que acabam colocando em cheque a dimensão pública da política e dos afetos. Tendo em vista todas essas gravidades insurgentes, na escolha desse tema geral, o Campo de Públicas reitera seu cerne de propósitos, considerando as mediações democráticas necessárias nas relações entre Estado e sociedade para enfrentar as incertezas decorrentes das crises e, ainda, visando formar futuros gestores e analistas sociais e de políticas públicas de excelência, capazes de desenhar novos caminhos para responder às aspirações do Público.

Os caminhos para enfrentar novas crises passam pela formação e ação por caminhos democráticos, como assertivamente, trazemos no tema do IV ENEPCP.

Revista Extensão - Quais os desafios e potencialidades do formato virtual adotado no IV ENEPCP?

Professor Edgilson - É fato que estamos cansados do remoto, das telas, do "está me escutando?"... Mas diante da pandemia de Covid-19, para quem defende valores democráticos e republicanos, não resta outra alternativa segura, a não ser o formato virtual para os eventos. Obviamente, esse modo jamais substituirá as alegrias dos encontros, o calor dos debates e trocas de conhecimento com mente, corpo e alma, dos nossos eventos presenciais. Talvez o principal desafio seja manter a sensação de acolhimento que ofertamos em

nossos ENEPCPs, de fazer um evento baseado na priorização das diferentes racionalidades, respeitando e valorizando as diversidades. É preciso adaptar muitas questões para que possamos manter a dialogicidade típica do Campo de Públicas. Sempre propiciamos uma profunda imersão cultural nas cidades que os sediam. Fazer isso, à distância, sem sentir as paisagens, cores, cheiros e sabores de nossa Bahia, da resistência democrática, é bem desafiador! Mas estamos tentando transmitir de algum modo, por meio do audiovisual, de diferentes linguagens e das tecnologias, alguns desses nossos traços identitários, de modo a despertar sentimentos de acolhimento nos participantes do evento. Isso tudo aumenta consideravelmente o trabalho da comissão organizadora que é formada por voluntários (estudantes e professores). Temos de ser muito mais criativos, inovadores e atentos a todos os detalhes. Isso implica em descobrir novos métodos, tecnologias e, conseqüentemente, outros custos, num contexto em que não há prioridade para financiamento público da ciência e muito menos para as suas atividades de difusão. Isso também não pode ser repassado para o nosso público, incorporado nos valores das inscrições, por exemplo. Felizmente, conseguimos incríveis parcerias e cooperações técnicas com a FUNCEB/Governo do Estado da Bahia, Republica.org, Enap - Escola Nacional de Administração Pública, Universidade Federal do Cariri, STI/UFBA e Comunitas. Desse modo, conseguimos ativar como principal potenciali-

dade reunir tantos(as) pesquisadores(as), estudantes de graduação e pós-graduação, gestores(as) públicos(as). Serão 912 autores(as) em 25 Sessões Temáticas com 364 artigos em 87 salas de apresentação; 27 mesas redondas; duas conferências internacionais; o Pré-evento; 05 oficinas; a II Mostra de Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora; o Concurso de Podcasts de Ações Públicas para o Enfrentamento às Desigualdades de Raça e Gênero; o Prêmio de Teses, Dissertações e TCCs Augusto Tavares; e o Sarau Campo de Públicas. A possibilidade de ampliar o número de participantes do evento, principalmente, num contexto de crise econômica e sanitária é talvez a maior potencialidade.

"Num momento de crise em que precisaríamos ter o público fortalecido, principalmente, por meio de um Estado atuante e garantidor de proteção social, temos uma sensação terrível de um 'desamparo público' "



Manifestação em frente ao Congresso Nacional cobra responsabilidade dos governantes frente ao combate da pandemia da covid-19 no Brasil

Foto: Roque de Sá/Agência Senado | 30 Abril 2021

SOCIEDADE, ESTADO E O PÚBLICO:

FORMAÇÃO E AÇÃO POR CAMINHOS DEMOCRÁTICOS EM CONTEXTOS DE CRISE

EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E O DIREITO À CIDADE: REFLEXÕES SOBRE UM PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 NO INTERIOR DO CEARÁ

SOCIAL-ENVIRONMENTAL EDUCATION AND THE RIGHT TO THE CITY:
REFLECTIONS ON A UNIVERSITY EXTENSION PROGRAM DURING THE
COVID-19 PANDEMIC IN THE INTERIOR OF CEARÁ

Geovane Gesteira Sales Torres

Graduando em Administração Pública pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: geovanesaescrato@gmail.com

Caio Ricardo da Silva

Graduando em Administração Pública pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: caio.ricardo042@gmail.com

Diego Coelho do Nascimento

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente Adjunto da Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: diego.coelho@ufca.edu.br

RESUMO

O agravamento das desigualdades sociais gerado pela pandemia da Covid-19 fez com que os territórios urbano-periféricos enfrentassem drásticos empecilhos para o pleno acesso à educação e ao direito à cidade. Desse modo, este artigo objetiva relatar e discutir as ações de extensão universitária relacionadas ao direito à cidade promovidas pelo Laboratório de Estudos Urbanos, Sustentabilidade e Políticas Públicas (Laurbs) durante o ano de 2020. Para tal, adotou-se uma pesquisa-ação como estratégia metodológica. A coleta dos dados se deu mediante análises documentais nos relatórios parciais e finais das atividades de extensão, tal qual nos documentos de planejamento e planilhas para o acompanhamento das atividades. Guardadas as devidas proporções das ações relatadas, depreendeu-se que as iniciativas experienciaram dificuldades como o acesso a aparelhos tecnológicos e à internet por parte do público-alvo. Portanto, as percepções apontam para uma complexificação ainda maior da relação extensão universitária-comunidade em termos de alcance e diálogo, tal e qual os empecilhos enfrentados por indivíduos majoritariamente subalternizados na realidade social brasileira, questões essas agudizadas pela pandemia da Covid-19. Em contrapartida, as adaptações das ações extensionistas foram salutares para a continuação das atividades. As práticas foram proveitosas, logrando experiências e ferramentas para futuras intervenções diante do contexto hodierno.

Palavras-Chave: Pesquisa-ação. Universidade. Biopolítica. Tecnologias. Desigualdades Sociais.

ABSTRACT

The worsening of social inequalities generated by the Covid-19 pandemic has made the urban-peripheral territories face drastic obstacles to full access to education and the right to the city.

Thus, this article aims to report and discuss the university extension actions related to the right to the city promoted by the Laboratory of Urban Studies, Sustainability and Public Policy (Laurbs) during the year 2020. To this end, an action research was adopted as a methodological strategy. Data was collected through partial and final reports of the extension activities, such as planning documents and spreadsheets for monitoring the activities. Keeping the proportions of the reported actions in mind, it was understood that the initiatives experienced difficulties such as access to technological devices and the internet by the target audience. Therefore, the perceptions point to an even greater complexification of the university-community extension relationship in terms of outreach and dialogue, just like the difficulties faced by mostly subalternized individuals in the Brazilian social reality, issues that are aggravated by the Covid-19 pandemic. On the other hand, the adaptations of the extensionist actions were salutary for the continuation of the activities. The practices were fruitful, providing experiences and tools for future interventions in today's context.

Keywords: Action research. University. Biopolitics. Technologies. Social Inequalities.

INTRODUÇÃO

Ao criticar o modelo de desenvolvimento urbano europeu, Lefebvre (1972) exclama a impossibilidade de se pensar a liberdade do ser humano sem que este tenha acesso a bens fundamentais como a habitação, alimentação, trabalho etc. Embora a cidade não tenha sido um objeto diretamente observado pelo pensamento marxiano, nota-se que a maior parte do olhar científico e filosófico sobre o direito à cidade, enquanto construção social, assenta-se na tradição marxista.

Segundo Chueca (2019), o direito à cidade tenciona recuperar a dimensão sociomorfológica da cidade e devolver aos sujeitos a sua capacidade de agir e produzir o espaço urbano, considerando-se que as tendências neoliberais fazem com que esse espaço amiúde seja guiado pelos interesses do Capital. Nesse sentido, o direito à cidade pressupõe a participação social, a intervenção direta e a autogestão dos(as) habitantes nas questões urbanas.

Contudo, Chueca (2019) afirma que as práticas em busca do direito à cidade no Brasil estiveram e continuam, em muitas situações, imbuídas por lógicas coloniais. Além disso, Chueca (2017) denuncia que, na esfera nacional, pouco se faz presente o protagonismo de mulheres (sobretudo, as negras e periféricas), refletindo os persistentes mapas de poder que criam centros e periferias urbanas a partir de

marcadores sociais da diferença como raça, gênero e classe.

Portanto, este artigo objetiva relatar e discutir as ações de extensão universitária relacionadas ao direito à cidade promovidas pelo Laboratório de Estudos Urbanos, Sustentabilidade e Políticas Públicas (Laurbs), vinculado à Universidade Federal do Cariri - UFCA, durante o ano de 2020. Os objetivos específicos são: 1) identificar as problemáticas enfrentadas e os avanços alcançados pelo programa durante a pandemia da Covid-19; 2) refletir sobre as potencialidades e dificuldades da extensão universitária na modalidade virtual; e 3) discutir os empecilhos ao direito à cidade durante a pandemia em curso.

Para tanto, optou-se pela pesquisa-ação como estratégia metodológica. No que toca à coleta dos dados, realizou-se uma pesquisa documental nos relatórios parcial e final do programa de extensão do Laurbs, nos planos da disciplina e do curso de extensão (ações promovidas no ano em análise), bem como nos registros de acompanhamento das atividades (realizados na plataforma *Google Sala de Aula*).

O artigo em voga se justifica pela necessidade de se contemplarem epistemologicamente os efeitos da pandemia da Covid-19 nas ações de extensão universitária, sobretudo àquelas desenvolvidas em territórios e junto a grupos alvos de precarizações no espaço urbano.

Apesar do denso volume de chamadas para dossiês em periódicos científicos e eventos direcionados aos impactos da crise pandêmica, reconhece-se a incipiência de trabalhos especificamente direcionados à interface entre pandemia, extensão universitária e o direito à cidade.

Ao decorrer deste artigo se discutem conceitos tocantes à extensão universitária, direito à cidade, biopolítica, desigualdades sociais, precarização e Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC. Assim, o texto está estruturado em Introdução; Referencial Teórico; Metodologia; Resultados e Discussão; e Considerações Finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O DIREITO À CIDADE

Debater as adversidades enfrentadas pela extensão universitária em um cenário de pandemia, bem como as potencialidades das ações extensionistas, passa, primeiramente, pela necessária conceituação do que é a extensão universitária e a sua importância para a universidade pública e sociedade. As primeiras vivências de extensão ocorridas no Brasil datam o período entre 1911 e 1917, na Universidade Livre de São Paulo, quando se expunham assuntos que não necessariamente correlacionavam-se a temas sociais e políticos (CARBONARI; PEREIRA, 2007).

Dentre os três pilares da universidade – pesquisa, ensino e extensão – a extensão foi a última que surgiu. Fatores como a sua complexidade, interdisciplinaridade, necessidade de realizar-se fora dos muros da universidade, bem como o foco em demandas de um público amplo, talvez tenham levado a incompreensão desse pilar por Instituições de Ensino Superior – IES (PAULA, 2013).

Assim sendo, a extensão foi criticada pelo seu caráter mecanicista. Argumenta Freire (2013)

que a extensão se constitui por atores que vão para outra parte do mundo, vista como inferior, com o intuito de padronizá-la de forma semelhante ao seu mundo, mediante o conhecimento de que portam. Outras críticas apontam características assistencialistas, paternalistas e domesticadoras de comunidades (CARBONARI; PEREIRA, 2007). Nesse conjunto geral da atividade extensionista universitária, pode-se atestar três grandes fases da mesma, cronologicamente:

I) a anterior a 1964, cuja centralidade foi dada pela campanha pela Escola Pública e pela aproximação com o movimento das Reformas de Base, a partir de obra e de prática de Paulo Freire; II) a etapa que vai de 1964 a 1985, polarizada pela emergência e demandas dos movimentos sociais urbanos; III) a terceira etapa corresponde ao período pós-ditadura e se caracteriza pela emergência de três grandes novos elencos de demandas: 1) as decorrentes do avanço dos movimentos sociais urbanos e rurais; 2) as que expressam a emergência de novos sujeitos e direitos, que ampliaram o conceito de cidadania; 3) as demandas do setor produtivo nos campos da tecnologia e da prestação de serviços (PAULA, 2013, p. 19-20).

A extensão acaba por tornar-se exigência no ensino superior em efeito da sua responsabilidade com o conhecimento e educação para com a sociedade, estando diretamente ligada aos interesses sociais e vinculando-se ao pilar da pesquisa, uma vez que a mesma deve ter produtos ancorados em problemas reais da sociedade que a circunda. Logo, a extensão é/ deve ser, em linhas gerais, o “cordão umbilical” entre a sociedade e a universidade, evitando que o pilar da pesquisa ou do ensino se sobreponha aos demais compromissos universitários (SEVERINO, 2013).

A despeito das críticas, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX) foi um importante ator no desenvolvimento da extensão universitária no Brasil (PAULA, 2013). Dentre as áreas temáticas destacadas no portal do Fórum, encontram-se: comunicação, educação, direitos humanos e justiça, tecnologia e produção, trabalho, saúde e cultura.

Como destaca Paula (2013), esses direitos podem ser subdivididos em primeira e segunda geração, sendo o primeiro grupo tocante ao direito à saúde, educação, trabalho e cultura. O segundo refere-se aos direitos humanos, os quais dão margem para se pensar os direitos ambientais e outras garantias contemporâneas (PAULA, 2013).

No cerne desses direitos, que são mal efetivados, há o direito à cidade, garantia esta que constitui a possibilidade de uma vida urbana renovada, centrada plenamente nos ritos da vida e do tempo, permitindo a utilização em potencial dos espaços e dos momentos (LEFEBVRE, 2011). Portanto, segundo Harvey et al. (2013) a emancipação da cidade não se trata de apanhar o que já existe, mas de perseguir aquilo que os nossos corações mais almejam. Os autores expõem que:

Se descobrirmos que nossa vida se tornou muito estressante, alienante, simplesmente desconfortável ou sem motivação, então temos o direito de mudar de rumo e buscar refazê-la segundo outra imagem e através da construção de um tipo de cidade qualitativamente diferente. A questão do tipo de cidade que desejamos é inseparável da questão do tipo de pessoa que desejamos nos tornar. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades dessa maneira é, sustento, um dos mais preciosos de todos os direitos humanos (HARVEY et al., 2013, p. 25).

Nessa construção do urbano e de nós mesmos, a luta pelo direito à cidade, visando transformar toda a realidade opressora, necessita demasiadamente da construção de utopias. Essa luta, em última essência é uma dedicação pelo direito à vida, reduzindo as opressões, explorações e preconceitos. Que esse espaço erodido pelas problemáticas seja aspecto de mudança na construção do que os corações perseguem, e não condição de permanência do status quo (RODRIGUES, 2007).

PANDEMIA DA COVID-19: AGRAVAMENTO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS

O surgimento da pandemia causada pela SARS-Cov-2 evidenciou a crise estrutural permanente do sistema-mundo moderno, drasticamente marcada pelas mudanças climáticas, desconfiança nos sistemas políticos e governos, além da frenética decomposição social. Isso exige contemplar que o vírus causador da Covid-19 contribui para o surgimento/agravamento de fenômenos sociais e sistêmicos, transcendendo, assim, a sua dimensão puramente biológica (BASCHET, 2020).

Nesse sentido, Calazans e Matozinho (2020) afirmam que a pandemia da Covid-19 se configura como um fenômeno mundial de ordens biológica e política. Safatle (2020) reflete que a gestão do governo Bolsonaro ante à pandemia em curso corrobora o estabelecimento de um Estado Suicidário, caracterizado pela necropolítica e edificado com o uso dos corpos de parcelas populacionais precarizadas para a criação de um experimento de tecnologia social. Isso desnuda que o corpo é uma realidade biopolítica (FOUCAULT, 2017).

Foucault (2008) compreende o biopoder como um compêndio de mecanismos através dos quais as dimensões biológicas fundamentais dos sujeitos se inter cruzam com estratégias gerais de poder. Assim, o biopoder se integra pelo poder disciplinar e pela biopolítica, dimensões coexistentes na modernidade, apesar da tendência capitalista em empregar a biopolítica desde o século XVIII na sujeição e subjetivação das forças produtivas dos processos econômicos hegemônicos, intuindo a legitimação das relações de dominação.

Refletindo sobre o poder monarca de “causar a morte ou deixar viver” (FOUCAULT, 1988, p. 130), Foucault (1988) afirma que o poder do soberano consistia no apoderamento e supressão da vida. Contudo, Foucault (1988) expressa que tal tendência foi substituída pelo saber-poder de “causar a vida ou devolver à morte” (p. 130), algo que justifica as constantes preocupações sociais, a partir do século XVIII, com questões como a natalidade, saúde

e mortalidade, denotando a gestão calculista da vida e a administração dos corpos como biopolítica da população.

Butler (2018) advoga que a biopolítica neoliberal produz a precarização. Esta consiste em condições politicamente induzidas nas quais dados grupos populacionais estão mais expostos a situações de violência, dano e risco de morte, algo proveniente da fragmentação das redes de apoio socioeconômico advindas da diminuição do Estado e do fomento ao empreendedorismo de si. A precarização induzida e reproduzida pelas instituições do Estado e mercado termina por adaptar grupos socialmente precarizados à insegurança e desesperança (BUTLER, 2018).

Essa tendência de distribuição assimétrica das situações precárias se desnuda com maior intensidade na pandemia da Covid-19, contexto em que governos conservadores - como o de Bolsonaro no Brasil - pautam incessantemente a defesa do Capital à revelia dos(as) trabalhadores(as), sobretudo àqueles(as) que não têm acesso ao regime laboral home office (CALAZANS; MATOZINHO, 2020). Entretanto, para além das precariedades assentes no aspecto econômico, questões como gênero, raça, território e sexualidade também se mostram determinantes na indução de condições não vivíveis (BUTLER, 2018).

Em uma análise dos dados sobre os óbitos em decorrência da infecção por SARS-Cov-2 no município de São Paulo, com base no Sistema de Informação sobre Mortalidade (DataSUS - Secretaria Municipal de São Paulo), o Instituto Pólis (2020) concluiu que o marcador raça/cor é determinante no acesso à saúde, algo notório na contemplação de que, em termos proporcionais, a população negra periférica é a que mais morre na maioria dos distritos do município (INSTITUTO PÓLIS, 2020).

No que toca ao direito à educação, as precariedades no viver intensificadas durante a pandemia em curso também influenciam no

desempenho e permanência de crianças e adolescentes na educação formal. Segundo o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação - Cetic.br (2020), 4,8 milhões de crianças e adolescentes com idades entre 9 e 17 anos não possuem acesso à internet no Brasil, situação intensificada nas macrorregiões Norte e Nordeste, algo que implica diretamente na precariedade desses sujeitos no que toca ao ensino remoto, modalidade predominante a partir da presente crise sanitária.

As TIC são vistas por Castells (2005) como as matérias-primas da nova economia global, surgida com a revolução da tecnologia da informação nos Estados Unidos em 1990, a qual foi responsável pela reestruturação do sistema capitalista. Dessa forma, a tecnologia não é um fim em si mesma, nem está voltada necessariamente ao bem da humanidade. Se este existe, provavelmente se materializa como um efeito aleatório de uma ação primeira interessada em outro objetivo - lucro, legitimação do poder etc. - (CASTELLS, 2005).

A nova economia global não se compõe unicamente por benesses, mas por muitas e graves falhas, as quais se materializam, especialmente, em efeitos sociais excludentes, produtores/agravantes de desigualdades e geradores de crises. Questões visíveis, audíveis e tocáveis nitidamente no cotidiano dos países do chamado capitalismo periférico. Não obstante, a tecnologia se configura como elemento motriz do crescimento, logo, os países no terceiro estágio industrial terão maiores privilégios e, embora cresçam sem tal aparato, países em estágios anteriores serão prisioneiros dos “desenvolvidos” para o alcance dos ideais desenvolvimentistas (CASTELLS, 2005).

Vislumbra-se, pois, um incentivo à competitividade internacional, agravando as assimetrias sociais, geradora dos legados de “vencedores” e “perdedores”, algo que biologicamente se apresenta, no discurso de Castells (2005), como uma reconfiguração da seleção natural darwi-

niana. Isso desnuda o discurso falacioso de que as TIC se encontram democratizadas, considerando-se que em contextos como o brasileiro tais recursos ainda são concentrados.

METODOLOGIA

A presente pesquisa exploratória incorporou como estratégia metodológica uma pesquisa-ação. Essa modalidade de investigação se configura como uma investigação-ação que emprega técnicas científicas para informar a ação que se almeja incorporar para fins de aperfeiçoamento de práticas. Ademais, a pesquisa-ação se integra pelas fases: 1) Planejamento; 2) Descrição do monitoramento; e 3) Avaliação (TRIPP, 2005). Esses fluxos foram previstos e consubstanciados no cerne do programa de extensão universitária do Laurbs, ação acadêmica em que os autores do presente artigo atuaram enquanto bolsistas e coordenador.

A coleta dos dados se deu por meio da análise documental nos relatórios parciais e finais do programa de extensão promotor das ações, bem como através dos planejamentos, planilhas de acompanhamento das atividades e registros efetuados na ferramenta Google Sala de Aula. A pesquisa documental se justifica em várias áreas das ciências sociais e humanas, pois a riqueza de informações que através da mesma se pode obter e resgatar, propicia a ampliação do conhecimento científico, mediante a contextualização tanto histórica como sociocultural do objeto que se estuda (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Segundo Cellard (2008), a memória é um instrumento limitado do pesquisador, passível de falhas, podendo alterar datas, contextos, desconsiderando ou deturpando fatos. É com a pesquisa documental que o investigador pode realizar uma reconstrução mais precisa da realidade social, sendo essencial para as ciências sociais, como também viabilizadora da interpretação dos processos de maturidade

de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, dentre outros aspectos.

Ainda segundo Cellard (2008), a definição do que seja “documento” é muito complexa, todavia, em contraponto à histórica conceituação positivista, o autor demarca que a concepção evoluiu. Sendo assim, hoje a descrição de documento contempla tudo aquilo que é produto ou testemunho do passado. Portanto, pode-se analisar textos “não oficiais”, como também material de natureza iconográfica e cinematográfica, ou de qualquer declaração registrada de alguma forma.

Desse modo, sendo a pesquisa-ação um processo cíclico que almeja a melhoria da prática através da ação e da investigação (TRIPP, 2005), a pesquisa documental supriu o anseio mencionado, uma vez que propõe-se a gerar novos saberes, novas formas de compreensão da realidade social e analisar o modo como o conhecimento tem se desenvolvido na prática (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

PLANEJAMENTO INICIAL PARA O ANO DE 2020

O Laurbs se configura como um grupo de extensão, pesquisa, ensino e cultura resguardado no seio institucional da Universidade Federal do Cariri - UFCA, localizada em Juazeiro do Norte - CE, o qual iniciou as suas atividades acadêmicas no ano de 2019 e, desde então, dedica-se a promover ações de extensão universitária tencionando a construção de processos de educação socioambiental em contextos urbanos e periféricos da Região Metropolitana do Cariri - RM Cariri, abordando temas tocantes à participação social, políticas públicas e sustentabilidade (NASCIMENTO et al., 2021).

Para o ano de 2020, antes da declaração da pandemia da Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde - OMS, planejou-se a promoção

de uma disciplina eletiva em uma escola pública da rede estadual de ensino em Juazeiro do Norte - CE; a oferta de um circuito de oficinas no bairro Horto em Juazeiro do Norte; além da realização de uma disciplina eletiva em uma escola pública da rede estadual de ensino em Barbalha - CE. As ações em tela foram pensadas para a conclusão do segundo ano de execução do programa de extensão do Laurbs, o qual se propôs a intervir socialmente em bairros periféricos presentes nos três municípios do triângulo Crajubar - Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha -, principais municípios da RM Cariri, em termos demográficos e econômicos.

DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES NO ANO DE 2020

A disciplina eletiva “Meio Ambiente Urbano”, componente de 100 h/a, ministrada na E.E.M.T.I. Presidente Geisel – Polivalente, em Juazeiro do Norte/CE, durante o semestre 2020.1, incorporou metodologias integrativas no seu rol didático. Contudo, o seu planejamento foi realizado desconsiderando o isolamento social exigido pelas autoridades sanitárias em virtude da pandemia da Covid-19, haja

vista que o início da disciplina se deu antes da declaração da pandemia pela OMS. Assim, o componente foi desenvolvido presencialmente e a posteriori virtualmente, considerando-se as medidas governamentais de combate à crise sanitária em curso.

O planejamento da disciplina preconizou a abordagem, em 19 encontros, de temas relativos ao território urbano; direito à cidade; sustentabilidade ambiental; ciclo de políticas públicas; política nacional de educação ambiental; e política nacional de resíduos sólidos. Para tanto, foram pensadas nas metodologias: 1) Oficinas; 2) Dinâmicas; 3) Aulas de campo ao Parque Ecológico das Timbaúbas e à Associação de Catadores de Materiais Recicláveis “Engenho do Lixo”; 4) Exibição de documentários; 5) Avaliações - seminários temáticos; simulação jurídica (teatral); participação. Todavia, a migração para a modalidade virtual fez com que muitas das atividades fossem prejudicadas, reconfiguradas ou não efetivadas. No quadro 1 se expõem os principais impactos nas metodologias inicialmente planejadas em relação às modificações feitas abruptamente em virtude da pandemia.

Quadro 1- Impacto do replanejamento nas metodologias da disciplina

Metodologia	Nível de impacto com o replanejamento
Exibição de documentários	Pequeno
Oficinas	Alto
Dinâmicas integrativas	Alto
Aulas de campo	Alto
Seminários temáticos	Alto
Aulas expositivo-dialogadas	Pequeno
Estudo de caso	Alto
Leitura e discussão de textos	Pequeno

Fonte: Elaboração própria (2021).

Vislumbra-se que as metodologias menos impactadas foram a exibição de documentários, aulas expositivo-dialogadas, além da leitura e discussão de textos. Cabe-se apontar que os métodos avaliativos também foram intensamente reformulados, pois inicialmente se previam seminários temáticos, simulações jurídicas e participação como veículos avaliativos, os quais foram substituídos por quatro resumos de textos/documentários disponibilizados antecipadamente aos(às) estudantes.

Tendo em vista esses percalços, desenvolveu-se a cartilha “Interlocuções Juvenis: Democracia, Participação e Sustentabilidade na Prática”, importante tecnologia social empregada nas ações de extensão. Ao decorrer das experiências da equipe do programa de extensão nos bairros urbano-periféricos João Cabral (Juazeiro do Norte - CE) e Alto da Penha (Crato - CE), bem como no seio institucional da E.E.M.T.I. Presidente Geisel (Juazeiro do Norte - CE), diagnosticaram-se inúmeras problemáticas no que concerne ao entendimento e interesses dos(as) jovens por temáticas relacionadas às políticas públicas urbanas, participação social e sustentabilidade.

Tal demanda, ao ser apreciada pelos(as) bolsistas e coordenação, resultou no desenvolvimento da cartilha informacional supracitada que, por meio de uma linguagem acessível e objetiva, trabalha as questões ora expostas de forma atrativa ao público-alvo juvenil. O material se subdivide em 10 (dez) tópicos textuais, construídos conforme os pressupostos do gênero textual “divulgação científica”, além de portar ilustrações e recomendações de filmes e sites. Portanto, o produto criado para a resolução do problema ora citado, configura-se enquanto uma tecnologia social com potencial a ser utilizada em ações educacionais formais e informais na Região Metropolitana Cariri.

Ao decorrer da disciplina eletiva foram diagnosticados latentes problemas de acesso a equipamentos digitais e à Internet por parte dos estudantes matriculados no componente curricular. Fato que levou à flexibilização de prazos e a modificações de metodologias. Os encontros síncronos tiveram duração individual de 1 hora/aula e foram realizados no Google Meet, já as atividades assíncronas foram

desenvolvidas no Google Sala de Aula, tendo em vista que tais ferramentas já eram familiares aos(às) discentes por serem utilizadas pela escola na promoção das aulas remotas das disciplinas obrigatórias.

Entretanto, as condições materiais e psicológicas, bem como a rigidez avaliativa exigida pela escola, fizeram com que do total de discentes matriculados (29), 19 fossem considerados não aptos à aprovação. Para a recuperação das notas de tais sujeitos, criou-se uma atividade final relativa a uma temática cotidiana que possibilitou aos discentes dissertarem sem maiores percalços. Tal atividade consistiu na escrita de um texto dissertativo-argumentativo sobre o saneamento básico. É válido frisar que as instruções portaram dois textos de apoio, uma charge e uma matéria jornalística.

Outrossim, o curso de extensão intitulado “Introdução à democracia, sustentabilidade e políticas públicas” foi ministrado para estudantes da E.E.M.T.I. Almiro da Cruz, localizada na cidade de Barbalha/CE, com carga horária de 40 h/a. A localidade inicialmente prevista para ser contemplada com as ações do programa de extensão foi o bairro Malvinas, contudo, tendo em vista o fato de tal comunidade não possuir escolas públicas de ensino médio no seu território, optou-se por trabalhar com a E.E.M.T.I. Almiro da Cruz, sediada no bairro de Sítio Santana II, no mesmo município, por se tratar de uma instituição relativamente próxima, e que, segundo a sua direção escolar, conta com estudantes em sua maioria residentes no bairro Malvinas.

A escolha por sujeitos residentes no bairro Malvinas se justifica pelo fato de tal localidade apresentar um alto índice de vulnerabilidade socioambiental. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), a maior parte da população dessa comunidade (52,43% dos domicílios) aferia no máximo um (1) salário mínimo como rendimento nominal mensal por domicílio, fato que denota a situação hipossuficiente de tal parcela populacional.

Em virtude das experiências obtidas por meio da disciplina eletiva supramencionada, houve uma maior objetividade nas atividades, ferra-

mentas e fluxos comunicacionais do curso. A capacitação objetivou apresentar e discutir questões teórico-práticas propedêuticas relativas ao sistema democrático de Direito, políticas públicas, participação social e sustentabilidade no contexto brasileiro e regional. Visando atingir tais anseios e problemáticas, as metodologias utilizadas foram aulas síncronas expositivas e dialógicas.

Dessa forma, buscou-se igualmente um sistema de avaliação mais flexível para os participantes do curso de extensão, em função da compreensão das dificuldades pessoais de cada um, além dos empecilhos enfrentados na eletiva anteriormente discutida, logo após a sua realização por meios virtuais. Portanto, buscou-se constituir uma avaliação mediante: 1) Participação nas aulas ao vivo: 2 pontos; 2) Prova escrita: 5 pontos; e 3) Resumos dos principais problemas e conceitos trabalhados no módulo: 3 pontos. Concluindo com a nota final obtida através da somatória e divisão por 4. Todavia, apesar da experiência anteriormente adquirida, e do número de inscritos - o total de 16 - notaram-se percalços análogos aos da primeira ação aqui relatada, constatando-se através do número de admitidos - apenas 6 estudantes.

Utilizou-se mais uma vez o Google sala de aula para se criar a sala virtual fixa para os momentos síncronos, como também para a postagem do material textual, audiovisual e avaliativo. O primeiro material, o documento base para o curso de extensão usufruído, foi a cartilha criada pelos autores deste artigo, como exposto previamente.

Como determinado no planejamento do curso de extensão em voga, a atividade se dividiu em 4 módulos, sendo eles: Módulo I - Democracia, Representatividade, Participação e Controle Social, almejando que ao final, o estudante pudesse compreender as convergências entre os temas e os mecanismos de participação; Módulo II - Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, objetivando a compreensão da configuração e importância dos poderes públicos estudados; Módulo III - Políticas Públicas, políticas sociais e direitos humanos, expondo a diferença entre tais conceitos e práticas, bem como a relação entre eles; e por fim o Módulo IV: Sustentabilidade, políticas socioambientais e ativismos, conceituando sustentabilidade e pensando criticamente sobre as políticas socioambientais brasileiras. Então, seguiu-se o cronograma exposto no quadro 2:

Quadro 2 - Cronograma do curso Introdução à Democracia, Políticas Públicas e Sustentabilidade.

Módulos	Atividades	Datas
Módulo I	Leitura dos materiais obrigatórios e complementares	14/09/2020
	Aula síncrona do módulo I	18/09/2020
	Avaliação parcial do módulo I	22/09/2020
	Prazo para o envio do resumo do módulo I	27/09/2020
Módulo II	Leitura dos materiais obrigatórios e complementares	28/09/2020
	Aula síncrona do módulo II	02/10/2020
	Avaliação parcial do módulo II	06/10/2020
	Prazo para o envio do resumo do módulo II	11/10/2020
Módulo III	Leitura dos materiais obrigatórios e complementares	12/10/2020
	Aula síncrona do módulo III	16/10/2020
	Avaliação parcial do módulo III	20/10/2020
	Prazo para o envio do resumo do módulo III	25/10/2020

Módulos IV	Leitura dos materiais obrigatórios e complementares	26/10/2020
	Aula síncrona do módulo IV	30/10/2020
	Avaliação parcial do módulo IV	03/11/2020
	Prazo para o envio do resumo do módulo IV	08/11/2020
Encerramento do curso.	Preenchimento do questionário de avaliação do curso	09/11/2020

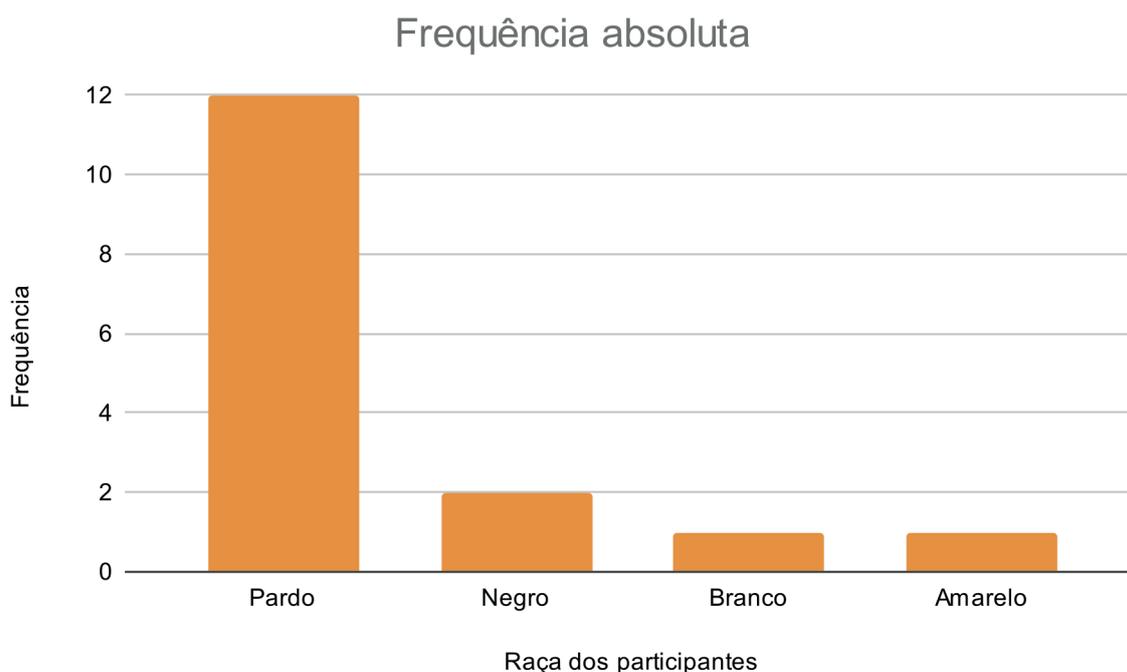
Fonte: Elaboração própria (2021).

Dentre os 16 inscritos no curso de extensão, a maioria estava prestes a ingressar na fase juvenil, discentes do 3º ano do ensino médio. Além disso, na sua maioria, os participantes eram jovens da raça/cor negra e parda, como exposto no gráfico 1. Ademais, 100% dos estudantes contavam com acesso a um computador ou celular, tal qual conexão com a internet em casa, contrastando à realidade da disciplina eletiva.

Cabe-se ressaltar de antemão que o formulário de inscrição disponibilizado não atesta

a configuração dos dispositivos disponíveis para os partícipes, muito menos a qualidade da internet em suas residências, se tratava-se de pacotes de dados de redes móveis de operadoras telefônicas – 3G ou 4G –, ou de um provedor de serviços de internet. Todavia, a experiência obtida na aplicação do curso de extensão em questão aponta para esses aspectos como atenuantes de efetivação plena do curso e participação por parte dos jovens inscritos, aspecto este que se reflete no infeliz número de admitidos.

Gráfico 1 - Raça/cor dos(as) participantes no curso de extensão



Fonte: Elaboração própria (2021).

As atividades pensadas para o curso no momento do planejamento foram a gravação de vídeo-aulas para serem disponibilizadas no *Google* sala de aula; encontros síncronos através do *Google Meet*; fomento de materiais textuais de sites com informações acessíveis para o público jovem da ação; postagens audiovisuais, geralmente com vídeos do *YouTube* sobre assuntos de fácil entendimento; e por fim, a proposição de exercícios para a fixação dos

conceitos e dos debates, bem como a construção de resumos ao final de cada módulo. A baixa participação nos momentos tratou-se de fator desestimulante para os bolsistas de extensão do Laurbs, somando-se a isso a entrega das atividades por poucos, fato que levou à necessidade de ampliação de prazos, porém, a realização do planejado correu conforme o previsto. O status das atividades se constata no quadro 3:

Quadro 3 - Nível de cumprimento das atividades planejadas

Atividades Planejadas	Status de efetivação
Gravação de vídeo-aulas	Não cumprida
Aulas ao vivo	Cumprida
Postagem de material textual e audiovisual	Cumprida
Exercícios de fixação pós-módulo	Cumprida
Resumos ao término dos módulos	Cumprida

Fonte: Elaboração própria (2021).

Ora, Santos (2020) defende que a pandemia da Covid-19 agrava problemas sociais pré-existent, seio em que sujeitos subalternizados (mulheres, trabalhadores, moradores de periferias etc.) padecem sendo expostos a maiores condições de insalubridade e periculosidade. Não obstante, Leite, Torres e Cunha (2020) destacam que o acesso à educação no atual contexto pandêmico é comprometido em virtude de marcadores sociais como gênero, raça, sexualidade, classe social e macrorregião, pois a crise pandêmica agrava as desigualdades sociais.

Dentre os elementos materiais que evidenciam as assimetrias no acesso à educação na atual conjuntura se encontra o acesso a equipamentos eletrônicos e à internet, já que segundo o Cetic.br (2020), mais de 4 milhões de crianças e adolescentes no país não gozam das benesses da grande rede. Além disso, grande parcela da população infantojuvenil, embora tenha acesso à internet e a aparelhos eletrônicos, assim o fazem de modo precário e com grandes riscos digitais. Jereissati *et al.* (2021) indicam que embora grande parcela (cerca de 89%) de crianças e adolescentes com idades

entre 9 e 17 anos no Brasil possuam acesso à Internet em 2019, as condições do acesso apresentam assimetrias quando observados marcadores sociais da diferença como gênero.

Nesse direcionamento, Jereissati *et al.* (2021) concluem que os tolhimentos, orientações e práticas digitais comuns se dissociam para meninos e meninas, àqueles tendo maiores oportunidades e ações digitais à revelia das últimas. Além disso, Jereissati *et al.* (2021) apontam para o fato das meninas enfrentarem maiores riscos digitais, chaga que amiúde as impede de gozar plenamente das atividades virtuais. Considerando tais fatos, as autoras enxergam a urgência pelo desenvolvimento de políticas públicas que reconheçam as assimetrias tecnológicas em virtude de gênero e de outros marcadores sociais da diferença.

Em confluência ao exposto, Lima e Aguião (2021) exclamam a urgência por políticas públicas que democratizem digitalmente o acesso e formação em relação às TIC para os mais distintos sujeitos, sobretudo àqueles subjugados em virtude da sua identidade de gênero, raça, sexualidade e classe. Aguião (2021) aponta que apesar da existência de crianças e adolescentes que possuem acesso frequente

à Internet e a variados aparelhos eletrônicos, também existem àqueles que apenas acessam à grande rede por meio do celular e com uso limitado de dados móveis.

As assimetrias no acesso e qualidade no uso da Internet e tecnologias digitais durante a pandemia da Covid-19, algo percebido pela experiência do programa de extensão, conflui ao apontado por Butler (2018), pois no arranjo neoliberal globalizado há uma tendência pela precarização de serviços como a educação e assistência social, levando os sujeitos a um empreendedorismo de si, algo que implica em ações públicas pouco comprometidas com a concessão de meios de acesso e circunstâncias seguras para o pleno gozo das benesses advindas das TIC. Nesse sentido, o Governo do Estado do Ceará passou a distribuir *chips* com acesso a 20GB de internet móvel para alunos de escolas e universidades estaduais apenas no final do ano de 2020 (AUGUSTO, 2020), ação morosa que fez com que no primeiro ano pandêmico tais discentes ficassem desassistidos tecnologicamente.

Portanto, conclui-se que problemas como o agravamento das desigualdades sociais (notório na contemplação das assimetrias no acesso a meios digitais) implicaram no pouco engajamento dos participantes da disciplina eletiva e do curso de extensão. Todavia, as reconfigurações dos planejamentos metodológicos e a criação de tecnologias sociais foram fundantes para a mitigação de danos à extensão universitária. Enfim, aponta-se que, embora tenha atingido um pequeno número de sujeitos, em relação ao almejado, as ações de extensão do Laurbs em 2020 foram benfazejas para o acúmulo de experiências e recursos metodológicos para a continuidade das atividades extensionistas no presente contexto de crise sanitária.

Dessa forma, como manifesta Santos (1999), diante das crises só há uma solução para as problemáticas: reinventar o futuro mediante alternativas radicais. Para além da crítica ao modelo que não se almeja, necessita-se criar um novo paradigma mediante a perseguição de uma utopia, como o pleno acesso ao direito à cidade (grifo nosso), sendo tal utopia uma “exploração de novas possibilidades e vontade

humanas, por via da oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem direito de desejar e por que merece a pena lutar” (SANTOS, 1999, p. 278).

CONCLUSÃO

O artigo científico em questão objetiva relatar e discutir as ações de extensão universitária relacionadas ao direito à cidade promovidas pelo Laurbs durante o ano de 2020, contexto histórico contemporâneo fortemente marcado pelas biopolíticas evidenciadas pela pandemia da Covid-19. Assim, empreendeu-se uma pesquisa-ação advinda da atuação dos autores do presente trabalho, já a coleta dos dados se deu por meio de uma análise documental em registros do programa de extensão estudado.

Ao decorrer do artigo são apresentados elementos teórico-conceituais sobre a extensão universitária e a sua relação com o direito à cidade; a dimensão biopolítica e o agravamento das desigualdades sociais no atual contexto pandêmico; bem como sobre as assimetrias no acesso às TIC. Ademais, discutem-se elementos empíricos da pesquisa com questões teóricas tocantes às TIC, aos efeitos biopolíticos da pandemia da Covid-19 e ao direito à cidade.

Sobre a realização da disciplina eletiva “Meio Ambiente Urbano”, diagnosticou-se que a sua migração para a modalidade virtual implicou em um profundo replanejamento das atividades, fazendo com que muitas das metodologias inicialmente previstas fossem comprometidas. Em relação ao curso de extensão “Introdução à democracia, sustentabilidade e políticas públicas”, afirma-se que o seu formato foi planejado desde o início para ser facilitado virtualmente, contudo, percalços como os percebidos na disciplina eletiva foram também notados nessa segunda ação.

Ambas as atividades realizadas pelo Laurbs em 2020 experienciaram dificuldades como o acesso a aparelhos tecnológicos e à internet por parte do público-alvo. Portanto, as percepções apontam para uma complexificação ainda maior da relação extensão universitária-

comunidade em termos de alcance e diálogo, tal e qual os empecilhos enfrentados por sujeitos precarizados na realidade social brasileira, questões essas agudizadas pela pandemia da Covid-19. Quando analisadas as realidades urbanas dos sujeitos da pesquisa, nota-se que ocupantes de periferias urbanas enfrentam maiores dificuldades para a continuidade e qualidade no acesso à educação básica durante a crise sanitária, cerne em que se incluem as desigualdades tecnológicas.

Em contrapartida, as adaptações das ações extensionistas foram salutares para a continuidade das atividades. As práticas foram proveitosas, logrando experiências e ferramentas para futuras intervenções diante do contexto hodierno. A construção de tecnologias sociais

de aprendizagem como a cartilha “Interlocuções Juvenis: Democracia, Participação e Sustentabilidade na Prática” expõem que apesar dos complexos problemas, o momento de crise também propiciou inovações na extensão universitária do programa.

Tenciona-se prosseguir com a presente pesquisa, partindo-se para a análise *ex-post-facto* das representações sociais de participantes das ações do Laurbs durante a pandemia. Nesse sentido, almeja-se realizar entrevistas semi-estruturadas sobre as metodologias de ensino e os principais percalços vivenciados durante a realização da disciplina e curso relatados. Já a análise dos repertórios discursivos se dará por meio do método sociolinguístico denominado análise de conteúdo.

REFERÊNCIAS

AGUIÃO, Silvia. Sexualidade, gênero e Internet: aspectos do uso das TIC na constituição de redes de sociabilidade e produção de si entre jovens. In: CASTELLO, Graziela; MACAYA, Javiera F. M.; CANTONI, Stefania Lapolla; JEREISSATI, Tatiana. **Dinâmicas de gênero e uso das tecnologias digitais: um estudo com crianças e adolescentes na cidade de São Paulo**. 1. ed. - São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, 2021. pp. 112-137.

AUGUSTO, Philippe. Alunos de escolas e universidades estaduais começam a receber do Governo do Ceará chips com internet. **Governo do Estado do Ceará**, Fortaleza – CE, 9 dez. de 2020. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2020/12/09/alunos-de-escolas-e-universidadesestaduais-comecam-a-receber-do-governo-do-ceara-chips-com-internet/>. Acesso em 15 jul. 2021.

BASCHET, Jérôme. COVID-19: **O século XXI começa agora**. São Paulo: Editora n-1, 2020.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 1º ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALAZANS, Roberto; MATOZINHO, Christiane. **Pandemia, paranóia e política**. São Paulo: Editora n-1, 2020.

CARBONARI, Maria Elisa Ehrhardt; PEREIRA, Adriana Camargo. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**, v. 10, n. 10, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 2005.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO - Cetic.BR. **Resumo executivo: TIC Kids Online Brasil 2019**. 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123093441/resumo_executivo_tic_kids_online_2019.pdf. Acesso em 15 jul. 2021.

CHUECA, Eva Garcia. Cartografiando Silencios en las Urbes Brasileñas: ¿Pueden las mujeres pobres, negras y periféricas hablar?. **Centro de Estudios y Documentación Internacionales de Barcelona**, Barcelona, mayo 2017. Sección Opinión. Disponible en: https://www.cidob.org/publicaciones/serie_de_publicacion/opinion_cidob/ciudades_globales/cartografiando_silencios_en_las_urbes_brasilenas_pueden_las_mujeres_pobres_negras_y_perifericas_hablar. Acceso em: 12 mayo 2021.

CHUECA, Eva Garcia. O direito à cidade perante as epistemologias do Sul: reflexões sobre o processo brasileiro de construção do direito à cidade. In: SANTOS, Boaventura de Souza, MARTINS, Bruno Sena (Orgs.). **O pluralismo dos Direitos Humanos: a diversidade das lutas pela dignidade**. 1 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. pp. 397-418.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 6 ed. – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no College de France (1977-1978)/ Michel Foucault; edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2013.

HARVEY, David et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Boitempo Editorial, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico de 2010: Classes de rendimento nominal mensal**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3277#resultado>. Acesso em 15. Jul. 2021.

INSTITUTO PÓLIS. **Raça e Covid-19 no município de São Paulo**. 2020. Disponível em: <https://polis.org.br/estudos/raça-e-covid-no-msp/>. Acesso em 15 jul. 2021.

JEREISSATI, Tatiana; MACAYA, Javiera F. M.; CANTONI, Stefania Lapolla; BARBOVSCHI, Monica. Sobre a pesquisa. In: CASTELLO, Graziela; MACAYA, Javiera F. M.; CANTONI, Stefania Lapolla; JEREISSATI, Tatiana. **Dinâmicas de gênero e uso das tecnologias digitais: um estudo com crianças e adolescentes na cidade de São Paulo**. 1. ed. -- São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, 2021. pp. 30-55.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Centauro, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **O pensamento marxista e a cidade**. Tradução de Maria Idalina Furtado. Lisboa: Editora Ulisseia, 1972.

LEITE, Maria Laís dos Santos; TORRES, Geovane Gesteira Sales; CUNHA, Rocelly Dayane Teotonio da. Entre sonhos e crises: esquadrinhando os impactos acadêmicos da pandemia por COVID-19 na vida de pós-graduandas (os) brasileiras (os). **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 1, n. 2, p. 07-28, 2020.

LIMA, Márcia Lima; AGUIÃO, Silvia. Interfaces entre gênero, raça e classe em experiências de uso das TIC entre crianças e adolescentes. In: CASTELLO, Graziela; MACAYA, Javiera F. M.; CANTONI, Stefania Lapolla; JEREISSATI, Tatiana. **Dinâmicas de gênero e uso das tecnologias digitais: um estudo com crianças e adolescentes na cidade de São Paulo**. 1. ed. -- São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, 2021. pp. 86-111.

NASCIMENTO, Diego Coelho do; TORRES, Geovane Gesteira Sales; SILVA, Caio Ricardo da; PIMENTEL, Regina Cruz. Educação para a sustentabilidade em contextos urbano-periféricos: a experiência do LAURBS em Juazeiro do Norte, Ceará. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 2, p. 5-19, 2021.

PAULA, João Antônio de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Desigualdades socioespaciais – a luta pelo direito à cidade. **Revista cidades**, v. 4, n. 6, 2007.

SAFATLE, Vladimir. **Bem-vindo ao Estado Suicidário**. São Paulo: Editora n-1, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **La cruel pedagogía del virus**. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade**. Porto: Editora Afrontamento, 1999.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristovão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2013.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, pág. 443-466, 2005.

DISTOCULT: MEDIAÇÕES DE LEITURAS ENQUANTO UMA NOVA FERRAMENTA DE ESTÍMULO À REFLEXÃO CRÍTICA¹

DISTOCULT: READING MEDIATIONS AS A NEW TOOL TO STIMULATE CRITICAL REFLECTION

Jéssica Beatriz Pereira Lima

Bacharelanda em Administração Pública, Universidade Federal do Cariri (UFCA), jessicabeatriz098@gmail.com

Jessica Gabriela Silva Ribeiro

Bacharelanda em Biblioteconomia, Universidade Federal do Cariri (UFCA), jessicagabriela924@gmail.com

Regina Pimentel Cruz

Bacharelanda em Administração Pública, Universidade Federal do Cariri (UFCA), reginapimentel932@gmail.com

RESUMO

Proposto e coordenado por discentes de cursos de graduação da Universidade Federal do Cariri (UFCA) por meio da Pró-reitoria de Cultura da referida instituição, o projeto Distocult busca agregar a literatura enquanto ferramenta de desenvolvimento pessoal e crítico para com os discentes atrelado ao protagonismo estudantil. Nesta perspectiva, o objetivo deste estudo se detém em relatar a experiência e o impacto do Distocult no âmbito dos cursos de graduação da UFCA no período de 2020, propondo ainda abordar as obras trabalhadas nas mediações de leituras no referido ano, as críticas sociais presentes nos seus encontros, bem como os desafios e possibilidades gerados pela pandemia. Este estudo trata-se de um relato de experiência que possui natureza qualitativa e tem como finalidade retratar as mediações de leituras promovidas pelo projeto. Ainda neste escopo, foram delimitadas cinco obras de diferentes gêneros literários. Nesta dimensão, as obras discutidas pelo Distocult possibilitaram uma variedade de problemáticas sociais dentro do atual contexto brasileiro e mundial, abordando também questões interligadas diretamente a reflexão do Estado, dos direitos sociais/fundamentais, das políticas públicas e dos contextos de crises, proporcionando de forma inovadora com novos métodos de debate e reflexão acerca de problemáticas difusas dentro da sociedade atual.

Palavras-chave: Mediações de leituras. Literatura. Crítica Social. Protagonismo Estudantil.

ABSTRACT

Proposed and coordinated by undergraduate students at the Federal University of Cariri (UFCA) through the institution's Dean of Culture, the Distocult project seeks to add literature as a tool for personal and critical development for students linked to protagonism student. In this perspective, the objective of this study is to report the experience and impact of Distocult within the scope of UFCA's undergraduate courses in the period 2020, also proposing to address the works worked

¹ A pesquisa é financiada pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), através do edital de Iniciativas da Comunidade Acadêmica vinculada à Pró-reitoria de Cultura (PROCULT/UFCA).

in the mediation of readings in that year, as social criticisms present in the their encounters, as well as the challenges and gains generated by the pandemic. This study is an experience report that has a qualitative nature and is able to portray the mediations of readings promoted by the project. Still in this scope, five works of different literary genres were delimited. In this dimension, the works discussed by Distocult enabled a variety of social issues within the current Brazilian and global context, also addressing issues directly linked to the reflection of the State, social / fundamental rights, public policies and crisis contexts, providing innovative with new methods of debate and reflection on diffuse issues within today's society.

Keywords: Reading mediations, Literature, Social Criticism, Student Protagonism

INTRODUÇÃO

O Distocult é um projeto proposto e coordenado por estudantes dos cursos de graduação da Universidade Federal do Cariri (UFCA) que por meio do edital de Iniciativas da Comunidade Acadêmica da Pró-reitoria de Cultura (PRO-CULT) da citada instituição vem desenvolvendo desde 2019 com lideranças e protagonismo estudantil de estudantes dos cursos de administração pública (2019-2020) e biblioteconomia (2021) ações voltadas ao público discente enquanto ferramenta de desenvolvimento pessoal e crítico.

Assim, o projeto tem como destaque a realização de mediações de leituras buscando estimular o exercício do pensamento crítico e da literatura no âmbito da UFCA e da sociedade como um todo. Embora as ações do projeto sejam voltadas para o público discente da instituição, com a pandemia provocada em detrimento do Novo Coronavírus, foi possível alcançar um público externo, tanto da região local, sejam estes do meio acadêmico ou não, quanto atores sociais e particulares de outras regiões.

Nesta perspectiva, com o desenvolvimento de atividades totalmente remotas desde o início da pandemia no contexto brasileiro, o Distocult procurou propor obras que impactam no atual cenário sócio-cultural com a abordagem da literatura universal incrementada a diversos gêneros literários, compreendendo ainda que "ler, refletir e pensar em possibilidades diferentes de vida por meio da experiência de viver simbolicamente uma infinidade de vidas alternativas junto com os personagens de ficção e, dessa forma, ter elementos de comparação mais variados." (MACHADO, 2002, p. 18-

19 apud CARVALHO, 2015, p.8), possibilitando assim, uma variedade de comparativos entre a realidade vivenciada e o proposto na literatura.

OBJETIVOS

O objetivo do presente estudo se detém em relatar a experiência e o impacto do projeto Distocult no âmbito dos cursos de graduação da Universidade Federal do Cariri durante o período de 2020, além disto, propõe-se ainda a abordar as obras trabalhadas nas mediações de leituras no referido ano, as críticas sociais presentes nos encontrar seus, bem como os desafios e possibilidades gerados pela pandemia.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de um relato de experiência ao qual possui natureza qualitativa e tem como finalidade retratar as mediações de leituras promovidas pelo projeto Distocult no ano de 2020. O projeto tem como proposta central o fomento de incentivo à leitura/literatura e a crítica social. Nesta perspectiva, a proposta de metodologia aplicada se baseia na realização de mediações de leituras de forma virtual das mais diversas obras literárias, contando ainda com a disponibilização destas obras em vários formatos digitais, sendo estes os mais comuns nos formatos PDF, MOBI e AudioBook, ambos com o intuito de promover a democratização do acesso ao livro.

Para as efetivas interações com os participantes, foram realizadas consultas públicas na rede social "Instagram" para definição dos dias, horários e escolha de duas obras previamente propostas pelo projeto. Neste sentido, após a decisão do público foram organizadas

e programadas todas as mediações literárias realizadas. Deve-se levar em consideração que todos os encontros foram realizados por meio da plataforma “Google Meet”, em que nestes momentos eram compartilhadas visões críticas a respeito dos livros em questão a fim de provocar reflexões aos participantes das mediações de leituras e de fomentar o pensamento crítico.

Neste sentido, destaca-se que foram delimitadas cinco obras de diferentes gêneros literários, sendo estas as seguintes: (1) O conto da Aia; (2) Orgulho e Preconceito; (3) O Quinze; (4) O cortiço; e (5) Fahrenheit 451. Alguns livros, por serem mais extensos e de difícil compreensão, foram divididos em algumas partes para facilitar a leitura e o acompanhamento do participante, levando em consideração que a maioria dos encontros foram realizados a cada 15 dias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

MEDIAÇÕES DE LEITURA

A leitura é uma ferramenta de estímulo contínuo a qual auxilia no processo de desenvolvimento pessoal, sendo assim, atua diretamente na “[...] formação do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma.” (KRUG, 2015, p. 1), sendo assim, a leitura fomenta o exercício do pensamento crítico do leitor e de suas visões de mundo.

Ainda nesta perspectiva, Freire (1989, p.9) argumenta que “A leitura de mundo precede a leitura da palavra [...] Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.”, ou seja, a leitura deve estar interligada com as vivências do indivíduo para provocá-lo ainda mais a sua reflexão crítica sobre a temática em questão, levando em consideração ainda que “[...] a vida é mediada pela palavra, seja ela dita, vivida, narrada, contada, lida, cantada ou escrita.” (CAVALCANTE, 2018,

p. 3) em seus mais diversos formatos.

Considerando a leitura com as dimensões elucidadas anteriormente, outro enfoque dar-se a mediação de leitura. Sendo a mediação um ato de convidar, conduzir e provocar o leitor a refletir sobre a realidade e as várias problemáticas sociais existentes de forma crítica por meio da literatura, este ato consolida-se como fundamental no processo de formação do leitor, pois a “[...] mediação da leitura é ação de acolhimento em primeira instância. Do mediador que acolhe, do texto que dialoga e das ideias que abraçam o leitor.” (CAVALCANTE, 2018, p. 14).

Ainda nesta dimensão, cabe ao mediador de leitura compreender o seu público alvo e os contextos emergentes, para assim, apresentar-lhes uma proposta mais fundamentada e convidativa, visionando ainda, as dificuldades existentes e suas implicações. Para alcance desta dimensão, propõe-se que as mediações de leituras envolvam a leitura literária, tendo em vista que:

[...]a leitura literária provoca e exige variados mecanismos de compreensão, podendo o texto literário dar vazão às mais variadas leituras, dependendo das potencialidades, características e gostos de cada indivíduo que o lê, justamente porque ele não apresenta restrições ou finalidades definidas e, sobretudo, por ser a linguagem literária multissignificativa, dialógica, capaz de provocar emoções diferentes em um mesmo leitor, dependendo, por exemplo, da sua leitura e/ou releitura. (MARTINS, 2018, p. 38).

Assim, é preciso alinhar a leitura literária do processo de formação escolar, considerando que este é o nível primário, sendo assim, o primeiro passo de aproximação acontece entre o mediador (docente) para com o mediado (estudante). Contudo, com o excesso de trabalho, turmas e carga horária acabam sobrecarregando e tornando o processo mais distante, bem como para o estudante que durante a formação acaba confluindo com uma gama diversa de disciplinas obrigatórias o que torna mais cansativo.

Nesta perspectiva, o processo de formação base do indivíduo impacta continuamente nos demais, chegando a influenciar amplamente

na aproximação (ou não) com a literatura nos mais diversos níveis de formação, inclusive no superior. Sendo assim, essa aproximação com o livro/leitura literária, jamais deve ser compreendida como uma obrigação, mas sim como algo que possa transparecer o prazer e o lazer. O ato de mediar, apresentar e convidar determinado indivíduo, necessita ser leve e divertido, para que não haja resistência, deixando livre também para o participante interagir enquanto um sujeito ativo e autônomo com relação às suas preferências literárias.

Além destas perspectivas apresentadas, deve-se levar em consideração também o contexto sociopolítico no Brasil e seus impactos e desafios no processo e do acesso à literatura. De acordo com o Instituto Pró-Livro (2020) na pesquisa “Retratos da Literatura no Brasil” a população mais pobre e com menor escolaridade raramente consideram a leitura como uma atividade lúdica, vêem o livro como instrumento para adquirir conhecimento e o relaciona diretamente ao ambiente escolar, por outro lado, quanto maior a escolaridade e o poder aquisitivo mais forte é a intenção de leitura com fins lúdicos. Nesta dimensão, foi identificado ainda que:

A falta de tempo é o principal motivo alegado para não ter lido mais pelos leitores (47%) – entre os leitores 82% alegam que gostariam de ter lido mais. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO E ITAÚ CULTURAL, 2020, p.58)

Em face dessa realidade compreendemos que o ambiente universitário pode ser um locus dinamizador da leitura sem intenção escolar, especialmente ao definir horários e dias alternativos ao de estudo dos discentes para realização dos encontros literários. Desse modo, a falta de tempo comumente ressaltada entre os leitores poderia ser mitigada através de uma readequação da leitura considerando uma agenda integradora.

Em relação às formas de acesso ao livro, 41% foram comprados em lojas físicas ou pela Internet, 25% foram presenteados, 18% emprestados por bibliotecas de escolas – como principal meio de acesso. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO E ITAÚ CULTURAL, 2020, p.127).

Apesar de um aumento do consumo de livros físicos, a população mais pobre ainda encon-

tra dificuldade considerando a fragilidade no acesso, em vista do preço e da incipiente rede de bibliotecas públicas e igualmente a frágil divulgação desses espaços. Sendo mais acessível livros em formato digital pelo amplo acesso aos smartphones.

Tendo em vista essas dificuldades, o Distocult sempre disponibiliza os materiais relacionados às obras abordadas, tendo em vista que esta é uma fonte de estimular, dinamizar e aumentar o acesso à democratização literária. Com relação à experiência realizada em 2020, todos os livros foram disponibilizados em formatos digitais (PDF, MOBI e AudioBook), buscando assim fornecer acesso para aqueles que não possuem a obra física. As mediações de leituras realizadas pelo projeto Distocult entornaram 8 encontros virtuais para debate das seguintes obras: (1) O conto da Aia; (2) Orgulho e Preconceito; (3) O Quinze; (4) O cortiço; e (5) Fahrenheit 451, adiante conheceremos um pouco de cada livro, suas perspectivas críticas e os impactos sociais presentes.

O CONTO DA AIA

O primeiro livro abordado foi O conto da Aia (1985) da autora Margaret Atwood, ao qual teve três encontros remotos, o livro deu margem para discussões acerca da quebra do estado de direito e abarca um alerta global de como pequenos indícios da quebra da democracia podem ser perigosos, além de críticas incisivas sobre a subversão feminina em um estado teocrático com distinção de classes através do gênero e realidade de uma sociedade sem direitos fundamentais e básicos.

A obra é um romance distópico, que se passa no território dos Estados Unidos após sofrer um golpe de Estado por um grupo teocrático intitulado Filhos de Jacob, fundando assim a República de Gilead. A história proporciona um alerta global de como pequenos indícios da quebra da democracia podem ser perigosos, além de críticas incisivas acerca da subversão feminina em um Estado teocrático. Esse regime foi instaurado utilizando como justificativa os grandes índices de infertilidade da população que, após uma sucessão de desastres naturais e acidentes nucleares, tornaram a maior parte das pessoas estéreis “em decorrência da

contaminação por radioatividade usada pelo Governo.” (MOLARI, 2019, p. 185).

Nesta nova sociedade tanto homens quanto mulheres perderam a sua liberdade, seus direitos sociais e fundamentais (principalmente as mulheres) e foram divididos em castas. Estas castas são subdivididas de acordo com suas classes e vestimentas. As “Aias” vestem-se de vermelho, elas são mulheres férteis consideradas pecadoras no período anterior a Gilead, sendo assim elas são alocadas nas funções de servir ao estado com fins de reproduzir para as famílias dos “Comandantes”. Por outro lado, os Comandantes são os grandes responsáveis pela instauração desse regime e integram a alta cúpula de Gilead, suas vestimentas são pretas.

A classe de “Esposas”, corresponde justamente às companheiras dos Comandantes, utilizam a cor azul e geralmente são estéreis, por isso solicitam as Aias para oferecimento de seus “serviços”. Tem-se também as “Tias”, geralmente idosas, vestem marrom e são responsáveis por fazer todo o treinamento das Aias e dos segmentos das leis de Gilead, a maior parte dessa capacitação conta com tortura física e psicológica. Além destas, há também as “Martas”, que são mulheres inférteis, porém sem identificação do crime de “pecado” (de acordo com o Antigo Testamento), elas vestem verde e são responsáveis pelos cuidados das casas dos comandantes, vistas como “domésticas”.

Por fim, os homens para além dos Comandantes, foram realizados para diversas funções. Sendo estes os “Olhos” (polícia secreta do governo), os “Anjos” (soldados das cruzadas), “Guardiões” (soldados comuns de rua) e “Homens Pobres” (atuam nos serviços de comércio e venda). Vale ressaltar que, neste regime qualquer um que fugir das suas funções sociais é condenado pelas leis do Estado, independente de suas classes, o que varia desde níveis de tortura/mutilações até a condenação de morte.

A personagem principal do livro, nomeada pelo sistema de Offred, se encaixa na casta das Aias que são tidas como propriedade do Estado e servem como uma espécie de barriga de aluguel. Estas mulheres são violentadas uma

vez por mês em nome de um “ritual” baseado no antigo testamento, sendo esta a seguinte:

Vendo, pois. Raquel que não dava filhos a Jacob, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacob: Dá-me filhos, ou senão eu morro. Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? E ela disse: Eis aqui minha serva Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela. (GÊNESIS, 30:1-3; apud ATWOOD, 1985).

Com esse direcionamento, essa passagem bíblica é utilizada e interpretada em todos os processos do ritual. O intuito central como evidenciado é propício para a Aia engravidar, para assim gerar um filho à família que está servindo e posteriormente serem mandadas para outra casa chamada no livro de “outro posto”. Como afirma Offred: “Somos úteros de duas pernas, isso é tudo: receptáculos sagrados, cálices ambulantes.”(ATWOOD, 2006, p.129).

O livro faz críticas incisivas sobre quão uma mulher pode ser oprimida em qualquer sociedade, seja em um período teocrático ou de redemocratização, assim como demonstra que uma sociedade sem liberdades e direitos são altamente cruéis, principalmente aquelas que são massacradas e que não podem ler, escrever ou pensar, como em Gilead e exemplificado na fala de Offred “Pensar pode prejudicar as minhas chances e eu pretendo durar” (ATWOOD, 2006), ou seja, não só a literatura, mas a cultura e a arte também são altamente proibidas em regimes totalitários, por provocarem e causarem reflexão no indivíduo sob o meio e a situação em que está inserido. A invalidação da voz da mulher é algo que fica evidente no final da obra, pois o relato de Offred é colocado em dúvida por ser escrito por uma mulher.

ORGULHO E PRECONCEITO

O segundo livro discutido juntamente ao projeto, foi Orgulho e Preconceito (1813) da autora Jane Austen, foram realizados dois momentos para discussão deste livro e o mesmo proporcionou debates sobre a realidade da sociedade descrita por Austen em sua época e os impactos atuais e restantes do patriarcado na atual conjuntura social, trazendo assim, críticas aos “papéis” femininos, as diferenças

de classes econômicas e sociais, sendo assim, gerando uma discussão provocativa e reflexiva para os participantes.

A história circunda sobre Elizabeth Bennet, sua família e os novos moradores da região, refletindo sobre a sociedade e as relações que nela se inserem. O romance escrito por Austen faz críticas diretas aos “papéis” femininos, as diferenças de classe, econômicas e sociais, sendo assim, gerando uma discussão provocativa e reflexiva para os participantes, tendo em vista a riqueza do debate e impacto da obra nos dias atuais, pois a escritora,

[...] como romancista e mulher solteira, deteve um olhar privilegiado sobre seu tempo, sobre as pessoas e sua conduta, a relação com o dinheiro e com o status social. A compreensão do retrato característico da sociedade rural inglesa que reconhecemos através do romance, é essencialmente importante para perceber como se reproduzem os costumes e processos de distinção, perpetuados pelas classes dirigentes até hoje nas sociedades ocidentais (VELOSO, 2015, p. 11-12).

Evidenciando assim, a influência do estigma de uma sociedade patriarcal, prezando verdadeiramente as relações de níveis de classes dentro da esfera da aristocracia, sendo estas baixas ou altas. Tais alusões, se fazem presentes no decorrer do livro, as quais a autora trata com ironia e inquietude por meio de suas personagens, tecendo críticas relativas aos costumes da sociedade em que vivia, em especial, aquelas direcionadas aos papéis femininos. Embora não esboçado nitidamente, a autora revela no decorrer da trama, certas preocupações quanto às limitações impostas às mulheres, como mensurado abaixo:

A lei apoiava o direito de primogenitura, apenas se o filho fosse do sexo masculino, caso a família não tivesse varões, a herança seria transmitida ao parente masculino mais próximo, facilitando assim, que todas as propriedades e fontes de renda da família ficassem sempre em nome da mesma, por várias gerações. Sendo assim, não restavam muitas opções para as moças garantir um sustento na velhice, a opção era se casar, até mesmo para garantir a sobrevivência básica, já que não lhes era permitido trabalhar (ZARDINI, 2013, p.3).

Deste modo, o casamento era visto com um ponto crucial a sobrevivência feminina, por-

tanto, para a manutenção deste estilo de vida, fazia-se necessário que as mulheres mantivessem suas obrigações e restrições sociais, e Austen, contrariada a este modelo mesmo que de forma minuciosa, desenvolvia suas alusões femininas que negavam-se a submeter-se neste sistema, tendo a exemplo disto, a personagem central do livro, Elizabeth Bennet, a qual recusou-se a tal submissão quando lhe imposto, revelando assim, uma figura feminina independente e convicta aos seus ideais éticos, que para a época havia de ser considerado uma das maiores imprudências.

O QUINZE

A terceira obra trabalhada, foi O Quinze da escritora Rachel de Queiroz (1930), o livro aborda como direcionamentos gerais a questão regionalista, dando enfoque ao drama a seca ocorrida no Estado do Ceará em 1915, além disto, a autora ao descrever os aspectos gerados em torno da fome e da miséria, faz fortes críticas perante o governo e a ausência de políticas públicas/sociais para resolubilidade da problemática, assim como a corrupção, que impacta diretamente neste âmbito impossibilitando a assistência necessária para com a população que deveria advir do Estado, com isto, as discussões aproximaram-se muito do cenário atual, porém com dramas distintos, o que foi captado e discutido com os participantes.

O drama causado pela seca de 1915, pode ser observado quando acompanhamos a trajetória do vaqueiro Chico Bento e sua família, ele perde o emprego na fazenda e não vendo outra opção decide partir para a capital em busca de melhores condições de vida. Nessa saga, vemos o sofrimento dos personagens, eles enfrentam a fome, doença e morte .

A corrupção, fica evidente quando Chico Bento vai a cidade atrás das passagens que o governo está dando para o Norte, mas chegando toma conhecimento de que não há passagens teria que esperar um mês para conseguir, mas descobre que boa parte delas foram cedidas, “Pois se quiser esperar, talvez se arranje mais tarde. Imagine que tive de ceder cinquenta passagens ao Matias Paroara, que anda agenciando rapazes solteiros para o Acre!”(QUEIROZ, 1993, p.23).

Assim, como evidencia a falta de políticas públicas, os retirantes que chegavam em Fortaleza ficavam em Campos de Concentração, locais de extrema pobreza, onde várias pessoas morriam devido às péssimas condições. Como afirma (Câmara; Câmara; Soutullo, 2015) “A Seca do Quinze foi o cenário para a implantação do primeiro destes campos, no Alagadiço, a oeste de Fortaleza, com cerca de oito mil pessoas mal alimentadas e mal cuidadas, vigiadas de perto por soldados.”

O CORTIÇO

A quarta obra discutida no período de 2020 foi O Cortiço (1890) de Aluísio Azevedo, a obra teve apenas um encontro e trouxe uma perspectiva acerca de problemáticas relacionadas ao crescimento exacerbado do contexto urbano, a ausência do controle do uso e ocupação do solo por parte do Estado, além do abandono dos entes federativos para com a realidade social apresentada, ilustrando um contexto de alta pobreza, falta de política sociais e de direitos fundamentais.

O livro é um romance naturalista movimento ligado ao cientificismo, denuncia a exploração e as péssimas condições de vida dos moradores dos cortiços. Na narrativa acompanhamos a trajetória do português João Romão e sua ambição para enriquecer de toda forma, sendo ele um retrato da sociedade capitalista, explorando as pessoas ao seu redor, desde Bertoleza sua companheira que ele explora até melhorar de vida e conseguir um casamento vantajoso, os moradores do seu cortiço, fregueses da sua venda e os operários da pedreira.

A obra demonstra a realidade social no final do século XIX, onde acompanhamos o crescimento exacerbado do contexto urbano através do surgimento dos cortiços na cidade do Rio de Janeiro, “A partir do século XIX a população brasileira teve um crescimento considerável com o aumento da chegada dos imigrantes e com a abolição da escravatura, contudo o aumento nas quantidades das moradias não acompanhou o crescimento da população.” (Silva, 2018, p. 02)

Na narrativa observa-se o abandono dos entes federativos em relação aos cortiços, o autor tece denúncias sobre as condições de vida dos

moradores dessas habitações coletivas. O cortiço de São Romão, onde vivem principalmente imigrantes e ex-escravos, acompanhamos o dia a dia daquelas pessoas, a exploração que elas sofrem, a pobreza e a miséria na qual estão inseridas.

FAHRENHEIT 451

A última obra trabalhada pelo projeto foi o livro Fahrenheit 451 (1953) do escritor Ray Bradbury, com um encontro realizado apenas com estudantes do primeiro semestre do curso de graduação em Administração Pública da UFCA, abordando o contexto apresentado dentro do livro ao qual possibilitou a discussão sobre a importância do pensamento crítico, da reflexão contínua e do impacto que os livros proporcionam a este exercício, além disso, o debate circundou sobre questões relacionadas às Fake News e a importância do sujeito de direitos e da relevância do questionamento para com o Estado frente a ações autoritárias.

A história do livro se passa em uma realidade distópica, em que o trabalho dos bombeiros não é apagar incêndios, mas sim queimar livros. Nesse cenário, acompanhamos a trajetória do personagem Guy Montag, um bombeiro que, desempenha sua função sem nunca se questionar, mas após o convívio com sua vizinha, Clarisse McClellan, uma jovem de 17 anos que sempre o questiona, então, Montag começa a se sentir incomodado com sua vida.

Deste modo, podemos observar o controle do estado através da censura de informações, já que leitura de qualquer tipo de obra literária é proibida, o único livro que a população têm acesso é o manual de instruções de como as máquinas funcionam. O ensino escolar é totalmente direcionado para o que o governo acha que eles devem saber, aprendendo através do método da repetição.

(...) Aí está, Montag. A coisa não veio do governo. Não houve nenhum decreto, nenhuma declaração, nenhuma censura como ponto de partida. Não! A tecnologia, a exploração das massas e a pressão das minorias realizaram a façanha, graças a Deus. Hoje, graças a elas, você pode ficar o tempo todo feliz, você pode ler os quadrinhos, as boas e velhas confissões ou os periódicos profissionais. (BRADBURY, 2012, p.51).

Na fala do capitão Beatty, podemos perceber que apesar da leitura ser crime naquela sociedade, escolha da própria população. Eles deixaram a leitura de lado para se dedicar às telas de TV, já que nelas a informação não precisa ser processada. Por acreditar que a leitura deixava as pessoas tristes e as faziam pensar demais em coisas que para elas não havia necessidade.

Mildred, esposa de Montag, representa as pessoas alienadas daquela sociedade, ela passa o dia todo assistindo televisão, lá eles conseguem participar dos programas de televisão recebendo um roteiro e tendo falas durante os diálogos. Essa interação com a programação faz com que as pessoas queiram estar o tempo todo assistindo. Algo que pode ser comparado com a sociedade atual onde as pessoas estão o tempo todo conectadas nas redes sociais, e acompanhando programas de reality shows.

Além de alienar a população, os meios de comunicação servem para manipulação, tendo em vista que:

Estão simulando. Você os despistou no rio. Eles não podem admitir isso. Sabem que não conseguirão manter a audiência por muito tempo. O espetáculo precisa chegar ao fim, depressa! Se começassem a vasculhar toda a extensão do rio, poderiam levar a noite inteira. Por isso, estão em busca de um bode expiatório para chegar a um final sensacional. Observe. Apanharão Montag nos próximos cinco minutos! (BRADBURY, 2012, p.109).

Portanto, como não conseguem capturar Montag após o assassinato do capitão, uma perseguição é noticiada até a morte do suposto Montag, tudo isso foi inventado para demonstrar que crimes não ficam impunes e que ninguém precisa se preocupar, o Estado mantém tudo em ordem. Se observarmos essa manipulação é algo muito parecido com as fake news que existem atualmente na nossa sociedade, muitas vezes por querer obter uma informação de forma fácil e rápida, a população não busca saber se aquilo é realmente verdade e se vem de uma fonte confiável.

A RELAÇÃO DO DISTOCULT COM O CAMPO DE PÚBLICAS

Os países Sul-Americanos vivenciavam uma

grave crise econômica e social no final de 1970 com o grande endividamento público, se fortaleceram as teorias econômicas que visavam diminuição estatal, o que culminou com o descrédito do ensino da Administração Pública. (PIRES et al., 2014). Com o fim do período ditatorial militar no Brasil, e o nascer de um estado democrático de direito com a promulgação da Constituição Federal de 1988, se via um horizonte de possibilidades e desafios diante da nova ordem de governabilidade e a retomada dos espaços públicos, o que propiciou segundo PIREs et al., (2014, p.112) “ [...] diversas mobilizações de acadêmicos para a solução de problemas no novo padrão de governabilidade pós-Constituição de 1988.”

Com a resolução nº 1, de 13 de janeiro de 2014 se instaurou as diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Administração Pública. No Art. 3º a resolução apresenta como fundamentalidade que:

O curso de graduação em Administração Pública deverá propiciar formação humanista e crítica de profissionais e pesquisadores, tornando-os aptos a atuar como políticos, administradores ou gestores públicos na administração pública estatal e não estatal, nacional e internacional, e analistas e formuladores de políticas públicas. (Ministério da Educação 2014).

Sendo assim, o Distocult por meio da mediação de leitura buscar trabalhar vários estilos literários trazendo de forma incansável relacionar obras com o que se passa nacional e internacionalmente trazendo para o debate um caráter de criticidade que é um dos pilares que compõem o projeto desde sua fundação, isso faz com que as mediações sejam um importante fator para formação humana e suas relações, propiciando assim o crescimento inclusive profissional dos partícipes por meio de situações que se apresentam a partir da literatura e que são vistas de forma constante nas sociedades.

CONCLUSÃO

Com isso, as obras discutidas pelo projeto Distocult no decorrer do ano de 2020 possibilitaram uma variedade de problemáticas sociais dentro do atual contexto brasileiro e mundial, abordando também questões interligadas di-

retamente a reflexão do Estado, dos direitos sociais/fundamentais, das políticas públicas e dos contextos de crise, proporcionando de forma inovadora com novos métodos de debate e reflexão acerca de problemáticas difusas dentro da sociedade atual.

Embora o projeto tenha alcançado seus objetivos centrais, no caso o aproveitamento total dos debates por parte do público alvo, é importante dizer que, a pandemia gerou muitas possibilidades de atingir públicos variados, contudo a mesma, juntamente a este novo modelo de funcionamento virtual, agregado à realidade presente dificultou o acesso e a participação de vários estudantes. Por outra ótica, é importante salientar que, além de estudantes da UFCA, discentes da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e pós-graduandos da Universidade Regional do Cariri (URCA) tam-

bém participaram das discussões no decorrer das mediações de leituras.

Deste modo, considera-se que o projeto tem ultrapassado suas barreiras locais e estimulando estudantes de diferentes níveis e lugares a compartilhar suas experiências literárias, sendo assim, um projeto de grande contribuição social para o desenvolvimento crítico e literário dos participantes. Vale ressaltar ainda que, o fomento a atividade cultural e ao proporcionamento do incentivo ao protagonismo estudantil é estritamente fundamental no estímulo ao desenvolvimento de ações de inovação no âmbito das universidades, principalmente por este projeto em questão ser desenvolvido, coordenado e realizado por estudantes de graduação, evidenciando assim, esse grande incremento e incentivo da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri (PROCULT/UFCA).

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Trad. M. Ângela Santos. Barueri: Principis, 2019.
- ATWOOD, Margaret. **O Conto Aia**. Trad. de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Ministério da cultura, Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro, 1890.
- BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. São Paulo: Globo, 2012.
- CARVALHO, Damiana Maria. **A importância da leitura literária para o ensino**. Entreletras, 2015.
- CÂMARA, Yls Rabelo; CÂMARA, Zzy Maria Rabelo; SOUTULLO, Melina Raja. O Quinze: Revisando a Importância de Rachel de Queiroz Para a Cultura Cearense, a Literatura Brasileira e o Feminismo no Brasil do Século XX. **Revista Entrelaces** – Ano V – nº 06 – jul.-dez. 2015.
- CAVALCANTE, Lídia Eugenia. **A Mediação de Leitura e Formação do Leitor**. In: Curso Formação de Mediadores de Leitura. Fundação Demócrito Rocha, 2018.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. Cortez, 23ª edição. São Paulo, 1989.
- KRUG, Flavia Susana. **A Importância da Leitura na Formação do Leitor**. Rev. de Educação do IDEAU. Dez. 2015.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO E ITAÚ CULTURAL. **Retratos da leitura no Brasil**. 5ª ed. São Paulo, 2020.
- MARTINS, Lilian. **A Leitura Literária**. In: Curso Formação de Mediadores de Leitura. Fundação Demócrito Rocha, 2018.
- PIRES, Valdemir Aparecido et al. Campo de públicas no Brasil: definição, movimento constitutivo e

desafios atuais. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 6, n. 3, p. 110-126, 2014.

Resolução CNE/CES 1/2014. **Diário Oficial da União**, Brasília, 14 de janeiro de 2014 – Seção 1 – pp. 17-18.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.

SILVA, Samara Santana. **Os Cortiços e a cidade do Rio de Janeiro durante seu processo de modernização na virada para o século XX**. Encontro Estadual de História e Movimentos Sociais. Bahia, 2018.

VELOSO, Mariana Aires Alves. **Retrato da sociedade rural inglesa e educação feminina nos romances de Jane Austen**. Revista Mundo Livre, 2015.

ZARDINI, Adriana Sales. **A identidade feminina na obra 'Orgulho e Preconceito' de Jane Austen**. Anais SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: OS DESAFIOS DA CURRICULARIZAÇÃO NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

UNIVERSITY EXTENSION: THE CHALLENGES OF CURRICULARIZATION IN THE COURSE OF PUBLIC AND SOCIAL ADMINISTRATION AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF RIO GRANDE DO SUL

Danielle Tesche

Graduada do curso de Bacharelado em Administração Pública e Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
danitesche23@gmail.com

Ana Mercedes Sarria Icaza

Professora Doutora do Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
sarria.icaza@ufrgs.br

RESUMO

Este trabalho analisa o processo de construção da proposta de curricularização da extensão no curso de Administração Pública e Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e busca entender de que forma as características dos estudantes e as percepções que eles e o corpo docente têm sobre a extensão universitária influenciam no avanço da indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa. Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, cujo referencial teórico aborda as concepções e o histórico da extensão universitária, seus desafios políticos e institucionais, o princípio constitucional da indissociabilidade e o processo e os desafios da institucionalização da curricularização da extensão. Metodologicamente, além do levantamento de informações secundárias, foram realizadas entrevistas e questionários com professores e estudantes do curso para conhecer seu perfil e suas percepções da extensão. O resultado do trabalho mostrou que a inserção da extensão é possível, porém, não é condicionada apenas pelo fato de o curso ser noturno, mas também pelo pouco contato que os alunos têm com a extensão, e por uma visão e uma prática docente e institucional que, mesmo com uma apreciação positiva da extensão, não a integra efetivamente como parte indissociável junto ao ensino e à pesquisa.

Palavras-chave: Curricularização. Extensão Universitária. Universidade.

ABSTRACT

This paper analyzes the process of building the proposal for curricularization of the extension in the course of Public and Social Administration at the Federal University of Rio Grande do Sul and seeks to understand how the characteristics of students and the perceptions that they and the faculty have about university extension influence the advancement of the inseparability between teaching and research. This is exploratory research with a qualitative approach, whose theoretical framework addresses the conceptions and history of university extension, its political and insti-

tutional challenges, the constitutional principle of indissociability and the process and challenges of institutionalization of the curricularization of extension. Methodologically, besides the survey of secondary information, interviews and questionnaires were conducted with teachers and students of the course to know their profile and their perceptions of extension. The result of the work showed that the insertion of extension is possible, however, it is not conditioned only by the fact that the course is at night, but also by the little contact that students have with extension, and by a vision and a teaching and institutional practice that, even with a positive appreciation of extension, does not effectively integrate it as an inseparable part along with teaching and research.

Keywords: Curricularization. University Extension. University.

INTRODUÇÃO

Apesar da Constituição Federal instituir que as universidades obedecem ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a extensão é a atividade menos praticada dentre elas e enfrenta desafios importantes, que têm gerado debates e propostas de políticas institucionais ao longo das últimas décadas. É como parte desse processo que se dá a inserção da Meta 12.7 do Plano Nacional de Educação (PNE) – 2014-2024 e, posteriormente, a Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE/CES) de dezembro de 2018, que estabelece as diretrizes para a extensão e prevê que as atividades de extensão deverão compor ao menos 10% da carga horária curricular dos cursos de graduação nas instituições de ensino superior públicas e privadas de todo o país.

Entretanto, a implementação dessa integralização das atividades de extensão nos cursos de graduação traz uma série de desafios para as universidades, tanto políticos como pedagógicos e de gestão. Este processo se complica ainda mais no cenário dos cursos noturnos, nos quais boa parte dos alunos trabalha durante o dia. Este é o caso do Curso de Administração Pública e Social (APS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), um curso noturno cujos alunos são, em sua maioria, trabalhadores com pouca disponibilidade de tempo fora do horário das aulas. No entanto, este não é o único fator posto como desafio na implementação da curricularização da extensão no curso. Há os problemas da compreensão do próprio conceito de extensão e dos condicionantes institucionais para sua valorização e operacionalização, que podem dificultar ainda mais o processo.

Estas instigações iniciais serviram de base para desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso, cujos resultados são aqui apresentados e que teve por objetivo verificar em que medida as características dos estudantes do curso de APS da UFRGS e as percepções que eles e o corpo docente têm sobre a extensão universitária contribuem para a construção de uma proposta de curricularização que qualifique sua indissociabilidade com o ensino e a pesquisa, e identificar propostas de ação.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa exploratória com uma abordagem qualitativa. Inicialmente, foi realizada uma análise da literatura especializada, bem como uma pesquisa documental através da busca eletrônica e análise de leis, projetos e resoluções sobre a curricularização da extensão no Brasil. Coletamos também dados sobre o desenvolvimento de atividades extensionistas e do processo de curricularização na UFRGS e no curso de APS, bem como consultamos informações secundárias sobre o perfil dos alunos, baseadas principalmente em pesquisa anteriormente realizada junto aos alunos pela COMGRAD do curso de APS. Já a pesquisa de campo incluiu a realização de entrevistas com informantes-chaves da UFRGS e dos docentes do curso de APS e a aplicação de dois questionários: um, com estudantes e outro com os professores do curso, buscando aprofundar os elementos centrais do problema de pesquisa.

O trabalho aborda inicialmente as concepções e o histórico da extensão universitária, seus desafios políticos e institucionais no Brasil, o processo de institucionalização da curricularização da extensão, suas normas, prazos de implementação e desafios atuais. A seguir, apresenta os principais elementos sobre a

extensão e o processo de curricularização na UFRGS e no curso de APS, e, posteriormente, os resultados da pesquisa junto a professores e estudantes, tecendo no final algumas considerações e reflexões sobre as questões encontradas.

OS CAMINHOS E CONCEPÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O surgimento da extensão universitária obedece a concepções diferentes que, até hoje, provocam debates no meio acadêmico, relacionados à compreensão sobre o papel que a universidade tem na sociedade. Nas suas origens, é possível identificar duas perspectivas principais, conforme descreve Paula (2013, p. 9-10):

[...] a primeira, tendo se originado na Inglaterra, difundiu-se pelo continente europeu e expressou o engajamento da universidade num movimento mais geral, que envolveu diversas instituições (o Estado, a Igreja, Partidos), que buscaram, cada qual à sua maneira, oferecer contrapontos às consequências mais nefastas do capitalismo [...]

A segunda vertente da extensão é protagonizada pelos Estados Unidos e tem como objetivo básico a mobilização da universidade no enfrentamento de questões referentes à vida econômica no sentido da transferência de tecnologia, da maior aproximação da universidade com o setor empresarial.

É importante frisar que estas diferenças de concepções da extensão universitária a partir do seu surgimento nas vertentes europeias e estadunidenses remetem a visões que ainda estão presentes no debate da extensão nas universidades brasileiras: de um lado, uma visão instrumental e utilitarista e de outro, uma visão integral, de compromisso social da universidade no seu próprio processo de construção do conhecimento. Por outro lado, o percurso da extensão no Brasil mostra sua relação com as lutas sociais e a herança do movimento pela Reforma Universitária de Córdoba de 1918, na busca por uma Universidade próxima dos grandes desafios da sociedade.

A história da extensão universitária brasileira perpassou por diversas fases até alcançar

a sua institucionalização na constituição de 1988. No início, há experiências dispersas, entre as quais, em 1911, cursos e conferências realizados na Universidade Livre de São Paulo e de prestações de serviço da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa. Ao mesmo tempo, é necessário destacar a participação dos estudantes que, organizados na União Nacional dos Estudantes (UNE), promoveram, nas décadas de 50 e 60, movimentos políticos e culturais provocando reflexões sobre a atuação da universidade e as metodologias que possibilitassem a reflexão sobre a sua prática (FORPROEX, 2012).

Após décadas de ditadura, a extensão ressurgiu inserida nas propostas de democratização da sociedade e, junto com ela, da Universidade. É assim, que o reconhecimento legal das atividades de extensão no Brasil é consignado no Artigo 207 da Constituição Federal de 1988: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e **obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão**” (BRASIL, 1988, grifo nosso).

O princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão deriva de demandas por mudanças necessárias acerca da função da Universidade – e do Ensino e da Pesquisa nela desenvolvidos, alçando ao mesmo status destes dois (não há hierarquia na Constituição), [...] São mudanças que devem ser contextualizadas e que não são legitimadas nas instituições e em suas normas, nem nas práticas de seus agentes, apenas porque estabelecidas na lei. Mas estas mudanças se impõem às regras vigentes no campo, ao habitus institucional (embora não consensual, sempre há uma predominância deste ou daquele valor ou compreensão em dado momento, e este tende a ser normatizado) e ao habitus dos agentes que o compõem, logo, às suas práticas. (GONÇALVES, 2015, p. 1231-1232)

A partir da década de 90, cabe destacar o papel do Fórum de Pró-reitores de Extensão – Forproex, como ator importante na criação da política de extensão atual no que tange em conceituar a extensão universitária, elaborar mecanismos de avaliação e monitoramento de ações, institucionalizar a extensão a atuação universitária e ser o principal mediador na deliberação de políticas públicas para a promoção da extensão (PAULA, 2013).

Um elemento fundamental da conceptualização da extensão tem a ver com a identificação as diretrizes fundamentais que identificam os elementos centrais que caracterizam a extensão universitária, a saber: 1) Interação Dialógica; 2) Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; 3) Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão; 4) Impacto na Formação do Estudante; 5) Impacto e Transformação Social.

É importante salientar que a extensão não está imune a conflitos e incompreensões sobre metodologias, teorias, objetivos e públicos-alvo das suas práticas. A política de extensão que vem sendo definida, reafirma uma concepção de extensão em que esta é considerada como uma prática que vai além da assistência universitária. Além de auxiliar a sociedade com o conhecimento adquirido na universidade, o aluno também aprende com a sociedade e, em contrapartida, traz esse conhecimento novamente para a sala de aula (GADOTTI, 2017).

A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO

A curricularização da extensão deve ser vista como parte do processo de institucionalização da extensão nas universidades. Conforme Gadotti (2017), ela vem para firmar a indissociabilidade do tripé ensino-pesquisa-extensão na universidade, e também para o contato do campo acadêmico com a sociedade, destacando o papel social da universidade e o interesse social do ensino e da pesquisa.

O princípio da indissociabilidade, para Pereira e Vitorini (2019), serve como base para a implementação da curricularização da extensão nos cursos de graduação das Instituições de Ensino Superior (IES). Este princípio faz parte da construção do Plano Nacional de Educação (2014-2024) que aponta a curricularização na estratégia 7 da Meta 12, sendo estabelecida através da Resolução CNE/CES nº 07/2018:

Art. 4º. As atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos. (BRASIL, 2018)

Ainda de acordo com o Artigo 7º desta mesma Resolução, são consideradas como atividades extensionistas as “[...] intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante [...]” (BRASIL, 2018).

Quanto aos prazos, a Resolução CNE/CES nº 07/2018 se desprende que as IES teriam até o ano de 2021 para a implementação da curricularização e das demais diretrizes. No entanto, em função da pandemia de COVID-19, os prazos sofreram alterações e a Resolução CNE/CES nº 01/2020 ampliou a data limite para a implantação, passando de 19 de dezembro de 2021 para 19 de dezembro de 2022, iniciando sua validade para os alunos ingressantes a partir de 2023.

É necessário salientar que as atividades extensionistas precisam avançar qualitativamente e não somente pela obrigação que a curricularização traz para a formação:

Curricularizar a Extensão Universitária implica aproximar a universidade dos grandes desafios da sociedade, particularmente os desafios da Educação Básica, do desenvolvimento nacional, dos movimentos sociais, das esferas públicas. O currículo não deve ser entendido como um “apêndice” do processo educativo. Ele é resultado de um “caminho percorrido” (significado da palavra “currículo”) da própria educação, que implica escuta, reflexão, elaboração teórica e práxis. Uma política de extensão não extensionista é um grande desafio para a universidade. Trocar ideias com experiência já realizadas, refletir criticamente sobre elas, torna-se necessário para que não se comece tudo de novo. (GADOTTI, 2017, p. 11)

Outros desafios também devem ser considerados, como expõem Ribeiro, Mendes e Silva (2018, p. 337): “Todo processo de mudança requer rupturas na forma de ver, perceber e agir. A inserção da extensão nos currículos de graduação das universidades públicas brasileiras não será diferente.” A necessidade de mudanças é variada, como a redefinição da percepção de sala de aula, a expansão da concepção de conhecimentos entendidos como autênticos e permitidos na academia, e ainda, no modo de avaliação aplicado aos alunos, fazendo com que os docentes se afastem de modelos livrescos e se envolvam em outras perspectivas

epistemológicas. Isso significa que o professor é estimulado a sair de sua zona comum – dentro da sala de aula exibindo slides e conteúdo – e incentivado a explorar outras formas de ensino e aprendizagem.

O PROCESSO DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA UFRGS

A UFRGS, ao elaborar a sua política de extensão, levou em consideração o artigo 1º, inciso I do seu estatuto onde ela propõe “I – estabelecer sua política de ensino, pesquisa e extensão indissociáveis no âmbito da Universidade” (UFRGS, 2012). A gestão das atividades de extensão na UFRGS é de responsabilidade da PROEXT – Pró-Reitoria de Extensão. É de sua incumbência a formulação de diagnósticos, propostas de políticas de atuação, coordenação de bolsas, intercâmbios, programas de fomento, a divulgação, o estímulo e a articulação das unidades acadêmicas para as atividades multi e interdisciplinares da extensão.

De maneira geral, a UFRGS desenvolve uma extensão bastante abrangente e de qualidade, como mostram os dados que constam no Relatório de Autoavaliação Institucional (RAAI) da UFRGS, referente ao ano de 2019 (UFRGS, 2020), quando houve um total de 2.552 atividades acadêmicas de extensão, com 13.476 envolvidos nas equipes executoras e 36.256 participantes. Por outro lado, a PROEXT é responsável por uma série de ações vinculadas aos objetivos acadêmicos e de impacto social da UFRGS.

Para dar conta da tarefa de integralização das atividades de extensão no currículo dos cursos de graduação, a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da UFRGS constituiu no final do ano de 2018, um Grupo de Trabalho (GT) integrado por membros da PROEXT, Câmara de Extensão (CAMEXT), Câmara de Graduação (CAMGRAD), Fórum das Comissões de Graduação (COMGRADs), Coordenadoria de Licenciaturas/PROGRAD e Departamento de Cursos e Políticas da Graduação/PROGRAD para “discutirem e proporem regramento que,

após aprovado pelo CEPE, disciplinará a implementação da curricularização da extensão nos cursos de graduação da UFRGS [...]” (UFRGS, 2020, p. 171). Ao decorrer do ano de 2019, o GT realizou diversas reuniões e seminários nas unidades acadêmicas no intuito de apresentar as propostas existentes e colher sugestões ao mesmo.

Entretanto, o processo de aprovação da resolução atrasou em 2020, motivado pela pandemia da COVID-19 e mudanças administrativas realizadas pela nova reitoria. Sendo assim, no momento de realização da nossa pesquisa, ainda não tinha sido aprovada uma resolução para a integralização curricular da extensão na Universidade. Nesse sentido, recorreremos à entrevista de um dos integrantes do GT institucional para melhor compreendermos as propostas e a situação atual. Em relação ao processo de curricularização da extensão na UFRGS, ele apontou:

Um pouco antes da publicação da Resolução do CNE, a UFRGS instituiu uma comissão para propor ao CEPE a forma de realizar esta inserção. Esta comissão fez mais de 35 reuniões com grupos, órgãos, Unidades e fóruns, o que permitiu verificar as necessidades e diversidade entre os diversos cursos e as possíveis formas do reconhecimento da prática extensionista nestes cursos. [...] A proposta foi enviada à época para a Prograd que montou um processo para sua tramitação. O processo contém a manifestação da Prograd, Proext, já passou pelas Câmaras de Extensão e de Graduação e atualmente está na Comissão de Diretrizes, último estágio antes da sua submissão ao plenário do CEPE¹.

Conforme nosso entrevistado, o núcleo da proposta é o reconhecimento da prática extensionista em diversas atividades acadêmicas, o que poderá ser feito em duas modalidades: de um lado, em atividades de ensino – dependendo da metodologia e da prática de cada uma – e de outro, na participação do aluno em atividades de extensão, atuando como membro da equipe executora. No caso das disciplinas que contemplarão horas de extensão, as mesmas deverão passar por uma alteração e prever as atividades extensionistas já em seu plano de

¹Entrevista concedida por N, J. Entrevista V. [abr. 2021]. Entrevistador: Danielle Tesche. Porto Alegre, 2021.

ensino. Ficará a cargo da COMGRAD de cada curso a avaliação destes planos e o caráter efetivamente extensionista das atividades propostas.

A inserção da extensão dentro das atividades de ensino foi uma das soluções encontradas pela Universidade para que se atingisse a carga horária pretendida e, ainda, para tentar diminuir a dificuldade de participação de alunos de cursos noturnos, já que estes têm pouca disponibilidade para atuar em projetos extensionistas fora do horário de aula. Neste sentido, nosso entrevistado destaca também que há propostas de abrir espaços para atividades de extensão nas grades horárias no turno de estudos. Ele ressaltou que isto pode exigir um desenho curricular diferente e que esta “será a tarefa cooperativa entre os Departamentos, NDEs, COMEX e COMGRADs para definir o melhor desenho para cada curso”².

A partir dos elementos levantados neste trabalho, pode-se dizer que, apesar da importância dos debates iniciais promovidos pela PROEXT para a preparação da minuta de resolução, não se conseguiu avançar o suficiente em todas as Unidades, nem envolver de forma ativa a comunidade acadêmica para provocar as devidas reflexões sobre os desafios colocados para avançar na efetiva indissociabilidade da extensão com o ensino e a pesquisa. Com a aproximação do prazo final para implementar a norma do CNE, o risco é não conseguir avançar na problematização sobre as possibilidades de mudanças institucionais necessárias para efetivar os objetivos da curricularização, entre os quais é fundamental aproximar a universidade dos grandes desafios da sociedade.

A possibilidade de impulsionar uma maior oferta de projetos extensionistas e um maior envolvimento dos alunos nos mesmos esbarra nos limites institucionais que estão colocados e parecem apontar para uma resolução cujo foco será a introdução de horas nas próprias disciplinas, sem grandes inovações no que diz respeito a novos formatos para pensar a sala de aula e expandir a concepção de conhecimentos “entendidos como autênticos e permitidos na academia”.

A EXTENSÃO E O PROCESSO PARA SUA CURRICULARIZAÇÃO NO CURSO DE APS

O curso de APS faz parte da Escola de Administração (EA) da UFRGS, na qual funciona também o curso de Administração. A Comissão de Extensão (COMEX) é responsável de propor ações extensionistas ao Conselho da Escola de Administração, bem como de organizar a proposta de atividades de extensão para ambos os cursos (UFRGS, 2021).

A extensão na Escola de Administração é bastante restrita, como indica o pequeno número de projetos oferecidos na EA, em ambos os cursos: no ano de 2020, estavam cadastrados no Catálogo de Ações de Extensão da Universidade apenas 15 Ações de Extensão. Algumas destas ações são programas continuados, mas a grande maioria são projetos pontuais, como cursos ou seminários.

No curso de Administração Pública e Social as atividades de extensão ocorrem por meio de projetos, atividades, programas, cursos, dentre outros. Conforme a norma da Universidade, os alunos podem participar dessas atividades de forma voluntária, tendo ou não bolsa remunerada. A creditação destas práticas se dá na forma de “Atividades Complementares” que são reconhecidas como crédito e carga horária no currículo do curso (UFRGS, 2017).

No período analisado, identificamos no curso apenas um programa de extensão de caráter continuado e processual: o Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa (NEGA), voltado, principalmente, a projetos ligados a Organizações da Sociedade Civil e Economia Solidária. De outro lado, o Grupo de Pesquisa Estado, Democracia e Administração Pública – GEDAP – desenvolve dois projetos orientados à divulgação digital.

Uma inovação importante no currículo do curso de APS foi a introdução, em 2016, de uma disciplina chamada “Atividade Integradora II – Extensão”, cujo objetivo é apresentar as concepções teóricas da extensão universitária, a

²Entrevista concedida por N, J. **Entrevista V**. [abr. 2021]. Entrevistador: Danielle Tesche. Porto Alegre, 2021.

prática, o acompanhamento, a sistematização e a avaliação das atividades de extensão (UFRGS, 2017). É esta disciplina que tem possibilitado o debate sobre a curricularização da Extensão e a sua importância para o curso, bem como o contato dos estudantes com as atividades extensionistas.

Em relação à curricularização da extensão no curso de APS, as primeiras discussões se deram no ano de 2019, primeiro em apresentação geral da resolução para os técnicos e professores da EA, posteriormente com o debate na Área de Pública e Social, seguido de uma discussão na Comissão de Graduação - COMGRAD do curso e, no início de 2020, com a discussão no Núcleo Docente Estruturante, NDE, que identificou as primeiras possibilidades de implementação. O processo parou com a pandemia do COVID-19 e foi retomado em fevereiro de 2021, como parte do processo mais amplo de reformulação do PPC do curso³.

As propostas em debate são decorrentes dos indicativos apontados na resolução que está sendo elaborada na UFRGS. A maior preocupação sobre a implementação deste processo, conforme explica o vice coordenador da COMGRAD APS, é “[...] o de aferir com cuidado o que é extensão, o que é ensino e o que é pesquisa para não se misturar.”⁴ Este é um momento em que os professores do curso estão apresentando e debatendo propostas de atividades de extensão para a inserção no currículo através de programas e projetos que estarão integrados ou não às disciplinas. A partir disso, caberá à COMGRAD avaliar e fazer os encaminhamentos necessários.

Ademais, salienta-se que o curso de APS é noturno. Isso por si só já é uma grande dificuldade na implementação de atividades extensionistas, pois a disponibilidade da maioria dos alunos dos cursos noturnos é restrita. Soma-se esta dificuldade a um currículo que possui uma carga horária de 3000 horas. A curricularização neste caso exige que, pelo menos, 300 horas sejam exclusivas para atividades de extensão.

PRÁTICA E PERCEPÇÕES DA EXTENSÃO DOS DOCENTES DE APS

Para melhor compreender a prática e percepções dos docentes do curso, este trabalho se concentrou naqueles vinculados à Área de Pública e Social, integrada por 12 professores e professoras que se envolvem de forma mais direta e sistemática com o curso. Desse total, 10 participaram da pesquisa, 4 como respondentes de entrevistas semiestruturadas e 6 de um questionário digital. Foram também convidados a responder o questionário digital mais 16 professores e professoras das outras áreas do DCA (Departamento de Ciências Administrativas) que lecionam no curso, 6 dos quais participaram. Sendo assim, obtivemos um total de 16 respondentes, 4 através de entrevistas e 12 do questionário.

Em relação à experiência com a extensão, todos os docentes já desenvolveram atividades de extensão ao longo de sua experiência docente, na UFRGS e fora dela. Entretanto, quanto ao tipo de projetos, apenas a metade dos professores apresenta um envolvimento maior em atividades de diversos tipos, junto à comunidade. Já os demais, já realizaram ou realizam extensão centrada em cursos e capacitações. Por outro lado, a maioria tem participado em mais de 5 ações, ou seja, mantém algum tipo de participação na extensão.

Esse perfil de envolvimento com a extensão se manteve no último ano, quando, apesar da pandemia, 12 docentes se envolveram em atividades de extensão, sendo, novamente, a maioria caracterizadas por cursos, mentoria ou difusão de material informativo.

As atividades desenvolvidas contaram, conforme os professores, com uma participação pequena de alunos do curso de APS nas equipes executoras e envolveram estudantes de outras áreas. Além disso, informaram, em sua maioria, que suas atividades de extensão

³Entrevista concedida por D, A. **Entrevista IV**. [mar. 2021]. Entrevistador: Danielle Tesche. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo.mp4 (115 min.).

⁴Entrevista concedida por D, A. **Entrevista IV**. [mar. 2021]. Entrevistador: Danielle Tesche. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo.mp4 (115 min.).

envolveram docentes de outras áreas. Dessa forma, os projetos parecem ter um viés interdisciplinar.

De maneira geral, pode-se considerar que grande parte dos professores do curso de APS realizam atividades de extensão, mas desenvolvem poucos programas e projetos continuados. Neste sentido, podemos apontar que são poucos os professores com perfil extensionista e que conseguem de fato praticar a indissociabilidade ao integrarem as suas atividades de ensino com as de pesquisa e extensão.

Por outro lado, o conjunto de professores entende a extensão de uma forma ampla e integral, como “processo que proporciona a troca de saberes e a interação transformadora entre aluno, universidade e sociedade”. Já os professores entrevistados com um perfil claramente extensionista, enfatizam a interação com a comunidade e a troca de saberes. Essa troca de conhecimento significa aprender, gerar um conhecimento novo que possa alimentar uma pesquisa, alimentar a criação de conhecimentos novos que vão para sala de aula, que contribuem com a formação do estudante⁵. Pode-se dizer que essa concepção é compartilhada pela maioria dos docentes respondentes ao questionário. Percebe-se até aqui, mediante todos os dados apresentados nesta pesquisa, que os professores sabem do que se trata a extensão universitária. Porém, há indicativos de que a maioria não a coloca em prática, visto que o curso possui muito poucos projetos e programas de extensão que proporcionam efetivamente o que é definido nas concepções e diretrizes da extensão.

Sobre os principais problemas que dificultam a realização da extensão no curso, os professores destacam: a falta de mapeamento de setores públicos e sociais passíveis de interação com a Universidade; o desinteresse dos alunos; a falta de prestígio às atividades da extensão frente às produções científicas; o individualis-

mo em grupos de trabalho; a pouca disponibilidade de tempo e de recursos econômicos dos discentes; a falta de incentivo e de valor internos; o acúmulo de atividades designadas aos docentes; a resistência de docentes que não atuam ativamente na área da extensão; o baixo valor das bolsas de extensão; o quadro docente do curso que é formado majoritariamente por professores com perfil acadêmico e que priorizam a pesquisa; a falta de prioridade da extensão e de estratégias e recursos institucionais.

Quanto à curricularização da extensão, 8 docentes (66,7%) afirmaram que a consideram uma política adequada e 4 (33,3%) discordam. Já entre os professores entrevistados, 2 concordam com a curricularização da extensão e 2 em parte. Em relação aos desafios da curricularização em um curso noturno, como o de APS, os docentes apontaram: a necessidade de melhoras nas condições de permanência do estudante e os desafios para os alunos trabalhadores que demandam a elaboração de outras formas de vivências de extensão⁶; a identificação das disciplinas que possuem, em alguma medida, potencial para a realização das atividades extensionistas e de que maneira estas atividades serão inseridas⁷; o aumento da oferta de atividades e modalidades de extensão e a organização de horários, para que permitam ao aluno trabalhador participar; a necessidade de estruturar programas que integrem ensino, pesquisa e extensão; a demanda que a curricularização traz de os docentes trabalharem em conjunto⁸. Outra questão citada foi a falta, dentro do curso, de um programa de extensão permanente na área de Administração Pública, o que sim existe para a Gestão Social. Um dos entrevistados colocou, ainda, mais um desafio que surgirá após a curricularização, que diz respeito à criação, por parte da Universidade, de mecanismos de autoavaliação⁹. Finalmente, há a preocupação de a curricularização ser realizada de “qualquer jeito”, somente para cumprir a resolução¹⁰.

⁵Entrevistas concedidas por: P, C. **Entrevista II.** [fev. 2021], C, P. **Entrevista III.** [mar. 2021]. D, A. **Entrevista IV.** [mar. 2021]. Entrevistador: Danielle Tesche. Porto Alegre, 2021.

⁶Entrevista concedida por C, P. Ibid

⁷Entrevista concedida por B, J. Ibid

⁸Entrevista concedida por P, C. Ibid

⁹Entrevista concedida por C, P. Ibid

¹⁰Entrevista concedida por D, A. Ibid

ALUNOS DO CURSO DE APS: PERFIL E PERCEPÇÕES DA EXTENSÃO

Este trabalho buscava entender as características dos estudantes do curso de APS e suas percepções sobre a extensão universitária, analisando de que forma esses elementos interferem na sua participação nas atividades de extensão e nas perspectivas de sua integralização no currículo do curso.

Entretanto, tivemos duas limitações importantes que restringiram o alcance das nossas informações: de um lado, a dificuldade de acesso aos dados do conjunto dos alunos do curso por restrições da própria universidade e, de outro, uma baixa taxa de resposta ao questionário (apenas 36 respondentes). Mesmo assim, entendemos que os dados levantados podem colaborar para se ter uma ideia do cenário, já que é possível considerar que os alunos que responderam têm efetivamente interesse em participar dos debates sobre a curricularização da extensão universitária.

Sobre o perfil dos discentes, o curso de APS tem um total de 470 estudantes. Sem as informações gerais, tecemos algumas considerações utilizando os resultados de um questionário efetuado pela COMGRAD do curso de APS em março de 2021, no qual participaram 107 alunos, isto é, 22,8% do total.

Os resultados mostraram que o perfil do aluno do curso de APS da UFRGS é relativamente jovem, com uma ligeira maioria do gênero feminino. Em relação à ocupação, trata-se de um aluno trabalhador que conta com poucas horas disponíveis para atividades extracurriculares: a maioria, 52,8%, realiza trabalho remunerado em tempo integral, enquanto que 22,2% realiza estágio remunerado e somente 8,3% se dedicam integralmente aos estudos. 16,7% dizem realizar outras atividades. Em decorrência destas características, a grande maioria relata que não tem disponibilidade fora do horário das aulas para a realização de outras atividades acadêmicas. Entre os que indicaram ter disponibilidade (44,4%), a maior parte (43,7%) informou ter somente entre 2 a 3 horas disponíveis por semana.

Em relação à percepção sobre a extensão, somente a metade dos alunos (18) afirmou ter clareza do que é extensão universitária, enquanto que 13 alunos informaram saber “mais ou menos” do que se trata. Se consideramos que apenas 5 alunos não sabem ou nunca ouviram falar, a maioria tem pelo menos algum conhecimento sobre a extensão universitária, o que, conforme os dados, está relacionado com a introdução da disciplina sobre a extensão mencionada anteriormente.

Cabe destacar que a grande maioria dos discentes (28) afirmou que considera importante a extensão universitária para o currículo do curso. Dentre os motivos mais citados para isso estiveram a interação e transformação da sociedade e a possibilidade de colocar em prática o que é aprendido no curso. Percebe-se, assim, que os discentes, apesar das dificuldades de tempo, valorizam a extensão universitária. Esta valorização pode estar relacionada à importância da relação entre teoria e prática que, conforme o questionário aplicado pela COMGRAD do curso de APS anteriormente mencionado, a maioria dos alunos avaliou como ruim, estando entre os motivos mais citados: a falta de atividades para praticar o que é aprendido no curso e o excesso de conteúdos teóricos.

Quanto à participação em projetos de extensão, a grande maioria dos alunos (28) informou que não participa ou nunca participou de algum programa ou projeto de extensão. Entre os motivos, eles alegaram: falta de tempo; falta de oportunidade; incompatibilidade de horários; e desconhecimento de projetos existentes.

É importante frisar que os resultados do questionário aplicado pela COMGRAD do curso de APS indicaram uma porcentagem alta de alunos que têm interesse em participar de atividades de extensão: 71,03%. Os alunos apontaram ainda uma série de motivos por não conseguirem participar dos projetos: baixa oferta de projetos de extensão, falta de divulgação sobre a extensão e os projetos existentes, pouca disponibilidade de horários para a participação de alunos trabalhadores, falta de vínculo com órgãos públicos que poderiam ensinar atividades extensionistas na área, dentre outros.

No que se refere à opinião dos alunos sobre a atuação da UFRGS na extensão, apenas um terço manifesta avaliação positiva, argumentando: a diversidade de projetos; a presença marcante da extensão em cursos como o de Odontologia e Enfermagem; a participação da UFRGS no Projeto Rondon; e o reconhecimento da Universidade pela sociedade. Entre os problemas identificados acerca da extensão na UFRGS estiveram: a pouca divulgação dos projetos extensionistas; a falta de incentivo à participação discente; e a falta de opções de projetos para alunos trabalhadores. Juntando estes argumentos com o fato de que 11 alunos não souberam avaliar, percebe-se uma falha por parte da Universidade em divulgar os projetos existentes e em como ela atua na área extensionista.

Já em relação à avaliação dos alunos sobre a extensão no curso de APS, a maioria dos alunos (13) também informou não saber avaliar, enquanto que 3 alunos avaliaram como “muito boa”, 6 como “boa”, 8 como “regular”, 5 como “ruim” e 1 como “péssima”. Entre os motivos da avaliação positiva, estiveram: a excelência docente na área extensionista e a atuação do NEGA e do GEDAP em seus projetos. Já em relação às avaliações “Regular”, “Ruim” ou “Péssima”, os motivos foram: poucos projetos existentes; falta de flexibilização horária para a participação discente; e a falta da variedade de temas dos projetos existentes. Estes argumentos aliados ao fato de muitos alunos não souberem avaliar a extensão no curso, pode indicar uma falha na publicização dos projetos existentes, bem como, na ausência da extensão na jornada acadêmica de muitos alunos do curso de APS.

A grande maioria dos alunos (29) considera que a inserção da extensão ao currículo seria benéfica ao curso de APS. Entre os argumentos expostos, estiveram que isto trará um maior conhecimento e vivências práticas; troca de saberes entre Universidade e sociedade; aprimoramento na formação do aluno; interdisciplinaridade; e mudanças de percepções discente da realidade. Diante de tantos argumentos positivos dos alunos, a percepção que eles têm sobre a extensão universitária pode contribuir bastante na construção de alternativas de inserção de atividade ao currículo do

curso de APS.

As preocupações e sugestões mais pontuadas sobre a implementação da creditação da extensão no currículo foram relacionadas à disponibilidade do discente em participar dos projetos. Outras preocupações apontadas foram sobre a possibilidade de ocorrer um aumento na carga horária e a de não conseguir administrar o tempo para a execução de todas as atividades universitárias e pessoais. Uma crítica também foi exposta: a falta de informação ou transparência para o aluno que busca as atividades de extensão. Já entre as sugestões, estiveram que: a extensão deve ser abordada já no início do curso; a possibilidade de haver diversas modalidades, incluindo projetos à distância e a possibilidade de realizar as atividades extensionistas no período noturno; a creditação da extensão não seja simplesmente mais teoria e da possibilidade de ter um acompanhamento prático e supervisionado das atividades que serão executadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho mostra que a UFRGS tem uma prática de extensão universitária importante e conta com uma política de extensão que busca a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Entretanto, na prática, a extensão ainda permanece distante do ensino e da pesquisa. Com a implementação da curricularização definida pela do Plano Nacional de Educação (PNE) – 2014-2024, a Universidade, assim como todas do país, teve que se organizar para estabelecer normas e diretrizes para o cumprimento da meta. Assim, foi elaborada uma Resolução que ainda aguarda aprovação, mas que de forma geral acabou sendo condicionada principalmente pela premência de adaptação à norma, mais do que a um aprofundamento do papel da extensão na universidade. Houve um processo de discussão nas instâncias da universidade e, apesar do atraso, condicionado principalmente pela pandemia e por mudanças na reitoria, está conseguindo-se avançar no cumprimento do que estipula a Meta do PNE. Entretanto, a nossa pesquisa mostra que há um déficit de debate sobre o assunto na comunidade universitária. Aguar-

da-se a resolução para ver como ela será aplicada, mas o aprofundamento sobre a mesma é limitado.

Isto traz uma questão fundamental sobre o sentido da curricularização, que não é de uma mudança formal e sim de fundo e que demanda um movimento da universidade para, como diz Gadotti (2017, p.11), aproximar-se “dos grandes desafios da sociedade, particularmente os desafios da Educação Básica, do desenvolvimento nacional, dos movimentos sociais, das esferas públicas”. Isto demanda um ativo envolvimento da comunidade acadêmica, pois impõe muitas transformações na construção do currículo, sem o qual pode provocar complicações tanto operacionais quanto administrativas na implementação da curricularização.

No que tange ao curso de APS da UFRGS, este trabalho mostrou, em primeiro lugar, os limites da extensão na sua concepção e desenho geral. De fato, ao verificar o currículo do curso, foi possível identificar que as atividades de extensão constam somente como atividades complementares e que elas não estão inseridas no currículo. Aqui, verifica-se uma falha na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: atividades extensionistas são trazidas ao currículo de forma complementar e não obrigatória. É tratada, pelo próprio currículo do curso como um complemento para a sua formação e não parte integrante dele.

Em relação aos docentes, seu perfil deixa clara uma tendência a priorizar a pesquisa e uma experiência restrita na área extensionista. Quanto à percepção dos professores sobre a extensão universitária, percebe-se que o conceito teórico dela é entendido, mas a maioria deles tem uma prática de extensão bastante restrita. De fato, a maioria dos professores do curso de APS realizam atividades de extensão, mas poucos desenvolvem programas e projetos continuados, concentrando-se em atividades pontuais como cursos, capacitações e mentorias. Estas atividades até podem ser consideradas de extensão, no entanto, elas são apenas uma parte dela, considerando que a extensão é o próprio ensino e pesquisa e que ela prioriza as carências da maioria da população, em uma forma do “movimento ação – reflexão – ação, em que a concepção de ensino se constitui

na elaboração, ela mesma, do conhecimento pelos alunos, resultante do confronto da realidade concreta e a pesquisa da sistematização dessa prática” (TAVARES, 1997, p. 35). O cenário de extensão no curso de APS ainda se torna mais fraco ao ser constatado que o número de alunos do curso que participam das atividades extensionistas propostas pelos professores é baixo.

Entre os motivos que podem explicar esta conjuntura estão o fato de a pesquisa ser mais valorizada no meio acadêmico do que a extensão e o fato das atividades extensionistas exigirem uma dedicação e um trabalho maior dos docentes que já se veem muito atarefados com as demandas do cargo. Por outro lado, os professores consideram importante a curricularização da extensão e, ao mesmo tempo, se confrontam com os diversos desafios que esta política trará, visto que a inserção de créditos de extensão deverá ser feita a partir de programas e projetos extensionistas e “orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social” (BRASIL, 2018). E não menos importante, os projetos e programas precisam seguir as diretrizes básicas da extensão.

Quanto aos discentes, nossa pesquisa mostra, por um lado, os limites decorrentes do pouco tempo disponível dos alunos do curso para a realização das ações de extensão, mas, por outro lado, chama a atenção o interesse e a disponibilidade de participar. Apesar dos resultados limitados pelo baixo número de respostas à pesquisa e pelas dificuldades de obter os dados sobre o perfil, ainda assim, foi possível perceber que a extensão é pouco conhecida e não faz parte da formação dos alunos. Partindo disso, consideramos que a disciplina de “Atividade Integradora – II” é de extrema importância ao currículo do curso de APS, pois ela pode trazer uma mudança na visão dos alunos sobre a extensão.

Neste trabalho também foi possível verificar que os alunos consideram que a inserção da extensão ao currículo trará benefícios ao curso. Porém, isso também traz preocupações no que tange ao tempo, à disponibilidade e ao empenho para realizá-las. Os discentes também percebem que faltam atividades práticas

em seu currículo. Nesse sentido, cabe destacar o que foi descrito por Oliveira et al (2019, p. 59) de que “a extensão apresenta um papel chave, por ser um espaço de prática, de contato com diferentes pessoas e realidades, de protagonismo e demanda de resposta dos estudantes”.

A curricularização da extensão universitária vem como uma oportunidade de o curso preencher essa lacuna de atividades práticas. Isso exigirá esforços de toda a comunidade acadêmica, em todas as esferas. Se trata da implementação não só da integração da extensão ao currículo do curso, mas de uma forma dinâmica da graduação, em que a indissociabili-

dade será praticada de fato, agregando novas práticas e conhecimentos, e formando egressos com uma proximidade maior ao seu campo de atuação.

Diante do exposto, consideramos que este trabalho atingiu o objetivo proposto ao confirmar que apesar do fato de um curso noturno trazer dificuldades no processo de implementação da extensão no currículo do curso de APS da UFRGS – pois a maioria dos alunos trabalha em turno integral e dispõe de pouco tempo para se dedicar à extensão – existem, também, outros elementos significativos relacionados com a percepção e valorização da extensão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 18 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 7**, de 18 de dezembro de 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 23 set. 2020.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/prorext-siteantigo/arquivos-diversos/PNE_07.11.2012.pdf/view>. Acesso em 17 set. 2020.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf> Acesso em: 13 out. 2020.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Indissociabilidade entre ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. **Revista Perspectiva**. v.33, n.3, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, Beatrice C. et al. Projeto de extensão na Administração Pública: aprendizados e competências em potencial. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANEPCP, 3., 2019, Natal. Anais eletrônicos [...] Natal, RN: ANEPCP, 2019. p. 3155. Disponível em: <<http://www.anepcp.org.br/anaisenepcp>>. Acesso em: 23 out. 2020.

PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 5-23-23, 2013.

PEREIRA, Noemi Ferreira Felisberto; VITORINI, Rosilene Alves da Silva. Curricularização da extensão: desafio da educação superior. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**. v.7, n.1, p. 01-591, 2019.

RIBEIRO, M. R. F.; MENDES, F. F. de F.; SILVA, E. A. Curricularização da extensão em prol de uma universidade socialmente referenciada. **Revista Conexão**, v. 14, n.3, 2018.

TAVARES, Maria das Graças Medeiros. **Extensão Universitária: Novo Paradigma de Universidade?** Maceió: EDUFAL, 1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Conselho Universitário - CONSUN. **Decisão nº 266/2012**, de 20 de julho de 2012. Aprovação da Política de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/extensao/documentos-da-extensao/politica-de-extensao-da-universidade-federal-do-rio-grande-do-sul/view>>. Acesso em 08 fev. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Escola de Administração. **COMEX – Comissão de Extensão**. Porto Alegre: UFRGS, 2021. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/escoladeadministracao/extensao/comex/>>. Acesso em 03 mai. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Projeto Pedagógico Curso de Graduação em Administração Pública e Social**. Porto Alegre: UFRGS, 2017. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/escoladeadministracao/wp-content/uploads/2018/03/PPC-Administra%C3%A7%C3%A3o-P%C3%ABblica-e-Social.pdf>>. Acesso em 23 mar. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Relatório de autoavaliação institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 15º Ciclo: 2019 / Comissão Própria de Avaliação; Secretaria de Avaliação Institucional**. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cpa/RAAI2019Volume1finalsite.pdf>>. Acesso em 25 mar.

OS SENTIDOS DAS PRÁTICAS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM UM CURSO DO CAMPO DE PÚBLICAS: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

THE MEANINGS OF UNIVERSITY EXTENSION PRACTICES IN A COURSE OF THE PUBLIC FIELD: A NECESSARY REFLECTION

Matheus Arcelo Fernandes Silva

Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho – Fundação João Pinheiro (EG/FJP).
E-mail: matheus.silva@fjp.mg.gov.br

Beatrice Correa de Oliveira

Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho – Fundação João Pinheiro (EG/FJP).
E-mail: beatrice.oliveira@fjp.mg.gov.br

Carla Bronzo

Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho – Fundação João Pinheiro (EG/FJP).
E-mail: carla.bronzo@fjp.mg.gov.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo geral refletir sobre os impactos da estruturação dos projetos de extensão na EG/FJP no processo formativo da graduação em Administração Pública. Para alcançar este objetivo, foi realizado um grupo focal com alunos e alunas CSAP, que se soma à observação cotidiana das ações desenvolvidas no âmbito da EG/FJP e sua recepção pelos estudantes. Marcam essas discussões as concepções de extensão adotadas, a forma como o conhecimento é construído no campo da Administração Pública bem como a dicotomia estruturante do debate sobre a extensão universitária, aquele que dissocia teoria e prática, inserindo a extensão no lugar da prática, complementar ao conhecimento adquirido na sala de aula. Verificou-se que de acordo com a natureza das atividades dos projetos e o público com o qual se interage há visões distintas sobre os aprendizados e contribuições das atividades de extensão no processo formativo. De certa forma, as ações que possuem uma contribuição mais instrumental no sentido da percepção direta de sua aplicação, são mais valorizadas, suscitando também o debate acerca da estrutura que hoje se apresenta nas Instituições de Ensino Superior, da prática das extensões servindo de base para o que é ensinado em sala de aula. Observou-se ainda que os projetos de extensão não apenas são marcados pelas trajetórias daqueles que os compõem, mas marcam suas histórias de vida acumulando aprendizados advindos da vivência e da observação. Essas são algumas das necessárias reflexões que serão desenvolvidas ao longo deste trabalho.

Palavras-chave: Extensão universitária. Administração Pública. Campo de públicas.

ABSTRACT

The general objective of this article is to reflect on the impacts of the structuring of extension projects at EG/FJP in the formative process of the undergraduate program in Public Administration. To achieve this goal, a focus group was conducted with CSAP students, which is added to the daily observation of the actions developed within the EG/FJP and their reception by students. Marking

these discussions are the conceptions of extension adopted, the way knowledge is built in the field of Public Administration as well as the dichotomy structuring the debate on university extension, the one that dissociates theory and practice, inserting extension in the place of practice, complementary to the knowledge acquired in the classroom. It was found that according to the nature of the activities of the projects and the public with which they interact there are different views on the learning and contributions of extension activities in the formative process. In a way, the actions that have a more instrumental contribution in the sense of the direct perception of their application are more valued, also raising the debate about the structure that currently exists in Higher Education Institutions, of the practice of extensions serving as a basis for what is taught in the classroom. It was also observed that extension projects are not only marked by the trajectories of those who are part of them, but also mark their life stories, accumulating learning from experience and observation. These are some of the necessary reflections that will be developed throughout this work.

Keywords: University extension. Public administration. Public field.

INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos este artigo, gostaríamos de destacar que sua escrita nasce de muitas inquietações e reflexões acerca da prática extensionista no Curso de Administração Pública (CSAP) da Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho da Fundação João Pinheiro (EG/FJP) e que, ao final, surgem ainda mais questões que são levantadas por meio das reflexões realizadas. Além disso, seus autores são participantes do processo de estruturação das ações de extensão na instituição, enquanto servidores públicos atuando na Fundação João Pinheiro.

Entre as reflexões que estruturam este trabalho, nos perguntamos: qual o papel das ações de extensão na formação dos alunos de um curso superior? Considerando que a extensão, juntamente com o ensino e pesquisa, se constitui como um eixo básico da formação discente, como esta se situa no campo de públicas, um campo de conhecimento e ação de formação recente no país? Neste sentido, o Curso de Administração Pública (CSAP) da Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho da Fundação João Pinheiro (EG/FJP) foi um dos primeiros cursos no campo de públicas e uma experiência única no país, uma vez que a conclusão do mesmo implica a inserção dos egressos na carreira do Poder Executivo mineiro, como especialistas de políticas públicas e gestão governamental. Que habilidades e competências a formação pode e deve propiciar aos egressos? Como a extensão acadêmi-

ca contribui para isso?

Considerando estes questionamentos, o presente artigo tem como objetivo geral refletir sobre os impactos da estruturação dos projetos de extensão na EG/FJP no processo formativo de estudantes do Curso de Administração Pública (CSAP). Para alcançar este objetivo, foi realizado um grupo focal com alunos e alunas CSAP, que se soma à observação cotidiana das ações desenvolvidas no âmbito da EG/FJP e sua recepção pelos estudantes.

Ao tratarmos das experiências de extensão realizadas na Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho da Fundação João Pinheiro (EG/FJP) é importante a compreensão do contexto a partir da qual ela é constituída e só é possível compreendê-lo considerando o campo que está se constituindo em relação à formação em Administração Pública, o chamado Campo de Públicas.

Ao pensarmos o Campo de Públicas, segundo definição de Pires et al (2017), não podemos fazê-lo, senão de modo provisório, considerando que é um campo ainda em construção. Contudo, sua constituição aponta para uma diferenciação entre os elementos que marcam a construção do conhecimento na Administração de Empresas (privada) e na

Administração Pública. Neste ponto, conforme destacam Chaves, Ferraz e Biondini (2020), já existe uma primeira confusão em relação ao público e o privado, no que tange os interesses que marcam essas relações, ocultando a for-

ma como são constituídas as relações sociais capitalistas e estabelecendo o Estado como uma abstração frente ao indivíduo. É importante destacar que estas disputas internas são fundamentais e marcam a construção do campo (FARAH, 2016).

A institucionalização do termo Campo de Públicas se deu a partir da homologação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de Administração Pública em 2013 (Resolução n. 1, 2014). Coelho (2019) aponta que entre 1995 e 2006 foi registrado pelo Ministério da Educação (MEC) um aumento de 13 para 96 o número de cursos de Administração Pública, e estima-se que hoje existam cerca de 250 cursos de graduação no Campo de Públicas. Complementando essa visão, Farah (2016, p. 974) destaca que:

O boom de cursos e de produção sobre políticas públicas a partir dos anos 2000 indica a institucionalização de um novo campo — o “campo de públicas”, a partir de um processo ainda em curso de delimitação de um objeto próprio (gestão e política pública), articulação entre ideias e um suporte material, e articulação de atores em torno de uma agenda própria e de um discurso comum.

A partir destes elementos, é possível perceber que o Campo de Públicas se trata da busca por uma formação transversal, que contemple a formulação, avaliação e implementação de políticas públicas. Como definição deste campo, temos que o “Campo de Públicas é uma expressão utilizada (...) para designar, essencialmente, um campo multidisciplinar de ensino, pesquisa e fazeres tecnopolíticos (...) que se volta p ra assuntos, temas, problemas e questões de interesse público, de bem-estar coletivo e de políticas públicas inclusivas (...) na busca do desenvolvimento socioeconômico sustentável, em contexto de aprofundamento da democracia.” (PIRES, SILVA, FONSECA, VENDRAMINI e COELHO, 2014, p. 3).

A respeito da produção do conhecimento em Administração Pública, Chaves, Ferraz e Biondini (2020 p. 12) destacam que sua fragilidade e fragmentação seria um desafio, caracterizado pelas seguintes ocorrências:

a) falta de identidade própria; b) falta de delimitação; c) falta de rigor metodológico; d) vale-tu-

do temático (variedade de temas); e) modismo (pesquisas pautadas na agenda governamental); f) autorreferência (por possuir poucos pesquisadores); g) falta de apoio institucional (pouco investimento em ensino e pesquisa) (SILVA et al., 2013).

Muitos destes elementos são a marca de um Campo ainda em construção, contudo, cabe ressaltar que em muitos casos, existe uma priorização do método em relação ao objeto, perspectiva que limita o avanço em relação à compreensão do real. Compreender e debater sobre a forma como o conhecimento é construído no Campo de Públicas nos leva ao questionamento da forma como o conhecimento se apresenta e se constitui e dentro desta dinâmica se encontra a extensão universitária. A seguir, iremos tratar especificamente do Curso de Administração Pública da EG/FJP e de elementos que marcam o debate acerca da extensão universitária.

O CURSO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DA ESCOLA DE GOVERNO E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 estabeleceu que uma das finalidades do ensino superior é promover a extensão universitária (BRASIL, 1996, art. 43). Enquanto uma atividade acadêmica, a Extensão apresenta como uma de suas características a indissociabilidade com as atividades de Ensino e de Pesquisa, tal como prevê a Constituição da República de 1988. Outro atributo da extensão universitária é a promoção do aprendizado do estudante, por meio da relação com comunidades externas à Instituição de Ensino Superior (IES). Tais aspectos podem ser apreendidos pela definição de Extensão Universitária presente na Política Nacional de Extensão, publicada pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX, em 2012:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p.15).

O Curso de Administração Pública (CSAP) atualmente ministrado pela Escola de Governo da Fundação João Pinheiro foi instituído em 1986. Sua constituição tem por contexto a concepção de busca pela eficiência e eficácia do setor público por meio da profissionalização e qualificação de seus servidores, que atuariam na modernização e inovação dos processos e políticas públicas. Por essa perspectiva da modernização da gestão pública, o curso foi estruturado com uma vinculação a um cargo público, atualmente o cargo de Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental (EPPGG), regulamentado pela Lei Estadual nº 18.974 de 2010 e alterações (OLIVEIRA e RODRIGUES, 2017).

Na busca por formar “profissionais qualificados para atuar em gestão governamental e na formulação, implementação e avaliação de políticas públicas no estado de Minas Gerais” (OLIVEIRA e RODRIGUES, 2017, pg. 170), o curso de Administração Pública apresenta desafios no âmbito da formação de seu aluno e futuro gestor público. Segundo seu Projeto Pedagógico (2019) vigente até o ano de 2020, o curso era organizado em grandes áreas de conhecimento afins à administração pública, a saber: Administração, Direito, Economia, Finanças, Orçamento e Controle; Fundamentos quantitativos; Gestão Pública; Metodologia; e Sociologia e política, além de atividades relacionadas à pesquisa e extensão.

No que diz respeito às atividades de extensão na Escola de Governo, segundo levantamento histórico realizado por Souza (2017), desde 1998 previa-se atividades de extensão, inicialmente desenhadas no modelo de cursos de treinamento e requalificação de servidores, dentro do conceito de “formação continuada”.

Novas propostas de atividades de extensão passam a ser desenvolvidas, marcadas pelo protagonismo dos estudantes na busca por oportunidades de atividades complementares de graduação a partir de meados dos anos 2000. Destaca-se o Laboratório de Políticas Públicas, um dos primeiros programas de extensão que reuniu iniciativas diversas, voltadas oportunizar o contato dos estudantes com a

máquina governamental e os processos da gestão pública. O Laboratório de Políticas Públicas representava, nesse sentido, “um espaço para o desenvolvimento de ações orientadas para a produção de conhecimento teórico e prático sobre o setor público, governamental e não governamental e envolve ações de natureza distintas” segundo documentos administrativos da Gerência de Extensão e Relações Institucionais, datados de 2009.

O processo de construção da Extensão na Escola de Governo ao longo dos anos se deu pela estruturação de diversas atividades e a criação de uma Gerência de Extensão e Relações Institucionais em 2011, mas também marcou processos de reflexão sobre a concepção e as diretrizes de extensão universitária a se adotar. Atualmente a extensão na Escola de Governo está alinhada com a perspectiva de extensão popular, desenvolvida na América Latina. Diferente da Europa, onde a extensão era vista, em suas origens, como uma possibilidade de disseminar conhecimentos técnicos desenvolvidos pelas universidades, ou mesmo da tradição iniciada nos Estados Unidos, a partir da qual a extensão era vista como uma prestação de serviços.

Outra referência de estruturação das atividades de extensão universitária na Escola de Governo se encontram ancoradas na Resolução MEC nº 7, de 18 de dezembro de 2018, que institucionalizou parte das discussões do FORPROEX:

Artigo 5º: Estruturam a concepção e a prática das Diretrizes da Extensão na Educação Superior:

I - a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social;

II - a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular;

III - a produção de mudanças na própria instituição superior e nos demais setores da sociedade, a partir da construção e aplicação de conhecimentos, bem como por outras atividades acadêmicas e sociais;

IV - a articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico.

Segundo o Projeto Pedagógico do CSAP (2019), as atividades de Extensão contribuem para a complementação da formação teórica, sendo o espaço que permite a vivência da complexidade da realidade social brasileira, fomentando a capacidade de reflexão crítica e a formação cidadã, por meio da interação e trocas com a comunidade externa à Escola de Governo da Fundação João Pinheiro. As atividades de extensão e imersão, bem como as atividades complementares de graduação, produzem um conhecimento para além do conhecimento acadêmico, uma vez que o conhecimento gerado é fruto de uma troca de saberes, do confronto entre o mundo das ideias e a realidade da comunidade (pg. 12).

Para tanto, atualmente a extensão na Escola de Governo tem se desenvolvido em três principais eixos de atividade complementar de graduação (ACG): projetos acadêmicos; sociais; e profissionais, além das atividades de imersão. Estes eixos marcam diferentes perspectivas e experiências para os alunos do CSAP e apontam diretrizes para a formulação de novos projetos. Os projetos são categorizados conforme a proposta de aprendizagem e público beneficiado pelas atividades, destacando-se que os projetos podem transitar entre diferentes modalidades considerando a complexidade e multiplicidade que as ações extensionistas podem se apresentar (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2020).

Os projetos identificados como sociais são os que viabilizam a relação entre os estudantes da FJP e outras pessoas da comunidade no entorno da IES, preferencialmente em áreas de vulnerabilidade social. A partir desta relação, busca-se o desenvolvimento de um trabalho social útil, que é constituído em conjunto entre os atores, visando uma construção não alienante, possibilitando que os envolvidos pertençam àquela construção e possam atuar a partir dela. São projetos de extensão social o Curso preparatório para o Exame Nacional de Ensino Médio - Cursinho Educar e o projeto Fica Ativo! Cidadania.

O Cursinho Educar é um curso extensivo ministrado pelos estudantes da Escola de Governo e que oferece aulas e oficinas gratuitas a jovens e adultos provenientes de escolas públicas para prepará-los para a prova do ENEM, na busca por ingressarem no Ensino Superior. Por meio do projeto Fica Ativo! Cidadania os discentes da Escola de Governo realizam Oficinas com alunos da Escola Municipal Dora Tomich Laender, que participam da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A partir destes encontros, são apresentados temas que estimulam a reflexão sobre direitos individuais, sociais e cidadania, em seu sentido mais amplo, relacionando-os à questão social e histórica em que estão inseridos.

A qualificação de um projeto como acadêmico diz respeito às iniciativas que, pela natureza de suas atividades, incentivam a pesquisa e o estudo mais aprofundados de determinados temas e sua disseminação por meio das mais diversas formas de comunicação, promovendo de forma mais direta a articulação entre ensino, pesquisa e extensão. O Observatório das Desigualdades e a Sociedade de Debates são dois exemplos de projetos acadêmicos.

O Observatório das Desigualdades é uma parceria da Fundação João Pinheiro com Conselho Regional de Economia de Minas Gerais (Corecon-MG) e busca contribuir com o debate sobre as diferentes faces da desigualdade social, os mecanismos que as produzem e as formas de enfrentá-la. Por meio deste projeto, alunos e professores da EG-FJP desenvolvem boletins, gráficos, vídeos e notas informativas que destrincham os diversos vieses sobre desigualdades, entregando ao público conteúdos de qualidade e de fácil compreensão. A Sociedade de Debates é uma iniciativa dos alunos do CSAP de trazer para dentro da EG a realização de debates competitivos. Nestes debates é valorizada a expressão argumentativa dos seus participantes e as regras utilizadas são do Instituto Brasileiro de Debates (IBD). O projeto tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento da capacidade de pesquisa, retórica e argumentação como forma de ampliar a reflexão, a troca de informações e o respeito por diferentes posicionamentos.

As experiências de extensão identificadas como projetos profissionais são as que permitem a vivência de desafios profissionais e a aplicação de conhecimentos do Csap para o desenvolvimento de atividades relacionadas à prática profissional de um gestor público. Como exemplo de projetos relacionados às práticas profissionais temos a João Pinheiro Consultoria Júnior organizada no formato de Empresa Júnior para prestar serviços de consultoria em diversas áreas da administração com foco em organizações públicas tendo o suporte/orientação de um docente da EG-FJP. A participação em projeto de Empresa Júnior permite que os alunos membros tenham, durante a graduação, experiências nas áreas de políticas públicas, gestão e estratégia, planejamento e orçamento e outras, ao prestar serviços a administração pública municipal, estadual, autarquias e Organização não Governamentais (ONG).

Por sua vez, as atividades de imersão são as que oportunizam aos estudantes a vivência de experiências de observação e trabalho em localidades diversas, com a finalidade de

incentivar a capacidade de reflexão crítica sobre a experiência obtida durante o período de observação e atuação nas regiões visitadas. Pretende-se ainda favorecer o conhecimento prático de técnicas de gestão adotadas em regiões e contextos variados, a troca de experiências entre os envolvidos, possibilitar atitudes colaborativas por parte dos alunos do curso e ainda método de trabalho colaborativo e fomentar a adaptabilidade a diferentes culturas organizacionais. Como projeto de imersão realizado pela EG-FJP destaca-se o Programa de Internato em Administração e Gestão Municipal. O Prinagem tem por objetivo de que estudantes trabalhem junto a municípios do estado de Minas Gerais, a fim de desenvolverem atividades de assessoria técnica balizadas por um plano de ação construído com a orientação de um docente e demandas previamente repassadas e validadas pelas prefeituras.

O Quadro 1 a seguir apresenta uma síntese das categorias de atividades de extensão, alguns dos projetos e as principais atividades desenvolvidas.

Quadro 1 - Projetos realizados no segundo semestre de 2019

Nome do Projeto	Eixo ACG	Principais Atividades Desenvolvidas
Fica Ativo! Cidadania	Social	Oficinas sobre temas relacionados à cidadania, inclusão, desigualdades, participação social e direitos.
Cursinho Educar	Social	Aulas e monitorias e simulados de disciplinas de Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias.. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias.
Observatório das Desigualdades	Acadêmico	Produção de boletins, gráficos, vídeos, podcasts e notas informativas que analisam diversos aspectos relacionados às Desigualdades.
Sociedade de Debates	Acadêmico	Pesquisa e treino da capacidade de argumentação e retórica para a realização de Debates competitivos.
Consultoria Jr (JPjr)	Profissional	Serviço de consultoria nas áreas de políticas públicas, gestão e estratégia, planejamento e orçamento e outras junto à administração pública municipal, estadual, autarquias e Organização não Governamentais (ONG).
Programa de Internato em Administração e Gestão Municipal (Prinagem)	Imersão	Assessoria técnica aos municípios mineiros, nas áreas de estudo e proposição de melhorias de serviços; oficinas para servidores, secretários municipais, conselheiros de políticas públicas; Apoio à elaboração de leis orçamentárias e planos municipais; diagnóstico, mapeamento e proposição de melhorias de processos – licitação e compras, convênios e gestão de estoques; diagnóstico da Gestão Municipal.

Fonte: Gerência de Extensão e Relações Institucionais (GERI/FJP)

Por meio desta construção, destaca-se o papel da extensão em seu aspecto formativo e pedagógico aos estudantes e a toda a Universidade; e a interação dialógica da Instituição de Ensino Superior com outras instâncias da sociedade, em que a prática da extensão não se resume apenas a um retorno dos conhecimentos à sociedade, mas se trata de uma construção conjunta. Reforça-se a importância das trocas de saberes realizadas neste processo da extensão, buscando romper com o equívoco gnosiológico muitas vezes atribuído à prática da extensão universitária, que alinhada a perspectivas epistêmicas funcionalistas, consideram os sujeitos como objetos, sem compreender que “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer” (FREIRE, 2015, p. 16)

Ao atribuir à extensão acadêmica a função de repassar os saberes construídos pela academia, perde-se uma grande potencialidade de se realizar um processo que seja de fato educativo, tanto para os alunos e professores, quanto para o público dos projetos, uma vez que é importante que “na situação educativa, educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer” (FREIRE, 2015).

Essa perspectiva é fundamental também para se desenvolver uma extensão que de fato esteja alinhada com a produção do conhecimento. Nas diversas perspectivas desenvolvidas em relação à extensão universitária, um elemento que chama atenção, segundo Melo (2014) é o domínio da prática partindo da universidade. Não havendo também, uma grande preocupação com a construção do conhecimento. Não havendo, em verdade, a possibilidade da criação de novos conhecimentos, uma vez que mesmo quando adotada a perspectiva da mão dupla, as trocas acontecem a partir da perspectiva imposta pela Instituição de Ensino Superior, com base em um conhecimento já estabelecido.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para buscar o alcance dos objetivos deste trabalho, optou-se por realizar uma pesquisa de

caráter qualitativo. Gibbs (2009) aponta que a definição para esse tipo de pesquisa não é algo simples, mas que possuem como ponto em comum o fato de permitirem explorar de forma mais profunda experiências individuais ou de grupos. Para captar essas experiências relacionadas às vivências de alunos e alunas de projetos de extensão da EG/FJP, foi estruturado um grupo focal, que contou com alunos e alunas, que se encontravam em diferentes momentos do curso de graduação.

Participaram do grupo focal 12 alunos e alunas, sendo 2 estudantes do primeiro período, 2 estudantes cursando o terceiro período, 3 estudantes cursando o quinto período, 2 estudantes cursando o sétimo período, 2 estudantes cursando o oitavo período e uma estudante recém formada. Importante ressaltar que não serão expressos os nomes dos alunos e alunas ao longo deste trabalho e que o grupo focal foi realizado por meio de videoconferência, devido à impossibilidade do encontro presencial entre os envolvidos durante o contexto da pandemia gerada pela Covid-19. Deste momento, foram selecionados três relatos que contemplavam a experiência de duas alunas e um aluno durante a Graduação em Administração Pública.

A partir dos dados coletados, foi escolhida a análise de discurso da vertente francesa. Trata-se de uma análise que considera também aspectos sociais de produção do discurso, sendo a palavra, conforme aponta Bakhtin (2006, p. 99), o “produto da interação entre o locutor e o ouvinte”. Também considero que o discurso não é de forma alguma neutro, sendo necessário ir além da simples categorização dos dados, identificando e analisando os discursos enunciados explicitamente, implicitamente ou mesmo silenciados (FIORIN, 2003).

A teoria apresentada por Bakhtin (2006) é uma das influências dessa vertente de análise de discurso e considera seu sentido dialético, uma vez que não existe um enunciado isolado. Fiorin (2003, p. 77) destaca que “as determinações últimas do texto estão nas relações de produção”. Tendo em vista esse sentido dialógico, o enunciado é elaborado em função do ouvinte, sendo o discurso uma prática social (SOUZA; CARRIERI, 2014). A análise de discurs-

so da linha francesa não considera, portanto, o discurso de forma isolada, pois se torna um elemento da realidade social, construindo e sendo construído de forma dialética.

Seguindo esta linha escolhida para a operacionalização desta análise, destacamos os procedimentos propostos pelo Professor Doutor Antônio Augusto Moreira de Faria, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e sistematizados por Saraiva (2009, p. 90-91), que podem ser utilizados em conjunto ou separadamente, de acordo com o que for enunciado.

Também consideramos importante destacar o alinhamento epistemológico a partir do qual foi construído este estudo. A despeito dos limites das categorias apresentadas por Burrell e Morgan (1979), em relação os paradigmas apresentado no campo dos estudos organizacionais, podendo ser limitadora aos estudos e às possibilidades de diálogo entre os paradigmas, fundamental para o avanço do conhecimento, acreditamos que este trabalho tem um caráter interpretativista, ao ponto em que se preocupa com o processo de construção dos significados (BISPO, 2010). Complementando essa definição, Vergara e Caldas (2005, p. 67) destacam que:

Para os funcionalistas, as organizações são objetos tangíveis, concretos e objetivos. Para os interpretacionistas, as organizações são processos que surgem das ações intencionais das pessoas, individualmente ou em harmonia com outras. Elas interagem entre si na tentativa de interpretar e dar sentido ao seu mundo. A realidade social é, então, uma rede de representações complexas e subjetivas

Para Burrell e Morgan (1979), o interpretativismo não era uma corrente única, representando diversas possibilidades, com o elemento comum de “tentar compreender e explicar o mundo social a partir do ponto de vista das pessoas envolvidas nos processos sociais” (VERGARA; CALDA, 2005, p. 68). É neste ponto que este trabalho converge com essa perspectiva, porém, se afasta na medida em que Burrell e Morgan (1979) apontam para uma dicotomia entre subjetivo e objetivo, uma questão que se torna superada ao pensar o processo

dialético. Nesse sentido, também nos afastamos da definição, quando se pensa a realidade social apenas como uma rede de representações complexas e subjetivas, uma vez que admitimos a existência de estruturas sociais concretas, como o racismo, o patriarcado, ou mesmo instituições, que são mediadas pelos indivíduos, modificando-os e sendo modificada.

“DOIS UNIVERSOS DA PRÁTICA”: OS CAMINHOS DA EXTENSÃO EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

A EG/FJP, como o próprio nome indica, é ao mesmo tempo uma Escola e uma instituição de Governo, o que confere, por um lado, autonomia acadêmica, mas que exige, por outro, uma adesão muito menos neutra com o governo ou a administração pública. Sob essa dubiedade o equilíbrio tem que ser buscado, entre um campo de autonomia pedagógica e a esfera dos compromissos de gestão que são assumidos junto ao governo estadual. As ações de extensão trazem essa marca de nascença, e se justificam também por essa razão: as atividades de extensão se alinham aos objetivos de ampliar e aprofundar a formação dos alunos e ao mesmo tempo desenvolver ações concretas, de prestação de serviços e desenvolvimento de produtos no campo da gestão e administração pública.

As ações de extensão da EG/FJP ao longo de sua trajetória, são entendidas a partir de uma lógica particular que se desenvolveu na América Latina, com a ideia da construção de uma extensão popular. Diferente da Europa, onde a extensão era vista, em suas origens, como uma possibilidade de disseminar conhecimentos técnicos desenvolvidos pelas universidades, ou mesmo da tradição iniciada nos Estados Unidos, a partir da qual a extensão era vista como uma prestação de serviços (MELO, 2014).

As ações de extensão estão organizadas em três eixos: social, profissional e acadêmico. Na categoria social estão alocados projetos que contemplam ações diversas, tais como ações desenvolvidas junto a jovens de escolas públicas em territórios vulneráveis da cidade, cursi-

nho pré-vestibular para jovens de baixa renda, dentre outras. Os outros dois eixos -acadêmico e profissional- agregam ações mais orientadas para experiência de pesquisa, como observatórios de políticas públicas e rodas de debates; e ações voltadas para experiência via estágios, basicamente, no âmbito profissional.

Um ponto evidente na estruturação da extensão refere-se à percepção sobre os projetos “sociais” e “profissionais”. Ressaltando a forma como são construídos os projetos de extensão na EG/FJP, destaca-se o fragmento discursivo(1), que a partir da seleção lexical “dois universos da prática”, explicita uma oposição. Há um apelo para que o conhecimento produzido a partir das atividades de extensão seja explicitamente um “conhecimento prático”, que possa ser objetivamente aplicado para a atuação dos alunos e alunas enquanto servidores públicos, explicitando uma imputação gnosiológica sobre a realidade, marcada por uma prioridade do método sobre o objeto (CHAVES; FERRAZ; BIONDINI, 2020). Isto pode levar a um conhecimento instrumental, que impossibilita o desenvolvimento do espaço da extensão como um espaço que de fato possa se constituir a partir da construção do conhecimento, passando a ser apenas um reproduzidor de saberes concebidos anteriormente (MELO, 2014).

(1) eu acho legal que a gente tem mais ou menos dois universos assim da prática, então tem uma prática que não é muito parecido com que eu acho que a gente vai vir a fazer no Estado como servidores mas é super importante e tem outra que é mais parecido, então é uma aplicação mais direta (ALUNA 1)

Por meio desta perspectiva apresentada no fragmento discursivo(1), percebe-se que a formação no CSAP, com a extensão enquanto o lugar da prática neste processo, é marcado por diferentes universos de prática, mediados pela expectativa de atuação que as alunas e alunos terão ao se formarem como servidores públicos. Esta perspectiva pode ser observada ao lermos o fragmento discursivo(2), a partir do qual a Aluna 1 expressa a forma como essas expectativas profissionais se traduzem ao longo de sua formação, definindo o percurso adotado em relação aos projetos de extensão, com a realização de projetos sociais nos pri-

meiros períodos da graduação, marcado pela seleção lexical “fazer essas experiências no começo do curso”(2).

(2) Essa que é um pouco mais distante, na minha experiência, foi com os projetos sociais, foi com especificamente o Repensar. E aí a gente não vai trabalhar com educação não formal de jovem no estado atuando, mas para mim foi uma experiência ótima. Eu acho que para todo mundo é assim e, principalmente, porque eu acho que a gente se organizou de forma a fazer essas experiências no começo do curso. (...) Você não sabe ainda bem o que vem pela frente no curso você ainda não pegou as disciplinas mais práticas você tá naquela disciplinas mais introdutórias mais reflexivas e eu acho que encaixa direitinho com esse tipo de reflexão para depois aí fazer as experiências que são mais próximas aquele gente vai vir trabalhar (ALUNA 1).

A partir deste percurso adotado em relação aos projetos sociais, é interessante notar que existe um implícito subentendido em relação à valorização dos saberes ligados à aspectos instrumentais da Administração Pública, ao trazer a expressão: “disciplinas mais objetivas, mais duras assim mais técnicas”(3), em contraposição às “disciplinas mais introdutórias, mais reflexivas”(2). Contudo, é marcada a importância dos projetos sociais, retratada como “uma experiência ótima”.

Essa experiência também é retratada no texto(3). Neste fragmento discursivo, chama atenção o percurso semântico apresentado, construído a partir da realidade vivenciada pelo Aluno 2, que o aproxima da experiência do projeto “Fica Ativo! Cidadania”, que ele participou. Existe neste trecho, um implícito pressuposto de que, diferente de outros alunos e alunas da FJP, o projeto não representou o reconhecimento de uma nova realidade, mas a possibilidade de realizar trocas a partir do que ele havia acumulado em sua história de vida, não se tratando apenas do acúmulo do saber acadêmico.

(3) Eu cheguei aqui em Minas já conhecendo muita realidade pobre, então quando eu fui para o Cidadania, meio que eu tive essa conexão (...) porque eu já conhecia muito a realidade das pessoas que faziam EJA e tudo mais. Só que poder tá lá na frente trazendo um pouquinho da minha experiência para essas pessoas é, não papel de ser professor nem nada porque

eu não sei se eu sou muito bom para fazer isso, mas eu tentei mais passar minha experiência trazer um pouco de cidadania que eu sabia eu acho que isso como você receber e no rosto das pessoas inclusive até chorei no Cidadania, porque foi muito emocionante mesmo (ALUNO 2).

Em relação à aproximação e à emoção vivenciada pelo Aluno 2, apresentada por meio da seleção lexical “inclusive até chorei”, vale apontar que 67% dos estudantes que ingressam no curso de Administração Pública da FJP concluíram o ensino médio em escolas particulares, havendo uma tendência de crescimento desse percentual ao longo dos anos. Os dados apontados por Amorim (2019), nos permitem concluir que o corpo discente da EG/FJP é predominantemente oriundo de camadas mais elitizadas da população, como pode ser observado no Gráfico 1.

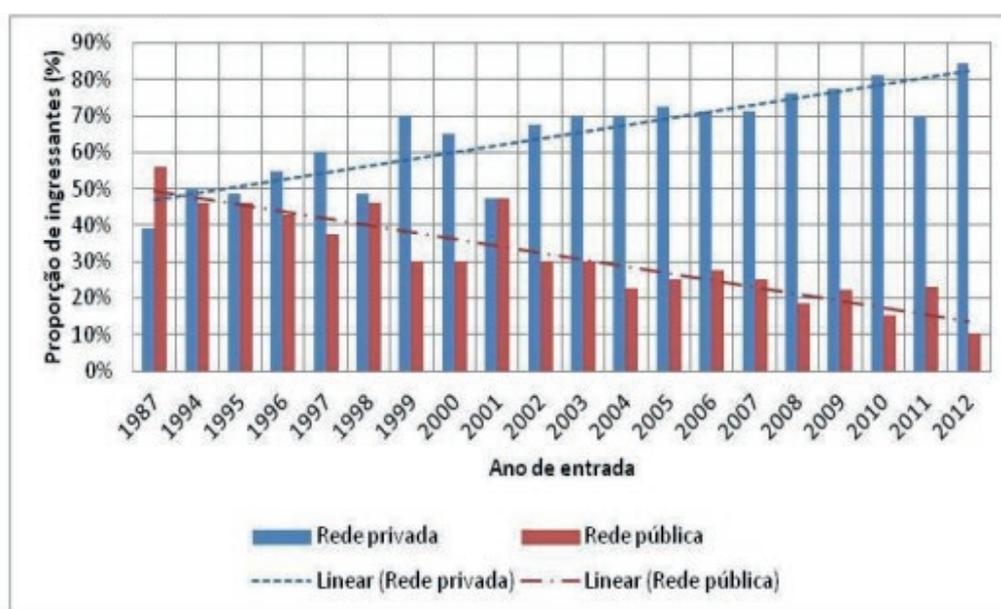
Com isso, existe um contexto muito importante para a construção de uma imagem relacionada aos projetos sociais como a possibilidade de conhecer uma outra realidade, distante, que só será possível a partir desta experiência. Entretanto, o Aluno 2 demonstrou não ser esse o fato mais marcante na sua vivência com

esse projeto. Por outro lado, a Aluna 3, a partir do texto (4), demonstrou que a realização dos projetos de extensão foi muito agregadora em sua trajetória de vida, sendo relevante destacar a seleção lexical “quando a gente chegar no profissional não ficar fácil você cancelar uma política ou cancelar uma ação”, em relação à vivência que teve ao se relacionar com a execução do projeto “Fica Ativo! Repensar”.

Ainda sobre as reflexões realizadas acerca do reconhecimento de novas realidades, retomamos aqui uma reflexão feita por Costa (2014 p. 52), que também se relacionava à uma experiência de extensão da Escola de Governo:

A seletividade social, ainda fortemente vigente no acesso ao ensino superior, além de expressar e reproduzir a desigualdade de oportunidades, tende a gerar um tipo de empobrecimento da experiência de formação dos estudantes. Isto porque tendemos a selecionar estudantes majoritariamente urbanos (ou metropolitanos), brancos, dos setores médios da sociedade. Devido a este recorte social e aos padrões brasileiros de segregação urbana, social e de padrões de lazer e consumo, a tendência é que a maioria destes estudantes tragam, como contrapeso a uma sólida formação acadêmica e grande disposição e generosidade típicas da

Gráfico 1 : Distribuição dos estudantes do Curso de Administração Pública (Csap), segundo o tipo de instituição de ensino em que concluíram o ensino médio (1987 e 1994-2012)



Fonte: Amorim (2019)

juventude, uma bagagem relativamente limitada de vivências, de espaços de sociabilidade e de interações horizontais e não hierárquicas com públicos e contextos diversos do próprio status.

Por meio desta reflexão é possível compreendermos que os projetos não apenas são marcados pelas trajetórias daqueles que os compõem, mas marcam suas histórias de vida, sendo possível apreender o implícito pressuposto da aplicação prática dessas experiências no processo de construção de política pública, bem como, da importância das experiências extensionistas propiciadas pelos projetos sociais na complementação da formação dos estudantes. Contudo, as ações que possuem uma contribuição mais instrumental, no sentido da percepção direta de sua aplicação, são mais valorizadas, como pode ser percebido na seleção lexical “acrescentavam mais na parte profissional” (4).

(4) eu também tive uma experiência parecida nesse sentido de fazer os projetos sociais no começo do curso e depois ir para as atividades que tinham mais a ver com ACG, assim, que acrescentavam mais na parte profissional estrito senso (...). acho que a minha melhor experiência extra foi o Repensar (...) foi uma experiência muito rica porque trocar com os meninos e ver essas pessoas que são meio que os resultados das políticas que a gente vai fazer na parte meio é muito importante eu acho inclusive e quando a gente chegar no profissional não ficar fácil você cancelar uma política ou cancelar uma ação, porque você vê alguém ali passando por aquilo (ALUNA 3).

Tratando dos projetos de extensão que possuem essa característica de uma aplicação mais direta, em relação aos saberes instrumentais, o Programa de Internato em Administração e Gestão Municipal (Prinagem) é um projeto desenvolvido em parceria com prefeituras de municípios do Estado de Minas Gerais, sendo que os estudantes ficam imersos no município por um mês, atuando junto ao governo municipal, esta experiência é destacada pela Aluna 1, no texto (5), que faz também a comparação com a atuação em uma experiência de estágio.

(5) Ir para o Prinagem, a gente tá um mês em uma prefeitura ou fazer estágio também, então, bom, e isso já associado com disciplinas mais objetivas, mais duras assim mais técnicas,

que vem mais para frente do curso então a minha experiência foi mais ou menos nesse sentido eu fiz as ACGs sociais antes de começar a fazer as experiências mais profissionais e para mim fez bastante sentido assim (ALUNA 1).

De forma complementar ao apresentado pela Aluna 1, o Aluno 2 apresenta no texto (6) que o Prinagem foi uma das melhores experiências que ele viveu, mas destaca que foi possível observar elementos que iam além de questões práticas aprendidas em sala de aula. Destaca-se o fragmento discursivo: “existem atividades que só na prática você sabe”. O percurso semântico construído neste texto, nos permite perceber que mesmo as atividades que possuem elementos instrumentais são mediadas de formas distintas pelos alunos e alunas, retratando que no real que lhes é apresentado, não são apenas as disciplinas curriculares que se apresentam, mas também diversas outras perspectivas presentes nas histórias de vida de cada indivíduo.

(6)O Prinagem (...) para mim também foi uma das melhores, eu acho que essas experiências práticas de você ir no local é ter uma vivência em relação à administração o que eu acho que impulsiona muito conhecimento em relação não só a questões teóricas que a gente aprende na faculdade, mas eu acho que a gente aprende, existem atividades que só na prática você sabe. (ALUNO 2).

Essas diferentes mediações frente às experiências de extensão nos apontam para elementos levantados por CHAVES, FERRAZ & BIONDINI (2020), ao questionarem a forma como o conhecimento é construído no campo da Administração Pública, existindo uma urgência em relação às atividades práticas, que marcadamente podem ser observadas ao longo da formação dos alunos e alunas que aqui contribuíram com seus relatos, uma vez que, com o avanço do curso, são esses os saberes que ficam mais evidenciados. Contudo, a extensão como espaço de trocas e como esfera “do real”, traz consigo outros desafios e mediações necessárias, ao experienciar as relações humanas presentes, reforçando a desconstrução de uma imagem das organizações muitas vezes tidas como neutras ou alheias aos aspectos culturais e sociais fundamentais, relativos ao contexto no qual a organização está inserida e que permeiam as relações ali estabelecidas

(PRESTES MOTTA et al., 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tratou, de certa forma, de uma dicotomia estruturante do debate sobre a extensão universitária, aquele que dissocia teoria e prática, inserindo a extensão no lugar da prática, complementar ao conhecimento adquirido na sala de aula. Geralmente a extensão é o eixo menos valorizado no tripé da formação discente, sendo o espaço para tudo o que está fora das salas de aula, onde o conhecimento “que conta” é transmitido. Essa visão arcaica, entretanto, não é única ou absoluta e existem correntes epistemológicas já bem consolidadas que valorizam o processo de conhecimento pela prática e pela ação e que relativizam o lugar hierarquicamente superior do conhecimento que se dá pela teoria e não pela ação e pela experiência (Heron, 1996).

Foi possível perceber uma mediação distinta dos alunos e alunas em relação aos projetos. Existe uma percepção de que os projetos sociais são vistos como introdutórios, ao passo que os projetos profissionais possuem um caráter de maior maturidade em relação ao curso. Aqueles, com efeitos mais “subjetivos” e estes, com impactos mais “objetivos” na formação dos discentes. Deste ponto, surgem questões interessantes para futuros estudos, marcando não apenas o debate da valorização de saberes instrumentais, recorrente no Cam-

po de Públicas, mas um debate mais amplo acerca da estrutura que hoje se apresenta nas IES, que envolve outro elemento destacado: a prática das extensões servindo de base para o que é ensinado em sala de aula.

Outro ponto é relativo ao lugar e papel das ações de extensão na formação dos alunos. As diferenças entre os dois universos de práticas se situam somente no contexto no qual as ações são desenvolvidas - comunidades e grupos carentes, por um lado e governos, por outro? Ou existe uma diferença substantiva entre estes dois universos de práticas e as ações de extensão desenvolvidas em cada categoria buscam o desenvolvimento de aspectos, competências e habilidades distintas? Se sim, como a “natureza do objeto” delimita a intencionalidade existente em cada tipo de ação?

Longe de esgotar ou responder a essas questões, o presente artigo constitui o relato de um processo de reflexão institucional sobre o lugar da prática na formação da aluna e do aluno do campo de públicas. Descobriu-se que são diversos os universos da prática, e que esta ocupa sentidos distintos para cada sujeito, de acordo com sua trajetória e vivência; e que pensar a prática é pensar todo o processo de ensino e aprendizagem. No campo de públicas, fica cada vez mais evidente que o lugar da técnica e do conhecimento teórico é fundamental, mas a experiência prática e a vivência, para além dos muros da escola e do Estado, é um importante saber que se soma e aponta elementos fundamentais.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. (2019). **Projeto Percursos: Trajetórias profissionais de egressos do CSAP/EG/FJP**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- BAKHTIN, M. (Voloshinov). (2006) **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: HUCITEC.
- CHAVES, R. H. S., Ferraz, J. M., & Biondini, B. K. F. (2020). O limiar da produção do conhecimento da Administração Pública acerca do Estado. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 7, n. 1, p. 7- 33.
- COSTA, B. L. D. De **“Mad Max” aos “Diários de Motocicleta” . O CLIU e a formação de administradores públicos na Escola de Governo** . In. Conexão local interuniversitária : diálogo de saberes / Ricardo Bresler, Tatiana Lemos Sandim, Fernando Burgos e Veronika Paulics (orgs.). – São Paulo : Programa de Gestão Pública e Cidadania, 2014.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Registros Administrativos da Gerência de Extensão e Relações Institucionais**. Belo Horizonte, [2009].
- HERON, J. (1996). **Cooperative Inquiry: Research into the human condition**. London: Sage
- MELO, J. F. de. (2014) **Extensão popular**. 2.ed. – João Pessoa: Editora da UFPB.
- OLIVEIRA, K. P. de., & Rodrigues, M. I. A. (2017). **Pioneirismo renovação e desafios: experiências do campo de públicas no Brasil** (Cap. 10, pp. 169-187). Florianópolis: UDESC.
- PIRES, V., SILVA, S. de A. M., FONSECA, S. A., VENDRAMINI, P. & COELHO, F. S. (2014) Dossiê – Campo de Públicas no Brasil: definição, movimento constitutivo e desafios atuais. **Revista de Administração Pública e Gestão Social**, v. 6, n. 3, 110-126.
- PRESTES MOTTA, F.C.; ALCADIPANI, R & BRESLER, R.B. (2001). Valorização do estrangeiro como segregação organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, ed. especial, p. 59- 79.
- SARAIVA, L. A. S. (2009) **Mercantilização da cultura e dinâmica simbólica local: a indústria cultural em Itabira, Minas Gerais**. 2009. 333 f. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.



Assinatura do Contrato com a TV Kirimurê **Fonte:** Saberes Cruzados, 2019. Programa Saberes Cruzados: extensão universitária, formação e conhecimentos tradicionais. CAHL/UFRB, 2018.

ARTIGOS

A INSCRIÇÃO DE AUTORES NEGROS PELA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO TEMA EM UMA AÇÃO EXTENSIONISTA

THE SUBSCRIPTION OF BLACK AUTHORS BY AFRO-BRAZILIAN LITERATURE AS A THEME IN AN EXTENSIONIST ACTION

Lidia Noronha Pereira

Doutora em Ciências da Linguagem
UEMG / lidia.pereira@uemg.br

RESUMO

O presente artigo buscou apresentar o propósito e o desenvolvimento de um curso de extensão promovido pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Campanha. Tal curso buscou oferecer espaços de aprendizagens que dessem visibilidade e valorizassem a produção literária do sujeito afro-brasileiro, apresentando um percurso biográfico e literário dos três últimos séculos. Desse modo, a ação extensionista buscou abordar e discutir obras literárias de Machado de Assis (1972), Cruz e Sousa (2008), Lima Barreto (2013), Maria Carolina de Jesus (2019), Ana Maria Gonçalves (2006), Luiz Cláudio de Paulo (2012) e Geovani Martins (2018). Em sua metodologia, o presente artigo contou com o levantamento bibliográfico a partir dos estudos de Lajolo (1995), Bosi (2002), Santos, Rocha e Passaglio (2016) entre outros, e com a exposição teórico-metodológica do curso realizado durante o segundo semestre de 2018. Os resultados, advindos por meio de debates ao longo de seu desenvolvimento e de avaliações em seu encerramento, mostraram que houve alcance e impacto significativo entre o público participante. Este, advindo de diferentes segmentos sociais de Campanha, MG e região, se posicionou de forma comprometida com a valorização da cultura afro-brasileira e pôde se aproximar da expressão literária descentrada de seu lugar de privilégio.

Palavras-chave: Extensão universitária. Literatura Afro-brasileira. Literatura de fronteira. Relato de Experiência.

ABSTRACT

This article sought to present the purpose and development of an extension course promoted by the State University of Minas Gerais (UEMG), Campanha unit. This course sought to offer learning spaces that would give visibility and valorize the literary production of the Afro-Brazilian subject, presenting a biographical and literary path of the last three centuries. This way, the extensionist action sought to approach and to discuss literaries work belonging Machado de Assis (1972), Cruz e Sousa (2008), Lima Barreto (2013), Maria Carolina de Jesus (2019), Ana Maria Gonçalves (2006), Luiz Cláudio de Paulo (2012) and Geovani Martins (2018). In its methodology, the present article counted a bibliographic survey from studies of Lajolo (1995), Bosi (2002), Santos, Rocha e Passaglio (2016) among others, and with the exposition teoric-methodoly of the course realized during the second semester of 2018. The results, coming from debats during its development and avaliations at the end, showed there was alcance and significative impact among the participant

public. This public, coming from different social segments of Campanha, MG and region, positioned itself in a committed way with the valorization of Afro-Brazilian culture and it could approach the decentralized literary expression of its privileged place.

Key-words: University Extension. Afro-Brazilian literature. Frontier literature. Experience report.

INTRODUÇÃO

A luta contra o preconceito racial é, sem dúvida, uma marca do presente século. No entanto, embora a sociedade brasileira esteja iniciando um movimento para a quebra de paradigmas racistas, há ainda muito a ser feito. Nesse passo, para que essa causa seja possível e contínua, um dos pontos fundamentais diz respeito à abertura de espaços sociais legitimados que propiciem o debate de temáticas voltadas para a igualdade racial.

Frente a essa necessidade que se faz urgente, e compreendendo o espaço acadêmico enquanto um lugar de privilégio social, foi idealizado um curso de extensão que buscasse dar visibilidade à produção literária do sujeito negro. Houve o interesse em apresentar, ler e analisar produções literárias de autores(as) negros(as) de ontem e de hoje para que suas produções artísticas pudessem ser legitimadas por uma instituição social de prestígio, como a universidade.

Diante disso, o presente artigo busca apresentar o curso de extensão intitulado “Literatura Afro-brasileira: a inscrição do sujeito negro pela arte” realizado na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Campanha, durante o segundo semestre de 2018. Tal curso teve como proposta criar espaços de aprendizagem, leituras e debates para que os sujeitos envolvidos pudessem compreender as diversas formas de expressão literária produzidas por autores negros que, não raro, são invisibilizados pela sociedade. (PEREIRA, 2020)

De acordo com Santos, Rocha e Passaglio (2016, p. 24), a extensão universitária deve ser compreendida “como uma atividade acadêmica que pressupõe a integração entre a comunidade universitária e a sociedade, sob formas de programas, projetos, cursos, eventos, publicações entre outras.” E, nesse viés, conforme apontam os autores, visando prestar serviços à comunidade, a extensão deve promover o in-

tercâmbio entre universidade e sociedade ao identificar as demandas sociais.

Assim, a proposta do curso versou sobre a produção da Literatura Afro-brasileira, tanto aquela considerada clássica, advinda de academias e inseridas em determinadas estéticas literárias, quanto a produzida à margem, nos guetos, nas periferias, no interior. Nessa perspectiva, buscou-se saber e conhecer quem é o sujeito negro e/ou afrodescendente que escreveu e que escreve literatura no Brasil, qual a sua produção, quais as temáticas, quais os estilos, quais épocas e períodos a que suas produções se inserem e são inseridas. (PEREIRA, 2020)

Influenciada por essas proposições, a professora proponente do referido curso teve grande interesse para que fossem apresentadas obras escritas por sujeitos negros e não sobre tais sujeitos. Sabe-se que, em inúmeras obras, ao longo da literatura nacional, a figura do negro aparece como uma personagem menor, muitas vezes inferiorizada e sem assumir o lugar de protagonista. Diante disso, não interessei à proposta do curso uma literatura escrita por brancos em que o negro aparece de forma subalterna, mas, sim, uma literatura escrita por este que, enquanto escritor, é também protagonista de suas próprias histórias.

Sobre esse ponto, o crítico literário Alfredo Bosi (2002, p. 20-21) aponta que há duas formas de considerar a relação entre os excluídos e a escrita: “A primeira [...] consiste em ver o excluído social ou marginalizado como objeto da escrita. Objeto compreende temas, personagens, situações narrativas”. Já em outra perspectiva, a segunda maneira, conforme aborda o autor, “Em vez de tomar a figura do homem sem letras como objeto, procura-se entender o pólo oposto: o *excluído enquanto sujeito do processo simbólico*”. Frente a essa consideração, e tomando o seu pertencimento ao grupo de excluídos, justamente por fazer parte da minoria do conjunto social pelo pre-

conceito recorrente há séculos, a referida ação extensionista pretendeu dar enfoque ao negro enquanto *sujeito do processo simbólico*. Nesse viés, tal sujeito é o produtor de materialidade discursiva literária e não o objeto sobre o qual a literatura fala.

Partindo dessa perspectiva, a proposta do curso visou apresentar biografias e obras de escritores negros que marcaram a literatura ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. Dentre os autores estudados, estão Machado de Assis (1839-1908), Cruz e Sousa (1861-1898), Lima Barreto (1881-1922), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Luiz Cláudio de Paulo (1964), Ana Maria Gonçalves (1970) e Geovani Martins (1991). Além de abordar parte de suas produções literárias, a ação extensionista buscou promover a interação entre universitários e a comunidade a fim de (re)conhecer, discutir e ressignificar seus olhares sobre a produção literária afro-brasileira.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

No cenário artístico brasileiro atual, sobretudo o literário, ainda no século XXI, encontramos uma representatividade afro-brasileira pouco divulgada. Infelizmente, a produção e a leitura de obras escritas por sujeitos negros, não raro, vêm encontrando barreiras para que possam obter a devida legitimidade junto aos clássicos consagrados e essa questão, como se sabe, se apresenta por pontos bem marcados. (PEREIRA, 2020)

O primeiro remonta ao fato de que, por mais de 300 anos, o negro foi proibido de participar da sociedade enquanto cidadão e, com isso, sua arte literária foi apagada durante esse período e muito se perdeu por grande parte dessa produção artística se constituir, também, de forma oral. O outro ponto que leva a sociedade, de modo geral, a ter um olhar menor para com a literatura produzida por negros é justamente o reflexo de tantos anos de discriminação e marginalização. (MARINGONI, 2011)

Mesmo após a escravidão, o negro chegou tardiamente aos bancos escolares, o que leva

a compreensão de que a sociedade brasileira pouco ou nada incentivou, em seu processo de escolarização, a arte da escrita literária, ou mesmo ofereceu subsídios para alguma produção artística.

Nesse viés, o terceiro motivo para a pouca representatividade do sujeito negro enquanto escritor é o fato de que a prosa e a poesia, ainda que com o advento da liberdade de expressão dos modernistas de 1922, se configuram, até os dias de hoje, em uma expressão artística elitizada, classista, produzida e consumida para e por poucos. (DUARTE, 2010)

Nesse contexto, o negro ficou quase que exclusivamente de fora, tanto das rodas culturais quanto da escrita literária. A esse respeito, Silva (2002, p. 294) aponta que “É certo [...] que a imagem do homem negro-africano aparece de maneira bastante rarefeita na literatura produzida no planalto central. Certíssimo é que tal constatação é válida para a quase totalidade da literatura brasileira”.

Contrapondo esse cenário excludente em que a divulgação e a exaltação da produção literária se dão, é sabido que há resistência e, com ela, a criação literária por grupos de negros e afrodescendentes. No entanto, a produção massiva de tais grupos, não raro, é a partir do gueto, da marginalização, ficando o negro a produzir suas letras e histórias à margem de outros grupos sociais que aparecem para o grande público. Isso, claro, não significa que tal produção seja inferior no quesito expressividade, qualidade, subjetividade, poética, etc. Não, não é. Mas denota apagamento, silenciamento, censura da voz literária de um grupo que é relegado a um (não) lugar de fala, o da exclusão. Sobre isso, Lajolo (1995), há duas décadas, já apontava que, em meio a resistência,

Os textos a que a tradição reserva o nome de literatura, embora nascendo de uma elite e a ela dirigidos, não costumam confinar-se às rodas que detêm o poder. Transbordam daí e, como pedra lançada às águas, seus últimos círculos vão atingir as margens, ou quase. Seus efeitos, a inquietação que provocam, podem repercutir em camadas mais marginalizadas, mais distantes dos círculos oficiais da cultura. É desse cruzamento do mundo simbolizado pela palavra em estado de literatura com a realidade diária dos homens que a literatura assume seu extremo poder transformador. (LAJOLO, 1995, p. 65)

Nesse íterim, é preciso apontar outra questão fundamental a respeito da produção artística produzida à margem e que insiste em se inscrever no social: a cultura de fronteira. De acordo com Bosi (2002, p. 21), a cultura de fronteira “marca a passagem da expressão literária oral para o texto escrito em letra de forma, fazendo com que seus produtores, geralmente cidadãos excluídos socialmente, saíssem do anonimato e assumissem a condição de autores individualizados”.

Sobre isso, Bosi (2002) observa que

[...] exemplo notável, e já plenamente urbano, de cultura de fronteira é o de uma favelada, apenas alfabetizada, que registrou o seu cotidiano em um diário pungente, publicado em 1960 com o título de Quarto de Despejo. Falo de Carolina de Jesus, cuja obra foi traduzida para as principais línguas cultas do mundo, reproduziu-se amplamente e atingiu um milhão de exemplares. (BOSI, 2002, p. 22)

Assim, com base tais apontamentos, e independentemente da origem sociocultural de autores e obras, a ação extensionista buscou propiciar a valorização da produção literária realizada por sujeitos negros e afrodescendentes legitimando a Literatura Afro-brasileira e aproximando-a de seus leitores.

METODOLOGIA

A metodologia empregada no curso de extensão se deu através de aulas expositivas, leituras, análises, debates, apresentações em dupla, discussões de vídeos e apreciação de biografias e obras literárias em prosa e poesia. O referido curso contou com reuniões mensais, cada uma com duração de 4 horas em média, com início em agosto de 2018 e finalização em dezembro do mesmo ano, totalizando 5 reuniões. Por seu caráter mensal, o curso, que dependia de leituras prévias das obras disponibilizadas pela docente, totalizou

em 40 horas: 20 horas presenciais e 20 horas à distância. Os encontros foram realizados no UAITEC¹, em parceria com a UEMG, unidade Campanha, que disponibilizou o uso de uma sala multimídia.

O público participante, com o total de 30 inscritos, foi constituído por alunos da graduação da UEMG², unidade Campanha; alunos do ensino médio das escolas públicas e privadas do município; professores e coordenadores da Educação Básica de Campanha e de cidades vizinhas, como Varginha e Cambuquira (Minas Gerais); escritores e artistas.

No primeiro encontro, como atividade inicial, foram apontadas algumas questões para que os participantes pudessem contribuir com suas percepções a respeito do que é arte e participar de debates com questões como: o que é Arte? Quem confere legitimidade a uma obra de arte? Como podemos compreender a Literatura? De que forma o contexto sócio histórico pode influenciar a produção literária? Qual a relação do sujeito com a Literatura? E, ainda: quem pode produzir a arte literária? Os alunos do curso ficaram instigados a debater, cada um com suas visões e percepções, o que contribuiu para um campo dialético.

O primeiro autor negro do século XIX apresentado foi Machado de Assis, morador da periferia do Rio de Janeiro, lutou contra o preconceito da sua época e venceu inúmeras barreiras para conseguir notoriedade na sociedade. A sua obra lida e analisada foi a crônica “Abolição e Liberdade”, publicada em 1888, em que Machado de Assis fez uma forte crítica a sociedade da época, sobretudo no que diz respeito às questões raciais e sociais.

Em transição para o século XX, o segundo encontro ficou marcado com a obra de Lima Barreto. O autor abordou em suas obras a reforma agrária, o preconceito racial, o regime militar e o cientificismo exagerado da época. O conto analisado nesse encontro, intitulado “O Homem que sabia Javanês” (BARRETO, 2013),

¹A UAITEC é uma rede mineira que oferece cursos gratuitos e qualificação profissional visando promover a inclusão digital e social através de ações voltadas ao incentivo à cultura, tecnologia e empreendedorismo. Enquanto política pública da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, busca estabelecer parcerias entre órgãos públicos, privados e do terceiro setor. Informação disponível em: <https://www.uaitec.mg.gov.br/> Acesso: 15/04/2021.

²Alunos dos cursos de Pedagogia e História da referida instituição.

publicado em 1911, contribuiu para que o grupo compreendesse o período vivido pelo autor, marcado pelas aparências, mentiras e supervalorização da ciência e cultura estrangeira.

Ainda no segundo encontro, foi apresentado o primeiro poeta negro do século XIX, Cruz e Sousa. Filho de escravos alforriados e criado pelo antigo senhor de seus pais, o poeta expressava em suas obras o sofrimento frente a uma sociedade marcada pelo preconceito racial. A leitura de variadas poesias presentes em "Obras Completas" (2008) foi fundamental para que os participantes apreendessem como suas obras estavam relacionadas a sua vivência em uma sociedade racista e as perdas pessoais sofridas pelo autor.

O terceiro encontro foi marcado por Carolina Maria de Jesus: mulher negra e favelada. Sua história marca o século XX e é narrada pela autora que lutava diariamente pela sua sobrevivência e a de seus filhos. Sua obra "Quarto de despejo" (JESUS, 2019), denuncia a desigualdade social, o apagamento das minorias, a violência de gênero, a solidão da mulher negra, e promove a reflexão sobre a condição humana.

O quarto encontro foi dividido em dois momentos. O primeiro contou com o estudo da vida e obra de Geovani Martins: escritor contemporâneo, jovem e carioca. Seu primeiro livro, "O sol na cabeça" (MARTINS, 2018) narra histórias de vida de jovens nascidos e criados nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, suas conquistas e alegrias, as angústias, o enfrentamento com as dificuldades e as violências da urbanização. Para trabalhar essa obra, o grupo se dividiu em duplas para apresentar e discutir os seus contos.

Na segunda parte desse encontro, para compreender um pouco mais sobre o sujeito afro-brasileiro contemporâneo, foi apresentado o lirismo poético de Luiz Cláudio de Paulo. Poeta negro, mineiro, que se utiliza da poesia para expressar seus sentimentos, vivências e reflexões. Seu livro "Poesia Ponte Aérea" (PAULO, 2012) apresenta poesias que refletem a vida na capital e também no interior mineiro, o que contribuiu para que o grupo pudesse encontrar muitos pontos de identificação, já que o curso se dava em uma cidade interiorana do

Estado de Minas Gerais.

O quinto e último encontro visou discutir a vida e a obra da contemporânea Ana Maria Gonçalves, mulher negra que abandonou a vida de publicitária para se dedicar à literatura. Em sua obra "Um defeito de cor" (GONÇALVES, 2006), a autora mostra o processo de escravidão, o sincretismo, as resistências dos quilombos e as marcas que foram deixadas nos sujeitos afro-brasileiros que ainda permeiam na história. Após o debate dessa obra, o encontro se voltou para uma avaliação do curso, bem como para dialogar sobre a necessidade de abrir espaços como esse para que os sujeitos afro-brasileiros possam atravessar a marginalidade, a fronteira social, e alcançar a legitimidade enquanto autores e produtores da arte literária.

RESULTADOS

Após a realização do curso de extensão, foi possível elencar seus impactos e perspectivas, pois, mais do que fazer uma avaliação da proposta extensionista, é preciso refletir sobre seu caráter educativo, dialógico e transformador. De acordo com Santos, Rocha e Passaglio (2016, p. 25), a extensão universitária é uma espécie de mecanismo "que leva o aluno a participar e a buscar ações e soluções para o contexto social e, diante deste contexto, atuar, experimentar, conhecer e conviver de forma cívica e responsável".

E, nessa perspectiva, ao longo de todos os encontros, pôde-se obter resultados que contribuíram para a observância das dimensões educativas nas experiências dos sujeitos participantes. Tais dimensões, que no contexto universitário integram o pilar constituído pelo ensino, pesquisa e extensão, puderam ser observadas a partir da troca dialógica de saberes dada a diversidade dos participantes. Estes puderam apresentar e trocar suas percepções a partir de vivências, pré-concebidos, graus de escolaridade, atuações como profissionais e como aprendizes etc. - o que, sem dúvida, foi determinante para o processo educativo e transformador da prática extensionista.

Nesse ínterim, as discussões e posicionamentos nos debates foram fundamentais para que o grupo, por exemplo, chegasse à compreensão de que a produção literária diz respeito a um contexto sócio-histórico – pressuposto necessário para desconstruir o imaginário sobre o conceito elitista de arte. Tal imaginário, não raro, advindo de lugares sociais de prestígio como o escolar, muitas vezes leva à segregação e constrói uma visão fechada da Literatura. E, mesmo que parte dos participantes possuísse um olhar elitizado para com a Literatura, o grupo todo seguiu aberto para ouvir, participar e, sobretudo, ressignificar a produção literária.

A cada encontro, em seus relatos, análises e discussões, era visível a desconstrução de olhares sobre a arte literária. É certo que esse processo de desconstrução não se deu sem resistências e questionamentos, sobretudo a respeito da linguagem empregada em alguns dos textos que, não raro, contrariou regras gramaticais consagradas. Sobre esse ponto, constatou-se que o imaginário da língua portuguesa ainda se encontra, em grande medida, preso ao saber gramatical – saber também elitizado e que, não raro, é valorizado em detrimento às demais variantes do português falado no Brasil. Frente a tal discussão, a maior parte do grupo compreendeu a Literatura inscrita pelo viés da Arte e que, diante disso, atribuiu-se aos autores a liberdade para construir seus textos a partir de diversas variações da língua sem que haja prejuízo estético ou artístico da expressão escrita.

Essa discussão também culminou na percepção do grupo de que cada um ali poderia ser escritor e poeta se assim desejasse. Essa aproximação do fazer literário foi um ponto surpreendente, pois embora alguns escritores fizessem parte do curso, a grande maioria não ‘ousava’ escrever. Sobre esse resultado observado, Campigotto Aquino (2018) aponta que o contato entre texto e leitor possibilita formas variadas de compreensão a respeito das variantes linguísticas, das estruturas textuais e suas particularidades, da diversidade de temas e, ainda, das relações das produções literárias com as questões culturais, sociais e históricas. Desse modo, ao propiciar momentos de aproximação entre autor, texto literário e leitor, houve maior identificação, e as relações de

sentido passaram a produzir efeitos para além de um imaginário arraigado sobre a legitimidade do fazer artístico.

Assim, ao longo dos encontros, na medida em que os autores eram apresentados, foi possível perceber o entrosamento da turma que se mostrou interessada em conhecer as histórias de vida e outras produções literárias que não haviam sido listadas no cronograma. Muitos paradigmas foram desconstruídos nesse processo. Como exemplo, pode ser citado o fato de que uma parte considerável dos participantes desconhecia a origem racial de Machado de Assis – um dos maiores escritores brasileiros. E tal reconhecimento de sua origem foi fundamental para legitimar e ampliar a representatividade do sujeito negro enquanto escritor. Alguns professores presentes argumentaram que esse apagamento da origem afro-brasileira de Machado de Assis pode ter se dado pelas imagens “esbranquiçadas” do autor em materiais didáticos.

Nesse passo, professores e alunos do Ensino Médio confessaram nunca terem encontrado nos materiais didáticos a inclusão de autores negros mais contemporâneos, embora hoje já seja possível encontrar nos vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) referências a estas obras, como o livro “Quarto de desejo” de Carolina Maria de Jesus (1960). A esse respeito, os participantes puderam observar que a crítica literária muitas vezes atua a favor de um grupo específico, geralmente pertencente à elite de nossa sociedade. E, ainda, que esse posicionamento excludente resulta no apagamento da história de autores negros.

A respeito de tais resultados, Silva *et al.* (2019) salientam a necessidade de reflexão sobre as possibilidades que os projetos de extensão universitária viabilizam, levando sempre em consideração o pressuposto de que as ações extensionistas buscam difundir teorias que sustentam práticas capazes de gerar novas ideias e perspectivas.

De modo geral, os participantes encontraram nas leituras oportunidades para reflexões existenciais, críticas a respeito do preconceito social e racial e, também, fatos históricos que demonstraram a luta dos sujeitos negros para

conquistar, ao longo de séculos e ainda hoje, respeito e igualdade. Ficou evidente que as leituras e os debates contribuíram para que os participantes pudessem perceber o que uma parte considerável dos autores negros vivenciou e ainda vivencia em um meio hostil que, em muitos momentos, procura apagar suas histórias e diminuir sua condição enquanto cidadãos. Indo além, todo o grupo pôde observar a profundidade e a força da produção literária afro-brasileira que, mesmo diante de muitas adversidades, são potências artísticas que não podem ser invisibilizadas.

Diante dessas constatações, os professores participantes apontaram a relevância do curso para levar para as salas de aula mais autores afro-brasileiros, a fim de que seus alunos possam conhecê-los. Os graduandos de História ressaltaram a importância das obras para abordar os conteúdos sobre a História do Brasil e seu processo de formação. Já os graduandos de Pedagogia se mostraram interessados em procurar outras obras de autores negros que tenham como público-alvo as crianças, para que o imaginário sobre a Literatura, capaz de conferir legitimidade à produção literária e artística do sujeito afro-brasileiro, seja construído desde a infância.

Sobre tais considerações, Santos, Rocha e Passaglio (2016) apontam que a extensão universitária é fundamental para a formação do graduando, pois os coloca em contato direto com saberes que estão fora da universidade, o que permite uma tomada de consciência frente às demandas sociais. Segundo os autores (2016, p. 28), “a extensão coloca, ainda, questionamentos acerca da prática profissional permitindo uma visão crítica sobre a atuação profissional e suas possibilidades de mudança.” Nesse passo, a ação extensionista possibilitou ao aluno ir além daquilo que lhe é oferecido em sala de aula, ampliando a sua visão teórico-prática e, também, a sua atuação profissional, pois, conforme Santos, Rocha e Passaglio (2016), o conhecimento passa a ser contextualizado e articulado às demandas reais da sociedade.

DISCUSSÃO

De acordo com Silva *et al.* (2019), a importância da extensão universitária pode ser compreendida a partir de dois vieses: o institucional e o social. O primeiro, diz respeito às instituições de Ensino Superior que visam, através da prática que as ações extensionistas propiciam, enriquecer e aprimorar a aprendizagem dos discentes. Já o segundo viés, de caráter social, refere-se ao acesso da sociedade a variados serviços que objetivam o exercício da cidadania e, nessa perspectiva, dos direitos humanos.

Assim, frente aos resultados alcançados, a ação extensionista pôde contribuir para o olhar crítico dos participantes que enxergaram a necessidade de legitimar e de difundir a Literatura Afro-brasileira para outros espaços sociais. Sobre as ações desse gênero, Campos (2017, p. 14) aborda que “[...] as ações afirmativas raciais em vigor no Brasil visam, por exemplo, modificar o viés racista de uma determinada estrutura social alterando as posições historicamente destinadas aos negros e reconduzindo-os a espaços de privilégio e poder”.

No que se refere à difusão da Literatura, Campigotto Aquino (2018), ao realizar uma ação extensionista que buscou aproximar os leitores às obras literárias, afirma que só será possível construir uma cultura literária comprometida com a formação do leitor competente se tal construção se der, de fato, pelo contato efetivo com as discursividades literárias. Nesse ínterim, Campigotto Aquino (2018) aponta que a vivência com produções literárias proporciona aos leitores a ampliação de horizontes e o incentivo ao diálogo, ao questionamento e à reflexão sobre a realidade histórico-social a que pertencem.

Quanto à divulgação da Literatura Afro-brasileira, pode-se dizer que o contato com outras obras para além daquelas que já estão consolidadas, como as de Machado de Assis, Lima Barreto e Cruz e Souza, permitiu que os participantes pudessem visualizar uma outra linguagem literária. Assim, por apresentarem variações linguísticas distintas, as obras lidas e discutidas de Carolina Maria de Jesus, Ana Maria Gonçalves, Geovani Martins e Luiz Cláudio de Paulo proporcionaram uma maior aproxi-

mação entre o leitor e o texto literário, a fim de abrir novas possibilidades de produções escritas.

Sobre isso, Campigotto Aquino (2018) coloca que a orientação do acesso dos leitores aos elementos conceituais e literários é uma ferramenta fundamental para que haja o aprofundamento da prática de leitura, garantindo o desenvolvimento da autonomia do leitor. Tal ação, segundo a autora (2018, p. 11), possibilita “a compreensão da literatura como instrumento que auxilia na construção da sua visão de mundo, bem como na construção de sua identidade de leitor crítico, de cidadão implicado.”

Nesse passo, Campigotto Aquino (2018) explica que as ações extensionistas que visam o desenvolvimento da Literatura possibilita aos envolvidos reconhecer e legitimar autores e obras essenciais para a cultura literária nacional. Assim, faz-se necessária a criação de novas formas metodológicas e iniciativas como essas que visem a aproximação entre a academia e a sociedade em prol do desenvolvimento da leitura e da valorização da cultura brasileira.

Nesse sentido, o curso de extensão visou e conseguiu atingir o propósito de oferecer espaços de discussão que buscassem a valorização e a legitimidade da inscrição de autores negros pela via da produção literária. Desse modo, enquanto ação extensionista, o referido curso buscou apresentar *indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*, pois valorizou os diferentes saberes, frutos de práticas sociais; também proporcionou a *interdisciplinaridade*, uma vez que buscou diferentes áreas do saber como os Estudos Culturais, a História, a Pedagogia e a Literatura; e *interação dialógica com a comunidade*, promovendo uma ruptura entre ciência e senso comum, com a finalidade de democratizar a universidade, considerando os saberes não hegemônicos e grupos discriminados; possibilitando, assim, o *impacto na formação do aluno*, para que os sujeitos com-

preendam que existem diferentes formas de ser, viver e formas de subjetivação do sujeito pela arte; e o *impacto social*, ao objetivar o conhecimento epistemológico, valorizar a cultura afro-brasileira e legitimar a presença do negro enquanto produtor de Literatura. (Pereira, 2020)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de extensão “Literatura Afro-brasileira: a inscrição do sujeito negro pela arte” conseguiu atingir seu êxito ao abrir um espaço de diálogo entre a universidade e a sociedade em prol da legitimidade da Literatura Afro-brasileira, mesmo que não tenha esgotado todas as obras dos autores. É certo que, ainda, inúmeros autores(as) negros(as) não foram contemplados no curso, pois não se pretendia que fosse um curso exaustivo e, tampouco, podia-se ter tal pretensão.

O objetivo maior era conseguir difundir a produção literária em prosa e poesia do negro de ontem e hoje, apresentando sua inscrição artística e suas subjetividades na escrita. As resistências dos participantes frente ao uso de variantes linguísticas para além da variante padrão não representou, de forma alguma, um impeditivo para o bom andamento do curso que, mesmo aos sábados, contou com a presença massiva de seus participantes.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Minas Gerais – Campus Campanha – MG e à UAITEC pelo apoio, parceria e incentivo ao projeto. À comunidade universitária, artística e à sociedade civil por divulgar, participar e, sobretudo, tornar possível o curso “Literatura Afro-brasileira: a inscrição do sujeito negro pela arte”.

REFERÊNCIAS

- Assis, J. M. M. de. **Crônicas**. Seleção e apresentação de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Agir. 1972.
- Barreto, L. **O Homem que sabia Javanês e outros contos**. São Paulo: IBEP. 2013.
- Bosi, A. A escrita e os excluídos. In: CANIATO, B. & MINÉ, E. (Eds.) **Abrindo Caminhos: uma homenagem a Maria Aparecida Santilli**. (pp. 20-27). São Paulo: Coleção Via Atlântida, nº 2. 2002.
- Campigotto Aquino, I. Interface entre literatura e outras manifestações de arte. **Revista Signo, Santa Cruz do Sul**, v. 43, n. 78, nov. 2018. Recuperado de: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/12017>. Acesso em: 19/04/2021.
- Campos, L. A. Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 32(95), 1-19. 2017. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n95/0102-6909-rbcsoc-3295072017.pdf>
- Duarte, E. de A. D. Por um conceito de Literatura Afro-brasileira. **Revista Terceira Margem**, 23(2), 113-138. 2010.
- Gonçalves, A. M. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record. 2006.
- Jesus C. M. de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Ed. Ática. 2019.
- Lajolo, M. **O que é literatura** (17ª Ed). São Paulo: Ed. Brasiliense. 1995.
- Maringoni, G. O destino dos negros após a Abolição. **Revista desafios do desenvolvimento**, 70(1), s/p. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). 2011. Recuperado de: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D
- Martins, G. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras. 2018.
- Paulo, L. C. de. **Poesia ponte aérea**. Conselheiro Lafaiete: Liga Ecológica Santa Matilde. 2012
- Pereira, L. N. A extensão universitária e a literatura: uma experiência comprometida com a legitimidade da produção artística afro-brasileira. In: M. E. R. de Carvalho, V. M. S., ALVES, & J. B. B. PEREIRA (Eds). **Atuação docente em espaços públicos extraescolares de aprendizagem: experiências pedagógicas no trato da pluralidade cultural nos cursos de História e Pedagogia**. (pp. 60-80). 2020 Belo Horizonte: EdUEMG. Recuperado de: http://eduemg.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2020/atuacao_docente.pdf
- Santos, J. H. S., Rocha, B. F. & Passaglio, K. T. Extensão Universitária e Formação no Ensino Superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, 7(1): 23-28. 2016.
- Silva, A. L. B. et al. A importância da Extensão Universitária na formação profissional: Projeto Canudos. **Revista de Enfermagem UFPE on line**. Vol. 13. 2019.
- Sousa, C. E. **Obra completa**. Jaraguá do Sul: Avenida. 2008. Recuperado de: <https://estdaliteratura.files.wordpress.com/2017/05/9-10-e2809cacrobata-da-dore2809d-e2809csinfonias-do-acasoe2809d-e28093-cruz-e-sousa.pdf>
- SILVA, M. de S. E. Vozes e Ecos da Negritude: panorama visto do cerrado. In: CANIATO, B. & MINÉ, E. (Eds.) **Abrindo Caminhos: uma homenagem a Maria Aparecida Santilli**. (pp. 292-307) São Paulo: Coleção Via Atlântida, nº 2. 2002.

TABULEIRO DO AMOR: APRENDER BRINCANDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

LOVE BOARD: LEARN BY PLAYING ABOUT GENDER AND SEXUALITY

Ana Lucia Barreto da Fonseca

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo
Professora Associada I do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – analb-fonseca@ufrb.edu.br

Alana Santos Oliveira

Médica graduada pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – alanasnt@hotmail.com

Luana Oliveira Soares

Graduanda do curso de Medicina da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – luanasoares8198@gmail.com

Adrielle dos Santos Costa

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – adrielle.coosta@gmail.com

Siméia dos Santos Brito

Graduanda do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – simeiasb@gmail.com

RESUMO

A ação educativa “Tabuleiro do amor: aprender brincando sobre gênero e sexualidade” tem por objetivo promover a aquisição de conhecimentos sobre gênero e sexualidade em adolescentes. A ação aconteceu em uma escola municipal do Recôncavo Baiano, participaram 32 estudantes com idades entre 13 e 19 anos. Os/as facilitadores/as eram graduando/as dos cursos de Psicologia, Medicina e Bacharelado Interdisciplinar em Saúde. Foram utilizados o jogo “Tabuleiro do Amor”, criado no NCDC/UFRB, protótipos sexuais e painéis informativos disponibilizados pela universidade. A ação aconteceu em duas salas da escola e os grupos de estudantes (GA e GB). Na Sala A – “Tabuleiro do Amor” e na Sala B – Falando de Sexo. As atividades aconteceram simultaneamente e depois de 90 minutos os grupos trocavam de sala. Em ambas as salas os temas versaram sobre gênero e sexualidade. Os/as estudantes foram bastante participativos/as e motivadores/as durante o jogo, enquanto na sala B ficaram mais calado/as, pouco/as interagiram e questionaram as/os facilitadoras/es. Um fator observado pelos/as integrantes da ação foi a ativa participação das garotas nas duas salas. Os dados corroboraram com a hipótese de que as atividades lúdicas podem levar aos envolvidos à motivação e concentração, especialmente dirigidos a temas complexos como o comportamento sexual.

Palavras chave: Sexualidade. Gênero. Comportamento sexual. Adolescentes. Educação

ABSTRACT

The educational action “Love board: Learn by playing about gender and sexuality” aims to promote the acquisition of knowledge about gender and sexuality in adolescents. The action took place in a municipal school in the Recôncavo Bahiano, with 32 students, aged between 13 and 19 years. The facilitators were graduates of Psychology, Medicine and Interdisciplinary Bachelor of Health

courses. The game “Love board”, created at the NCDC/UFRB, sexual prototypes and information panels provided by the university were used. The action took place in two rooms of the school and student groups (GA and GB). In Room A - “Love board” and in Room B - Talking about Sex. The activities took place simultaneously and after 90 minutes the groups switched rooms. In both rooms the themes were about gender and sexuality. The students were very participative and motivating during the game, while in room B they were quieter, interacted little and questioned the facilitators. A factor observed by the members of the action was the active participation of the girls in both rooms. These data corroborate playful activities such as those that lead to motivation and concentration involved, especially aimed at complex issues such as sexual behavior.

Keywords: Sexuality. Gender. Sexual behavior. Adolescents. Education.

INTRODUÇÃO

A proposta do projeto “Tabuleiro do amor: aprender brincando sobre gênero e sexualidade” surge como estratégia de superação da problemática evidenciada durante o processo de elaboração da tese de doutorado “Gravidez, maternidade e análise comportamental da cultura: crenças e atitudes de Agentes Comunitários de Saúde e de adolescentes grávidas do Sertão do Brasil”, coordenadora do NCDC, Prof.^a Dr.^a Ana Lucia Barreto da Fonseca. Naquele momento foram levantados os índices de gestação adolescentes e as taxas de contaminação por DSTs em jovens do Brasil, e foi identificado que o Nordeste, dentro do qual, a Bahia, estava entre os estados com os maiores números registrados (DATASUS, 2016).

O conhecimento dos altos índices de gestantes em menores de 20 anos, assim como, adolescentes portadores de DSTs levaram a proposição de criar um instrumento de educação sexual para os/as jovens estudantes. Esse instrumento deveria ter caráter lúdico, de modo que a aquisição do conhecimento ocorresse em forma de brincadeira, assim foi idealizado e construído o “Tabuleiro do Amor”, inspirado no “Jogo da Vida”.

O Tabuleiro do Amor visou à apresentação e elaboração de conhecimentos sobre gênero e sexualidade pelos sujeitos envolvidos, e, a partir desses conhecimentos, a aquisição de comportamentos sexuais preventivos nos/as jovens. Para além disso, a perspectiva de abrir espaços de reflexão sobre gênero e sexualidade. Desse modo, este projeto de extensão teve como foco a construção e aplicação de jogos

educativos focados no comportamento sexual – gênero, sexo e sexualidade dos/as adolescentes que frequentam escolas públicas da cidade da Bahia.

O presente Projeto de Extensão teve o objetivo de articular o brincar e a aprendizagem no processo da educação sexual dos/as adolescentes de uma escola municipal como estratégia de prevenção de comportamentos sexuais vulneráveis e respeito às diversidades de gênero. Como também, apresentar atividades que possibilitassem contingências reforçadoras aos/as jovens para a aquisição e emissão de comportamentos preventivos a DSTs-AIDS e gravidez não planejada, e o respeito e inclusão dos direitos sexuais e de gênero. Para a efetivação desses objetivos, o projeto envolveu os vários setores da comunidade, como: serviços de saúde, escola, centros comunitários, famílias e adolescentes, em conjunto com a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, com discentes dos cursos de Medicina, Psicologia, Bacharelado Interdisciplinar em Saúde.

EDUCAÇÃO SEXUAL ADOLESCENTE

O comportamento sexual e as questões de gênero envolvem uma infinidade de fatores, para além do biológico, estão envoltos fatores culturais, sociais, psíquicos, em especial na adolescência (FONSECA, 2014). Isso porque os seres reprodutivos são indubitavelmente sexuais e nos humanos essa característica intermedia todas as relações sociais e pessoais, definindo padrões de gênero e sexualidade como aspec-

tos que perpassam pela história sociocultural de cada grupo social e de cada um dos seus integrantes. Segundo Oliveira et al. (2019, p. 56):

A sociedade ocidental promoveu, ao longo da sua história, a seleção de padrões culturais bastante específicos para os gêneros, especialmente nos últimos três séculos. Esses padrões definem ao feminino a função de casar, procriar e cuidar dos integrantes da família, no restrito ao âmbito privado, submetido ao masculino que teria a função de prover e proteger, no âmbito público.

Como explicitado acima, ao longo dos séculos, os rapazes foram estimulados a exercerem indiscriminada e precocemente a vida sexual, demonstrando sua virilidade, enquanto as moças eram estimuladas a viverem alheias ao exercício da sexualidade. Mesmo no matrimônio, que ocorria, muitas vezes, logo após a menarca, para as fêmeas a atividade sexual deveria ter apenas função reprodutiva, como estratégia de controle dos corpos femininos e controle da origem da prole, e aos machos a liberdade sexual era estimulada (CAVASIN; ARRUDA, 2009; ALMEIDA, 2001). Esse padrão de comportamento sexual e de gênero é próprio da cultura eurocêntrica e heteronormativa, e tem permeado a cultura brasileira desde a chegada dos colonizadores portugueses à América (OLIVEIRA; CORDEIRO; FONSECA, 2020).

É perceptível este fato não somente através do estudo da história da família (ÁRIES; CHARTIER, 2009), mas também quando são analisados os conteúdos das “Estórias da Carochinha” ou “Contos de Fadas” vindos da Europa Medieval. Esses contos sempre apresentaram heroínas frágeis, pobres ou ricas, que, ainda na adolescência, têm o casamento como resolução das diversas dificuldades da vida. Nestas histórias estão implícitas atitudes e crenças construídas no meio social, ao longo da história, reproduzindo “formas de conceber e de viver o gênero e a sexualidade” (VIDAL, 2008, p.32).

O cenário acima inicia um processo de mudança quando, segundo Almeida (2001), o contexto social, político e econômico promove o surgimento de exigências educacionais para a inserção na vida do trabalho, especialmente no meio urbano, e a industrialização. Aos jovens foram lançadas novas contingências so-

ciais e verbais adversas aos padrões tradicionais, que, numa avalanche, foram produzindo mudanças nas concepções de gênero e sexualidade a partir do século XIX e XX. Isso teve início com a necessidade de especializar a mão de obra para a indústria, a urbanização, a formação educacional, e, em paralelo, o controle sanitário e a inserção das mulheres no meio produtivo (FONSECA, 2011).

Um exemplo dessas mudanças está nos primeiros estudos sobre a gravidez antes dos 18 anos, que ocorrem nos primeiros anos do século XX, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Esses estudos começam a preconizar a perspectiva da existência de um momento entre a infância e a maturidade, a adolescência, e descrevem as características específicas dessa fase da vida. Esses estudos buscaram conhecer e descrever as especificidades de comportamento social e individual dessa fase, embora de modo bastante incipiente, especialmente os estudos que tinham o foco no comportamento sexual dos/as adolescentes.

Esse quadro de mudanças graduais, segundo Fonseca e Borloti (2013) é mais efetivo a partir da década de 60 do século XX, resultante das redefinições sócio políticas e econômicas do pós-guerra. Esse período ficou marcado pelos movimentos estudantis, o que colocou os jovens em evidência e propiciou o aumento do interesse dos estudiosos pelo comportamento dessa população. Houve também o fortalecimento dos movimentos juvenis, que se desdobraram na Revolução Sexual e no Movimento Feminista (FONSECA, 2011).

Na década de 70, a gravidez na adolescência começou a se constituir como uma problemática nos países do hemisfério norte. As pesquisas justificavam a inadequação de uma gravidez antes dos 18 anos, por conta da imaturidade psíquica das jovens. Nas décadas de 80 e 90, ela se constituiu como tal por considerar a presença de riscos socioculturais que poderiam comprometer as condições de vida das jovens e das suas famílias.

Esses estudos abrem alguns pressupostos de políticas públicas educacionais dirigidos à sexualidade das/os jovens nos países da Europa e América do Norte, porém os países do he-

misfério sul permanecem alheios às políticas de educação sexual, de tal sorte, que o Brasil fecha o século XX com índices altos, mais ou menos 40% das gestantes menores de 18 anos, equiparados aos países mais pobres, enquanto os números na Inglaterra e nos Estados Unidos giravam em torno de 5%, e esses com políticas “duras” de controle (FONSECA, 2014).

Há uma pequena alteração nas políticas públicas dirigidas à sexualidade, ou mais diretamente à educação sexual, no Brasil, na década de 80 do século XX, com a disseminação da AIDS/HIV. Apesar das DSTs, antes chamadas de doenças venéreas, serem conhecidas desde a Antiguidade Clássica, as campanhas educativas antes da AIDS, dirigidas as DSTs eram pontuais e incipientes (CARVALHO; SILVA, 2012).

Mesmo lentamente, o século XX traz à luz questões ligadas às temáticas de gênero e sexualidade, em busca de garantias de direitos e espaços públicos para as minorias, com discussões sobre a condição das mulheres e comunidade gay, aos grupos LGBTQIA+ [Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e +] (Oliveira, 2021). Esses movimentos começam a ter visibilidade e alcançam muitas camadas da sociedade e construção de agendas nos movimentos sociais e aquisição de garantias de direito e construção de espaços de fala (OLIVEIRA, 2021).

Tomando por base estes pressupostos, muitas estratégias têm sido disponibilizadas para intervir junto aos/às jovens, na prevenção de situações de riscos, na construção de comportamentos sexuais e pró-sociais da emergência dos temas decorrentes da sexualidade e gênero. Com a implantação do Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), lançado pelo Ministério da Saúde em 1989, com vistas a enfatizar a promulgação da Lei 8.069 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, que prevê proteção integral à criança e ao/à adolescente, definindo ações voltadas para a assistência integral a esses grupos (ALMEIDA, 2001).

Em paralelo, o Ministério da Educação inseriu a Educação Sexual no currículo obrigatório das instituições educacionais, como parte das po-

líticas públicas com ações oficiais de caráter socioeducativo para a prevenção de doenças epidemiológicas e no combate às DSTs e à gravidez adolescente. Esse documento definiu que a educação sanitária e o planejamento familiar devem ser a efetivação dos pressupostos estabelecidos pelo SUS, com destaque para as populações vulneráveis como crianças e adolescentes.

Entre os protagonistas dessas políticas públicas estão as Estratégias de Saúde da Família (ESF) e os/as educadore/as. Assim são gestadas nas ações da Atenção Básica à Saúde e na Educação Formal intervenções de caráter preventivo ao comportamento sexual inadequado nas equipes de profissionais da saúde e da educação, destacando-se, dentre esses profissionais, os/as Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) e educadores/as (FONSECA, 2014).

Segundo Fonseca (2011) e Borloti (2013), as ações dos/as ACSs estariam destinadas, principalmente, às populações de riscos epidemiológicos, no combate às práticas culturais insalubres e de alta morbidade (a exemplo da higiene, saneamento básico, nutrição, acompanhamento materno-infantil, planejamento familiar e doenças sexualmente transmissíveis – DSTs e a maternidade na adolescência). Já os/as educadores/as teriam que inserir nos conteúdos escolares temas relacionados à sexualidade a partir do aparato do estudo dos órgãos reprodutivos, especialmente nas disciplinas acadêmicas como Ciências e Biologia. Esses/as atores/as têm a função de explicitar as estratégias de proteção, as formas de transmissões das DSTs e a prevenção, incluindo a gestação entre os/as jovens estudantes.

Entretanto, apesar dos programas de educação sexual nas escolas e ações educativas dos/as ACSs, dirigidos a prevenção das DSTs e da gravidez adolescente, os índices ainda são muito altos, em torno de 30% e as DSTs acometem um número crescente de jovens. Além dessas questões, são cada vez maiores taxas de feminicídio e LGBTQIA+fobia, o que prescreve a necessidade de trabalho intenso e efetivo de uma educação voltada ao fenômeno da sexualidade e do gênero para que a mudança dos padrões de respostas nas gerações em formação sejam mais efetivas (OLIVEIRA;

CORDEIRO; FONSECA, 2020; BORLOTI; 2013; FONSECA, 2011).

O projeto aqui descrito reiterou, como exposto acima, a construção de um instrumento lúdico dirigido a educação sexual de adolescentes, com vistas a utilizar a brincadeira como estratégia de aprendizagem dialogada e construção de comportamentos sexuais preventivos, bem como a construção de valores sociais de respeito às diferenças sexuais e de gênero.

DA UNIVERSIDADE PARA A ESCOLA

O Núcleo de Pesquisa Comportamento, Desenvolvimento e Cultura (NCDC) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) realiza atividades de pesquisa e extensão com temas que envolvam o desenvolvimento humano permeado pela cultura com repercussões sobre os padrões comportamentais dos sujeitos. Entre os focos de estudo estão a adolescência e muitos dos aspectos que atravessam essa fase do desenvolvimento, entre os quais a construção da identidade de gênero e a sexualidade, aqui compreendida como um processo bio-psíquico-social em constante constituir-se.

Os projetos de pesquisa e extensão produzidos no NCDC são construídos e inter cruzados de modo que uma coleta de dados para uma dada pesquisa poderá disparar uma proposta de intervenção, como foi o caso da ação apresentada nesse texto, fruto da tese de doutorado da coordenadora, como dito acima. O núcleo é composto pela docente coordenadora e discentes dos cursos de Psicologia, Medicina e Bacharelado Interdisciplinar em Saúde do Centro de Ciências da Saúde (CCS/UFRB) que demonstrem interesse pelas temáticas expostas e integrem as ações de pesquisa e extensão. As atividades desenvolvidas incluem reuniões semanais para discussão de textos que versem sobre os temas em foco, elaboração de projetos de pesquisas, relatórios e artigos, instrumentos de coleta de dados, bem como materiais para serem utilizados nas ações de caráter socioeducativos, em geral dirigido a educação sexual em escolas e na comunidade

(praças, igrejas, eventos).

A ação educativa “Tabuleiro do Amor” foi pensada e produzida por todos os integrantes do NCDC, com divisões de tarefas: produzir os quadros do tabuleiro com material E.V.A., as fichas de perguntas e as fichas de “possíveis” respostas para os diversos temas que circundam a adolescência, identidade de gênero e comportamento sexual (prevenção, definição sexual, direito reprodutivo, transgêneros, DSTs/ AIDS, gravidez, direitos sexuais, construção da identidade de gênero), regras do jogo, definição das estratégias de organização dos grupos de adolescentes e, em paralelo, a utilização de duas metodologias aprendizagem: convencional e lúdica.

VAMOS AO CAMPO!

A ação aqui descrita contou com a participação de 32 estudantes do Ensino Fundamental II, 18 definidas como femininas e 14 definidos como masculinos, com idades variando de 13 e 19 anos, matriculados em uma escola municipal de pequeno porte, localizada nas imediações do campus da universidade. O espaço aberto da escola era amplo e arejado, porém as salas de aula tinham pouca ventilação e baixa luminosidade, com carteiras velhas e enfileiradas. Essa escola acolhia, em sua maioria, crianças e adolescentes de bairros periféricos da cidade e área rural do município. Os pais e familiares exerciam atividades como pequenos produtores rurais, feirantes e vendedores ambulantes.

A ação foi realizada por cinco discentes do curso de Medicina, quatro do curso de Psicologia e um do curso Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), sendo eles sete femininas e três masculinos, a coordenadora pedagógica, a diretora da escola e a coordenadora do projeto, docente da UFRB.

Os instrumentos utilizados foram: o jogo “Tabuleiro do Amor”, produzido pelos integrantes do Núcleo de Pesquisa Comportamento, Desenvolvimento e Cultura (NCDC), composto de um tabuleiro (quadros de E.V.A. coloridos e montados no chão em círculos), cartões com perguntas e respostas, um dado gigante (con-

feccionado com feltro colorido), coletes em cores diferentes para identificação dos “Bonecos/as”/pinos que representariam cada subgrupo e prêmios para os “acertos”. Também foram utilizados protótipos dos aparelhos sexuais femininos e masculinos, das mamas, kit demonstração dos métodos contraceptivos e painéis ilustrativos das DSTs disponibilizados pelo Centro de Ciências da Saúde da UFRB.

Para a ação foram disponibilizadas duas salas, uma sala de aula convencional, com carteiras escolares enfileiradas e uma sala em que funcionava a biblioteca da escola, em que as poucas carteiras existentes foram empilhadas no fundo para liberar espaço para a montagem do “Tabuleiro do Amor” no chão.

O DADO FOI LANÇADO!

Como dito acima, a direção da escola solicitou para a coordenadora do projeto, que realizava atividade de estágio curricular na escola, que promovesse uma atividade de Educação Sexual com os/as adolescentes. Essa demanda surgiu a partir da observação de comportamentos agressivos entre os/as estudantes, dirigidos ao feminino, em especial a um adolescente, com agressões verbais e físicas, e a definição de ser “homossexual” e “gay”.

O corpo docente da escola denunciou o fato para a coordenação e para a direção, descrevendo alguns episódios de bullying, com agressões físicas e psicológicas promovidas pelo grupo definido como masculino ao grupo definido como feminino. Foram realizadas algumas intervenções com o objetivo de conter esses comportamentos, como conversas individuais com os promotores do bullying, encontro com os pais, trabalhos com os grupos de adolescentes, mas não houve mudança de comportamento dos/as envolvido/as.

Durante a solicitação, a professora de Estágio apresentou o projeto “Tabuleiro do Amor”, explicando suas características e principais objetivos, descrevendo as estratégias de trabalho e a estrutura necessária a sua efetivação. Para tanto, foram solicitadas duas salas de aula amplas e com pouca circulação de pessoas na área, além da necessidade de obter a autori-

zação formal dos familiares quanto à participação dos/as adolescentes.

A proposta foi aceita pela escola e agendada a execução para a penúltima semana de aula dos estudantes, antes das avaliações. Fato que foi postergado em consequência da escola, na pessoa dos seus gestores e docentes, ter sofrido ameaça de um “chefe da boca de fumo”, caso a escola não fechasse no dia da morte da irmã do “chefe”.

Na semana seguinte, toda equipe integrante do NCDC chegaram à escola devidamente trajados com a “farda” do núcleo, se dividiram em dois subgrupos e começaram a organizar a montagem do tabuleiro no chão da biblioteca, enquanto o outro subgrupo montava os protótipos sexuais, mama e painéis nas paredes na sala de aula disponibilizada.

Os/as adolescentes foram, aos poucos, adentrando a sala de aula e divididos nos grupos A e B, cada um composto com 16 jovens, entre femininos e masculinos. O grupo A foi levado para outra sala, onde estava armado o tabuleiro no chão e as cadeiras estavam empilhadas nos cantos. O grupo B permaneceu na sala no modelo convencional de sala de aula, todos foram sentados nas carteiras e os/as acadêmicas/os utilizaram o birô para expor os protótipos e os painéis para explicitar as DSTs e os contraceptivos.

O plano de trabalho definia que em cada sala haveria cinco estudantes da universidade, definidos aleatoriamente, eles/as seriam os/as responsáveis pela execução dos trabalhos. Desses/as, dois/duas discentes seriam responsáveis por registrar o processo, definiriam siglas para cada participante, como A (adolescente), M (masculino), F (feminino), V (subgrupo verde), AM (subgrupo amarelo), PA (pino amarelo), FA (facilitador/a) e assim sucessivamente, enquanto três discentes realizariam a atividade. Os grupos A e B participariam de atividades concomitantemente. Enquanto o grupo B estivesse na sala de aula em ação educativa “convencional”, o grupo A estaria na biblioteca participando da brincadeira “Tabuleiro do Amor”. Quando os trabalhos em cada sala fossem concluídos, os grupos trocariam de sala, e assim foi feito.

Nas salas A e B, o momento inicial foi similar, os/as graduandos/as se apresentaram para as/aos adolescentes informando seus nomes, cursos e idades, em seguida pediram a eles/as para que se apresentassem informando nome, ano e idade. Após todas as apresentações, foram definidas as atividades e como seriam realizadas, em ambas as salas, que foram nominadas como sala A – Tabuleiro do Amor e sala B – Falando de Sexo.

Na sala A, foi explicitado como seria o jogo, suas regras, prêmios e “punições” em situações de acerto ou erro. Os/as adolescentes foram divididas/os em quatro subgrupos com quatro integrantes. Para que todos pudessem identificar os subgrupos, eles/as vestiram um colete de cores especificadas, sendo nominados/as de Grupo Amarelo, Grupo Vermelho, Grupo Verde e Grupo Azul. Dentro de cada subgrupo foi escolhido um/a deles/as para ser o/a “boneco/a” do tabuleiro (Pino), enquanto os/as outros/as jogassem o dado, o/a “boneco/a” se deslocaria no tabuleiro conforme o número disposto no dado.

O dado foi lançado e o/a “boneco/a” passou a andar no tabuleiro conforme o número de quadrados correspondente ao dado, na casa em que parava cada pino era lido um texto informativo, colado na “casa”, por um/a da/os integrantes do grupo em jogo, em seguida, o número do quadrante levava aos cartões de perguntas. O/a acadêmico/a responsável pelos cartões lia a pergunta, e para o grupo “da vez” era dada a chance de responder ou passar. Quando passava, qualquer outro grupo respondia. Caso “acertasse”, o grupo abria o cartão de resposta onde estava definido o prêmio (avançar no tabuleiro, uma caneta, um lápis, uma borracha...), quando “errava”, era definido a punição no cartão de resposta (recuar no tabuleiro, fazer algo engraçado como dançar ou cantar uma música, quem definia eram o/as adversário/as). Todas as informações no tabuleiro, dos cartões e suas respostas eram sobre temas dirigidos para sexualidade e gênero, “erros e acertos” eram definidos como respostas aproximadas que constava nos cartões respostas.

Na sala B, o/as acadêmico/as organizaram as carteiras em círculo e apresentaram as dife-

renças anatômicas das genitálias femininas e masculinas, citando sua nomenclatura científica e popular através dos protótipos de borracha. Enquanto mostravam os modelos os/às estudantes, eles/as eram convidados/as a tocar, olhar os detalhes, perguntar e comentar o que lhes suscitasse dúvidas e reflexões. Nesse processo foram expostos temas sobre reprodução, formação genital, mudança de sexo, masturbação, relação oral, genital, anal, bem como as DSTs e os fatores hormonais que definem a formação do corpo feminino e masculino.

Após cerca de 90 minutos, as atividades foram finalizadas em ambas as salas e foi servido um lanche na área livre da escola. Os sujeitos da sala A estavam festejando o primeiro e segundo lugar no jogo e interagindo com o pessoal da sala B. Após o lanche, os grupos trocaram, o grupo A foi para a atividade da sala B e vice-versa. Todos os procedimentos foram reaplicados sob foco dos/as mesmos/as facilitadores/as que compunham cada sala.

Ao final das atividades, todos/as foram reunidos/as na área aberta da escola, para a entrega dos prêmios aos subgrupos de primeiro e segundo colocados no jogo (bolsinhas, kit escolar, canetas, copos) dos grupos A e B e os devidos agradecimentos a participação de todos/as.

OBSERVAÇÕES – RESULTADOS ALCANÇADOS

A participação dos/as adolescentes no jogo do “Tabuleiro do Amor” foi a princípio distanciada e tímida, e aos poucos começou a gerar mais interação e euforia com torcida, aplausos aos “acertos”, vaias aos “erros” e interesse em responder e aprender de maneira correta. Algumas questões suscitavam risos, piadas e vergonha dos que estavam à frente, que eram superadas pela tranquilidade e naturalidade da equipe acadêmica. A brincadeira pareceu ser bastante motivadora, estabeleceu um caráter colaborativo entre integrantes dos subgrupos e competitivo em relação aos demais subgrupos. Esse fato fez com que ficassem atentos e tivessem interesse em responder

corretamente e buscar aquele, entre eles/as, que pudessem ter a melhor resposta.

No decorrer do jogo, algumas perguntas foram refeitas de modo diferenciado, como estratégia de verificação da absorção do conteúdo e atenção e concentração no jogo. As primeiras questões que se repetiam, alguns estudantes “denunciaram” que já havia sido realizada tal pergunta e outros/as apresentavam as respostas “corretas”, fato que suscitava a perspectiva de aprendizagem e interesse no jogo.

A participação no Falando de Sexo foi no estilo convencional, com os estudantes “acomodados” em seus lugares, apesar da manipulação e acesso aos protótipos da genitália feminina e masculina, as mamas, e imagens de DSTs, assim como a manipulação dos contraceptivos, o grupo respondeu de modo mais pacato. Apenas dois ou três estudantes se expressavam e tomavam a fala com questionamentos e afirmativas, cinco, dos quais quatro femininas, deslocaram-se até os protótipos. Alguns estudantes apresentaram a descrição de casos conhecidos, a grande maioria permaneceu calado/a ou emitindo um ou outro comentário.

Com a troca da sala e de atividade, a dinâmica dos grupos A e B alteraram um pouco. O grupo que foi da sala Falando de Sexo pareceu interagir mais com as/os discentes durante a explanação, as demonstrações dos corpos femininos e masculinos, os temas foram mais discutidos e as “meninas” também eram mais participativas. Nesse momento, cerca de nove estudantes, sete femininos e dois masculinos, levantaram para manipular os protótipos sexuais e comentavam sobre as questões apresentadas durante o jogo.

O grupo que foi o segundo tempo na sala “Tabuleiro do Amor” tiveram um número um pouco maior de acertos das questões do jogo, em relação ao primeiro grupo, mas nada significativo. Eles/as iniciaram mais contidos/as e aos poucos foram sendo motivados/as, participando ativamente da dinâmica do jogo, festejando os “acertos”, discutindo os “erros” e mobilizando uns aos outros.

Assim como os dados do trabalho de Oliveira et al. (2019), as estudantes femininas também eram mais participativas, interagindo e ques-

tionando, assim como, pareciam ter mais informações que os estudantes masculinos, tanto durante os momentos dos jogos quanto no Falando de Sexo. As “meninas” demonstravam mais interesse em mostrar conhecimento, como em obter conhecimento, os “meninos”, em geral, pareciam alheios àquelas informações, mesmo durante o jogo. Os grupos compostos de maioria feminina foram os que alcançaram os primeiros lugares no jogo e na sala Falando de Sexo, a fala também foi majoritariamente feminina.

Oliveira et al. (2019) levanta a questão heteronormativa como provável hipótese ao distanciamento do masculino aos temas que envolvem o conhecimento sobre gênero e sexualidade, para além da aparente necessidade de estar em atividade sexual, cuidados e prevenção estão dirigidos aos sujeitos femininos. Por outro lado, o feminino se empodera e busca se apropriar do controle de seus corpos, definindo suas práticas reprodutivas e prevenindo-se das DSTs, além de galgarem exercer a sexualidade com maior liberdade de expressão (FONSECA; BORLOTI, 2016).

Outro fato que suscitou análise foi quanto às questões apreendidas na sala B que levantou a hipótese inicial de favorecer o grupo B na segunda parte da ação, já que esse grupo teria passado pela exposição de uma gama de informações antes do jogo, algo que não ocorreu com o grupo A. A lógica foi inversa, o grupo A foi para sala B munido de motivação e informação proveniente das questões respondidas durante o jogo, estavam atentos e motivados, e o grupo B acertou um número relativamente insignificante de mais questões que o grupo A.

Ficou claro que o uso de ferramentas lúdicas é bastante favorável na educação de modo amplo, na educação sexual tornou mais leve e motivador aos envolvidos, inclusive com a adesão mais efetiva dos facilitadores da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação sexual, as discussões sobre gênero e sexualidade são imprescindíveis para a formação de novos comportamentos dirigi-

dos a esses fenômenos e quanto mais precoce seja introduzida no arsenal de informação das pessoas, mais efetivo se torna sua aquisição. Na juventude, torna essa formação mais efervescente visto que os/as adolescentes estão vivendo as transformações corporais e inserção no universo das relações sexuais, definindo identidades sexuais e de gênero (FONSECA, 2011). Os jovens estão em processo de construção do comportamento, de modo que informações, modelos de comportamentos assertivos e pró-sociais podem promover respostas mais adaptativas as mudanças constantes da sociedade.

As ações desenvolvidas pelo projeto “Tabuleiro do Amor” têm deixado bastante evidente que a educação através de estratégias lúdicas torna o aprendizado muito mais motivador e conseqüentemente mais efetivo. Quanto mais a dinâmica do processo de formação for ao encontro dos grupos com metodologias facilitadoras, mais haverá motivação a aquisição do conhecimento.

A ação aqui descrita pode ter efeitos invisíveis aos expectadores, mas a certeza que os protagonistas do processo, sejam os/as adolescentes e ou os/as discentes envolvidos/as, terão em si muito do que viveram naqueles instantes. As informações levantadas pela gestão escolar trazem esperança que os efeitos estão

sendo processados, visto que alguns/umas estudantes comentaram a respeito com os/as genitores/as e esses trouxeram boas notícias para a escola.

Um fator motivador maior foi a diminuição das práticas agressivas e discriminatórias dirigidas ao gênero feminino no ambiente escolar. Outro fator que saltou aos olhos de todos que integraram a equipe de facilitadores foi a participação efetiva das meninas em todas as atividades. Elas estavam atentas, curiosas, sedentas de saber e de querer estar no controle de seus corpos e conseqüentemente de suas vidas. Como afirma Oliveira et al. (2019), há um visível empoderamento feminino, que passa pela sexualidade e se dirige a variados aspectos das suas vidas, embora ainda cheia de contradições e muito a construir (FONSECA, 2014).

A sexualidade, o sexo, as questões de gênero ainda suscitarão uma infinidade de movimentos, sejam esses políticos, sociais, psicológicos, quíca, biológicos, ainda há muito que avançar, sem chegar ao topo sem correr o risco de deslizar para o outro lado da ribanceira. As ações de caráter educativo não podem cessar, devem ser sempre o foco da construção de uma sociedade com relações humanas mais horizontais, pois temos o compromisso de construir uma sociedade mais igualitária e fraterna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição C. de. **Anticoncepção na adolescência:** um estudo sobre conhecimentos e uso de contraceptivos por escolares da rede pública estadual da Bahia. Dissertação de mestrado. Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2001.

ÁRIES; Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada:** da Renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 3, 2009.

Carvalho; Silva, Sergio. A. M. de, (2012). <http://www.drsergio.com.br/dst/dst1.html> acessado em 05.09.2012.

CAVASIN Silvia; ARRUDA, Silvane. **Gravidez na Adolescência:** desejo ou subversão? Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECO's). Boletim n. 2, 2009.

DATASUS (2016) <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0203>

FONSECA, Ana Lucia Barreto. da. Comportamento verbal dirigido à maternidade para jovens do nordeste brasileiro. In: **Comportamento, Desenvolvimento e Cultura.** Ana Lucia Barreto da Fonseca (Org.). Curitiba/PR: CRV, 2014, p. 141-162.

FONSECA, Ana Lucia Barreto da. **Gravidez, maternidade e análise comportamental da cultura:** crenças e atitudes em práticas culturais de agentes comunitárias de saúde e adolescentes grávidas do sertão do Brasil. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFES, 2011.

FONSECA, Ana Lucia Barreto da; BORLOTI, Eliseu Batista. Comportamento verbal de agentes comunitários de saúde sobre a maternidade adolescente. In: **Psicologia e suas interfaces:** estudos interdisciplinares. Alvany M. S. Santiago e Ana Lucia Barreto da Fonseca (Orgs.). Salvador/Ba: Edufba, 2016, p. 115 – 134.

OLIVEIRA, Alana Santos; FONSECA, Ana Lucia Barreto da; CARNEIRO, Janaiara dos Santos; SOARES, Luana Oliveira; LIMA, Taina de Andrade. **Educação Sexual:** As motivações a partir do gênero dos jovens. In: Juventude Br. CEMJ. 17 Edição – Ano 14 – Jan/jun 2019, p. 54-59.

OLIVEIRA, Marta. **O que significa a sigla LGBTQIA+?** https://www.printi.com.br/blog/a-representatividade-por-tras-do-dia-internacional-do-orgulho-lgbtqia?gclid=CjwKCAjw87SHBhBiEiwAuk-SeUZI95GeZuys-w8rtH5nNMoh9KUAG7y6YaF12PsQ5KHngz_h38U23UBoCDHAQAvD_BwE Acessado em 25/06/2021.

OLIVEIRA, Washington Luan Gonçalves de; CORDEIRO, Rosa Candido; FONSECA, Ana Lucia Barreto da. Desigualdade racial e de gênero na pandemia do COVID-19. In: **Saúde da população negra e indígena.** Washington Luan G. de Oliveiraa, Rosa Candido Cordeiro e Fernando Vicentini (Orgs.). Cruz da Almas/BA: EDUFRB, 2020, p. 13 – 28.

VIDAL, Francisco F. **Príncipes, princesas, sapos, bruxas e fadas:** os “novos contos de fadas” ensinando sobre infâncias e relações de gênero e sexualidade na contemporaneidade. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação – Porto Alegre, 2008. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14655/000659094.pdf?sequence=1> Acessado em 22/05/2019



Mesa-redonda no evento "Na voz das bordadeiras da Boa Morte" **Foto:** Rubens Mello.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: PROMOÇÃO DA SAÚDE EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA

CURRICULARISATION OF UNIVERSITY COMMUNITY OUTREACH: HEALTH
PROMOTION IN A QUILOMBOLA COMMUNITY IN PANDEMIC TIMES

Ana Paula Gomes de Souza

Graduanda do Curso de Medicina da Universidade de Pernambuco - UPE
paula.gsouza@upe.br

Elba Soraya Magalhães da Luz

Graduanda do Curso de Medicina da Universidade de Pernambuco - UPE
elba.soraya@hotmail.com

Izis Leite Maia de Ávila

Graduanda do Curso de Medicina da Universidade de Pernambuco - UPE
izis.lmavila@upe.br

Laiz Cristina Eustaquio Ramos

Graduanda do Curso de Medicina da Universidade de Pernambuco - UPE
laiz.ramos@upe.com

Régia Maria Batista Leite

Docente do Curso de Medicina da Universidade de Pernambuco - UPE
regia.leite@upe.br

RESUMO

O presente trabalho configura-se como um relato de experiência que objetiva promover a saúde nas comunidades quilombolas e descrever a vivência de discentes do quarto período do curso de Medicina da Universidade de Pernambuco, Campus Garanhuns durante as ações da Curricularização da Extensão “Promoção da Saúde Quilombola”. As atividades foram realizadas no quilombo Castainho em Garanhuns, durante o período da pandemia da COVID-19, na forma de ensino remoto. Além da explanação do êxito das dinâmicas efetuadas, são abordados aspectos como a importância das práticas extensionistas, situação atual da saúde quilombola e questões que podem influenciá-las.

PALAVRAS-CHAVE: Humanização da Assistência. Currículo Médico. Quilombo. COVID-19.

ABSTRACT

The present work is configured as an experience report that aims to promote health in quilombola communities and describe the participation of students from the fourth period of the medical school at University of Pernambuco Campus Garanhuns during the actions of the Curricularisation of University Community Outreach “Quilombola’s Health Promotion”. The activities were car-

ried out on the quilombo Castainho in Garanhuns, during the COVID-19 pandemic period, in the form of remote learning. In addition to explaining the success of the dynamics carried out, aspects such as the importance of extension practices, the current situation of quilombola health and issues that can influence them was also pointed out.

KEYWORDS: Humanization of Assistance. Medical Curriculum. Quilombo. COVID-19.

INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos ocorridos durante o século XX, sobretudo na área da saúde, ocasionaram inúmeras transformações no perfil dos profissionais médicos, tornando sua atuação mais técnica e mecanicista. Contudo, essa forma de atuação começou a sofrer diversas críticas nas últimas décadas, especialmente no Brasil, onde tornou-se objeto de análise e debates pelos profissionais da área e pela sociedade em geral (ALMEIDA; BARBOSA, 2019; NOGUEIRA, 2009). O mesmo negligenciava uma parte importante da formação médica, a qual deve incluir experiências que contribuam para o desenvolvimento de uma visão ampliada do processo saúde e doença da população. (ALVES et al., 2009; FREITAS; RIBEIRO; BARATA, 2018).

Nesse ínterim, surge o modelo biopsicossocial, o qual busca uma visão mais holística do homem e da saúde. Tradicionalmente, as diretrizes curriculares das escolas médicas mantiveram como foco principal os mecanismos fisiopatológicos e a utilização de práticas terapêuticas (ALMEIDA; BARBOSA, 2019). Para romper esse paradigma tecnicista da medicina e aderir ao novo modelo biopsicossocial, foram realizadas inúmeras modificações no processo de ensino-aprendizagem nos cursos da área da saúde, direcionando esforços para a formação de profissionais médicos que venham a atuar de forma mais humanizada (ALVES et al., 2009; ALMEIDA; BARBOSA, 2019).

Após um longo processo de discussão e negociações entre diversas instituições, o Conselho Nacional de Educação homologou em 2001, as Diretrizes Curriculares do Ensino Médico (BRASIL, 2001). Segundo esse regulamento,

Art.3 O Curso de Graduação em Medicina tem como perfil do formando egresso/profissional

o médico, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, capacitado a atuar, pautado em princípios éticos, [...] na perspectiva da integralidade da assistência, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania [...]. (BRASIL, 2001 p. 1).

Estas diretrizes foram um marco da regulamentação do ensino médico no Brasil, até 2014, quando o Ministério da Educação lançou as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do Curso de Graduação em Medicina, que reforçou ideias e formulou novos conceitos (FREITAS; RIBEIRO; BARATA, 2018, BRASIL, 2014).

Nesse mesmo ano, o Ministério da Educação do Brasil lançou o Plano Nacional de Educação (2014), o qual contém na estratégia 12.7, esforços para garantir uma integração ensino-serviço-comunidade, ao “assegurar, no mínimo, 10% [...] do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, [...] prioritariamente, para áreas de grande pertinência social”.

A extensão como parte obrigatória do currículo é um espaço que promove atividades acadêmicas de caráter interdisciplinar, fornecendo a todos os estudantes a oportunidade de dialogarem com diferentes setores da sociedade e, dessa forma, permitir uma troca de saberes entre essas duas esferas. (NOGUEIRA, 2009; SOUZA et al., 2020), o que contribui para a formação de profissionais que ultrapassam os conhecimentos técnico-científicos, proporcionando o desenvolvimento de um olhar mais cuidadoso sobre os aspectos subjetivos do adoecimento. Além disso, a extensão permite aos estudantes promoverem transformações reais para a sociedade, através de atividades educativas, informativas e de ações sociais.

Nessa perspectiva, foi desenvolvida a extensão

curricular “Promoção da Saúde Quilombola”, realizada por estudantes do curso de medicina da Universidade de Pernambuco junto a uma comunidade quilombola, no município de Garanhuns - PE entre fevereiro e maio de 2021. O projeto teve por objetivo promover reflexões e discussões sobre a saúde da população quilombola e a produção de materiais informativos educativos para a Comunidade Quilombola do Castainho. Esta extensão desenvolveu-se em meio a pandemia da Covid-19, em um cenário permeado por restrições das atividades acadêmicas e do contato social, exigindo dos envolvidos nesse projeto muito esforço, criatividade e capacidade de adaptação.

O objetivo deste artigo é relatar a experiência de um grupo de acadêmicos de medicina da Universidade de Pernambuco, durante a extensão curricular “Promoção da Saúde Quilombola”, sua relevância para a formação profissional e os desafios enfrentados no desenvolvimento desse projeto.

METODOLOGIA

O presente estudo é descritivo, do tipo relato de experiência, com enfoque na vivência da extensão curricular no curso de medicina da Universidade de Pernambuco – Campus Garanhuns pelos acadêmicos do 4º período, turma esta composta por 32 alunos em sua totalidade com a sua orientação formada por 3 professoras do curso, responsáveis pela se-

leção de materiais, aplicação de discussões e avaliação dos alunos e de todas as atividades executadas por estes.

Os dados descritos referem-se às reflexões, impressões e sentimentos dos autores em relação à vivência na referida disciplina, não necessitando, assim, da apreciação do Comitê de ética e Pesquisa. O relato está estruturado com base nas anotações dos autores referentes a cada momento vivenciado na disciplina de curricularização da extensão ofertada no 4º período do curso. A disciplina caracteriza-se por estudos e vivências sobre a Comunidade Quilombola do Castainho, objetivando a discussão acerca da saúde do povo quilombola, suas especificidades, modo de vida e práticas tradicionais, além do diálogo entre os saberes populares e acadêmicos. Dessa forma, esperava-se através dela, contribuir para a formação médica humanizada implicada nos diferentes territórios e realidades brasileiras.

A experiência ocorreu de forma remota, devido a pandemia da Covid-19, iniciando-se no dia 02 de fevereiro de 2021, com carga horária de 60 horas. Utilizou-se o Google Meet para a realização dos momentos síncronos semanais com duração de aproximadamente 2 horas. Ademais, recorreu-se a plataforma Google sala de aula para as atividades assíncronas, onde foram disponibilizados vídeos, artigos e outros materiais utilizados ao longo da extensão. O quadro 1 mostra o cronograma proposto para a Curricularização da Extensão, que abrange desde estudos individuais, discussões e deba-

QUADRO 1 - CRONOGRAMA DA EXTENSÃO “PROMOÇÃO DA SAÚDE QUILOMBOLA”

12/02	Apresentação da disciplina e do documentário “Castainho: saúde e resistência quilombola”.
19/02	Estudo individual dos artigos e materiais propostos: -DAMASCENO, M.G.; ZANELLO, W.M.L. Saúde mental e racismo contra negros: Produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. <i>Psicologia: Ciência e Profissão</i> , Jul/Set, v. 38, n°3, 450-464. 2018. -BARATA, R.B. Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2009. -BASTISTA, E.C.; ROCHA, K.B. Saúde mental em comunidades quilombolas do Brasil: uma revisão sistemática da literatura. <i>Interações, Campo Grande</i> , v.21, n.1, p. 35-50, jan./mar. 2020.
26/02	Debate síncrono: Modo de vida quilombola e luta pelo território.
05/03	Debate síncrono sobre saúde quilombola (questões psicossociais, racismo, cultura, plantas medicinais e rezadeiras) em parceria com a Liga Acadêmica de Psiquiatria da UPE Garanhuns (LAPSI).
15/03	Debate síncrono: Os quilombos na pandemia da COVID-19.
19/03	Apresentação do seminário “Saúde a partir do olhar dos territórios” com o palestrante José Carlos (liderança da Comunidade Quilombola Castainho) do evento I Seminário de Saúde Coletiva e Agroecologia.

26/03	Confeção dos materiais para a Comunidade Quilombola Castainho.
09/04	Apresentação dos materiais confeccionados para o líder José Carlos da Comunidade Quilombola Castainho.
16/04	Orientação de possíveis mudanças nos materiais confeccionados.
23/04	Orientação de possíveis mudanças nos materiais confeccionados.
30/04	Orientação de possíveis mudanças nos materiais confeccionados e finalização da extensão.

FONTE: Elaboração própria (2021).

tes, apresentação de seminário até confecções de materiais para a comunidade público-alvo.

Quanto à avaliação dos acadêmicos envolvidos no projeto, esta foi realizada processualmente a partir das atividades propostas ao longo de cada momento, levando-se em consideração a participação e o envolvimento de cada estudante. Visava-se, assim, construir reflexão e conhecimento sobre a saúde da população quilombola e sua pluralidade no cuidar e no pensar. As comunidades rurais negras afro-brasileiras fazem parte de uma das grandes questões emergenciais da sociedade brasileira que vêm resistindo às influências externas e lutando pela inclusão social por meio das ações de atenção integral (REIS; GOMES, 1996; CARNEIRO, 2011). Assim, efetivar o direito humano à saúde da população negra é também um marco constituído pela luta para o estabelecimento de padrões de equidade étnico-racial e de gênero na política de saúde do País (BRASIL, 2007).

DESENVOLVIMENTO

Conforme mencionado por Vargas (2020), com o cenário proporcionado pela COVID-19, o objetivo principal da política de extensão universitária tornou-se levar informação e esclarecimento para a sociedade. Assim, através das atividades desenvolvidas na extensão, buscou-se transcender as dificuldades impostas pela pandemia para levar informações e conhecimento para os moradores da comunidade do Castainho.

A população quilombola é muito vasta e rica, albergando questões históricas, culturais e psicossociais que se refletem no parâmetro da saúde. Contudo, tais comunidades enfrentam inúmeras dificuldades devido à falta de eficácia das políticas públicas de inserção social e de

resgate de sua história, identidade e cultura. (MENESES et. al., 2015). Vivenciar presencialmente a cultura e as questões políticas que tangem essa comunidade, de fato teria sido um grande privilégio. Entretanto, o distanciamento social, imposto pela pandemia, impossibilitou que a experiência ocorresse dessa forma. Sendo assim, a curricularização da extensão foi realizada remotamente.

Apesar de soar impessoal, a Curricularização da Extensão com a comunidade quilombola realizada de forma online cumpriu seu papel de possibilitar a interação entre alunos e comunidade, logrando, com sucesso, seus objetivos. Contudo, antes disso foi necessário realizar a caracterização do local e do contexto social da comunidade, uma vez que, o planejamento das ações depende do reconhecimento desses aspectos (SIQUEIRA et. al, 2017). Nesse aspecto, a conversa com o líder comunitário foi essencial para o reconhecimento e a análise da situação que permitiu orientar as propostas a serem desenvolvidas. Buscando ampliar o acesso e utilização dos serviços de saúde pela população quilombola foram estabelecidas estratégias de promoção de saúde, direcionadas a real necessidade desta.

Os discentes envolvidos no projeto desenvolveram, ao total, dez materiais educativos (cartilhas, folders, cartazes com o tema: promoção à saúde quilombola) a serem entregues para a comunidade do Castainho. Os temas escolhidos (Quadro 2) foram baseados na observação das principais necessidades da população. Para uma abordagem mais didática, foi escolhido o modelo de panfletos com imagens e designs que chamassem a atenção, além do emprego de linguagem simples e usual. Esse material foi, posteriormente, entregue à comunidade no intuito de conscientizar e promover a saúde.

Os materiais foram avaliados pelos docentes

que orientaram o projeto e pelo próprio líder quilombola através de uma reunião online, onde os grupos apresentaram suas produções. Os alunos realizaram as modificações necessárias sob a orientação dos docentes responsáveis pela disciplina, antes da distribuição dos materiais para a comunidade. O propósito dos materiais desenvolvidos foi conscientizar as pessoas da comunidade, e com isso, pos-

sibilitar a mudança de seus comportamentos, visando a promoção à saúde. Entretanto, o processo educativo é complexo e demanda conhecimento sobre a comunidade e estímulo da autonomia, buscando-se a horizontalidade no compartilhamento dos conhecimentos, com o propósito de desenvolver uma consciência crítica e transformar a realidade das comunidades. (SOUZA et al., 2020).

QUADRO 2 -- TEMAS DOS MATERIAIS EDUCATIVOS CONSTRUÍDOS PELOS ESTUDANTES PARA COMUNIDADE QUILOMBOLA CASTAINHO

1-Saiba seus direitos: Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta.
2-Saiba seus direitos: Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.
3-Você sabia? Política Nacional de Atenção Básica.
4-Prevenção e promoção das “diferentes saúdes”.
5-Mitos e verdades da COVID-19.
6-Como viabilizar a saúde mental na pandemia da COVID-19.
7-Entenda sobre as vacinas e a importância da vacinação.
8-Guia de cuidados diários durante a pandemia da COVID-19.
9-Lixo e reciclagem.
10-O que é uma alimentação saudável?

FONTE: Elaboração própria (2021).

A comunicação dos discentes com a população possibilitou aos mesmos tomarem conhecimento acerca de suas rotinas, dos hábitos do dia-a-dia, do funcionamento da atenção básica e da interação entre a comunidade e o serviço. Além disso, com o documentário “Castainho: saúde e resistência quilombola” (2020), o grupo conseguiu esclarecer algumas dessas dúvidas compreendendo um pouco mais sobre os hábitos e as dificuldades daquela comunidade, assim como iniciou o planejamento das atividades de promoção da saúde naquele espaço.

Na discussão sobre o estilo de vida dessa população, foi ressaltada a grande ligação que eles têm com a natureza, o que influencia desde a produção agrícola, que rege a economia do local, até as questões de alívio e cura de doenças com as plantas medicinais e rezeiras. Para muitos moradores do quilombo Castainho, o significado de saúde é a terra. Isso é compreensível, já que é a terra que proporciona prosperidade aos quilombolas ao lhes oferecer moradia, produção, lazer, plantas medicinais, trabalho, além de sentimento

de pertencimento e integridade, essa relação com a terra nos remete ao conceito de saúde, não apenas como a ausência de doença ou enfermidade, mas como acesso a todos os bens que a terra os proporciona (SAÚDE BRASIL, 2020).

Apesar da longevidade dos seus moradores e hábitos extremamente ligados à natureza, alguns pontos afligem a promoção da saúde nos quilombos. Segundo Franchi et al (2018), as comunidades quilombolas têm seus direitos privados, dentre eles a saúde, por ainda enfrentarem sérios empecilhos como a precariedade na garantia do direito à educação, a luta pelo direito à terra, a falta de investimentos públicos e infraestrutura, a escassa oferta de serviços de saúde, o preconceito, a falta de informações sobre seus direitos, além do isolamento físico e social. Todos esses pontos foram captados pelos estudantes, principalmente através da atividade de educação “Saúde a partir do olhar dos territórios” realizada pelo líder comunitário do Castainho.

Nos diversos debates, os estudantes expressaram suas preocupações quanto às falhas na inserção da população, historicamente marginalizada no âmbito da saúde, apesar da existência de políticas públicas. Segundo Cardoso, Melo e Freitas (2018) a assistência à saúde nessas comunidades enfrenta certa dificuldade pelas particularidades presentes na assistência à saúde. Dentre estes fatores pode-se citar o baixo nível socioeconômico, o isolamento geográfico, assim como as baixas condições de vida e moradia. Além dessas características desfavoráveis, as condições de acesso das comunidades quilombolas às UBS, devido a distância e/ou ausência de transportes, são precárias.

Essa situação se agrava ainda mais quando associada a rotatividade dos profissionais, precária infraestrutura para atendimento e racismo institucional. Todos esses fatores geram barreiras que promovem o aumento da desigualdade do acesso à saúde. (CARDOSO; MELO; FREITAS, 2018). Os moradores do Castainho relataram dificuldade de conexão com os profissionais de saúde, apesar das idas de agentes de saúde ao quilombo. Foi observado que a inexistência do vínculo entre os profissionais e a comunidade, o qual essencial para o progresso da saúde no quilombo, procede da insegurança, por parte dos quilombolas, e da inflexibilidade cultural, por parte dos profissionais de saúde. Isso ocorre porque a assistência costuma ter um enfoque pontual e curativista voltado no processo saúde-doença.

Através dos relatos dos alunos, foi possível constatar o desenvolvimento da consciência sobre as dificuldades relacionadas às questões de saúde dessa população. Evidentemente, é uma adversidade de grande proporção que depende de um conjunto de fatores para a resolução, entretanto, o grupo de alunos compreendeu que a partir da mudança de cada futuro profissional da saúde, desde a formação, por meio de experiências como a Curricularização da Extensão, avanços poderão ser vistos na incorporação dessas populações. Cada atendimento humanizado, onde o médico não só supervaloriza habilidades técnicas, mas sim enxerga a pessoa como um ser completo, já é um ganho para o SUS e, conseqüente, impulsiona a saúde de um modo geral.

Quanto às metas a serem alcançadas na comunidade, o projeto foi condizente com os objetivos estabelecidos inicialmente, auxiliando, assim, na promoção da saúde na atenção básica, uma vez que foi possível observar o início de mudanças por parte da população. Além disso, a extensão universitária serve como intermédio entre as instituições de ensino e a comunidade gerando um processo de transformação em diversos setores da saúde. Assim, justifica-se, a importância da curricularização da extensão, pois essa impulsiona uma nova formação social a partir do favorecimento de mudanças nas práticas adotadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a saúde da população quilombola pouco abordada na sociedade e nos ambientes universitários, por meio desse relato demonstrou-se a importância de entender a individualidade deste povo. Um dos principais aprendizados de toda a vivência resume-se ao respeito ao outro e a sua cultura. Como já mencionado por Almeida e Barbosa (2019), são necessárias experiências como essa, que permitam ao discente conhecer e dialogar com grupos distintos, proporcionando a oportunidade de serem profissionais que não se prendam apenas aos conhecimentos técnicos científicos, mas também as questões sociais, culturais e que sirvam a todas as pessoas sem julgamentos preconcebidos. Desta forma, haverá uma grande melhoria na qualidade do atendimento médico oferecido à população, com enfoque especial na quilombola.

A extensão universitária proporciona à grade curricular de ensino um local para experiências que dão um caráter humanizado ao profissional da saúde. Ela é imprescindível na formação dos alunos, pois permite que eles ampliem os seus horizontes. (ALVES et al., 2009, ALMEIDA; BARBOSA, 2019). É importante, que mais atividades como essa aconteçam, para que a comunidade e os alunos cresçam juntos em conhecimento e respeito.

Apesar das limitações impostas pela pandemia da Covid-19, com conseqüente necessidade do distanciamento social, foi possível realizar

um bom processo de aprendizagem e reflexão sobre o tema abordado com os estudantes do quarto período de Medicina da Universidade de Pernambuco Campus Garanhuns. Desta maneira, fez-se notória a mudança de perspectiva por parte dos alunos, possibilitando-os a compreensão da importância de reconhecer a individualidade da comunidade quilombola.

Ademais, foi possível identificar o impacto positivo que a extensão teve naquela população, através do compartilhamento de aprendizados proporcionados pelos encontros e materiais entregues. Assim, ambos os agentes foram transformados por uma harmoniosa troca de saberes que só a atividade extensionista poderia proporcionar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. M. V.; BARBOSA, L. M. V. Curricularização da Extensão Universitária no Ensino Médico: o Encontro das Gerações para Humanização da Formação. **Rev. bras. educ. med.**, vol.43, n.1, p. 672-680, jul. 2019.

ALVES, A. N. O.; MOREIRA, S. N. T.; AZEVEDO, G. D.; ROCHA, V. M.; VILAR, M. J. A humanização e a formação médica na perspectiva dos estudantes de Medicina da UFRN – Natal – RN – Brasil. **Rev. bras. educ. med.**, vol.33, n.4, p. 655-661, abr. 2009.

BARATA, R. B. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

BATISTA, E. C.; ROCHA, K. B. **Saúde mental em comunidades quilombolas do Brasil**: uma revisão sistemática da literatura. *Interações (Campo Grande)*, v. 21, n. 1, p. 35-50, 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO; CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR; RESOLUÇÃO Nº 3, DE 20 DE JUNHO DE 2014. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências**. 2014.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR; RESOLUÇÃO CNE/CES nº 4, DE 7 DE NOVEMBRO DE 2001. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina**. 2001.

CARNEIRO, E. **O Quilombo dos Palmares**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CASTAINHO: saúde e resistência quilombola. Direção de Wanessa Gomes. Garanhuns: 2020. 1 vídeo (26 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7GIRR_tH6gY&t=5s>. Acesso em 12/02/2021.

DAMASCENO, M. G.; ZANELLO, V. M. L. **Saúde mental e racismo contra negros**: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, n. 3, p. 450-464, 2018.

FRANCHI, E.P.L.P. et al. A formação de profissionais de saúde no cuidado às comunidades quilombolas: Um relato de experiência. **Rev Bras Med Fam Comunidade**, v.13, n.40, p.1-11. Rio de Janeiro, jan. – dez. 2018.

FREITAS, L. S.; RIBEIRO, M. F.; BARATA, J. L. M. O desenvolvimento de competências na formação médica: os desafios de se conciliar as Diretrizes Curriculares Nacionais num cenário educacional em transformação. **Rev. méd. Minas Gerais**, vol. 28, p. 1-8. Jan.- dez, 2018.

BRASIL. Ministério da saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Brasília: SEPIIR, 2007.

NOGUEIRA, M. I. As Mudanças na educação médica brasileira em perspectiva: reflexões sobre a emergência de um novo estilo de pensamento. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 33, n.

2, p. 262-270. Jun. 2009.

REIS, J.J.; GOMES, F.S. (Orgs.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SAÚDE BRASIL. **O que significa ter saúde?** Disponível em: <<https://saudebrasil.saude.gov.br/eu-quer-me-exercitar-mais/o-que-significa-ter-saude>>. Acesso em 23/05/2021.

SOUZA, L. F. F.; BARROS, J. S.; CARVALHO, K. S.; MELLO, L. M. B. D. Curricularização da Extensão: Processos de apropriação da realidade na formação em saúde. **Revista Extensão UFRB**, vol. 18, n. 1, p. 53-59. Jun. 2020.

VARGAS, D.L. Avanços e desafios da extensão universitária através das TICS em tempos de pandemia no espaço rural. **Revista Extensão UFRB**, ed. 19, v.02 p.197-207. Abr. 2020.

MENESES, R.C.T.; ZENI, P.F; OLIVEIRA. C.C.C.; MELO, C.M. Promoção de saúde em população quilombola nordestina - análise de intervenção educativa em anemia falciforme. **Esc Anna Nery Rev Enferm**. ed. 19, v.01, 2015.

SIQUEIRA, S.M.C.; JESUS, V.S.; SANTOS, E.N.B.; WHITAKER, M.C.O.; SOUZA, B.V.N.; CAMARGO, C.L. Atividades extensionistas, promoção da saúde e desenvolvimento sustentável: experiência de um grupo de pesquisa em enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm**. ed. 21, v. 01, 2017.

CARDOSO, C.S.; MELO, L.O.; FREITAS, D.A. Condições de saúde nas comunidades Quilombolas. Português/Inglês. **Rev enferm UFPE**, Recife, ed.12, v.4, p.1037-1045, abr. 2018.

O USO DO TEATRO DE FANTOCHES COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE PARA CRIANÇAS

THE USE OF PUPPETS THEATER AS A HEALTH PROMOTION STRATEGY FOR CHILDREN

Eduarda Naiany de Oliveira Macedo

Acadêmica de Graduação em Enfermagem, voluntária do programa de Extensão e cultura (PROBEC/PROVEC) da Universidade Federal de Jataí. E-mail: eduardanaiany@gmail.com

Barbara Dias Pereira

Acadêmica de Graduação em Enfermagem, voluntária do programa de Extensão e cultura (PROBEC/PROVEC) da Universidade Federal de Jataí. E-mail: barbaradias@discente.ufj.edu.br

Lazara Michelle Araújo de Assis

Acadêmica de Graduação em Enfermagem, voluntária do programa de Extensão e cultura (PROBEC/PROVEC) da Universidade Federal de Jataí. E-mail: lmichelle@discente.ufj.edu.br

Carla Fernandes da Silva Almeida

Acadêmica de Graduação em Enfermagem, voluntária do programa de Extensão e cultura (PROBEC/PROVEC) da Universidade Federal de Jataí. E-mail: carlafersilva24@discente.ufj.edu.br

Marise Ramos de Souza

Professora Doutora do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Jataí, coordenadora do projeto de extensão da Universidade Federal de Jataí. E-mail: marise@ufj.edu.br

RESUMO

Introdução: O Teatro de Fantoches consiste em encenações que fazem o uso dos fantoches como personagens de uma peça. É uma forma lúdica de abordar temas cotidianos, misturando conhecimento e arte, e um meio de trabalhar educação em saúde. Objetivo: relatar a importância das ações de educação em saúde, por meio do teatro de fantoches em crianças de Centros Municipais de Educação Infantil de um município do Sudoeste Goiano. Método: Atividade realizada por alunas do projeto de extensão PROVEC, intitulado: "O uso do teatro como estratégia de promoção da saúde". Desenvolvido em um município do Sudoeste Goiano por 4 estudantes do curso de enfermagem, com início em agosto de 2019 até novembro de 2019. Utilizou o teatro de fantoches em quatro CMEI, com a encenação do tema 'higiene corporal', onde foram realizadas apresentações para as turmas de jardim e maternal, totalizando cerca de 540 crianças, em instituições de ensino infantil. Resultados: os resultados foram obtidos através de observação e questionamento aos docentes, que relataram aumento do aprendizado pelas crianças. Conclusão: Através desta ação extensionista, percebeu-se que o teatro de fantoches é uma boa estratégia de comunicação de saúde criança/profissional com linguagem mais simplificada para facilitar o da ideia transmitida.

Palavras-Chave: Educação em saúde. Promoção da saúde. Teatro de Fantoches.

ABSTRACT

Introduction: The Puppet Theater consists of performances that use puppets as characters in a play. It is a playful way of approaching everyday themes, mixing knowledge and art, and a way of working with health education. **Objective:** to report the importance of health education actions, through puppet theater for children from Municipal Centers for Early Childhood Education in a municipality in Southwest Goiás. **Method:** Activity carried out by students of the PROVEC extension project, entitled: "The use of theater as a health promotion strategy". Developed in a municipality in Southwest Goiás by 4 nursing students, starting in August 2019 until November 2019. It used puppet theater in four CMEI, with the staging of the theme 'body hygiene', where presentations were made for the kindergarten and nursery classes, totaling around 540 children, in kindergarten institutions. **Results:** the results were obtained through observation and questioning of teachers, who reported an increase in children's learning. **Conclusion:** Through this extension action, it was realized that the puppet theater is a good communication strategy for child/professional health with a simpler language to facilitate the idea transmitted.

Keywords: Health education. Health promotion. Puppets Theater.

INTRODUÇÃO

Educação em saúde são ações educativas que vão construir conceitos para as crianças que entram em contato com temas didáticos, pois há a necessidade de recriar a maneira como se dissemina a informação, construindo uma comunicação mais simplificada e que consiga atingir a criança em sua totalidade (MEDEIROS; BOERHS; HEIDEMANN, 2012). É necessário que o enfermeiro, enquanto educador na infância, preocupe-se com quais fases do desenvolvimento está lidando, os hábitos, as culturas e as preferências da população, para criar vínculo e transmitir conhecimento de forma positiva (GAZZINELLI et al. 2013). Nesta perspectiva, há uma grande necessidade de atrair a atenção das crianças para que a prática educativa em saúde, estabeleça um contato mais direto com as situações cotidianas ('bullying', alimentação, higiene, sexualidade, etc.), fazendo-se necessários métodos que deem continuidade, acompanhem a criança nos seus momentos de descoberta e desenvolvimento providos de ferramentas validadas para a construção de aspectos sociais e culturais que irão servir de base para a formação do pensamento e solução de problemas relacionados a essas situações (SOARES; SILVA; SILVA, 2011; RAMOS, 2013).

Nesse cenário, a enfermagem entra como elo entre as crianças e a educação em saúde. Na atenção primária, o enfermeiro pode exercer

o papel de educador por vários momentos, em consultas, visitas domiciliares ou atividades que envolvam a população em um âmbito coletivo de maneira a estabelecer vínculos positivos. pode integrar ações educativas no viver e conviver da comunidade para prevenir agravos e doenças (WILD et al. 2014; GAZZINELLI et al. 2013). A educação em saúde deve ser um campo em construção que vai priorizar o diálogo entre o conhecimento do profissional e da população, sendo o teatro uma grande estratégia para troca de conhecimentos, pois é uma metodologia bem aceita pelas crianças, favorecendo um conhecimento global e a aprendizagem de conhecimentos específicos onde,

O mergulho em si mesmo propiciado pelo teatro potencializa as descobertas pessoais de uma forma indireta. No teatro, é por meio do não-ser que se descobre o ser. No fazer teatral, a tolerância se amplia na medida em que o "eu" se coloca no lugar do outro, que sinta suas dores, as alegrias, os sentimentos. (COELHO, 2014, p. 7)

O enfermeiro necessita de um olhar mais ampliado de modo que suas ações consigam atingir a idade proposta. O teatro é uma grande ferramenta na promoção a saúde e uma forma lúdica de transmissão de conhecimentos, que auxilia no interesse, motivação e avaliação do conteúdo apresentado (RAMPASO, 2011).

O teatro é uma forma lúdica em que crianças deixam fluir o lado prazeroso da infância, di-

vertindo-se e absorvendo as coisas cotidianas do seu próprio jeito, misturando de forma positiva arte e conhecimento (SOARES; SILVA; SILVA, 2011). A linguagem cênica abre novas possibilidades de trabalhar vários assuntos, revelando-se um caminho de humanização, promoção e prevenção de doenças, proporcionando a valorização de saberes, em busca de uma atitude mais participativa e coletiva (NAZIMA et al. 2008).

Sobre esses preceitos, o teatro constitui-se, na prática de enfermagem em ações de educação para a saúde nas diferentes fases da vida, despertando o desejo de explorar a maneira como as crianças pensam, do fazer e ser, vinculando novos saberes para centralizar a criança como protagonista dessa educação, de maneira que sejam entendidos seus limites e possibilidades, transmitindo o que é proposto (CAMPOS, et al 2012).

Através da premissa de alcançar a criança, o teatro de fantoches é um bom meio de conectar os alunos ao tema trabalhado, no qual há a necessidade de transmitir, de forma lúdica, boas práticas de higiene corporal. O presente trabalho pretende relatar a importância das ações de educação em saúde pelo teatro de fantoches voltadas às crianças de Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) de um município do Sudoeste Goiano.

METODOLOGIA

Estudo descritivo, do tipo relato de experiência produzido a partir do projeto de extensão PROVEC intitulado: “O uso do teatro como estratégia de promoção a saúde”. Desenvolvido em um município do Sudoeste Goiano por quatro estudantes do curso de enfermagem, com início em agosto de 2019 até novembro do mesmo ano, utilizando teatro em CMEI.

O projeto foi desenvolvido em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) e a Secretaria Municipal de Educação (SME), junto a UFJ. Através de reuniões, elaboração de peças e ensaios, o trabalho foi executado sob a supervisão da coordenadora do projeto. Por se tratar de uma única história trabalhada ao longo do semestre, os personagens foram fixos e

seus representantes permaneceram os mesmos.

A faixa etária das crianças em maternal e jardim I e II (3 até 6 anos) foi o principal critério para seleção das instituições de ensino. A princípio, a visita estava programada para todas que atendiam este critério, mas devido às interrupções de aulas presenciais, o projeto foi finalizado ao final de 2019. Por meio de agendamento prévio e disponibilidade no dia pretendido, as apresentações ocorriam, mensalmente, as sextas-feiras em instituições de ensino infantil, conforme a disponibilidade das mesmas. Fez-se uso de três fantoches e um palco em forma de casa e confeccionado em isopor. Uma extensionista ficou responsável pela narração, interação direta com as crianças e intermediava as mudanças cênicas e as outras três no controle dos fantoches. As apresentações no CMEI 1 aconteceram no refeitório, CMEI 2 no pátio, CMEI 3 na brinquedoteca e CMEI 4 em um palco, com auxílio de microfone e amplificação de som, disponibilizado pela escola, totalizando seis apresentações. O projeto foi acompanhado pelas professoras das turmas e em alguns momentos pela presença da coordenação e direção das escolas.

A partir das necessidades detectadas nos serviços de educação infantil, o tema relacionado à saúde foi solicitado pelas instituições e o projeto disponibilizou a apresentação. A peça denominada “Higiene Corporal” foi elaborada para ser desenvolvida com fantoches e retratar o dia-a-dia da personagem Emília e seus atos de higiene duvidosos, que contribuem com a dificuldade de socialização da garota e os colegas de classe. A história acaba levando conhecimento com um toque de humor e diversão para as crianças.

A execução do projeto deu-se por ensaios que ocorreram em três sextas-feiras no primeiro semestre de 2019. As apresentações decorreram no segundo semestre, através de agendamentos prévios comunicados à direção das instituições. O teatro foi uma forma de despertar na criança o interesse em sua própria higiene, de modo a incentivar os pais no cuidado com seus filhos. Por se tratar de um estudo de relato de experiência e não ter ocorrido coleta de dados com os participantes, o referido pro-

jeto não teve indicação de submissão ao comitê de ética em pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As apresentações foram realizadas em quatro CMEI de um município do Sudoeste Goiano em parceria com a SMS e a SME. Todas as instituições de ensino pediram o mesmo tema: "Higiene Corporal" e, através disso, elaborou-se uma peça que foi apresentada para um público de cerca de 540 crianças, sendo em sua maioria as turmas de Jardim I e II.

Na primeira instituição CMEI 1, a peça foi assistida por 95 crianças. Além disso, a equipe pediu para trabalhar de alguma forma com o berçário, por isso optou-se por tentar uma aproximação mais direta, visto que crianças em fase de desenvolvimento motor necessitam de tocar e apertar objetos para conhecê-los. Em uma roda de cantigas, a música do castelo RA TIM BUM, "Lavar as mãos" foi cantada enquanto uma das integrantes do projeto ensinava os bebês a lavagem das mãos. Na instituição CMEI 2, repetiu-se o teatro de higiene corporal, com três turmas de maternal e três de jardim I e II, com um total de 100 crianças. Percebeu-se o interesse das crianças e a captação do tema, pois os fantoches além de serem um grande atrativo deixaram a peça mais divertida. No CMEI 3, 130 crianças divididas em maternal e jardim assistiram a mesma peça de higiene corporal, tendo uma receptividade considerável. Ademais, houve resposta dos profissionais das instituições que acharam a metodologia bastante positiva quanto ao incentivo de hábitos de higiene em crianças menores com relutância principalmente para o banho. Por fim, no CMEI 4 foi realizada uma única apresentação para todas as 215 crianças das instituições e obteve um rendimento satisfatório, mesmo com uma grande quantidade de espectadores.

Os professores avaliaram o trabalho do teatro como produtivo, conseguindo atingir bem as faixas etárias, porém houve comentários ressaltando a necessidade de maiores visitas aos CMEIs, tentando abordar outros temas, de maneira continuada. Aos membros da institui-

ção foram realizadas algumas perguntas para saber se as crianças entenderam a apresentação. Percebeu-se que captaram as partes principais na ideia em que foram pensadas, onde o fato de não tomar banho era algo ruim e a importância da higiene. Por fim, quando as crianças deixavam o ambiente, as integrantes do projeto organizavam o local e deslocavam o material para o transporte, retornando as suas casas.

Estudo realizado por acadêmicas de enfermagem, em uma creche no interior de São Paulo, utilizaram o teatro como mecanismo para educação em saúde, com resultados satisfatórios ao verem as crianças que assistiram ao teatro demonstrarem uma mudança de atitude positiva, relacionada a educação alimentar (NAZIMA et al. 2008).

Observou-se que os CMEIs possuem estrutura física adequada, salas amplas e espaços ideais para as atividades e recreação. O tema Higiene, segundo a direção e alguns docentes, é abordado pela instituição, entretanto, a maneira como foi apresentada pelo grupo facilitou o entendimento da sua necessidade. O atendimento destas instituições em horário integral é o que implica a responsabilidade de reforçar os cuidados adequados de higiene e estimular as crianças a executarem esses hábitos sozinhas. É importante ressaltar que os problemas de higiene, como pediculoses e parasitoses, costumam ocorrer em crianças que convivem em ambientes públicos e podem ser diminuídos com trabalhos de conscientização das mesmas, que mais tarde acabam atingindo os pais e a comunidade no geral (PEDROTTI et al. 2012).

Destacou-se, então, a importância da promoção da saúde e do trabalho em desenvolvimento, visto que conscientiza, de maneira lúdica, o processo de saúde e doença, considerando que os primeiros anos de vida da criança são determinantes para o estabelecimento de concepções e atitudes com desdobramentos para o resto da vida (MOURA, 2012). A educação em saúde é um instrumento que possibilita transformar a realidade, as experiências e os saberes, permitindo o desenvolvimento de autonomia, na qual há uma necessidade de ações que permitam serem vivências diárias

contribuições da população, ficando os sujeitos envolvidos na ação educativa, gerando um pensamento crítico reflexivo sobre as questões da sua própria saúde (ARAÚJO, 2013).

Promoção da saúde refere-se às ações realizadas sobre as condições sociais e determinantes da saúde, visando um impacto benéfico na qualidade de vida. Portanto, caracterizam-se por realizar ações de ampliação da consciência em saúde, direitos e obrigações civis, educação em saúde, estilo de vida, aspectos comportamentais (...) (SILVA et al. 2020). A falha na promoção da saúde causa consequências em todos os níveis de complexidade do SUS, visto que os condicionantes e determinantes que adoecem não são eliminados; os pacientes serão apenas tratados no modelo biomédico e centralizado, permitindo que voltem a adoecer, gerem gastos e turbulências no sistema de saúde.

É de conhecimento a Política Nacional de Promoção a Saúde (PNPS) em algumas regiões brasileiras, porém, ainda não está bem estruturada, como elucida um estudo de uma região do Nordeste cuja população aproximada é de 298.017 habitantes. Após a avaliação da região de saúde estudada, percebeu-se que não há indicadores para ações de promoção da saúde e que a PNPS ainda não está suficientemente implantada, sendo que a maioria dos municípios possui em seus instrumentos de gerenciamento ações específicas da política, todavia, na prática, ainda há muitas dificuldades para a efetivação desta (DIAS et al. 2018).

As instituições de ensino devem ser um dos incentivadores da promoção a saúde, por entender que os profissionais da saúde, educação, pais e alunos transformam o ambiente escolar em um lugar saudável por meio de práticas estimuladoras do bem-estar e da dignidade individual e coletiva. A escola deve impulsionar a promoção da saúde, formando indivíduos responsáveis e conhecedores de saúde, e fortalecendo o auto cuidado (ARAÚJO, 2013).

O teatro de fantoches, brincadeiras e jogos são importantes para a educação, pois o uso da ludicidade dissemina facilmente conhecimentos e melhora o interesse, a motivação, a participação e a fixação do conteúdo, para que

o aprendizado ocorra na vivência da criança, das coisas que são comuns e importantes, respeitando características da idade e do próprio raciocínio (RAMPASO, 2011).

É importante ressaltar que ações educativas fora dos espaços de saúde, tornaram-se necessárias para a promoção da saúde, fazendo com que os profissionais modifiquem a forma de fazer saúde a partir de ações multidimensionais, envolvendo diversos âmbitos da sociedade (ARAÚJO, 2013). É muito importante que o profissional saiba utilizar de meios e ferramentas nas ações de saúde. No teatro, principalmente com crianças, é necessário dar ênfase as partes mais empolgantes e de maior imaginação, deixando a peça mais divertida, lembrando-se da linguagem simplificada e dos diálogos atrativos. O teatro representa um modelo prático, que pode ser utilizado como precursor das práticas educativas. Então, o profissional atuante na saúde deve entender que educação em saúde faz parte do cotidiano com papel importante nos diferentes cenários do trabalho (NAZIMA, 2008).

O teatro é empregado como um método educacional que contribui para a compreensão do indivíduo e a contextualização dos fatos sociais. Para promover saúde, é necessária a procura contínua de novas ferramentas, linguagens e criatividade que favoreçam o diálogo entre o profissional e a população, sabendo como lidar com o público pretendido é a peça fundamental para a consolidação de resultados (PARO; SILVA, 2018).

Na infância salientou-se que o desenvolvimento da inteligência infantil é função do meio em que vive, o que torna necessários instrumentos como a linguagem e os diferentes sistemas simbólicos que possam surgir nesse meio (SANTOS, 2014). O teatro propôs trabalhar, através desses símbolos, aspectos importantes no desenvolvimento infantil possibilitando ao educador direcionar atividades baseadas nas peças de teatro propostas, visando então fortalecer a parceria fundamentada entre educação e saúde nas escolas. A escola é um ambiente propício para desenvolver ações educativas, pois a concretização de projetos que promovem saúde se apoia no professor, elo importante e fundamental, nesse contexto

(GONÇALVES et al. 2008).

Os cuidados básicos de higiene, principalmente nas escolas, são necessários visto que a criança é um indivíduo em desenvolvimento fisiológico que sempre está exposto a organismos para ela até então desconhecidos. Logo, há relevância nas práticas de ações educativas, lembrando que é sempre mais barato e eficaz trabalhar com prevenção (CASEMIRO; FONSECA; SEC, 2013). Nesse contexto, as práticas de educação em saúde nas escolas sempre vão passar por um processo coletivo com a participação, seja direta ou indireta dos professores. Sendo assim, a promoção da saúde deve ser abordada de forma dinâmica, como ferramenta de conscientização (VIEIRA, et al. 2017).

É necessário, também, um planejamento das ações de saúde de maneira a tentar incluir educação em saúde no projeto pedagógico dos estabelecimentos de ensino, considerando que as respostas efetivas em saúde vão depender do empenho dos profissionais educadores e das ações que são centradas na escola, instituições de saúde e a família, sendo para as crianças recursos influenciadores no envolvimento delas com comportamentos que levam à promoção da saúde (COSTA, 2013).

A inserção da enfermagem no ambiente escolar, se possível, deve ser regular e com atividades que supram as necessidades de aluno/as, familiares, professor/as e funcionário/as. Percebe-se, então, que o teatro de fantoches mostra-se mais eficaz do que a exposição dialogada sobre determinados temas e aumenta a possibilidade das crianças criarem bons hábitos, tornando-se adultos saudáveis (COSTA, 2013) e dando à enfermagem e educação em saúde, novas possibilidades de metodologia

como a importância do enfermeiro educador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as alunas do projeto, o teatro mostrou-se uma maneira de atingir as faixas etárias trabalhadas, evidenciando a importância da higiene corporal, principalmente na infância, quando a construção de conhecimentos ainda está na fase de desenvolvimento. Espera-se que o teatro, como estratégia para aproximar as crianças da educação em saúde, faça com que elas adotem hábitos e comportamentos saudáveis, que, conseqüentemente, vão promover uma melhora na qualidade de vida, edificando atitudes positivas para a sociedade.

Portanto, é necessário ressaltar que o teatro de fantoches é uma boa estratégia de comunicação criança/profissional de saúde; uma maneira de mediação e nesse sentido, são necessárias linguagens mais simplificadas que facilitem a absorção da ideia transmitida, de maneira a criar vínculos entre as crianças e a mensagem passada, para que esse conhecimento aprendido possa ser executado no convívio com outras pessoas.

Seria interessante estimular os profissionais de educação a dar continuidade ao projeto lançado, mantendo a premissa já proposta, desde que tenham uma capacitação adequada, para que consigam abranger uma maior faixa etária, afinal, o fantoche mostrou-se um artifício positivo. Para a enfermagem, ainda é um desafio utilizar a escola como campo de atuação e contribuir com ações educativas, pois os métodos precisam ser continuamente aprimorados conforme as necessidades detectadas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mércio Gabriel et al. Educação em saúde no ensino infantil: metodologias ativas na abordagem da ação extensionista. **Revista de Enfermagem UFPE On line**, Internet, v.7, nº1. p. 306-13, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10235/10833>. Acesso: 03 de fevereiro de 2020.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, Internet, 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso: 21 de janeiro de 2020.

CASEMIRO, Juliana Pereira; FONSECA, Alexandre Brasil Carvalho da; SECCO, Fabio Vellozo Martins. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciência & Saúde Coletiva**, Internet, v. 19, n. 3, p. 829-840, 2014. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csc/2014.v19n3/829-840/pt>. Acesso: 10 de fevereiro de 2020.

CAMPOS, Cássia Noele Arruda et al. Reinventando práticas de enfermagem na educação em saúde: teatro de idosos. **Esc Anna Nery**, Internet, v. 16, nº 3. p. 588-596, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n3/23.pdf>. Acesso: 16 de janeiro de 2020.

COELHO, Márcia Azevedo. Teatro na Escola: uma possibilidade de educação efetiva. **Polêm!ca**, v. 13, nº. 2, p. 1208-1224, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10617/8513>. Acesso: 03 de fevereiro de 2020.

COSTA, Gabriela Maria Cavalcanti et al. Promoção de saúde nas escolas na perspectiva de professores do ensino fundamental. **Rev. Eletrônica de enfermagem**, internet, v.15 nº.2, p. 506-15, 2013. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/revista/v15/n2/pdf/v15n2a25.pdf>. acesso: 03 de fevereiro de 2020

DIAS, Maria Socorro de Araújo et al. Política Nacional de Promoção da Saúde: um estudo de avaliabilidade em uma região de saúde no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Internet, V.23, Número 1. p. 106-14, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n1/1413-8123-csc-23-01-0103.pdf>. Acesso: 21 de janeiro de 2020

GAZZINELLI, Maria Flávia et al. Teatro na educação de crianças e adolescentes participantes de ensaio clínico. **Rev. Saúde pública**, Internet, v. 46, n.6. p. 999-1006, 2012. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2012.v46n6/999-1006/pt>. Acesso: 10 de fevereiro de 2020.

GONÇALVES, Fernanda Denardin et al. A promoção da saúde na educação infantil. **Interface-Comunic. Saúde, Educ.** Internet, v. 12, n. 24, p. 181-192, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n24/13.pdf>. Acesso: 10 de fevereiro de 2020.

MEDEIROS, Elaine Alano Guimarães; BOERHS, Astrid Eggert; HEIDEMANN, Ivonete Teresinha Schullter Buss. O papel do enfermeiro e as recomendações para a promoção da saúde das crianças nas publicações da enfermagem brasileira. **Revista Mineira de Enfermagem (REME)**, Internet, V. 17 Número 2. p. 462-467, 2012. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/663>. Acesso: 16 de janeiro de 2020.

MOURA, Karina Rumi. **Abordagem da saúde da criança na educação infantil: Percepção de educadoras**. 2012. 111 f. Dissertação (Pós Graduação em Enfermagem) – Centro das Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/3257/4981.pdf>. Acesso: 21 de janeiro de 2020.

NAZIMA, Tue Jollo et al. Orientação em saúde por meio do teatro: relato de experiência. **Rev. Gaúcha enfermagem**, Internet, V.29, Nº 1. p. 147-151, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/5313/3014>. Acesso: 21 de janeiro de 2020.

PARO, César Augusto; SILVA, Neide Emy Kurokawa e. O teatro do oprimido e a promoção da saúde: tecendo diálogos. **Trab.Educ.Saúde**, Internet, V.16, Número 2. p. 471-493, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v16n2/1678-1007-tes-1981-7746-sol00110.pdf>. Acesso: 28 de janeiro de 2020.

PEDROTTI, Sabrina Paranhos et al. Abordagem e aplicação de hábitos de higiene na educação infantil. **Ciência, reflexividade e incertezas**, Internet, (anais de evento). p. 4, 2012. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2012/ccs/abordagem%20e%20aplica>

cao%20de%20habit0s%20de%20higiene%20na%20educacao%20infantil.pdf. Acesso: 20 de outubro de 2021.

RAMOS, Jorge Amilcar Spencer. **A contribuição e a importância do teatro na educação integral da criança**. Instituto politécnico de Viana do Castelo, Internet, p. 125, 2013. Disponível em: http://repositorio.ipvc.pt/bitstream/20.500.11960/1537/1/Jorge_Ramos.pdf. Acesso: 16 de janeiro de 2020.

RAMPASO, Débora Alves de Lima et al. Teatro de fantoche como estratégia de ensino: relato de vivência. **Rev. Bras. Enferm**, Internet, v.64, nº 4, p. 783-5, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n4/a24v64n4.pdf>. Acesso: 28 de janeiro de 2020

SANTOS, Alessandra Regina da Silva. **As implicações da teoria de Henri Wallon para a compreensão da dicotomia entre o saber e o sentir na infância**. 2014. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2014%20ALESSANDRA%20REGINA%20DA%20SILVA%20SANTOS.pdf>. Acesso: 28 de janeiro de 2020.

SILVA, Adna de Araújo. et al. Ações de promoção da saúde no Programa Saúde na Escola no Ceará: contribuições da enfermagem. **REBEn**, internet, v.74 nº 1, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0769>. Acesso: 30 de junho de 2021.

SOARES, Sônia Maria; SILVA, Liliam Barbosa; SILVA, Patrícia Aparecida Barbosa. O Teatro em Foco: Estratégia lúdica para o trabalho educativo na saúde da família. **Esc. Anna Nery**, Internet, V.15, Número 4. p. 818-824, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n4/a22v15n4.pdf>. Acesso: 16 de janeiro de 2020.

VIEIRA, Marina et al. Infância Saudável: educação em saúde nas escolas. **Expressa extensão**, Internet, v. 22 n. 1. p. 138-148, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/10808>. Acesso: 03 de fevereiro de 2020

WILD, Camila Fernandes et al. Educação em saúde na sala de espera de uma policlínica infantil: relato de experiência. **Rev Enferm UFSM**, Internet, v. 4 n. 3. p. 660-666, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/12397/pdf>. Acesso: 03 de fevereiro de 2020.

A COMPOSIÇÃO MUSICAL ENQUANTO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO INTERDISCIPLINAR

THE MUSICAL COMPOSITION AS AN INTERDISCIPLINARY PEDAGOGICAL
TOOL

Luís Cláudio Pires Seixas

Doutor em Música

Professor Municipal de Educação Artística/Música, em Salvador (BA).

cs.mus@hotmail.com

RESUMO

Esse artigo discute processos criativos, motivacionais e de conexão interdisciplinar no uso da composição musical como instrumento pedagógico, a partir de uma atividade de extensão universitária levada a cabo na Universidade Federal da Bahia, nas suas Escolas de Música e de Teatro, com o envolvimento de discentes de ambas as unidades de ensino e de participantes da comunidade externa. Além de refletir sobre o trabalho realizado, esse texto aponta para possíveis outras realizações semelhantes que, eventualmente poderiam incluir ainda discentes de cursos relacionados com a criação de histórias em quadrinhos, produção literária, produção cultural e aqueles que buscam aprofundamento nas várias funções no campo das artes visuais. As apresentações públicas tornaram essa vivência artística mais rica e possibilitou, ao final uma avaliação de aprendizagem que resgatou de forma simplificada os conteúdos abordados durante todo o semestre letivo, seguido de uma autoavaliação coletiva que, acontecendo dialogicamente permitiu que fosse mantida a concepção solidária que norteou o trabalho realizado em equipe nessa atividade de extensão universitária.

Palavras-chave: Composição Musical. Teatro. Circo. Criação Literária.

ABSTRACT

This paper discusses creative and motivational processes as well as that ones related with interdisciplinary connections in the use of the musical composition as a pedagogy tool, departing from an University Extension Activity carried out at the Federal University of Bahia, at the Schools of Music and Drama, with the involvement of students from both academic units and participants of the external community. Besides reflecting on the accomplished work, this text points out to other possible similar realizations that, eventually, could even include students of courses related with the creation of graphic novels, literary creation, cultural production and that ones on search of deepening on the several functions on the visual arts field. The public performances made this artistic acquaintance richer and favored, at its end a learning evaluation that rescued in a simplified way the contents approached during the whole academic semester followed of a collective self-evaluation that, taking place dialogically, allowed that was kept the solidary cooperation conception that guided the team accomplished work in this University Extension Activity.

Keywords: Musical Composition. Theater. Circus. Literary Creation.

INTRODUÇÃO

A música instrumental é um produto artístico com um alto grau de subjetividade. Por isso, a composição de peças desse tipo costuma ser uma atividade realizada de forma solitária. No entanto, uma articulação coordenada desse processo criativo pode oferecer uma oportunidade de vivência coletiva singular e, artisticamente, relevante.

Em grandes produções profissionais envolvendo teatro ou cinema, o aspecto interdisciplinar enquanto experiência pessoal se perde, uma vez que trabalhos coletivos como esses exigem o envolvimento cooperativo de técnicos altamente especializados e, por isso mesmo, com suas atuações restritas a suas funções profissionais individuais. Entretanto, laboratórios pedagógicos envolvendo o trabalho artístico coletivo interdisciplinar favorecem uma percepção mais nítida da heterogeneidade dos esforços envolvidos, enriquecendo muito todos os envolvidos, pela possibilidade de acesso a esse processo de forma mais ampla e diversificada.

Esse texto visa compartilhar uma experiência pedagógica bem sucedida, envolvendo a composição musical aplicada ao teatro, fazendo com que o processo de construção do conhecimento se transformasse numa obra artística, colaborando para socializar, desse modo, a produção acadêmica com a comunidade na qual está inserida.

Embora se refira a uma experiência específica, esse artigo não se limita a um relato, uma vez que discute processos criativos, motivacionais e de conexão interdisciplinar que podem inspirar ações semelhantes. A pesquisa realizada, por buscar evidências na práxis pedagógica, é definida como empírica e sua abordagem partiu da hipótese de que a composição musical pode ser usada como instrumento pedagógico interdisciplinar.

O conceito de interdisciplinaridade, nessa experiência, refere-se unicamente à mútua influência e interferência controlada entre áreas do conhecimento complementares, não havendo um compromisso, portanto, com a aplicação de conceitos e técnicas já bastante estudadas e descritas por pedagogos especialistas nesse

tipo de abordagem pedagógica como Carlos (2011) e José (2011).

Como em qualquer atividade em grupo, na realização de uma atividade pedagógica coletiva é imprescindível que se exercite o diálogo, a cooperação e o respeito mútuo, favorecendo, desse modo, a aproximação e o estreitamento de laços entre os participantes. Além disso, ao tomar o exercício da criatividade como motor, essa iniciativa, inevitavelmente, acaba estimulando o desenvolvimento do potencial inovador de cada um dos indivíduos envolvidos, com consequências que dificilmente se restringirão a essa vivência artística em particular.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Consideradas como indissociáveis do ensino e da pesquisa pela Constituição Federal de 1988 (artigo 207), as atividades de extensão universitária, conforme esclarece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, são uma das finalidades do ensino superior, que deve “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (BRASIL, 1996, Artigo 43, VII, p. 21).

A atividade de extensão aqui referida foi aprovada em reunião plenária da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e realizada com apoio das Escolas de Música e de Teatro dessa universidade que, além de franquearem acesso às suas dependências, providenciaram, a pedido do curso, pautas gratuitas numa Sala de apresentações da Escola de Música e no Teatro Martin Gonçalves, na Escola de Teatro, para as apresentações finais, que aconteceram em dois finais de semana consecutivos.

Como a iniciativa dessa experiência pedagógica partiu do docente encarregado, naquela ocasião, da disciplina Improvisação Musical III, obrigatória para os cursos de Composição e Regência, os horários dessa disciplina foram usados para a execução desse projeto de extensão que, não se limitando a eles, ampliou os conteúdos usualmente abordados por esse

componente curricular, permitiu a participação de alunos da Escola de Teatro e da comunidade externa à UFBA.

O mérito acadêmico implícito na obtenção do certificado de participação numa atividade de extensão universitária, com 143 horas de duração, pareceu motivar os participantes, especialmente aqueles vinculados à UFBA que, dentro de suas especialidades, ofereceram à montagem final, mão de obra altamente qualificada e sem qualquer ônus financeiro para o projeto.

A etapa inicial da atividade aqui relatada foi a realização de um curso sobre trilha sonora para teatro que pudesse funcionar, também, como eixo norteador de outras atividades complementares, de modo a permitir uma vivência mais intensa do universo do teatro a estudantes de música que, geralmente, se ocupam apenas com suas lidas e sequer frequentam o ambiente das artes dramáticas e permitir, simultaneamente, que colaboradores vindos do teatro, pudessem ter acesso ao processo de concepção, composição e execução de uma trilha sonora de forma ativa, num processo constante de interação entre todos os envolvidos.

Essa atividade de extensão teve como participantes, além do docente proponente, que atuou na direção musical, dez alunos da Escola de Música, sendo nove compositores/instrumentistas e um cantor; dez alunos da Escola de Teatro que se encarregaram da interpretação do texto; da direção e criação do texto; da preparação vocal do protagonista; das instalações elétricas no palco; da cenografia; da iluminação; da assessoria de imprensa e das atuações dos dois palhaços. Da comunidade externa, quatro participantes colaboraram respectivamente como assistente de direção; como mágico, na abertura do espetáculo; na programação visual; além da criação do figurino e da maquiagem, que foram levadas a cabo pela mesma pessoa.

O TEXTO E SEU CONTEXTO, ENQUANTO PRETEXTO

Nessa iniciativa pedagógica, a proposta inicial foi a de compor música coletivamente tomando-se como paradigma estrutural um texto

literário que, para isso, precisou ser tomado como meio de expressão dramática. Ao ser abordado como monólogo, o conto, narrado em primeira pessoa, passou a oferecer possibilidades de ambientação musical, ou seja, criou espaço para a criação de atmosferas que, uma vez estabelecidas e demarcadas, puderam dar lugar a uma interpretação da música baseada na improvisação, fazendo com que a Composição Musical funcionasse como instrumento pedagógico que, segundo MARTINS: “são os dispositivos de ação que possibilitam ao estudante relacionar-se... com os parceiros da formação, com o conhecimento científico e com o meio sócio-profissional e cultural” (Apud AIRES, 2017, p.14).

Quando uma iniciativa artística interdisciplinar acontece, as interferências mútuas entre os fazeres artísticos envolvidos e suas implicações, resultam em produtos inexistentes antes e com elementos de ambas as linguagens artísticas que lhe deram origem. Ainda que tenha tomado a composição musical como instrumento pedagógico interdisciplinar, o produto resultante não é só música, nem só teatro. Para o pretendido com o escopo desse texto, entender esse resultado como híbrido parece suficiente.

O texto do conto usado na montagem desse monólogo se ambienta num circo e seus personagens principais são os artistas itinerantes que nele trabalham, fazendo com que, acontecesse uma aproximação de todo o espetáculo e, naturalmente, dos envolvidos nele, com o universo do circo a ponto de contar com a participação especial de três artistas praticantes de artes circenses: um mágico e dois palhaços.

Nos momentos que antecederam o espetáculo, o mágico realizou alguns números de ilusionismo, oferecendo entretenimento ao público presente, já na sala de espera, ao tempo em que fazia convergir as atenções do público, por sugerir, desse modo, a ambientação pretendida pela peça teatral a ser encenada em seguida. Além do mágico, dois atores praticantes da arte dos palhaços, também referidos por eles como clowns, já dentro da sala de espetáculos, se encarregaram de fazer a transição para o início da peça interagindo com os músicos (10 no total) e com a plateia até serem gradativa-

mente substituídos pela música introdutória do espetáculo.

Como qualquer montagem teatral se dá pela perspectiva do seu diretor, perceber a ideologia que ele pretende imprimir no produto final, ou seja, o conjunto de ideias embutidas na encenação é necessário e economiza muito tempo do compositor musical, que tem com isso uma chance maior de acerto ao traduzi-la em música. Cada cena precisa ser analisada separadamente, mas é fundamental uma visão do todo que permita que se estabeleça a curva dramática do espetáculo, já que essa música precisa apresentar um discurso coerente por si, ainda que a serviço da encenação.

Para que a concepção musical fosse feita de modo que resultasse numa trilha sonora¹ adequada ao proposto pelo diretor, ele foi entrevistado pelos músicos e pelo ator protagonista. Além de esclarecer suas intenções e oferecer pistas preciosas aos criadores da música, ao se prestar ao papel de entrevistado, ofereceu um treino precioso aos alunos, que numa próxima oportunidade estarão atentos à importância desse momento de concepção da música, em peça teatral ou eventual trabalho futuro com cinema.

O ponto de partida dessa experiência pedagógica foi a criação literária. A idéia inicial era que a Faculdade de Letras fosse incluída no processo de elaboração do espetáculo final, de modo que em concurso ou trabalho de criação coletiva, os alunos do componente curricular Criação Literária produzissem o texto a ser encenado. Essa proposta se mostrou inviável, uma vez que não se dispunha de tempo integral para a realização de toda a montagem e, como essa atividade de extensão estava atrelada a um componente curricular do curso superior de música, o resultado precisava se concretizar em apenas um semestre letivo.

Diante da dificuldade de se realizar a criação literária simultaneamente aos trabalhos de criação musical e composição dramática, optou-se por encenar o texto de um estudante universitário, para que o contato com esse autor fosse maximizado e que se desse da forma mais

próxima possível. O texto selecionado para ser encenado foi, conforme já dito, um conto ambientado no universo circense. A narrativa é feita em primeira pessoa por um ex-artista de circo, o que facilitou sua adaptação para o Teatro.

O TRABALHO CÊNICO

A interação dos palhaços com os músicos durante os ensaios criou um ambiente ao mesmo tempo lúdico e, aparentemente, caótico passando a servir como introdução para a peça que, ao envolver a plateia, dançando e cantando com os artistas, deixou-a mais propensa a aderir à fantasia proposta no palco.

A direção do espetáculo foi feita por um aluno do curso superior de Direção Teatral que, embora ainda fosse bastante jovem, já atuava profissionalmente na área e talvez por isso, não pareceu ter dificuldades em cumprir sua função com desenvoltura. Sua liderança e experiência despertavam em toda a equipe confiança e respeito. Além disso, seu trabalho foi facilitado por uma jovem aspirante a diretora que, com esse espetáculo, teve sua primeira oportunidade de participar de uma montagem teatral. Seu talento e dedicação tornaram sua colaboração valiosa e com as horas de atividade comprovada nessa ação extensionista, pôde, ao final, conseguir sua habilitação profissional como artista.

A direção teatral buscou, junto com o ator protagonista, a composição do personagem em encontros abertos a qualquer dos participantes do curso, com o objetivo de situar o ator no momento da vida do personagem em que ele narra a história. Para isso, foi criada sua vida pregressa e a partir dessa construção foi desenvolvido um perfil que determinava sua qualidade vocal, expressão corporal, além da definição de uma partitura corporal que incluía o uso do espaço cênico.

O trabalho de composição vocal do personagem foi realizado com o objetivo de potencializar sua expressão sonora e foi desenvolvido por uma participante do grupo de teatro bastante experiente em preparação vocal. Para

¹A Trilha Sonora é composta de todo o conteúdo sonoro. Ou seja, da música, das falas e dos efeitos sonoros.

tal, foi trabalhada a projeção, a respiração e as qualidades vocais de intensidade, ritmo, e dicção.

A aproximação com os atores interessados nas artes circenses, além de enriquecer o espetáculo com suas atuações, possibilitou ao ator protagonista desenvolver habilidades que lhe permitiram, ao final da sua narrativa, realizar um truque que consistia em fazer surgir uma flor do lenço que ele levava no bolso do paletó.

A ideia de que os músicos teriam uma participação cênica ativa partiu do diretor teatral e deixou um deles particularmente desconfortável, a ponto de afirmar que participaria de todo o processo de criação com prazer e dedicação, mas jamais se permitiria estar no palco vestindo um figurino e maquiado, ainda que essa caracterização evocasse apenas um personagem circense. A oportunidade de trabalhar a limitação imposta por sua timidez era preciosa demais para que sua posição fosse simplesmente aceita. Algumas conversas dentro e fora da sala de aula o deixaram mais à vontade e sua participação entusiasmada, ainda que contida, no espetáculo final, foi motivo de muita alegria para todo o grupo, uma vez que a inclusão desse aluno representou uma conquista coletiva, pois a turma conseguiu criar, solidariamente, um ambiente apoiador, no qual ele se sentiu suficientemente confiante para vencer seu medo inicial.

METODOLOGIA

Com o intuito de melhor orientar os trabalhos dos alunos compositores, foi oferecido, inicialmente, um curso de Trilha Sonora para teatro dividido em três partes: Na primeira, as aulas, usualmente expositivas, foram mais ricas em informações teóricas e observações analíticas de trabalhos realizados por compositores consagrados. No segundo momento, os encontros foram dedicados a trabalhos direcionados a concepção e composição da música para o espetáculo final. Já a terceira parte foi dedicada aos ensaios da música com a presença do ator protagonista.

Além do diretor e do ator protagonista, que foram entrevistados pelos estudantes de música, os colaboradores envolvidos com especiali-

dades teatrais fizeram exposições orais sobre seus processos de trabalho, com o objetivo de maximizar o aproveitamento de toda a equipe envolvida, aprofundando e enriquecendo essa aventura artístico-pedagógica.

O conteúdo programático relacionado à música, embora direcionado a prática teatral, incluiu informações normalmente abordadas em cursos de música para filmes e, guardadas as devidas especificidades, esse conteúdo se mostrou muito útil para o trabalho de composição desenvolvido posteriormente.

Quando se usa a música como auxiliar na condução de uma narrativa dramática, é preciso que se esteja com a sensibilidade orientada para a percepção dos possíveis papéis que ela pode exercer e de que momentos sem música são igualmente importantes. Nessa montagem não foram usados efeitos sonoros, mas a possibilidade de inclusão deles, eventualmente, foi cogitada.

O uso de música no cinema, se observado por um compositor interessado em colaborar com montagens teatrais, pode oferecer sugestões muito úteis e suscitar momentos ricos em inspiração. No entanto é preciso que se esteja atento ao fato de que cinema e teatro são meios distintos e com linguagens próprias.

A presença da música no teatro moderno poderia ser questionada por alguns realizadores contemporâneos. Meierhold, por exemplo, no início do século passado, desvestiu o espetáculo da pretensão de criar uma ilusão da realidade e, por isso, uma concepção musical visando criar atmosferas narrativas poderia ser totalmente inapropriada para uma peça nesse estilo.

Enquanto o diretor musical se responsabiliza pela trilha sonora, o diretor teatral possui atribuições mais abrangentes e é ele quem dá a última palavra sobre tudo relacionado ao espetáculo. Isso exige muita flexibilidade e capacidade de dialogar, pois um comportamento tirânico acaba gerando mais confusão e ressentimentos do que cooperação. O trabalho de composição de música para espetáculos, com a função de auxiliar na condução da narrativa dramática, é um tipo de tarefa na qual a adequação ao proposto pelo diretor é o mais

importante e os músicos precisam estar conscientes disso. Não raras vezes músicas lindíssimas são descartadas porque não traduzem bem o pensamento do diretor. Saber lidar com esse tipo de situação é de importância crucial para um compositor interessado nesse campo de trabalho.

De modo geral, os diretores sabem como querem as cenas e que atmosferas desejam para elas, mas, algumas vezes, podem não se expressar em termos musicais muito precisos. Salvo raríssimas exceções, eles possuem um conhecimento técnico de música próximo ao rudimentar, assim, cabe ao compositor fazer a interpretação das intenções de quem comanda a montagem, da melhor maneira que puder.

A COMPOSIÇÃO MUSICAL

Koellreutter entende o processo de composição musical como uma iniciativa que começa com a “conscientização da ideia”, se organiza na “concepção formal” dos “signos musicais” escolhidos, a partir do “estabelecimento dos princípios” que indicam relações estruturais como “repetição, variação, pontos de referência” e suas articulações que podem se dar por “contrastes, tensão – afrouxamento, densidade – rarefação, dissonância – consonância, arsis-tesis” (Apud ZAGONEL e CHIAMULERA, 1987, pp. 25-26). Com isso, fica claro que o estabelecimento de uma estrutura é de importância capital na criação musical que independa do mero acaso.

Tomando-se o processo de composição musical definido por Koellreutter como referência, nota-se que o estágio onde acontece o “estabelecimento dos princípios”, pode ser visto como uma via de acesso privilegiada para a definição de iniciativas artísticas interdisciplinares, pela possibilidade de conexão estrutural entre meios expressivos distintos. Relações estruturais podem oferecer, também, possibilidades preciosas de se conseguir coerência estética em cada uma das áreas envolvidas.

Uma etapa muito valorizada no processo criativo da música, nesse espetáculo, foi a concepção. Ela começa, no caso de uma peça teatral,

com a leitura do texto e sua posterior interpretação. A discussão coletiva sobre o enredo e os personagens foi realizada cuidadosamente e contou com a participação do autor, que acabou revelando detalhes do universo diegético criado por ele, que ultrapassavam o que estava dito no conto. Com isso, se pôde ter uma visão mais abrangente e rica do drama e de sua trama.

Mesmo com uma estrutura pré-definida e com motivos musicais compostos antecipadamente, a execução da trilha sonora se dava com muita improvisação e liberdade, o que tornava os ensaios muito divertidos e prazerosos. Como seria de esperar, essa atmosfera leve dentro de um trabalho artisticamente relevante, fez com que os alunos faltassem pouco ou se atrasassem. Em virtude dessa dedicação, a maioria dos músicos acabou tocando de cor.

Quando se compõe música para um espetáculo teatral, há que se ter em mente que a coerência com a proposta dramática é uma exigência básica. Com momentos improvisados e, até, aleatórios, foi preciso cuidado para que o acompanhamento musical não se tornasse uma companhia inconveniente ou sem um sentido aparente. A música, além de adequada ao drama, precisa ter uma lógica interna de tal forma estabelecida que a faça ter um sentido por si ou, se poderia ter, na trilha sonora, um mosaico musical de tal modo diverso, que provavelmente conspiraria contra o sentido de unidade do espetáculo resultante.

IMPROVISAÇÃO MUSICAL

O uso da improvisação como recurso interpretativo não é novo. Alguns compositores da música de concerto de tradição europeia que, tradicionalmente, prima pelo rigor na obediência ao prescrito pelas partituras como Bach, Mozart, Beethoven e Liszt, são frequentemente lembrados por suas habilidades como improvisadores e, por essa razão, muito provavelmente, algumas composições hoje executadas rigorosamente como foram escritas, sejam o registro desses mestres da música, de iniciativas baseadas na improvisação.

Talvez o termo “Improvisação” dê, ainda, margem ao entendimento de que há referência a

uma prática baseada unicamente na espontaneidade e alheia a qualquer diretriz. Pixinguinha, por exemplo, frequentemente citado como um improvisador fluente, de acordo com Paula Valente, tomava a improvisação ou o “[tocar] de improviso”, como sinônimo de “[tocar] sem ensaio” (VALENTE, 2018, p. 286).

Mesmo em contextos estéticos menos previsíveis como na música de concerto do século XX em diante, a improvisação se baseia em indicações previamente estabelecidas e, em alguns casos, cuidadosamente planejadas para parecerem aleatórias. Se, na tradição do Jazz, o improvisador normalmente foca sua atenção na harmonia², no Choro, tradicionalmente, as improvisações partem da melodia³ em execução (CAZES, 2019, P.1; SÁ, 2000, p. 67 apud VALENTE, 2018, p. 289). Em ambos os casos, ficam patentes parâmetros a exigir que a criatividade aconteça de modo organizado.

De acordo com a Enciclopédia Britânica online (2021), a improvisação musical é um tipo de execução na qual a liberdade de interpretação acontece a partir das especificidades de uma peça musical e de acordo com padrões estilísticos. Segundo Koellreutter:

Não há nada que precise ser mais planejado do que uma improvisação. Para improvisar é preciso definir claramente os objetivos que se pretende atingir. É preciso ter um roteiro e, a partir daí, trabalhar muito: ensaiar, experimentar, refazer, avaliar, ouvir, criticar, etc. (Apud LAMBERT, 2021).

Nessa perspectiva, a improvisação não acontece aleatoriamente, mas dentro de um contexto e seguindo diretrizes previamente estabelecidas, com algum propósito. Para evitar mal entendidos, nesse texto, improvisação será entendida como a expressão criativa levada a cabo a partir de parâmetros já existentes, ou seja, ela será aquele ato criativo que se dá a partir de alguma estrutura, motivação ou contexto durante a interpretação, ou seja, quando a peça musical está sendo executada em público.

Economia de material musical é muito útil numa trilha sonora, uma vez que a platéia não tem muito tempo para se familiarizar com a música. Caso exagere no uso abundante e diversificado de motivos e melodias, o compositor precisa estar consciente de que ao invés de apoiar uma narrativa dramática, poderá acabar desviando a atenção da plateia do que se passa no palco, transformando um espetáculo teatral numa ilustração visual da música, do mesmo modo como fazem os videoclipes, tão comuns no repertório da chamada música popular.

Mesmo sendo um monólogo narrado em primeira pessoa, o texto se referia a personagens ausentes fisicamente que, junto com as situações descritas, iam compondo o universo diatéctico da peça. Valorizá-los com a música pareceu uma boa ideia e por isso foi abordado com os músicos um recurso chamado leitmotiv ou motivo condutor, que consiste em associações indíceicas entre personagens e situações, com motivos musicais específicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envolvimento entusiasmado de todos e o estilo descontraído e sério de trabalho acabou despertando a atenção e interesse de um desenhista, que soube do processo de montagem do espetáculo numa conversa casual com o diretor da peça e se ofereceu pra colaborar de algum modo com sua arte. Como o cenário, o figurino, a maquiagem e toda concepção gráfica do espetáculo já estavam sendo elaborados por artistas que voluntariamente aderiram ao projeto, ele se ofereceu para criar uma versão do texto em quadrinhos, no estilo das revistinhas como gibi, por exemplo. Essa revista seria distribuída com a platéia nos dias de apresentação da peça, mas talvez pelo fato desse desenhista morar em outro estado, seu trabalho não ficou pronto a tempo, mas sua sugestão já serviu para apontar mais um possí-

²Harmonia se refere às relações entre os sons simultâneos.

³Melodia se refere à organização de sons sucessivos em unidades potencialmente memoráveis e dotadas de alguma individualidade.

vel desdobramento dessa atividade de extensão que, inicialmente, seria apenas um semestre da disciplina improvisação musical.

Uma vez concluído o processo de montagem do espetáculo, logo após as apresentações públicas, foi realizada uma avaliação que resgatou de forma simplificada o conteúdo abordado durante todo o semestre letivo. Essa verificação de aprendizagem consistiu na leitura e interpretação de um texto curto, em sala

de aula, seguida da criação da trilha sonora correspondente, instantaneamente. Essa dramatização foi feita com o diretor do espetáculo na função de ator, sob a direção da jovem que cooperou com ele fazendo a assistência de direção. Os músicos, além de mostrarem que tinham absorvido de forma satisfatória os conteúdos abordados com eles, se mostraram muito felizes com o resultado.

REFERÊNCIAS

AIRES, H.Q. P. **Pedagogia da Alternância:** Instrumentos Pedagógicos que Articulam e Possibilitam a Construção de Saberes. In: Congresso Interinstitucional Brasileiro de Educação Popular e do Campo - CIBEPoC (ISSN 2594-8822), Goiás: Universidade Federal de Goiás, 2017. Disponível em: <<http://congressos.sistemasph.com.br/index.php/cibepoc/cibepoc2017/paper/viewFile/13/22>> Acesso em: 18 Out. 2021.

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 19 de out. 2021

BRASIL. LDB – Leis de Diretrizes e Bases. **Lei nº 9.394**. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> . Acesso em: 19 de out. 2021

CARLOS, Jairo Gonçalves. **Interdisciplinaridade:** O que é isso? Disponível em: <http://vsites.unb.br/ppgec/dissertacoes/proposicoes/proposicao_jairocarlos.pdf>. Acesso em: 20. Abr. 2011.

CAZES, H. L. **O Improviso no Choro:** Ferramenta de Fluência. In: XXIX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2019, Pelotas. Disponível em: <<https://anppom.com.br/congressos/index.php/29anppom/29CongrAnppom/paper/viewFile/5665/2279>> Acesso em: 18 Nov. 2021.

IMPROVISATION. In: **ENCICLOPÉDIA Britannica online**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/art/improvisation-music>>. Acesso em: 18 Out. 2021.

JOSÉ, Mariana Aranha Moreira. **Interdisciplinaridade:** As disciplinas e a interdisciplinaridade brasileira. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/gepi/Interdisciplinaridade_Escolar.pdf>. Acesso em: 20. Abr. 2011

LAMBERT, R. Koellreutter e a música como estímulo à reflexão. **Blog Rosangela Lambert**. Disponível em: <<https://blog.rosangelalambert.com.br/koellreutter-e-a-musica-como-estimulo-a-reflexao/>>. Acesso em: 15 Out. 2021.

VALENTE, P. V. A improvisação no choro História e reflexão. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 5, n. 7, p. 281-292, 2018. DOI: 10.5965/1808312905072010281. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/14092>. Acesso em: 11 out. 2021.

ZAGONEL, B.; CHIAMULERA, S. (Org.) KOELLREUTTER, H. J. **Introdução à estética e à composição musical contemporânea**. Porto Alegre: Movimento, 1987, pp. 25-26.

WEBTV SABERES CRUZADOS: DA WEB PARA TV

WEBTV CRUSADE KNOWLEDGE: FROM THE WEB TO TV

Everton Leandro Lázaro Suzart

Pós graduado em Marketing e Gestão Estratégica

Cargo: Diretor de Programa – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

everton.suzart@gmail.com

RESUMO

O presente relato de experiência busca demonstrar o processo de criação da WebTV Saberes Cruzados até a sua inserção na TV Kirimurê, demonstrando o desenvolvimento da idealização para surgimento da ideia em encontros com grupos sociais de Cachoeira/Bahia, passando pela formação inicial da equipe, equipamentos utilizados e a rotina para criação de pautas, suas gravações e adequações que ocorreram neste percurso para que a WebTV Saberes Cruzados tivesse uma melhor qualidade do material final produzido e o maior alcance dentro do seu público, demonstrando como todo esse processo culminou em um convite para participarmos da programação da TV Kirimurê, emissora Baiana que tem alcance em Salvador, região metropolitana e Recôncavo Baiano.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Comunicação Audiovisual. Ensino Superior. Universidade Pública. UFRB.

ABSTRACT

This experience report seeks to demonstrate the process of creating the WebTV Saberes Cruzados until its insertion in TV Kirimurê, demonstrating the idealization process for the emergence of the idea in meetings with social groups in Cachoeira, through the initial training of the team, equipment used and the routine for creating agendas, their recordings and adjustments that occurred along the way so that WebTV Saberes Cruzados had a better quality of the final material produced and greater reach within its audience, demonstrating how this entire process culminated in an invitation to we participate in the programming of TV Kirimure, a station in Salvador that has reach in Salvador, metropolitan region and Recôncavo Baiano.

Keywords: University Extension. Audiovisual Communication. University education. Public university. UFRB.

INTRODUÇÃO

O “Programa Saberes Cruzados: extensão universitária, formação e conhecimentos tradicionais” é um projeto de extensão iniciado em 2017.1 pela Prof.^a Dr.^a Martha Rosa Figueira Queiroz, professora Adjunta na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), localizado na cidade de Cachoeira/São Félix. O objetivo é realizar atividades de extensão em parceria com diferentes segmentos da comunidade do Recôncavo, estimulando trocas dos

conhecimentos produzidos pelos sujeitos envolvidos e prospectando a produção de novos conhecimentos, a partir dessas trocas.

Com o propósito de fortalecer o diálogo entre a Universidade e a Comunidade, o Núcleo de Extensão do CAHL promoveu, em 2016 alguns encontros em formato de grupos focais com grupos sociais de Cachoeira (grupos culturais, representantes de escolas públicas, grupos LGBTQIA+ e comunidades do candomblé), resultando em um levantamento qualitativo de possibilidades para o desenvolvimento de

atividades em conjunto com a comunidade. Assim, após fazer uma avaliação das possibilidades de atuação e diante da necessidade de promover uma maior articulação/interação entre as ações de extensão do CAHL e as reais necessidades do público interno (UFRB) e externo (comunidade), consolida-se o Programa Saberes Cruzados: extensão universitária, formação e conhecimentos tradicionais, como uma possibilidade de ação conjunta entre o Centro e essas comunidades.

Porém, apenas no mês de maio de 2018, foi idealizada a WebTV Saberes Cruzados, uma vertente comunicacional do projeto, que objetivou ser o canal oficial de informação do projeto Saberes Cruzados, no qual a população local pudesse se ver representada pela cobertura de eventos, manifestações culturais, sugerir pautas e conhecer a estrutura, participar dos cursos e ações de extensão desenvolvidas no âmbito acadêmico. Segundo Machado Filho e Ferreira (2016, p. 102):

[...] incluir comunidades na prática telejornalística, da pauta à reportagem, da edição à veiculação, garante uma proximidade do produto com seu público. Não uma proximidade necessariamente física, mas de interesses informacionais, troca de experiências e construção coletiva de conhecimento em um produto jornalístico, visto que o jornalismo deve ser entendido como prática de compromisso social, cidadão e (in)formativo, na qual há necessidade de identificações e personificações para que públicos e produtores de informação estejam em sintonia.

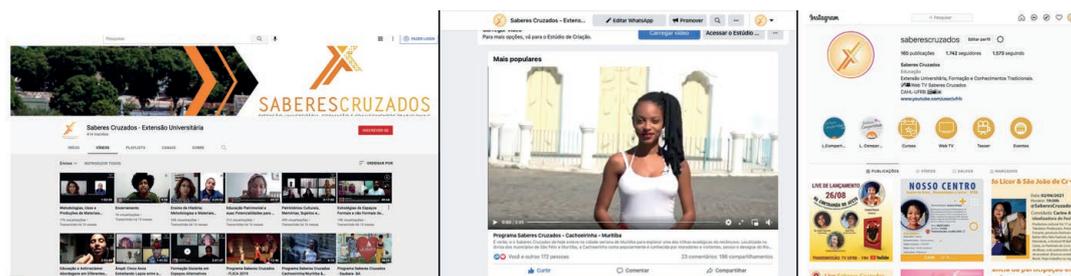
Tudo isso favorece a busca por uma interação maior entre esses mundos, norteada por princípios que promovam a educação, a cidadania, a cultura e a divulgação científica (MACHADO FILHO; FERREIRA, 2016).

CRIAÇÃO DA WEBTV SABERES CRUZADOS

A WebTV é um tipo de televisão que disponibiliza seu conteúdo pela internet, por meio de uma tecnologia chamada streaming, capaz de enviar informações multimídia pela rede. A produção segue os mesmos padrões da TV convencional, sendo sua veiculação feita na rede através do upload em plataformas pré-estabelecidas pelos integrantes. Existem duas formas de exibição das WebTV's: uma é pela exibição do vídeo quando o internauta escolher, estando disponível para acesso sempre que necessário; a outra é a transmissão on-line, como acontece na TV convencional, com a diferença de oferecer interação em tempo real com seus participantes. Segundo Lemos (2002 apud PRIMO, 2008, p. 23) "A televisão interativa pode viabilizar, ao mesmo tempo, interações mecânico-analógica (com a máquina), eletrônico-digital (com o conteúdo) e social."

Essas diversas formas de interação deixam o conteúdo mais interessante e prendem a atenção do navegador/telespectador, que passa a dar mais importância ao conteúdo publicado, despertando o desejo de compartilhar as informações com pessoas ligadas ao seu meio social. Nessa interação, nossos programas são publicados em três redes sociais, sendo nossos principais meios de comunicação o canal do YouTube – Saberes Cruzados Extensão Universitária; página do Facebook – Saberes Cruzados Extensão Universitária – UFRB e Instagram @saberescruzados, que contam com mais de 70 produções no somatório de todas as plataformas, com um alcance superior a 120 mil visualizações. (Figura 1). Em todas o internauta pode deixar comentários, sugestões e

Figura 1: YouTube, Facebook e Instagram Saberes Cruzados



Fonte: Saberes Cruzados, 2019.

curtir ou discutir o conteúdo. Castells (2003, p. 128 apud MAINIERI; RIBEIRO, 2011, p. 59) afirma que a internet é um uma ferramenta que se destaca pela sua interatividade e isso “torna possível aos cidadãos solicitar informação, expressar opiniões e pedir respostas pessoais a seus representantes”.

FORMAÇÃO DA EQUIPE

Para iniciar as gravações da WebTV Saberes Cruzados foi convidado o estudante Lucas Almeida do curso de jornalismo, para o cargo de apresentador do Programa, enquanto a produção de pautas, gravação, edição e publicação ficavam com o servidor Éverton Leandro Lazaro Suzart, idealizador do projeto e responsável técnico pelo programa, ocupante do cargo de Diretor de Programa na instituição. Com a finalidade de termos melhor qualidade no processo audiovisual, utilizaram-se equipamentos disponíveis no Centro de Artes, Humanidades e Letras, como câmera filmadora, microfone lapela, tripé, rebatedor e o computador do estúdio de TV, para edição e publicação do material nas redes sociais.

No início do ano de 2019 foram convidados: Luana Souza, para o cargo de repórter; Dalila Brito, na função de produtora/roteirista; Caique Fialho, para fotógrafo/social media, todos estudantes do curso de jornalismo do Centro de Artes, Humanidades e Letras (Figura 2).

Figura 2: Equipe da WebTV Saberes Cruzados



Fonte: Saberes Cruzados, 2019.

Com a equipe maior, foi possível expandir ainda mais nossas pautas e cobertura, fazendo uma divulgação mais assertiva, visto que as demandas eram divididas e o planejamento de pauta era feito, semanalmente, em reuniões no estúdio de TV do CAHL (Figura 3). Durante esse período, foi desenvolvido um calendário com propostas de gravações para futuras pautas que levavam em conta eventos religiosos, pontos turísticos, personagens da região e instituições locais.

Figura 3: Reunião de Pauta



Fonte: Saberes Cruzados, 2019.

Vale ressaltar que os repórteres são figuras importantes para a aproximação com o público, responsáveis por construir a relação entre o projeto e as comunidades na elaboração de uma narrativa aproximativa. Os repórteres estudantes dos cursos de Comunicação do CAHL e moradores da região têm uma dupla representação. No papel de repórter representam a WebTV Saberes Cruzados e como moradores e nativos da região representam seu povo e suas origens. Para que todo esse “ciclo” da representação aconteça é exigido que as pessoas possuam, minimamente, “mapas conceituais” semelhantes, ou seja, maneiras parecidas de interpretar os signos de uma linguagem. Citando Hall (2016), cada indivíduo tem um mapa conceitual, que dá sentido e interpretação do mesmo objeto de maneiras diferentes, por esse motivo a aproximação cultural dos mediadores que vivem na região se torna um forte aliado na capacidade de se comunicar melhor, pelo compartilhamento de ideias dos mapas conceituais. Hall (2016, p. 36) traz a ideia de que

damos sentido ou interpretamos o mundo de forma, mais ou menos semelhante, [...] uma vez que nós julgamos o mundo de maneira relativamente similar, podemos construir uma cultura de sentidos compartilhadas e, então, criar um mundo social que habitamos juntos.

Essa aproximação regional e cultural tende a criar um vínculo maior com o seu público, que ao mesmo tempo é representado como entrevistado e entrevistador; porém, o mesmo autor Hall (2016) afirma que o mapa conceitual não é o suficiente e deve-se criar também uma linguagem comum representativa, linguagem essa que é traduzida em signos exemplificados em sons, imagens, expressões faciais ou gestos, elaborados via manual, eletrônica ou digital.

PRODUÇÃO DOS PROGRAMAS E CONTEÚDO

O primeiro programa foi publicado no Canal do YouTube – Saberes Cruzados Extensão Universitária e na página do Facebook – Saberes Cruzados Extensão Universitária – UFRB, no mês de junho de 2018, seguindo princípios jornalísticos, mas com uma linguagem informal, na busca de aproximação e identificação com as comunidades. A programação, inicialmente semanal, teve foco na divulgação dos cursos ofertados pelo Núcleo de Extensão do CAHL, através do Projeto Saberes Cruzados, todos gratuitos, de qualidade e com certificação.

A participação da WebTV Saberes Cruzados iniciou pela produção e divulgação desses cursos, entrevistando os palestrantes e mantendo a comunidade informada sobre data de inscrição, metodologia e suas vantagens na participação. Em paralelo à divulgação, a programação contava com cobertura das atividades de extensão e eventos que envolviam a comunidade acadêmica do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Com o crescimento da página do Facebook e a repercussão dos programas da WebTV, iniciou-se um processo de reformulação da programação dos vídeos publicados, partindo para a cobertura de eventos externos, patrimônios históricos e valorização da cultura local. Outro ponto importante para a aproximação do público externos foi a abertu-

tura em nossas redes sociais para sugestões de pautas e matérias de interesse, através de caixas de perguntas no Instagram e enquetes no Facebook para que houvesse uma participação mais efetiva do público na produção do conteúdo. Além disso foram feitas parcerias com instituições locais para aproximar a WebTV das comunidades.

Neste sentido, o Programa Saberes Cruzados busca atender um papel socioeducacional, seguindo a linha de jornalismo participativo, não apenas propondo assuntos e temas a seu público, mas atendendo a demanda da comunidade acadêmica e sociedade local. Segundo Aroso (2013, p. 3), “[...] só se deve falar em jornalismo participativo quando existem efetivamente jornalistas e os cidadãos participam efetivamente na produção, construção e transmissão da informação.” Essa aproximação fez com que a WebTV Saberes Cruzados entrasse nas comunidades e iniciasse uma comunhão mais íntima com a população.

Nossa primeira empreitada nesse percurso foi a cobertura da Festa Literária Internacional de Cachoeira (FLICA) 2018, quando conseguimos alcançar quase 6 mil visualizações em nossa página do Facebook e 160 compartilhamentos de forma orgânica nas primeiras semanas, fazendo com que a página tivesse um crescimento de 100 inscritos em um único dia, além de 689 visualizações em nosso canal do YouTube.

Nossa segunda matéria externa foi a cobertura da Festa de Santa Bárbara, na cidade de São Félix-Ba, na qual repetimos o sucesso do primeiro vídeo, com mais de 5 mil visualizações na página do Facebook e 400 visualizações em nosso canal do YouTube, programa este que teve a estreia de Luana Souza como apresentadora e sua produção contou com todos os novos integrantes da equipe. Em seguida foram desenvolvidos programas no museu Casa de Hansen, Cachoeirinha, ponto turístico pouco explorado na cidade de Muritiba e Cinetheatro Cachoeirano, todos com a participação do público externo e com um alcance orgânico acima de 2 mil visualizações no Facebook, o que veio consolidar a WebTV Saberes Cruzados como uma ponte entre as comunidades locais e o CAHL, ampliando o acesso sobre as

atividades de ensino, extensão e pesquisa desenvolvidas na Universidade, como ao que é produzido no Recôncavo Baiano e seus bens culturais.

Com isso, percebemos que é possível, com muito esforço e dedicação, adentrar nos eventos locais e manifestações culturais da região e dar essa resposta para a comunidade através da comunicação.

Com pouco mais de um ano de programa e diversos episódios já lançados, recebemos o convite para a participar da grade da programação da TV Kirimurê (Figura 4), emissora baiana localizada na cidade de Salvador-Ba, com transmissão pela TV digital canal 10.2, em uma programação semanal, As transmissões são aos domingos às 13h, com reprise às 19h45 nas quartas-feiras e exibição para Salvador, região metropolitana e Recôncavo Baiano.

A proposta foi aceita e nossa estreia ocorreu no dia 25 de agosto de 2019, com a cobertura do Nego Fugido, manifestação cultural da comunidade de Acupe, distrito de Santo Amaro - Ba, no Recôncavo Baiano. Com o aumento da visibilidade, o programa passou a ter um tempo maior de duração pelo formato da TV Aberta e, neste mesmo período, foi implantado a tela de libras nos vídeos publicados em parceria com o NUPI - Núcleo de Políticas de Inclusão, através do servidor Carlos Messias Alves de Jesus, tradutor e intérprete de libras/português e em nossas publicações nas redes sociais a utilização da #PraCegoVer, que buscou aumentar a acessibilidade para o projeto e alcançar pessoas com deficiência visual e auditiva.

Figura 4: Assinatura do Contrato com a TV Kirimurê.



Fonte: Saberes Cruzados, 2019.

O Programa ficou na grade de exibição da TV Kirimurê durante uma temporada, sendo seu último episódio dia 29 de dezembro de 2019, com o programa que retratou a cidade de Saubara-Ba e suas diversas manifestações culturais.

O sucesso do programa foi tamanho que, ao final da temporada, nossos dois repórteres, Lucas Almeida e Luana Souza, recém formados em jornalismo, foram convidados para fazer parte da TV Bahia, uma das maiores emissoras do Nordeste e nosso programa foi convidado para uma segunda temporada na TV aberta, que iniciaria no segundo semestre de 2020, sendo logo no início das gravações em março, interrompido pela pandemia da COVID-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esses quatro anos da WebTV Saberes Cruzados tivemos a participação de 10 alunos, cursando Jornalismo, Publicidade ou Cinema no Centro de Artes, Humanidades e Letras. Eles desempenharam diversas funções durante este período foram: quatro repórteres, três produtores/roteiristas e três fotógrafos, além disso, dois servidores técnicos administrativo um na direção do programa e o outro intérprete de libras. (Figura 5)

Figura 5: Equipe em dia de gravações com convidados.



Fonte: Saberes Cruzados, 2019.

Os estudantes que participam da WebTV Saberes Cruzados adquiriram experiências, auxiliando no desenvolvimento pessoal e em melhores maneiras de atuar no mercado de trabalho, através da convivência com os equipamentos, criação de pauta, redação, desenvolvimento do trabalho em grupo e aquisição de experiências

na prática de como é o mercado profissional, sendo um processo que da continuidade aos ensinamentos em sala de aula. Ademais, todos ganham certificados, semestralmente, pela participação no projeto, gerando uma carga horária extra o que ajuda na comprovação da função que foi desempenhada e na carga horária complementar para a finalização do curso.

A ideia da WebTV Saberes Cruzados é procurar uma cultura de pertencimento na comunidade local com o Centro de Artes, Humanidades e Letras, pois conforme Hall (2016, p.20) a “cultura está relacionada a sentimentos, a emoção ao senso de pertencimento, bem como conceitos e ideias” e é este sentimento que a WebTV busca despertar na comunidade local e, para isso, utilizamos as redes sociais (Facebook, Ins-

tagram e YouTube), como ferramenta de troca de informação para que as pautas sejam mais alinhadas com a demanda e interesse dos telespectadores, por meio dessas ferramentas abrimos enquetes e pedidos de sugestões, ouvindo a sociedade, buscando atender às demandas sociais, procurando por meio destes uma maior aproximação do público e servindo também com meio de inclusão social através da representatividade.

Sabemos que este caminho de aproximação é longo, mas acreditamos que, pela visibilidade da TV aberta, a utilização das redes sociais e parcerias com representantes das comunidades que a WebTV Saberes Cruzados pode ser uma ponte entre a Universidade, estudantes e comunidades externas.

REFERÊNCIAS

AROSO, Inês M. M. **As redes sociais como ferramentas de jornalismo participativo nos meios de comunicação regionais**: um estudo de caso. BOCC - Biblioteca on-line de ciências da comunicação, Portugal, 2013. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/aroso-ines-2013-redes-sociais-ferramenta-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2020.

CASADEI, Eliza Bachega. A extensão universitária e as demandas por justiça: cidadania e comunicação como uma questão de endereçamento. In: CASADEI, Eliza Bachega. (org.). **A extensão universitária em comunicação para formação da cidadania**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2016. p.13-31. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/zhy4d/pdf/casadei-9788579837463-02.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2020.

MACHADO FILHO, Francisco; FERREIRA, Mayra Fernanda. Jornalismo colaborativo: a comunidade na prática jornalística de televisão. In: CASADEI, Eliza Bachega. **A extensão universitária em comunicação para a formação da cidadania**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2016. p. 101-114. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/zhy4d/pdf/casadei-9788579837463.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2021.

HALL, Stuart. Cultura e a representação. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

MAINIERI, Tiago. RIBEIRO, Eva Márcia A.O. A comunicação pública como processo para o exercício da cidadania: o papel das mídias sociais na sociedade democrática. **Organicom**, São Paulo, ano 8, n. 14, p.50-61, 1º semestre de 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139084/134433> . Acesso em: 18 out. 2021.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. 2.ed. Porto Alegre :Sulina, 2008. (Coleção Cibercultura) .

A EXPERIÊNCIA DE EVENTO SOBRE BORDADO, COM A PARTICIPAÇÃO DAS IRMÃS DA BOA MORTE DE CACHOEIRA, BA

THE EVENT EXPERIENCE ABOUT EMBROIDERY, WITH THE PARTICIPATION OF THE SISTERS OF OUR LADY OF GOOD DEATH OF CACHOEIRA, BA

Suzane Tavares de Pinho Pêpe

Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA). Professora Adjunta - UFRB. E-mail: suzanepinho@ufrb.edu.br

Jusenira dos Santos Cardoso de Mello

Egressa do Curso de Graduação em Museologia (UFRB). E-mail: biajusenira@gmail.com

Lélia Baraúna Pinna da Costa de Pinho

Egressa do Curso de Graduação em Museologia (UFRB). E-mail: leliapinho@yahoo.com.br

Luana Freitas Pereira

Egressa do Curso de Graduação em Museologia (UFRB). E-mail: luana_freitas17@yahoo.com.br

RESUMO

Este relato aborda a experiência do evento “Na voz das bordadeiras da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira – BA”, realizado em Cachoeira, Recôncavo Baiano, em 19 de novembro de 2019. Contextualiza a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira; pontua sobre a organização e a divulgação da atividade, compreendida por uma roda de conversa e uma mesa-redonda. Discorre sobre a Roda de Conversa com a participação das Irmãs da Boa Morte, que falaram de como o bordado está inserido em suas vidas, da técnica do bordado richelieu e da existência do curso de bordado da Irmandade da Boa Morte desde 2006, proposto pelo Instituto Mauá, a fim de possibilitar a prática do bordado e a preservação desse conhecimento. Em seguida, apresenta aspectos tratados durante a Mesa-Redonda, fazendo referência à cultura, ao corpo vestido, a diferentes formas de memória, a afetos, assim como à arte/artesanato. Comenta acerca de pesquisa participante realizada no curso de bordado; aprofunda aspectos técnicos e iconográficos do bordado richelieu, que teve origem na Europa, usado, no Brasil, em enxovais desde o período colonial; e focaliza o emprego desse bordado pelas mulheres negras para ornar a “roupa de baiana”, as vestes das Irmãs da Boa Morte e roupas usadas pelos membros de terceiros de candomblé.

Palavras-Chave: Irmandade da Boa Morte. Bordado Richelieu. Afeto. Memória.

ABSTRACT

This report addresses the experience of the event “In the voice of the embroiderers of the Irmandade da Boa Morte de Cachoeira – BA”, held in Cachoeira, Recôncavo baiano, on November 19, 2019. It contextualizes the Brotherhood of Our Lady of the Good Death; points out about the organization and dissemination of the activity, comprised of a conversation circle and a round-table. It discusses the Conversation Circle with the participation of the sisters of Our Lady of the Good Death, who spoke about how embroidery is inserted in their lives, the Richelieu embroidery

technique and the existence of the Brotherhood of Our Lady of the Good Death embroidery course since 2006, proposed by the Instituto Mauá, in order to enable the practice of embroidery and the preservation of this knowledge. Then, it presents aspects dealt with during the Round-table, referring to culture, the dressed body, different forms of memory, affections, as well as art/crafts. Comments about participant research carried out in the embroidery course; deepens technical and iconographic aspects of Richelieu embroidery, which originated in Europe, used in Brazil in trousseaus since the colonial period; and focuses on the use of this embroidery by black women to decorate the “baiana's clothing”, the garments of the sisters of the Brotherhood of Our Lady of the Good Death and clothing worn by members of Candomblé terreiros.

Keywords: Brotherhood of the Good Death. Richelieu Embroidery. Affection. Memory.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar o relato da experiência do evento intitulado “Na voz das bordadeiras da Irmandade da Boa Morte”, ocorrido em 19 de novembro de 2019, proposto pelo Colegiado de Graduação em Museologia e pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

A atividade de extensão em questão é um dos resultados da pesquisa “Memória, fazeres, saberes e cultura material em Cachoeira e São Félix no século XX”, coordenada pela professora Suzane Pinho Pêpe, com a participação de discentes do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), da UFRB. A pesquisa foi desenvolvida entre 2016 e janeiro de 2020. Essa atividade de extensão está diretamente ligada ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Ressignificação do Bordado Richelieu, na Cidade de Cachoeira – Bahia” (2019), de autoria da egressa do Curso de Museologia Jusenira Mello.

No contexto estudado, o bordado é compreendido como atividade que envolve artesanato e estética. Argumenta-se, com base em Néstor Canclini (1983), que o artesanato é um fenômeno simbólico tanto do ponto de vista da linguagem quanto da sua dimensão econômica. A arte de bordar pode ser entendida como uma construção formal que envolve intelecto e intuição. Herbert Read (1978) afirma que as composições plásticas se caracterizam pela disposição das formas e das cores, pelo equilíbrio, ritmo e harmonia, características da arte visual que agradam aos sentidos. Além de um

domínio técnico adquirido na prática, à “vontade de formar” aliam-se memórias e emoções, que fazem do ato de bordar expressão e atividade terapêutica.

Este relato apresenta uma breve contextualização sobre a Irmandade da Boa Morte, cujas Irmãs portam vestes bordadas em celebrações religiosas, sobressaindo o bordado richelieu, e a existência de um curso livre de bordado nessa comunidade desde o ano de 2006. Na sequência, sistematiza aspectos da preparação e organização do evento objeto desta explanação; aborda a Roda de Conversa com participação das Irmãs e as contribuições da Mesa-Redonda, que compõem o evento. Por último, apresenta as considerações finais.

A IRMANDADE DA BOA MORTE (CACHOEIRA – BA)

Na cidade de Cachoeira, Recôncavo Baiano, instalou-se no século XIX a Irmandade da Boa Morte, cuja origem é incerta, sendo a versão mais aceita a de que negras que prestavam o culto a Nossa Senhora da Morte e da Glória, na Igreja da Barroquinha, em Salvador, teriam vindo se fixar em Cachoeira ainda no século XIX (SILVEIRA, 2006; COSTA, 2009).

A Irmandade foi formada em um contexto social racista e patriarcal, no qual mulheres negras que tinham tido ascensão socioeconômica ajudavam na alforria de escravos; eram denominadas “negras do partido alto” (CIDREIRA, 2015). Elas celebram anualmente, no mês de agosto, a morte e subida aos céus de Nossa Senhora, ritualizando vida e morte. A iconogra-

fia dessa mítica foi produzida desde os primórdios do cristianismo médio-oriental ortodoxo, com base em textos de piedosos e evangelhos apócrifos, chegando ao Ocidente latino-cristão, onde a venerada recebeu outros títulos: Nossa Senhora da Glória, da Vitória e da Assunção (COSTA, 2008).

É nas celebrações – missas, confissões, vigília e procissões – que as Irmãs da Boa Morte de Cachoeira exibem toda a elegância de seus trajes, cuja base é a “roupa de crioula”, documentada em imagens do século XIX e início do século XX. Conforme Raul Lody (2015), a “roupa de crioula” compõe-se de saia longa e anáguas, como as que eram usadas pelas europeias; bata longa, turbante e chinelas de bico fino de influência islâmica; pano da costa de origem ocidental africana; joias-amuletos.

No primeiro dia da festa (13 de agosto), as irmãs celebram a dormição de Maria, e a roupa usada por elas é toda branca; no segundo dia (14 de agosto), vestem a “baiana de beca”, bata branca, saia e xale preto, sinal de luto e tristeza; no terceiro dia da assunção de Maria (15 de agosto), usam o traje de gala: bata branca, saia preta e xale vermelho.

Essa indumentária é rica de bordados com brocados, cassa e richelieu de grande valor estético. O bordado richelieu, ou renascença, tem origem na Europa, chegando ao Brasil pelas mãos dos colonizadores (MELLO, 2019). A denominação empregada a esse tipo de bordado deve-se ao fato de ter sido este muito usado nas roupas do Cardeal e Duque de Richelieu Armand Jean Du Plessis, da corte do Rei Luís da França no século XVII (LODY, 2015). Na sociedade colonial, o bordado richelieu foi aplicado a enxovais, assim como a toalhas e outras peças do cotidiano das igrejas.

O bordado richelieu é empregado em trajes de baiana, provavelmente, desde o século XIX. Assinala-se que na Biblioteca do Museu Henriqueta Catharino encontram-se postais, não datados, nos quais figuram mulheres negras usando trajes com bordados, inclusive no ponto richelieu; o mesmo ocorre em fotografias de Pierre Verger publicadas no século XX. Não se sabe exatamente quando o bordado se torna presente nas vestimentas de senhoras da Ir-

mandade da Boa Morte e de sacerdotisas das religiões de matrizes africanas, mas é evidente que se constitui em sinal de elegância e distinção pela exuberância das formas (MELLO, 2019).

Em 2006, o Instituto de Artesanato Visconde de Mauá (Instituto Mauá) articulou com as Irmãs da Boa Morte de Cachoeira a criação de um curso de bordado ministrado pelo mestre artesão Marcus Couto Leite, que funciona no anexo da Capela de Nossa Senhora d’Ajuda, no Largo d’Ajuda, onde também se localiza a sede da Irmandade, para que as Irmãs tivessem a possibilidade de praticar a atividade e preservar o conhecimento do bordado, ornando as suas próprias vestes. Em 2016, o curso perdeu o vínculo com o Instituto Mauá e as Irmãs tiveram a iniciativa de criação de turmas particulares para pessoas da comunidade em geral, o que possibilitou a continuidade das aulas restritas às Irmãs. Aí é ensinado o bordado feito à mão e à máquina de costura. Há um número suficiente de máquinas de costura para atender às necessidades dos grupos.

ORGANIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DO EVENTO

A ideia do evento “Na voz das bordadeiras da Irmandade da Boa Morte” partiu da necessidade de trazer resultados dos estudos desenvolvidos no CAHL para a comunidade acadêmica e para os sujeitos da pesquisa. Isso motivou o contato das pesquisadoras com o mestre Marcus Couto e as Irmãs da Boa Morte que participam do curso. Nesse contato, estas questionaram como poderiam contribuir para o evento e sugeriram o local (Fundação Hansen Bahia) e a data (19/11/2019).

Paralelamente, foi organizada uma mesa-redonda com o objetivo de abordar aspectos teóricos que dialogassem com a prática desse grupo de mulheres dessa comunidade religiosa. Pensou-se em cultura, arte/artesanato, memória e afeto como termos que poderiam ligar as falas sobre vestes e bordados, considerando o protagonismo das Irmãs. Convidou-se a pesquisadora e professora do CAHL Renata Pitombo Cidreira para compor a Mesa-Redon-

da, ao lado de Suzane Pêpe e Jusenira Mello.

Formou-se uma equipe responsável pela divulgação e organização do evento. A comunicação visual contou com várias peças, ficando a cargo de Luana Freitas, na época graduanda em Museologia (UFRB), e Lélia Baraúna, egressa do mesmo curso.

Figura 1 – Peça de divulgação do site de inscrição do evento



NA VOZ DAS BORDADEIRAS DA
IRMANDADE DA BOA MORTE
DE CACHOEIRA/BA

DATA: 19 DE NOVEMBRO DE 2019, ÀS 13H
FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA
INSCRIÇÕES EM: abre.ai/boamorte

PPGAP MUSEOLOGIA UFRB Casa de Irmandade Recôncavo da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira/BA

Fonte: Programação Visual: Luana Freitas. Fotografia no cartaz: Suzane Pêpe.

Figura 2 – Detalhe das roupas portadas pelas Irmãs da Boa Morte no evento



Fonte: Fragmento de foto por Rubens Mello.

À equipe, integraram-se estudantes da Graduação em Museologia Claudiana da Cruz Rodrigues e Sandra Regina de Andrade Batista e do PPGap Edilton Mascarenhas Gomes, responsáveis pelo receptivo.

A RODA DE CONVERSA

Após a Mesa de Abertura, foi iniciada a Roda de Conversa com a participação de onze Irmãs da Boa Morte, que se apresentaram vestidas com trajes coloridos e bordados, sendo o “corpo vestido” estímulo aos sentidos (Figura 2), o que impactou sobre o público presente, composto por professores, estudantes do CAHL e pessoas da comunidade interessadas no tema.

Ressalta-se que, em 2019, faziam parte da Irmandade 30 mulheres. Das onze presentes no evento, cinco frequentam o curso de bordado da Irmandade assiduamente, contudo, todas as que compareceram se apresentaram e falaram sobre como o bordado se insere na sua vida. Em um segundo momento, explicaram sobre a técnica do bordado richelieu, mostrando exemplos.

A interlocução entre os participantes do evento se deu com rodadas de perguntas pelo público e narrativas das protagonistas. Nessa ocasião, ficou claro que o curso de bordado é mais do que um momento de praticar e desenvolver as técnicas; é uma ocupação terapêutica. As peças que as Irmãs fazem são prioritariamente

para uso próprio (Figura 3), entretanto algumas bordam sob encomenda.

Figura 3 – Bata bordada exibida por Irmã da Boa Morte no evento



Fonte: Fragmento de foto tirada por Rubens Mello.

Observa-se uma relação de respeito e um cuidado do mestre para com as Irmãs. Elas depositam muita confiança nele, que manifestou o orgulho de fazer parte do grupo. Ele mencionou considerar seu pertencimento religioso ao candomblé um fator favorável para a sua aproximação com o grupo.

Enfim, o bordado nessa comunidade envolve sociabilidades, porque intensifica a convivência e os elos de amizade. A alegria das Irmãs foi evidenciada todo o tempo, por estarem juntas e por lhes ser dada a palavra sobre um tema sobre o qual não estão habituadas a externar em público.

A MESA-REDONDA

Na Mesa-Redonda (Figura 4), a primeira comunicação foi feita pela pesquisadora Renata Pitombo Cidreira, sobre o tema “Corpo, Veste e Afeto”. Ela abordou a respeito da dimensão afetiva na dinâmica do ato de vestir, o corpo, os sentidos, as sensações humanas, e a memória, estabelecendo conexões com a Roda de Conversa.

Cidreira trouxe aportes teóricos da sociologia do corpo, apoiando-se em autores como

Georg Simmel, que, no início do século XX, se ocupou do estudo da constituição dos sentidos humanos, dos modos de perceber o outro e de ser percebido, assim como da significação para a vida coletiva da reciprocidade das relações. Apontou que Maurice Merleau-Ponty, filósofo da fenomenologia, deu ênfase à corporeidade da existência e à compreensão do corpo como pertencente ao mundo das coisas, já David Le Breton elucidou a dinâmica entre o corpo e a sociedade, o individual e o coletivo. Ainda, a pesquisadora articulou pensamentos e conceitos para tratar da relação da expressão corporal individual no processo de identificação a um grupo de pertencimento, como contributo cultural e afetivo.

Figura 4 – Mesa-redonda no evento “Na voz das bordadeiras da Boa Morte”



Fonte: Rubens Mello

Na fala de Renata Pitombo Cidreira e das demais comunicadoras foi feita referência à memória coletiva, sendo citado Maurice Halbwachs, autor que analisou as relações entre memória individual e memória coletiva, demonstrando que as lembranças coletivas têm força e duração por ser suportada pelo grupo. (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Suzane Pinho Pêpe tratou da questão do bordado no contexto de Cachoeira, da transmissão das técnicas artesanais, que pode ser entendida como a preservação de uma memória técnica – termo empregado por Ecléa Bosi (1979). O fazer é gestual e há uma escolha de motivos que podem ser recriados, adaptados em um processo lento, ainda proporcionando caminhos mais adequados às necessidades sociais, que têm relação com a cultura. Buscou trazer a dimensão artística e artesanal, sendo difícil estabelecer uma linha divisória

entre elas. O termo artesanato aparece no século XVIII, na Europa, empregado para diferenciar o trabalho manual do trabalho criado para indústria, considerando a produção de objetos; essa produção sempre existiu, mas não era assim chamada. Em geral, o bordado, quando aplicado ao objeto de uso, é categorizado como artesanato. Mas é possível pensar o bordado como arte integrada à vida cotidiana, com funções práticas, além de estética, residindo nesta a dimensão artística. Os afetos e as lembranças guardadas e experiências vividas em trajetórias de pessoas e grupais são motivadores da arte.

Jusenira Mello fez uma apresentação de seu Trabalho de Conclusão de Curso A ressignificação do bordado richelieu, na cidade de Cachoeira – Bahia, concluído em 2019, que pretendeu estudar a prática no curso livre de bordado da Irmandade da Boa Morte, aspectos técnicos e a iconografia de desenhos bordados. *Moda e História: as indumentárias das mulheres de fé*, da autoria de Raul Lody; e *As vestes da Boa Morte*, organizado por Renata Pitombo Cidreira, são as referências que lhe serviram de ponto de partida. Segundo Lody (2015), o ofício de “trabalhar os tecidos” chega ao Brasil através da ocupação portuguesa. O bordado considerado uma atividade feminina realizado pelas mulheres brancas passou a ser feito também por mulheres negras, neste caso, como obrigação.

Com base em Cidreira, Mello empregou a premissa de que, no contexto das culturas africanas recriadas no Brasil, a roupa ganhou uma dimensão simbólica, capaz de reforçar mitos e signos, reestruturar valores e tradições religiosas. (CIDREIRA, 2015, p. 22). Adotou a compreensão de Clifford Geertz (1989) de cultura entendida por seus símbolos e significados compartilhados socialmente, incorporados e materializados em comportamentos culturais de um determinado grupo.

Trabalhando no projeto de pesquisa teve contato em campo com várias bordadeiras da cidade de Cachoeira, inclusive conheceu o curso de bordado na Irmandade. A sua pesquisa de TCC ganhou novos contornos (pesquisa participante) quando se inscreveu na turma do curso de bordado da Irmandade destinado para

a comunidade em geral. Realizou observações e entrevista com professor, e conversas com as alunas de bordado, registro fotográfico de técnicas e materiais da produção de tecidos bordados. Baseou-se na iconografia, método proposto por Erwin Panofsky (2012), para descrever e interpretar os motivos dos bordados.

A autora mostrou os resultados do estudo das imagens aplicadas aos tecidos no ponto richelieu, concluindo que predominam motivos florais com amplas áreas vazadas nas vestes das Irmãs da Boa Morte. Outro dado muito relevante, que gerou um capítulo do TCC, foi que as Irmãs vêm bordando signos dos orixás em roupas do povo de santo, e em peças usadas nos espaços sagrados, sendo exemplos: a borboleta de Iansã, o machado de Xangô e o xaxará e o cajado de Obaluaiê.

Em seguida, foi dada a palavra ao professor Marcus Leite, que falou da importância da socialização das informações, lembrando que durante a pesquisa ele teve papel fundamental como mediador entre pesquisadoras e Irmãs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato buscou proporcionar ao leitor uma contextualização de atividade de extensão realizada em Cachoeira, em 2019, considerada relevante por ter reunido professores, estudantes e a comunidade interessada pela atividade do bordado, que vem sendo ressignificado no contexto das representações afro-brasileiras. Ressaltou a presença das Irmãs da Irmandade da Boa Morte para narrar suas memórias e experiências sobre o bordado, atividade que já fazia parte da rotina de algumas senhoras dessa comunidade e que passou a ser praticada em um curso criado para as Irmãs há cerca de quinze anos, tornando-se um espaço de socialização de saberes e práticas artesanais, assim como de sociabilidade.

Ficou explícito que as Irmãs da Boa Morte de Cachoeira que bordam, o fazem em geral para uso próprio, mas podem pegar algumas encomendas e que têm interesse na preservação desse conhecimento por elas. Revelou-se, ainda, que a ampliação do curso para turmas voltadas para a comunidade em geral permitiu a

continuidade do trabalho do mestre artesão, que também passou a ensinar o bordado para outras pessoas que o procuram e encontram nessa atividade uma forma de terapia e a possibilidade de complementar sua renda.

Um apanhado da abordagem acadêmica do tema, com base em conceitos e argumentos oriundos da Comunicação, da Arte e da Museologia, trazidos na Mesa-Redonda, demonstraram que há várias possibilidades de interpretar o significado do corpo vestido e o bordado como expressão de pertencimento coletivo, enquanto possuidores de significado social, cultural e afetivo.

Espera-se que este relato possa contribuir para o reconhecimento da importância da resignificação dessa manifestação cultural. Além disso, avalia-se que o estudo do bordado feito em grupos e comunidades na UFRB possa gerar outras possibilidades de trabalhos de extensão, em que as comunidades que trabalham no dia a dia para atender às necessidades domésticas e se lançam à produção artesanal como meio de complementar a renda familiar sejam ouvidas.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo, 1979.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução: Cláudio Novaes. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **A dimensão simbólica da Irmandade**. In: ____ (Org.). *As vestes da Boa Morte*. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2015. p. 13-38.

COSTA, Sebastião Heber Vieira. **Imagística de Cachoeira**: Ilá Deleci. Salvador: Faculdade 2 de Julho, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Manuel A. Baeza. São Paulo: Vértice, 1990

LODY, Raul, **Dicionário de Arte sacra & Técnicas Afro-Brasileira**: Prefácio de Roberto da Matta, Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LODY, Raul. **Moda e História**: As Indumentárias das Mulheres de Fé. São Paulo: Editora Senac, 2015.

MELLO, Jusenira dos Santos Cardoso de Mello. **A resignificação do bordado richelieu, na cidade de Cachoeira – Bahia**. 2019, 69 fl. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Museologia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, BA, 2019.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. Tradução: Maria Clara F. Keese e J. Guinsburg. Perspectiva, 2012. (Debates: 99)

PÊPE, Suzane (Coord.). **Memória, fazeres, saberes e cultura material em Cachoeira e São Félix no século XX**. Cachoeira, UFRB, 17/12/2015. (Projeto de pesquisa)

READ, Herbert. **O sentido da arte**. Tradução, Jacy Monteiro, 4.ed. São Paulo: IBRASA, 1978.

SILVEIRA, Renato da. **O candomblé da Barroquinha**: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto. Salvador: Maianga, 2006.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da Moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto & Grafia Ltda, 2008.

MULHERES NA ENGENHARIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO ELAS MUDAM O MUNDO

WOMEN IN ENGINEERING: EXPERIENCE REPORT OF WOMEN CHANGE THE WORLD PROJECT

Larissa Almeida Bião e Souza

Graduanda do Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas, UFRB, bialarissa@gmail.com

Cristiane Agra Pimentel

Doutora em Ciência e Engenharia de Materiais, UFRB, cristianepimentel@ufrb.edu.br

RESUMO

O assunto “empoderamento” da mulher tem sido bastante discutido nos últimos tempos e traz à tona questões sobre desenvolvimento e liberdade, elementos primordiais para a emancipação dos indivíduos, visando à expansão de suas capacidades. O presente trabalho apresenta um relato de experiência com o projeto de extensão “Elas Mudam o Mundo”, ressaltando a importância da atuação das mulheres na área de Exatas. Foi desenvolvido através de postagens de vídeos nas redes sociais com a participação de estudantes e profissionais apresentando suas experiências e vivências. Dentre resultados mais significativos teve-se mais de 2000 visualizações dos 10 episódios elaborados com centenas de comentários. Além de uma efetiva participação e empoderamento feminino.

Palavras-chave: Mulher. Engenharia. Gênero. Empoderamento. Engajamento.

ABSTRACT

The issue of “empowerment” of women has been widely discussed in recent times and raises issues about development and freedom, essential elements for the emancipation of individuals, with a view to expanding their capacities. This work presents an experience report with the extension project “Women Change the World”, emphasizing the importance of women's performance in the exact sciences area. It was developed through video posts on social networks with the participation of students and professionals presenting their experiences. Among the most significant results were over 2000 views of the 10 episodes elaborated with hundreds of comments. In addition to effective female participation and empowerment.

Keywords: Women. Engineering. Gender. Empowerment. Engagement.

INTRODUÇÃO

Apesar da participação feminina na Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (Science, Technology, Engineering e Mathematics – STEM) ter aumentado de forma global, ainda há uma sub-representação das mulheres no sistema científico e tecnológico, o que indica um pequeno número de mulheres em deter-

minadas áreas ou subáreas do conhecimento, por exemplo, nas Ciências Exatas e Engenharias (ARAÚJO e TONINI, 2020).

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE (2015), em 2012, somente 14% das jovens mulheres ingressantes nas universidades escolheram áreas abrangidas em STEM. Corroborando

com esta pesquisa, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2020) evidenciou que as mulheres representam apenas 13,3% dos alunos de Computação e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e 21,6% dos cursos de Engenharia e profissões correlatas. Além disso, revela que 54,5% das mulheres com 15 anos ou mais integravam a força de trabalho no país em 2019, enquanto entre os homens, esse percentual foi 73,7%.

A igualdade de gênero tem tido muita ênfase, especialmente após a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), a qual traça metas para alcançar o empoderamento feminino e garantir a efetiva igualdade entre homens e mulheres (ONU, 2015). Para Sardenberg e Tavares (2016), o empoderamento feminino relata o contínuo movimento político entre o Estado, a comunidade e relações interpessoais em busca de melhorias em questões políticas, como comportamentos e embates contra a discriminação, a fim de construir uma sociedade mais democrática e plural.

Segundo Alves (2016), o empoderamento das mulheres é um anseio cada vez maior das organizações da sociedade civil e um processo que avança nas diversas instâncias de poder dos estados nacionais. Até os setores empresariais já perceberam a necessidade da incorporação da força produtiva feminina, reconhecendo as habilidades e talentos das mulheres para o dinamismo da economia. É crescente o reconhecimento de que o progresso das sociedades é incompatível com a discriminação e a segregação de gênero.

Pesquisas revelam que as mulheres “tendem a seguir, em todos os níveis de ensino, cursos impregnados de conteúdo humanístico” (ROSEMBERG & AMADO, 1992, p. 65), pois são pouco estimuladas a gostarem de disciplinas ditas complexas na escola básica. Elas são culturalmente ensinadas a lidar com situações flexíveis e gostar de conhecimentos associados ao cuidado, à sensibilidade e à flexibilidade. Quando mulheres e homens aprendem a dicotomizar suas qualidades e habilidades, as desigualdades de gênero tendem a se reproduzir, inclusive, nas preferências disciplinares e cursos superiores.

De acordo com Tavares, Souza e Pereira-Guizzo (2014), independentemente das escolas não conseguirem garantir uma igualdade de gênero, ela é extremamente importante para a realização de mudanças, principalmente em convenções existentes em relação ao feminino, proporcionando novas possibilidades para as mulheres, inclusive o aumento no mercado de trabalho especialmente em ambientes ditos “masculinos”. Logo, é fundamental a combinação entre a escolaridade e a presença das mulheres no mercado.

Para Carneiro *et al.* (2020), um dos mais antigos estereótipos é o da “profissão para homens”, pois forma um bloqueio sobre o interesse de meninas pelas áreas das Ciências Exatas, já que as mesmas se sentem inaptas a realizar e a estudar tais atividades e assuntos. Algumas formas de romper essas barreiras, para Tavares *et al.* (2014), seria incentivar essas meninas, levando exemplos de mulheres das áreas de Exatas, mostrando suas trajetórias e realizações nas ciências e em pesquisas, além de motivar com cursos extracurriculares e bolsas para as voluntárias.

Dentro do cenário pandêmico vivenciado no decorrer de 2020, causado pelo SARS-COV 2, também conhecido como coronavírus, as autoras Arruda e Siqueira (2021) dizem que os métodos de aprendizagem e conhecimento se adequaram para os espaços não físicos. Tal transição, para elas, se apoiou em ferramentas digitais, possibilitando a melhor comunicação por meio do espaço on-line. A comunicação no ensino remoto pode ocorrer de forma síncrona, ou seja, quando as pessoas estão conectadas ao mesmo tempo, por meio de chat e web conferências. Em outro caso, pode ser assíncrona, quando não estão conectados ao mesmo tempo, e podem acessar os conteúdos usando ferramentas como redes sociais, fórum, repositórios e videoaulas.

Diante do cenário exposto, torna-se imprescindível o desenvolvimento de atividades em âmbito acadêmico capazes de inspirar e apoiar meninas a seguir seus interesses em uma carreira em Engenharia e Ciência. Assim, buscando alinhar uma atividade ativa durante o período pandêmico, surge o desenvolvimento do projeto “Elas Mudam o Mundo”.

O “Elas Mudam O Mundo” foi um Projeto de Extensão da UFRB que nasceu a partir da chamada seleção de bolsistas em setembro de 2020, dado que projetos de extensão universitária como esse são vistos como a comunicação existente entre a universidade e a comunidade, através dos quais a criação de novos conhecimentos contribui na popularização da ciência. Pivetta, Backes e Carpes (2010) acreditam que o ensino, as pesquisas e os projetos de extensão são complementares, isto é, para um novo conhecimento é necessário a pesquisa, que está totalmente vinculado à extensão universitária e ao ensino, formando três pilares dos cursos superiores. Segundo PAULA (2013), dos três pontos, a extensão universitária tem por natureza ser interdisciplinar, visto que são realizados em maioria além das salas de aula, e estão voltadas para o público, e devem ser tidas como uma cultura e como um comprometimento imprescindível para uma jornada acadêmica completa.

Este projeto foi desenvolvido pelo grupo de afinidade *Women in Engineering* (Mulheres na Engenharia), o qual está vinculado ao *Institute of Electrical and Electronic Engineers* (IEEE) e tem, entre seus objetivos, incentivar e empoderar meninas nas áreas de STEM. O “Elas Mudam o Mundo” teve o intuito de utilizar as redes sociais para demonstrar a atuação de mulheres que fazem a diferença nas Exatas, sejam elas estudantes ou profissionais.

METODOLOGIA

O presente Projeto de Extensão consiste em um estudo de caso de natureza descritiva, tendo como objeto do aprendizado o impacto do ponto de vista educacional e de gênero. Com o contexto da pandemia, todas as atividades foram realizadas de forma online entre os meses de outubro e dezembro de 2020. Jovens meninas entre 15 e 25 anos foi o público alvo.

O projeto prosseguiu utilizando o método de execução abaixo:

1. Estruturação do roteiro para gravação dos vídeos para o IGTV do Instagram, pois itens como sentido da gravação, ambientação

e tempo impactariam diretamente na qualidade do material;

2. Parceria com escolas de Ensino Médio e Fundamental;
3. Escolha das estudantes e profissionais participantes;
4. Definição de agenda com prazos para cada etapa, como envio dos convites, recebimento dos vídeos e edição, além de periodicidade de postagens nas redes sociais;
5. Divulgação do projeto nas redes sociais e escolas parceiras;
6. Postagens dentro do cronograma proposto;
7. Pesquisa para identificação do perfil dos seguidores dos canais abertos e acompanhamento do engajamento;

Os vídeos tiveram como temática o desenvolvimento das trajetórias profissionais e acadêmicas das convidadas, com relatos individuais, mostrando suas perspectivas em torno das áreas de STEM, de forma a mostrar os impactos transformadores que as levaram a escolher suas áreas, visando assim aumentar o índice de ingresso feminino em cursos das Exatas. O perfil das convidadas abrangeu as seguintes áreas das Ciências Exatas: Física e as Engenharias Civil, Mecânica, Elétrica, Produção e Química.

O “Elas Mudam o Mundo” foi desenvolvido pela bolsista do projeto de extensão, que participa do grupo *Women In Engineering* UFRB, juntamente com outras voluntárias, e em prol de um melhor gerenciamento foram utilizadas tabelas do Excel, onde foram organizados os dados das convidadas, o esquema das postagens nas redes sociais com os horários e dias da semana. Uma das integrantes da equipe do projeto ficou responsável pela edição dos vídeos e das legendas, e ao final foram estruturadas as informações do engajamento dos vídeos para futuros planejamentos.

Foram utilizados aplicativos como *InShot* para otimização da iluminação, contraste e saturação; *VideoShow* para adicionar efeitos aos seus vídeos e cortar ou redimensionar,

quando necessário.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO “ELAS MUDAM O MUNDO”

O projeto veio com a iniciativa de trazer referências de dentro da universidade, como uma ação produzida para inspirar jovens meninas a ingressarem em cursos das áreas das Exatas, e ajudar mulheres a permanecerem em suas profissões. Desenvolvido entre os meses de outubro e dezembro de 2020, foi voltado especialmente para o gênero feminino, dando visibilidade para as mulheres, estudantes e profissionais das Ciências Exatas. Tudo visando uma abordagem mais próxima e comunicativa, para alcançar jovens com dúvidas sobre qual curso escolher, buscando motivar essa decisão para uma carreira nas Exatas.

Sendo um projeto completamente on-line, de-

vido às restrições com a pandemia em atividades presenciais, sua realização foi concentrada principalmente nas redes sociais do *Women in Engineering* UFRB (@ieeewieufbr), aspirando um maior envolvimento de meninas do Ensino Médio.

Foi escolhido o IGTV do Instagram como mídia principal de divulgação do projeto e o LinkedIn, pois o público-alvo, as alunas do Ensino Médio e Fundamental, possuem a preferência da visualização de vídeos a fotos. Segundo pesquisa feita pela YuMe e o IPG Media Lab, divulgada pelo eMarketer (2013), os *Millennials*, pessoas nascidas entre os anos de 1981 e 1995, são a geração que mais assiste séries on-line, com 37%, seguidos pela Geração X (26%) e os *Baby Boomers* (16%). Em vídeos pessoais, vídeos da internet, clipes de música, filmes e conteúdo gerado pelos usuários, os *Millennials* também ficaram na frente.

A organização do “Elas Mudam o Mundo”, foi feita em etapas, que podem ser visualizadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Etapas do “Elas Mudam O Mundo”

Etapa	Desenvolvimento
Identidade Visual e Convites	Foi realizado um planejamento de como seriam os vídeos e as artes de divulgação do projeto, a equipe de voluntários fez uma lista de mulheres que atuam no meio profissional das Exatas para a criação e gravação dos vídeos e entrevistas.
Parcerias	Procura de parcerias entre escolas da rede pública, com o intuito de divulgar os vídeos para os estudantes do Ensino Médio.
Manual	Produção de um manual detalhado, com informações sobre o projeto, que serviu de material teórico para as convidadas. Além de conter indicações de como seriam as gravações e as perguntas propostas.
Início das gravações	As profissionais e estudantes que aceitaram o convite receberam, junto ao manual, todo um suporte para conseguir gravar os vídeos com duração entre 2 e 10 minutos, dentro dos prazos de envio.
Divulgação	Foram compartilhados dois vídeos semanalmente, entre novembro e dezembro de 2020, e divulgados intensivamente.

Fonte: Elaboração própria.

Foram feitos vídeos colaborativos com convidadas envolvidas com as Ciências Exatas, entre elas estudantes da UFRB, e mulheres atuantes no meio profissional. Além de promover a participação feminina nas áreas de STEM, o projeto tinha como propósito aumentar a visibilidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e dos seus cursos das áreas das Exatas e proporcionar uma maior representatividade feminina dentro do meio acadêmico. Com esta finalidade, foi criada a arte dando este enfoque, conforme pode ser observado na Figura 1.

Figura 1: Arte de divulgação do Projeto



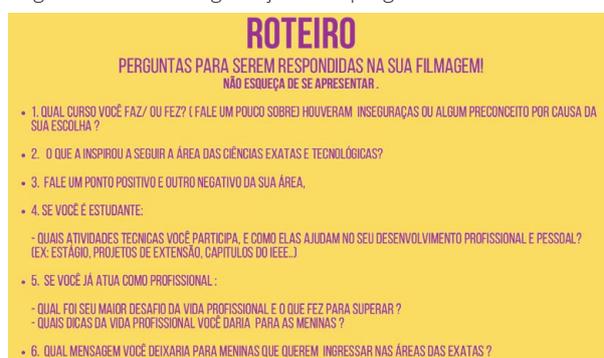
Fonte: Próprio Autor

Dentre as próximas etapas, foi realizada uma parceria com a Escola Municipal Miguel Arraes, localizada em Lauro de Freitas - Bahia, onde os vídeos realizados durante o projeto de ex-

tensão foram compartilhados com os estudantes, ajudando a desenvolver debates positivos, principalmente com os professores das áreas das Exatas, sobre as futuras escolhas dos cursos e de universidades desses jovens.

Visando uma padronização na confecção dos vídeos, foi criado o Manual de Gravação com orientações e boas práticas como: escolha de um lugar tranquilo e silencioso com boa iluminação, gravação do vídeo na horizontal e tempo de fala entre 2 e 10 minutos. Além disso, as perguntas foram padronizadas para ajudar a convidada a ter uma ordem de fala, conforme demonstrado na Figura 2.

Figura 2: Roteiro de gravação com perguntas



Fonte: Próprio Autor

Após a realização dos convites, as áreas de atuação das convidadas ficaram bastante diversificadas. Foi um ponto imprescindível convidar profissionais com ampla experiência e estudantes de Engenharias diferentes e da Física, para abranger opiniões diversas que pudessem alcançar um maior número de jovens a se identificarem com algum dos relatos. Na Tabela 2 pode-se observar o perfil e área das convidadas.

Tabela 2 - Perfil das convidadas

Convidada	Perfil	Área
Beatriz Santos	Estudante da UFRB	Engenharia de Produção
Crislane Queiroz	Estudante da UFRB	Engenharia Elétrica
Betânia Filha	Docente IFBA	Engenharia Elétrica
Ana Hellen Carvalho	Estudante da UFRB	Engenharia Mecânica
Camila Moraes	Estudante da UFRB	Engenharia Civil
Leticia Santos	Estudante da UFRB	Engenharia Civil
Juliana Machion	Docente UFPB	Engenharia de Produção
Thaiane Tavares	Docente Ensino Fundamental	Física
Liziane Alvarez	Coordenadora de Infraestrutura	Engenharia civil
Tânia Fernandes	Engenheira	Engenharia Química

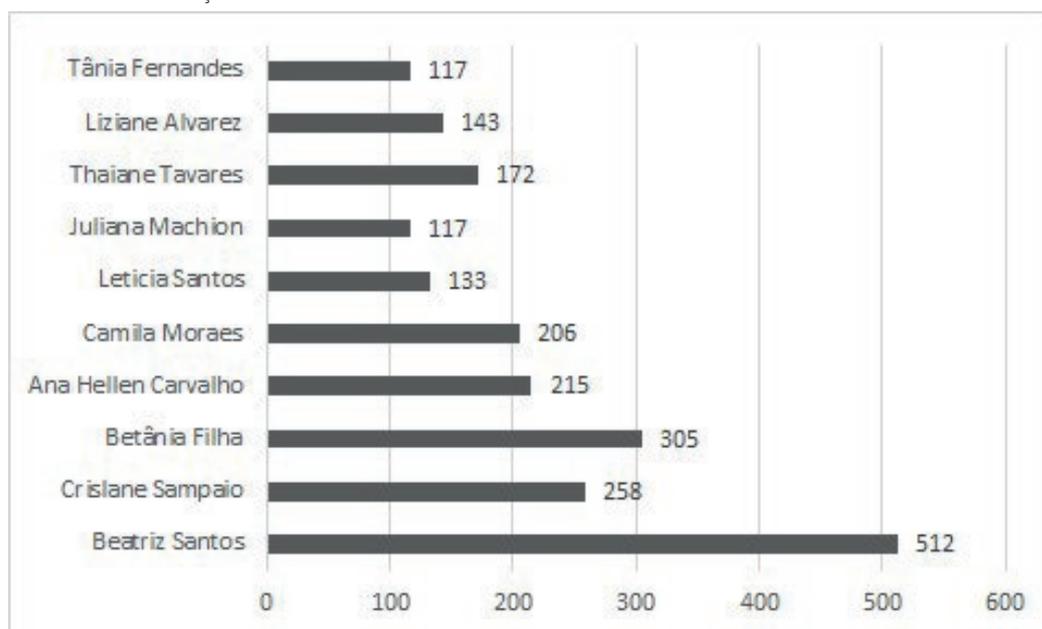
Fonte: Elaboração própria.

Mesmo com a situação pandêmica e com os desafios durante o período do projeto, as conquistas foram além das expectativas. Foram desenvolvidos 10 vídeos, os quais divididos em episódios com as convidadas, e foram sendo lançados duas vezes na semana nas redes sociais como Instagram e LinkedIn do IEEE WIE UFRB, entre novembro e dezembro de 2020.

Os vídeos tiveram um grande engajamento do público, tanto de estudantes da UFRB como de outras instituições e colégios, pode-se evidenciar no Gráfico 1.

No total foram mais de 2000 visualizações, 256 compartilhamentos, e vários comentários de destaque, como detalhados na Tabela 3

Gráfico 1 - Visualizações dos Vídeos



Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3: Compartilhamentos e Comentários

Episódio	Número de compartilhamentos	Alguns Comentários:
Beatriz Santos	49	“Sou apaixonada nesse projeto!”
Crislane Sampaio	20	“Participar do IEEE WIE UFRB foi uma das maiores inspirações e me encorajou a persistir!”
Betânia Filha	26	“Tive a honra de ser aluna dessa profissional incrível!”
Ana Hellen Carvalho	34	“Inspiração demais”
Camila Moraes	20	“Maravilhosa, mulher inteligente incrível e que tenho grande admiração!”
Leticia Santos	21	“Excelente, parabéns!”
Juliana Machion	23	“Depoimento incrível!”
Thaiane Tavares	20	“Maravilhosa, a professora de Matemática que faz qualquer um se encantar pelas Ciências Exatas!”
Liziane Alvarez	21	“Muito bom e inspirador!”
Tânia Fernandes	22	“Inspirador!”

Fonte: Elaboração própria.

Tendo-se destaque para os episódios 1 e 3 da Beatriz Santos e Betânia Filha, respectivamente. A primeira estudante da UFRB e a segunda profissional de destaque do IEEE Brasil. Com o alcance dos 1425 seguidores do Instagram do Women In Engineering UFRB (@ieeewieufbr), onde 67% é composto por mulheres e dessas 52% tem entre 15 e 25 anos, equivale que 496 meninas e mulheres foram alcançadas por todo o projeto, além dos outros compartilhamentos e também dos alunos da Escola Municipal Miguel Arraes. A maioria do público é das cidades de Cruz das Almas, Salvador e Feira de Santana.

A iniciativa do “Elas Mudam O Mundo” foi extremamente promissora, a divulgação dos episódios destacou a importância desse projeto de extensão de empoderar e inspirar meninas e mulheres a ingressarem em carreiras em STEM, bem como a suas permanências. O projeto atingiu o objetivo proposto, o público de meninas e mulheres entre 15 e 25 anos que assistiram aos IGTV foi surpreendente, resultado pode ser visto pelo pelos números de engajamento, relevância e alcance nas redes sociais, e conseguiu impactar a comunidade promovendo uma maior aproximação com a Universidade, contextualizando sobre

os cursos e as profissões de cada convidada, disseminando assim conhecimento e proporcionando debates que visam ao progresso da igualdade de gênero nessas áreas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto foi desenvolvido com o intuito de incentivar meninas nas áreas de Exatas com exemplos de profissionais e estudantes da área de Engenharia, através da gravação de depoimentos que demonstrassem a atuação da mulher nas mais diversas áreas de STEM. Seu engajamento foi além das expectativas, com mais de 2000 visualizações e 256 compartilhamentos dos vídeos nas redes sociais. O empoderamento feminino foi demonstrado nas mais diversas engenharias. Alunas de Ensino Médio e Fundamental tiveram acesso a conteúdo que muitas vezes não chegam em sala de aula. Desta forma, pôde-se reafirmar a inserção de profissionais femininas nas áreas das Exatas, quebrando estereótipos de gênero. Espera-se que ações como essas possam se transformar em políticas públicas, que visam à reduzir a segregação horizontal e vertical das mulheres nas áreas STEM.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz. Desafios da equidade de gênero no século XXI. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, p. 629-638, 2016.

ARAÚJO, Mariana Tonini; TONINI, Adriana Maria. A participação das mulheres nas áreas de STEM (Science, Technology Engineering and Mathematics). **Revista de Ensino de Engenharia**, v. 38, n. 3, 2020.

ARRUDA, Juliana Silva; DE CASTRO SIQUEIRA, Liliene Maria Ramalho. Metodologias Ativas, Ensino Híbrido e os Artefatos Digitais: sala de aula em tempos de pandemia. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev**. Pemo, v. 3, n. 1, p. e314292-e314292, 2021.

CARNEIRO, S. G.; SILVA, G. C.; DA SILVA, L. A.; DA COSTA, V. G.; DA SILVA, A. V. (2020). **Mulheres nas ciências exatas, engenharia e computação**: uma revisão integrativa. *Humanidade & Tecnologia em revista*, (20), 159-175.

EMARKETER. **Do Millenials wathc online vídeos differently?** EMARKETER. EUA, 2013. Disponível em <https://www.emarketer.com/Article/Do-Millennials-Watch-Online-Videos-Differently/1010444>. Acesso em: 5 de setembro de 2020.

IBGE. **Estatísticas de Gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0>>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

OECD, **The ABC of Gender Equality in Education: Aptitude, Behaviour, Confidence, PISA**, OECD Publishing, Paris, 2015. Disponível em : <<https://www.oecd.org/education/the-abc-of-gender-equality-in-education-9789264229945-en.htm>>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

ONU. **Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

PAULA, J. A. D. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **INTERFACES**, Minas Gerais, p. 19, junho-novembro 2013. ISSN 2318-2326. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/5/pdf>>. Acesso em: 06 julho de 2021.

PIVETTA, H. M. F.; BACKES, D. S.; CARPES, A. **Ensino, pesquisa e extensão universitária: em busca de uma integração efetiva**. Linhas Críticas - Revista da Faculdade de Educação - UnB, p. 14, 2010.

ROSEMBERG, Fúlvia; AMADO, Tina. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa**, n. 80, p. 62-74, 1992.

SARDENBERG, C.M.B., and TAVARES, M.S. comps. Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, 335 p. **Bahianas collection**, vol. 19. ISBN 978-85-232-2016-7. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788523220167>> . Acesso em: 09 de setembro de 2021.

TAVARES, E. C.; SOUZA, M. L.; PEREIRA-GUIZZO, C. S. (2014). **Por que não a engenharia?** Estratégias de inclusão das meninas nas ciências exatas. In Workshop de Pesquisa Tecnologia e Inovação, 4. Anais [...], 279-286. SENAI CIMATEC.

VIVENCIAR PARA APRENDER, APRENDER PARA VIVENCIAR: UMA EXPERIÊNCIA DO CURSO DE GESTÃO DE COOPERATIVAS EM TRÊS ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS DE GOVERNADOR MANGABEIRA/BA

LIVE TO LEARN, LEARN TO LIVE: AN EXPERIENCE OF THE COOPERATIVE MANAGEMENT COURSE IN THREE GOVERNADOR MANGABEIRA/BA COMMUNITY ASSOCIATIONS

Eliene Gomes dos Anjos

Doutora em Ciências Sociais. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
E-mail: elieneanjos@ufrb.edu.br

Daiane Loreto de Vargas

Doutora em Extensão Rural. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
E-mail: daianeloreto@ufrb.edu.br

Vinicius de Jesus Ferreira

Graduando em Tecnologia em Gestão de Cooperativas. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
E-mail: viniciusjesus13@gmail.com.

Laís Ferreira Mascarenhas

Graduando em Tecnologia em Gestão de Cooperativas. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
E-mail: laysfm45@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta um diagnóstico participativo resultante das ações de um Projeto de Extensão do Curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. O projeto visa propiciar formação empírica aos estudantes, aliando teoria e prática, além de contribuir com a qualificação da gestão das associações comunitárias da agricultura familiar. Este relato de experiência revela o diagnóstico do processo organizacional elaborado a partir das oficinas, realizadas entre agosto e dezembro de 2019, com professoras, estudantes, colaboradoras e membros das diretorias e do quadro social de três associações comunitárias de Governador Mangabeira - BA. As reflexões apontaram a necessidade de fortalecer a gestão associativa, assegurar formação para o quadro social sobre a importância do associativismo para o desenvolvimento comunitário e fomentar o debate sobre a atuação das associações na organização da produção e comercialização dos associados. Ademais, a vivência impulsionada pela extensão universitária está propiciando um conhecimento aprofundado das fragilidades do processo organizacional comunitário, exigindo um diálogo contínuo entre o aprendido teoricamente e os desafios práticos que serão enfrentados pelos futuros gestores de cooperativas.

Palavras-chave: Gestão associativa. Extensão universitária. Agricultura familiar. Troca de saberes. Vivência.

ABSTRACT

This work presents a participatory diagnosis resulting from the actions of an extension project of the Cooperative Management Technology Course, at the Federal University of Recôncavo da Bahia – UFRB. The project aims to provide students with empirical training, combining theory and practice, in addition to contributing to the qualification of the management of community associations of family farming. This experience report reveals the diagnosis of the organizational process drawn up from the workshops, held between August and December 2019, with teachers, students, employees and members of the boards and members of three community associations in Governador Mangabeira-BA. The reflections pointed out the need to strengthen associative management, ensure training for the membership on the importance of associations for community development, and foster debate on the role of associations in organizing the production and marketing of members. Furthermore, the experience driven by university extension is providing in-depth knowledge of the weaknesses of the community organizational process, requiring a continuous dialogue between what is theoretically learned and the practical challenges that will be faced by future managers of cooperatives

Keywords: Associative management. University Extension. Family farming. Exchange of knowledge. Experience.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária é um caminho para a promoção do diálogo entre o saber científico e a diversidade de saberes que nascem na sociedade, pois há a articulação das atividades de ensino com a sua aplicabilidade prática, possibilitando que a universidade cumpra suas funções e compromissos sociais, além de ter participação proativa na valorização do saber popular. O desenvolvimento das atividades nas comunidades circunvizinhas da universidade propicia a criação de espaços que materializam a articulação da teoria com a prática, promovendo o conhecimento interdisciplinar e sua aplicabilidade. A extensão universitária rural qualifica o processo formativo porque oportuniza a aplicabilidade do aprendido em prol do desenvolvimento comunitário, podendo, assim, possibilitar um leque de aprendizado para a formação dos estudantes, dos próprios agricultores e membros das associações.

É neste contexto que surge o projeto “Vivenciar para aprender, aprender para vivenciar: uma experiência da UFRB com a Ascoob no fortalecimento das Associações Comunitárias de Governador Mangabeira”, em 2019, no curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Ele resulta do diálogo estabelecido com a Associação das Cooperativas de Apoio à Agri-

cultura Familiar e Economia Solidária – Ascoob, que atuava, na época, prestando assistência técnica nas comunidades rurais do município.

O projeto foi implementado com duas metas destacadas, quais sejam: i) contribuir com o fortalecimento do processo organizacional das associações comunitárias da agricultura familiar; ii) possibilitar a vivência na formação dos graduandos de gestão de cooperativas para avaliar em que condições essa experiência poderá ser replicada. A partir das reuniões realizadas com a equipe técnica da ação extensionista – professoras, discentes e colaboradores – optamos por metodologias participativas que envolvessem a diretoria e o quadro social das associações mobilizadas pela Ascoob para integrar o projeto de vivência. Os pressupostos metodológicos empregados no projeto vão ao encontro do dialógico da extensão universitária, bem como da comunicação rural e do caráter participativo, seguindo uma perspectiva de Paulo Freire. Essas metodologias foram aplicadas a partir de oficinas mediadas pelas professoras e estudantes que, a partir da percepção dos dirigentes e associados, apresentaram as conquistas, as dificuldades e os principais desafios para cada agrupamento. Com o diagnóstico construído coletivamente, objetivávamos construir um plano de ação, em 2020, para alcançar as metas que seriam acordadas para cada associação.

Devido à crise sanitária provocada pela pandemia do coronavírus, as ações presenciais foram interrompidas, ainda que no segundo semestre de 2020 tenham sido retomadas em ambiente virtual. Este relato de experiência objetiva apresentar o diagnóstico do processo organizacional das três associações comunitárias da agricultura familiar que participaram das oficinas entre agosto e dezembro de 2019. O presente relato está organizado, a partir desta parte introdutória, em mais três seções. A segunda apresenta um breve debate sobre as noções conceituais subjacentes à ação extensionista relatada, a terceira destaca os desafios da gestão associativa e, por fim, a quarta traz as considerações finais.

NOÇÕES CONCEITUAIS QUE PERPASSAM O PROJETO

As ações extensionistas nos espaços rurais envolvem diversas práticas em processos continuados com a intenção de alterar a situação adversa enfrentada pela maioria dos agricultores. Segundo Fernandes et al. (2012, p. 190), “a universidade possui um grande potencial de transformação social e pode ser compreendida como um ambiente de formação de profissionais cidadãos, com capacidade de construir atividades voltadas para melhorias da qualidade de vida da sociedade”. Portanto, as atividades extensionistas perpassam os contextos produtivos, sociais, ambientais e econômicos que necessitam de planejamento para assegurar os objetivos e meios para que não haja uma descontinuidade do processo (BALEM, 2015).

Apesar do reconhecimento da relevância dos projetos de extensão universitária no estado da Bahia, atingindo de forma positiva várias associações rurais, ainda persiste a incipiente qualificação dos gestores dos empreendimentos associativos da agricultura familiar. Esse contexto tem propiciado, dentre outros fatores, a fragilidade organizacional e, em muitos casos, a descrença na organização coletiva. Essa constatação apontou a necessidade de aproximar os graduandos de Gestão de Cooperativas das associações comunitárias rurais que ainda não alcançaram viabilidade econômica para ter assessoria que qualifique a ges-

tão organizacional.

A necessidade de qualificar a gestão não é somente das associações comunitárias, mas uma realidade que envolve as organizações econômicas da agricultura familiar. São agricultores familiares que assumem a direção das associações comunitárias e são instados à função de gestor. Nos termos de Tauile (2009):

Não obstante o conhecimento prático e tácito que esses trabalhadores tenham do processo produtivo em si, a sua carência de conhecimentos técnicos e de experiência em questões mercadológicas, bem como macroinstitucionais, agrava as dificuldades naturais para se construir um quadro de administradores com competência adequada àquelas novas (e inovadoras) situações. (p. 315).

Para Souza Filho e Batalha (2009), a agricultura familiar é desafiada a incorporar práticas gerenciais e realizar a integração da produção às necessidades do processo de transformação industrial ou de distribuição. Na avaliação desses autores, nem o agricultor dentro do seu estabelecimento nem inserido em organizações coletivas está apto para desempenhar esse papel.

Embora a maioria das associações comunitárias do Recôncavo esteja distante de ter no seu quadro social gestores capacitados para responder às demandas técnicas que as constituam em organizações econômicas, elas apresentam-se como uma tendência dentro dos cenários rurais dos municípios, pois configuram um espaço de troca de informações, de representação dos associados e agricultores. Além disso, revelam-se como uma estratégia de geração e fortalecimento das relações sociais e também na “conquista de espaço de negociação no ambiente municipal e na criação mecanismos de políticas públicas municipais para melhor atendimento de suas demandas” (LIMA, et al. 2017, p.3).

O Associativismo, para Anjos et al. (2018), tem um papel importante no desenvolvimento social e econômico dos espaços rurais da Bahia. As associações têm como objetivo fomentar a ação coletiva, contribuindo para melhoria da qualidade de vida através da troca de experiências, promovendo a convivência com os contextos áridos que caracterizam a maior

parte das áreas de produção agrícola do estado. Por outro lado, as associações também contribuem para reivindicar os direitos políticos, sociais e econômicos presentes de forma incipiente na maioria das comunidades rurais baianas. O ato de associar-se vai além da celebração de um contrato mútuo que estabelece obrigações visando a um objetivo comum. A essência dessa sociedade civil, na visão de Albuquerque (2003), está fundada na repartição do ganho, na união de esforços e no estabelecimento de outro tipo de agir coletivo, que tem na cooperação qualificada a implementação de outro tipo de ação social.

No contexto da região Nordeste, inclusive na Bahia, inúmeras associações comunitárias assumem a forma de empreendimentos econômicos, criados pela iniciativa dos agricultores familiares, como estratégia para diversificar os canais de comercialização, além de reivindicar os direitos básicos de cidadania que não foram assegurados em sua integralidade. No entanto, para atuar como um empreendimento que contribui na organização da produção e da comercialização, as associações precisam ter uma gestão qualificada, que compreenda as diretrizes dos mercados. Além disso, faz-se necessário a regularização burocrática, com todas as certidões atualizadas, para permitir a inserção nos programas de compras públicas que garantem valores mais competitivos para a produção familiar.

Ciente dos desafios postos às associações comunitárias do Recôncavo que iniciamos o projeto de extensão, objeto deste relato, com um diagnóstico participativo. Cruz (2016) entende que este tipo de diagnóstico é baseado no processo dialógico de análise da realidade, a partir de consultas e interação da situação problema que pretende refletir. O objetivo é construir coletivamente um retrato da situação organizacional de cada associação para que os diversos atores envolvidos possam, a partir do compartilhamento de saberes e conhecimentos, planejar as ações necessárias para atender as demandas identificadas.

OS DESAFIOS DA GESTÃO ASSOCIATIVA

Os desafios para a gestão associativa são vivenciados de acordo com o nível organizacional de cada associação. As oficinas realizadas na Associação da Comunidade do Meio de Campo, na Associação da Comunidade da Lagoa da Rosa e na Associação da Comunidade de Queimadas Nova revelaram que há entendimentos e práticas distintas de gestão entre elas. Esta última, a de Queimadas Nova, apresentou um processo organizativo mais avançado, com regularização legal o que permitiu a aprovação de um projeto no edital do Bahia Produtiva, um programa de política pública que visa ao fortalecimento da agricultura familiar, implementado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR, empresa pública vinculada à Secretária de Desenvolvimento Regional – SDR, do Governo da Bahia.

Essa organização tem um planejamento definido e demandou da UFRB uma parceria para mapear os moradores da comunidade, com o intuito de identificar quais estão filiados à associação e a percepção da comunidade sobre sua atuação. Um elemento que fragiliza o processo, segundo os associados que participaram das oficinas no momento da realização do diagnóstico, é a baixa participação dos associados.

A Associação do Meio de Campo apresentou várias ideias para melhorar a produção dos agricultores, mas não tinha nenhum planejamento para alcançar tal objetivo. Na comunidade há um número significativo de jovens que demandam qualificação técnica com o objetivo de gerar trabalho e renda. Esta associação não está regularizada para participar de editais públicos porque não dispõe da Declaração de Aptidão do Pronaf – DAP, tampouco sabe informar quantos agricultores associados dispõem dessa declaração no âmbito familiar. Os limites para a regularização fiscal dificultam o acesso às políticas públicas, o que desmotiva a participação dos associados, segundo as narrativas dos presentes nas atividades.

Não obstante, faz-se necessário ressaltar a participação da juventude no processo de reestruturação dessa Associação, inclusive com um graduando de Gestão de Cooperativas que reside na comunidade e é membro associado. A motivação dos jovens, a partir da parceria da

Associação com a UFRB, delineia um horizonte alvissareiro para estruturar o planejamento e definir as ações prioritárias da atual direção. As demandas mais destacadas foram a qualificação profissional juvenil e a atualização do quadro social para que seja possível regularizar a documentação da entidade.

A Associação da Lagoa da Rosa apresentou uma grande fragilidade organizacional porque não havia conseguido nem regularizar legalmente a última diretoria eleita. Segundo a presidente em exercício, em 2019, a maioria dos associados não participava das reuniões e não contribuía financeiramente. Esta associação não contava com nenhum tipo de assistência técnica e não estava articulada no território para obter apoio no processo de regularização. No entanto, a presença da UFRB estimulou a reunião da diretoria, juntamente com a juventude da comunidade e as mulheres que persistem na iniciativa, para valorizar as conquistas já alcançadas pela organização associativa, como a casa de farinha que atualmente está desativada, e demandar formações sobre os direitos e deveres dos associados e qualificação técnica para as jovens que responderam positivamente ao chamado da direção. A diretoria na época admitia que tinha muitas dificuldades de gerir a organização, assim como a própria comunidade em relação ao papel que o associativismo desempenha no desenvolvimento comunitário.

Alguns dos momentos do diagnóstico participativo realizado nas três associações comunitárias de Governador Mangabeira podem ser visualizados na figura 1, na sequência.

Figura 1 - Oficinas realizadas nas três Associadas que integram o projeto de extensão da UFRB, em Governador Mangabeira



Fonte: Acervo particular dos autores, 2019.

A partir da compreensão da realidade vivenciada nas associações comunitárias, foram propostas algumas ações através da equipe do projeto, as quais têm por finalidade fortalecer a gestão associativa, não obstante, as demandas apresentadas pelas associações após a realização das oficinas foram incluídas, na medida do possível. Por isso, como duas associações apresentaram a demanda de qualificação das jovens participantes em um curso de manicure e pedicure, articulamos com as interessadas e uma graduanda da equipe, que atua profissionalmente nesta área, para ofertar este curso nas comunidades do Meio de Campo e Lagoa da Rosa.

Figura 2 – Curso de Manicure e Pedicure nas Comunidades Meio de Campo e Lagoa da Rosa



Fonte: Acervo particular dos autores, 2019.

Também realizamos, ainda em 2019, uma oficina, mediada pelos graduandos e colaboradores, sobre a importância da organização associativa para melhorar as condições de vida na Lagoa da Rosa. Estas atividades foram realizadas antes da construção do plano de ação, que no cronograma do projeto estava previsto para ser elaborado em 2020, devido à fragilidade associativa constatada para motivar tanto os associados quanto outros membros da diretoria que não estavam atuando de forma contínua nas referidas comunidades.

O planejamento é uma ferramenta de gestão imprescindível para alcançar os objetivos e delimitar as ações necessárias para alcançá-los. Constatar que esse processo ainda é incipiente em duas das três associações envolvidas no projeto reforça a importância das ações de extensão para qualificar os agricultores que assumem o compromisso de gerirem suas organizações, mas que não têm formação técnica em gestão tampouco assistência técnica pública permanente com esta finalidade.

Para além das debilidades constatadas, a estrutura organizacional da Associação de Queimadas Novas, que está implementando um projeto com apoio da política pública, é reforçada com a atuação de um jovem Agente Comunitário Rural (ACR) da própria comunidade que atua na assistência técnica e extensão rural junto às famílias que foram contempladas no Programa do Bahia Produtiva. Ainda assim, a baixa participação é um dilema que também é enfrentado por esta Associação, assim como nas demais. Além disso, foi constatado que os associados enfrentam dificuldades para inserir os produtos no mercado, inclusive nos programas de compras públicas. Ainda assim, as três associações não conseguiram inserir essa demanda dentre as suas atribuições.

A busca de projetos como é o caso do Bahia Produtiva, com a atuação do ACR para proporcionar assistência aos agricultores, é uma estratégia importante para a associação comunitária. No entanto, para que tais projetos promovam o desenvolvimento rural e local é preciso aprimorar a formação dos gestores e associados, buscando informações e capacitações no âmbito da gestão associativa, do fortalecimento da participação e do papel das associações comunitárias na inserção dos produtos dos agricultores nos circuitos curtos de mercado ou ainda, nos mercados institucionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato do projeto de vivência do Curso de Gestão de Cooperativas reforça a importância da extensão universitária tanto na formação dos discentes, ao aliar teoria e prática, quanto com a função institucional ao atuar junto a setores vulneráveis da sociedade que demandam ações mais efetivas. A fragilidade da gestão associativa é um gargalo que precisa ser enfrentado pelas ações de políticas públicas que visam fortalecer os formatos associativos da agricultura familiar. Não obstante, a UFRB atua nesta problemática com a parceria estabelecida com as três associações comunitárias de Governador Mangabeira.

Decerto que a necessidade de debater a con-

cepção de gestão associativa será necessária para possibilitar a instrumentalização das diretorias para o planejamento estratégico, assim como refletir os motivos da participação reduzida dos associados e as estratégias necessárias para alterar esta realidade, quanto o papel político, social e econômico do associativismo para melhorar a qualidade de vida da agricultura familiar. Ademais, com o agravamento da situação de vulnerabilidade socioeconômico das comunidades rurais da Bahia, assegurar a atuação dos estudantes no fortalecimento da ação coletiva possibilitará, em certa medida, profissionais comprometidos com as reivindicações da agricultura familiar e suas organizações coletivas.

O aprendizado do aluno só é completo com a integração entre ensino, pesquisa e extensão, os quais devem proporcionar ao educando uma formação integral, multidisciplinar, onde este seja capaz de interpretar, construir e trocar experiências. A universidade deve levar ao jovem mais do que aprender uma profissão e uma formação técnico-científica, deve proporcionar-lhe valores da ética, da justiça social e da liberdade, itens centrais da ordem democrática.

Para dar continuidade ao projeto, novas ações foram estruturadas em 2021, as quais estão sendo realizadas em caráter remoto. A partir do contexto e da análise preliminar das informações coletadas em reuniões virtuais, nos meses de fevereiro e março de 2021, realizadas com a participação de professores, alunos do curso de Gestão de Cooperativas, associa-

dos e gestores das Associações Comunitárias Rurais de Meio de Campo, Queimadas Nova e Lagoa da Rosa e ainda, com a adesão ao projeto das Associações Comunitárias de Caatinga Seca, Pau Ferro, Pé de Serra e Baixa Grande, ambas do município de Muritiba.

A partir dos encontros foram definidos novos objetivos para o projeto e elaborado um cronograma de atividades virtuais para serem executadas durante o ano de 2021, além de um plano de ação para cada uma das associações, com a finalidade de fortalecer o processo organizacional das mesmas. No cronograma que está em andamento, as atividades previstas são: a) reuniões com a equipe de execução do projeto, bem como com os associados e gestores das organizações rurais de Governador Mangabeira e Muritiba; b) oficinas de formação com alunos, gestores e associados; c) diagnóstico rural participativo da realidade da agricultura familiar no município e d) produção e divulgação de materiais informativos como: cards, vídeos e podcast.

Assim, professores, alunos, gestores e associados devem estar atuando na troca de experiências na construção de conhecimento e na qualificação de futuros gestores com uma formação de gestores de cooperativas mais preparados para o enfrentamento das dificuldades encontradas na prática, na gestão de uma associação comunitária ou de uma cooperativa. E ainda, do fortalecimento da agricultura familiar e das associações comunitárias de Governador Mangabeira e Muritiba no Território do Recôncavo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de. Associativismo. In: CATTANI, Antonio David. (Org.) **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. p.15-20.

ANJOS, E.; OLIVEIRA, C.C; SILVA, A. P.; SANTOS, V. As demandas das associações comunitárias que contribuem para o desenvolvimento rural. **Colóquio** – Revista do Desenvolvimento Regional - Faccat - Taquara/RS - v. 15, n. 2, jul./dez. 2018, p. 59-76. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/coloquio/article/view/799>. Acesso em: 20 de fev. 2021.

BALEM, T. A, **Extensão e desenvolvimento rural**. Santa Maria/RS: Universidade Federal de Santa Maria / Rede e-Tec Brasil, 2015.

CRUZ, Danilo U. **Planejamento participativo e políticas públicas:** participação social e metodologias participativas no Brasil contemporâneo. Feira de Santana: Z Arte Editora, 2016.

FERNANDES, M. C.; SILVA, L. M. S.; MACHADO, A. L. G.; MORERIRA, T. M. M. Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.28, n.04, p. 169-194, 2012.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

LIMA, C. C.; MIRANDA, R. L.; SANTOS, G. F.; CASARIN, V. A. A contribuição da extensão rural na gestão das associações de produtores rurais do Município de Cacoal/Rondônia. **Revista Espacios**, vol. 38, n. 24, 2017. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n24/a17v38n24p08.pdf>. Acesso: 25 de fev.

SOUZA FILHO; H. M.; BATALHA, M. O. (Orgs.) **Gestão integrada da agricultura familiar**. São Carlos, EdUFSCar, 2009.

TAUILE, José R. **Trabalho, autogestão e desenvolvimento:** escritos escolhidos 1981- 2005. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. (Coleção Economia e Sociedade, v. 8). 2021.

IMPRIMINDO UMA IDEIA: CASE DE SUCESSO DO PROJETO DE EXTENSÃO INDUSTRY APPLICATIONS SOCIETY IEEE IAS

PRINTING AN IDEA: INDUSTRY APPLICATIONS SOCIETY EXTENSION PROJECT SUCCESS STORY

Ítalo Ferreira da Silva

Graduando em Engenharia Elétrica, UFRB
ital.ferreira@gmail.com

Lucas de Souza Bacelar

Graduando em Engenharia Mecânica, UFRB
lucasbacelar11@gmail.com

Maria Jilvani dos Santos Silva

Graduanda de Engenharia de Materiais, UFRB
mariajilvani@aluno.ufrb.edu.br

Maurício Chagas de Menezes Júnior

Graduando em Engenharia de Energias, UFRB
mauriciommenezes@gmail.com

Cristiane Agra Pimentel

Doutora em Ciência e Engenharia de Materiais, UFRB, cristianepimentel@ufrb.edu.br

RESUMO

Devido ao fechamento de todas as escolas por conta da pandemia, cerca de 18 milhões de estudantes do ensino médio e fundamental, ficaram sem aulas presenciais. Dentre esses números, encontram-se estudantes da rede pública de ensino que além das circunstâncias atuais, historicamente, ainda carregam as dificuldades sociais, culturais e tecnológicas para conseguirem estudar. Diante disso, o presente relato de experiência tem como intuito apresentar um estudo de caso de natureza descritiva, desenvolvido em parceria com uma escola da rede privada de ensino, com estudantes do ensino fundamental, a teoria e fabricação de impressoras 3D. Ajudando assim, a estimular o raciocínio lógico e a criatividade ao estudarem os fundamentos da Indústria 4.0, focando na manufatura aditiva de maneira didática e inovadora. Dentre os principais resultados tiveram a gravação de 3 vídeos sobre a Indústria 4.0, manufatura aditiva e subtrativa, e o funcionamento de máquinas de impressão 3D, junto com o material de apoio, atividades de fixação e instruções de como as escolas parceiras deveriam aplicar o conteúdo disponibilizado. Foi possível agregar conhecimento aos estudantes e estimular estudos na área de exatas, mostrando que a tecnologia não precisa estar atrelada a conceitos extremamente complicados de serem entendidos e aplicados.

Palavras-chave: Cultura Maker. Ensino Remoto. Impressão 3D.

ABSTRACT

Due to the closing of all schools due to the pandemic, around 18 million high school and ele-

mentary school students were left without in-person classes. Among these numbers, there are students from the public school system that, in addition to the current circumstances, historically still have social, cultural and technological difficulties to be able to study. Therefore, this experience report aims to present a case study of a descriptive nature, developed in partnership with a private school, with elementary school students, the theory and manufacture of 3D printers. Thus helping to stimulate logical thinking and creativity when studying the fundamentals of Industry 4.0, focusing on additive manufacturing in a didactic and innovative way. Among the main results were the recording of 3 videos about Industry 4.0, additive and subtractive manufacturing, and the operation of 3D printing machines, along with support material, fastening activities and instructions on how partner schools should apply the content available. It was possible to add knowledge to students and stimulate studies in the exact sciences area, showing that technology does not need to be linked to extremely complicated concepts to be understood and applied.

Keywords: Maker Culture. Remote Teaching. 3D printing.

INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019 o mundo foi surpreendido pelo surgimento de um vírus posteriormente denominado de Covid-19, causador de uma síndrome respiratória aguda grave e responsável por uma alarmante emergência Mundial que colocou todo o mundo diante de uma pandemia, levando a humanidade a enfrentar uma grave crise sanitária global.

As ramificações dessa crise acabaram resultando em medidas rigorosas que culminaram no isolamento social iniciando assim mudanças significativas em hábitos cotidianos, criação de protocolos de segurança e dentre outros ecos a paralização de instituições de ensino médio, fundamental e superior, a fim de evitar aglomerações e potencializar a contenção da propagação do vírus segundo Wilder-Smith e Freedman (2020).

Diante do número elevado de pessoas contaminadas em um curto período de tempo e a proeminente possibilidade de transmissão do vírus entre a comunidade acadêmica as instituições de ensino do Brasil e no mundo, suspenderam as aulas presenciais e adotaram, em sua maioria, estratégias de ensino e aprendizagem remotas virtuais, objetivando a redução da evasão dos estudantes, e dando continuidade com as atividades acadêmicas (ARRUDA, 2020).

O ensino e a aprendizagem digital de qualidade e eficiente, envolve uma pedagogia ativa e abordagens centradas no aluno, portanto, a aprendizagem deve ser personalizada (REI-

GELUTH et al., 2016).

Em face disto, uma ferramenta valiosa no referido contexto é a educação 4.0 que consiste em um conjunto de recursos tecnológicos utilizados de maneira integrada, a partir da inteligência artificial, robótica, telecomunicação, entre outras (CARVALHO et al., 2018).

Segundo Reis (2017) a educação 4.0 facilita a compreensão dos conceitos na área de ensino de ciências e matemática, tornando-os menos abstratos, mais práticos e compreensíveis do que são considerados pelos estudantes.

Uma temática relevante e pouco abordada ainda no ensino básico, com grande potencial para adoção no ensino 4.0 é 4ª Revolução Industrial, o termo Indústria 4.0 é utilizado para se referir a promoção da alta tecnologia que está sendo implantada nos ambientes industriais (BITKOM et al., 2016).

Um dos nove pilares da indústria 4.0 é o conceito de manufatura aditiva conhecida popularmente como impressão 3D. Com a aplicação da manufatura aditiva no processo de produção, é possível reduzir o número de processos e materiais utilizados para produzir um determinado produto, gerando uma economia financeira e um processo automatizado (RODRIGUES et al., 2017).

Todo o conteúdo que gira em torno do aprendizado teórico e prático da indústria 4.0, em especial a manufatura aditiva, quando inserido nas práticas educacionais ainda facilitam uma abordagem de ensino contemporâneo, basea-

da na cultura maker, uma prática educacional onde o estudante é protagonista do processo de construção do seu conhecimento, sendo o autor da resolução dos problemas encontrados e do próprio contexto de aprendizagem (BLIKSTEIN, 2013).

O movimento maker é uma extensão tecnológica da cultura do “Faça você mesmo”, que estimula as pessoas comuns a construir, modificar, consertar e fabricar os próprios objetos, com as próprias mãos. Isso gera uma mudança na forma de pensar “[...] Práticas de impressão 3D e 4D, cortadoras a laser, robótica, arduino, entre outras, incentivam uma abordagem criativa, interativa e proativa de aprendizagem em jovens e crianças, gerando um modelo mental de resolução de problemas do cotidiano. É o famoso “pôr a mão na massa” (SILVEIRA, 2016, p. 131).

Pelo exposto, o presente trabalho se constitui em um relato de experiência sobre o projeto “Imprimindo Uma Ideia” desenvolvido por membros do grupo de afinidade IEEE Industry Applications Society (IAS) da Universidade Federal Do Recôncavo Da Bahia (UFRB), onde se descrevem os desafios e etapas de realização tornando possível o compartilhamento de experiências a quem interessar.

METODOLOGIA

O presente projeto descrito consiste em um estudo de caso de natureza descritiva, tendo como objeto de estudo o impacto do ponto de vista educacional e de projeto que introduziu conceitos tecnológicos contemporâneos no ambiente de sala de aula.

Inicialmente foi feita uma revisão bibliográfica dos temas que abarcam o projeto. Foram eles: Indústria 4.0, manufatura aditiva e subtrativa, além da busca pelo conhecimento do funcionamento de máquinas de impressão 3D.

O projeto descrito no presente relato de experiência se trata de um projeto de extensão ligado ao IEEE e realizado por membros do Industry Applications Society UFRB (IAS UFRB) no ano de 2020.

Tendo em vista o contexto de pandemia a maior parte das escolas públicas estavam fe-

chadas, sendo possível apenas a parceria com a instituição privada “Escola Ruy Barbosa” situada em Feira de Santana. Em seguida, foram feitos roteirização dos vídeos, elaboração das atividades de fixação e instruções de como as escolas parceiras devem aplicar o conteúdo disponibilizado.

Finalizada esta etapa foram gravados cinco vídeos por meio da ferramenta de registro de apresentações disponível no PowerPoint. Esses vídeos foram disponibilizados para alunos da escola parceira, em seguida foram juntados em três maiores para publicação no YouTube. Vale destacar que os vídeos eram compartilhados por professores da escola via aplicativo de mensagens.

Por fim, foi aplicado um questionário para verificação do conhecimento adquirido. Foram feitas as perguntas objetivas com múltiplas escolhas. Algumas dessas perguntas estão expostas na Tabela 1.

Tabela 1 – Perguntas realizadas aos estudantes

Perguntas
Quais os princípios da Indústria 4,0?
Quais os pilares da Quarta Revolução?
Em que consiste o pilar Cyber Segurança?

Fonte: Elaboração própria.

A etapa subsequente a esta, seriam as ações presenciais, a fim de desenvolver junto aos alunos, máquinas de impressões 3D de baixo custo, utilizando para isso materiais reciclados com o intuito de consolidar os conceitos supramencionados envolvendo metodologias maker e ensino 4.0. Essa etapa não pôde ser realizada, devido ao agravamento da pandemia no ano de 2021 e a conseqüente impossibilidade de realizar ações presenciais em ambiente escolar.

RESULTADOS

O projeto foi executado entre os meses de outubro e dezembro de 2020 e desenvolvido em 5 etapas descritas abaixo.

Coleta de informações: A equipe de trabalho

foi dividida em 3 grupos para o levantamento e discussão de pontos que serão abordados nos vídeos de Indústria 4.0, manufatura aditiva e subtrativa e funcionamento de máquinas de impressão 3D.

Capacitações internas: Cada grupo, capacitou os outros 2 grupos com todo conteúdo pesquisado em artigos, livros e materiais técnicos, tendo uma troca de conhecimento e alinhamento do segmento teórico nos pontos indústria 4.0, manufatura aditiva e subtrativa e funcionamento de máquinas de impressão 3D.

Parcerias com Escolas: Foram realizadas buscas por escolas públicas e particulares interessadas em firmar parceria nos municípios de Feira de Santana e Cruz das Almas.

Construção de material teórico: O material teórico serviu como um material de apoio para os alunos acompanharem os vídeos e foi desenvolvido a partir do conteúdo pesquisado por cada grupo já dividido através de artigos, livros e materiais técnicos, resultando em livros eletrônicos. Foram feitos também atividades de fixação de conhecimento, para serem disponibilizadas após o envio dos vídeos, a fim de compreender as dificuldades e sanar as possíveis dúvidas que podem vir a surgir durante os vídeos.

Roteirização dos vídeos: Definiu-se o roteiro de informações que foram passados nos vídeos, além de detalhar qual era a forma mais viável, didática e interativa de realização dos vídeos e como seria disponibilizado para os jovens estudantes de forma que democratizasse o acesso.

Gravação dos vídeos: O tema será dividido em 3 subtemas que foram gravados em vídeos com duração de 5 a 10 minutos, de forma assertiva com o intuito de facilitar o entendimento dos assuntos trabalhados. Com a realização do mesmo, foi possível observar que os materiais eletrônicos desenvolvidos resultaram em impactos satisfatórios nos jovens que diretamente participaram das atividades.

Cerca de 30 alunos do Fundamental 2 e 10 alunos do Fundamental 1 foram impactados com a ação do projeto para observar o alcance dos materiais disponibilizados, métricas foram uti-

lizadas. Sendo elas apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2 - Métricas do projeto

Métrica	Valor
Visualizações do YouTube	50
Inscritos no canal	12
Número de escola envolvidas	1

Fonte: Elaboração própria.

Aplicação do questionário: Com a realização do mesmo, foi possível observar que os materiais eletrônicos desenvolvidos resultaram em impactos satisfatórios nos jovens que diretamente participaram das atividades. Para verificação do conhecimento adquirido com dos materiais disponibilizados, foram feitas as perguntas objetivas com múltiplas escolhas. Algumas dessas perguntas estão expostas na Tabela 3 juntamente com a sua porcentagem de acerto.

Tabela 3 - Perguntas realizadas aos estudantes

Perguntas:	Acertos:
Quais os princípios da Indústria 4,0?	67%
Quais os pilares da Quarta Revolução?	72%
Em que consiste o pilar Cyber Segurança?	71%

Fonte: Elaboração própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto foi desenvolvido para mostrar que a tecnologia não precisa estar atrelada a conceitos extremamente complicados de serem entendidos. Com isso, é o início de uma jornada em prol de uma educação 4.0 de qualidade onde foram abordados os conceitos introdutórios dos processos produtivos mais modernos até o funcionamento de uma tecnologia de fundamental importância no atual cenário, a impressão 3D.

Dessa forma, com a execução desse projeto, foi possível alcançar o objetivo geral, observando os vídeos e materiais eletrônicos desenvol-

vidos, que resultaram em impactos nos jovens que diretamente participaram das atividades. Impactos esses, observados através dos materiais avaliativos, juntamente com as métricas estipuladas, renderam aproveitamento médio de 70% por parte dos estudantes.

A ideia principal para construção da impressora 3D, é que seja realizado a partir da utilização

de materiais de baixo custo e materiais reciclados, além da possibilidade de ser colocado em prática todo o processo necessário durante uma impressão 3D, desde o design até a produção do que for desejado. E, dessa forma, reafirmar a concepção trazida nesse projeto, de que a Revolução 4.0 está muito mais próximo a realidade do que de fato parece.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucidio. **Educação remota emergencial:** elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. Em Rede. 2020; 7 (1): 257-75.

BITKOM, V.; VDMA, V.; ZVEI, V. **Implementation strategy industrie 4.0.** Berlin, Germany, 2016.

BLIKSTEIN, Paulo. **Maker movement in education:** History and prospects. Handbook of Education. Springer International Publishing, 2017.

CARVALHO, L. A. et al. **Formação de professores:** implementação de práticas inovadoras em sala de aula. Pleiade, 12(25): 64-78, Edição Especial VI CIEdu, dezembro, 2018.

CARVALHO, Luiza. et al. **Formação de professores:** implementação de práticas inovadoras em sala de aula. Pleiade, 12(25): 64-78, Edição Especial VI CIEdu, dezembro, 2018.

REIGELUTH, Charles; BEATTY, Brian; MYERS, Rodney. **Instructional-design theories and models.** The Learner-Centered Paradigm of Education. Routledge, 2016.

REIS, Rafaela; LEITE, Bruno; LEÃO, Marcelo. Apropriação das tecnologias da informação e comunicação no ensino de ciências: uma revisão sistemática da última década (2007- 2016). Revista Novas Tecnologias na Educação (RENOTE), CINTED-UFRGS, Porto Alegre, v. 15 nº 2, 2017.

RODRIGUES, Vinícius et al. Manufatura aditiva: estado da arte e framework de aplicações. **Revista Gestão da Produção Operações e Sistemas**, v. 12, n. 3, p. 1, 2017.

SILVEIRA, Fábio. Design & Educação: novas abordagens. p. 131. In: MEGIDO, Victor Falasca (Org.). **A revolução do design:** conexões para o século XXI. São Paulo: Editora Gente, 2016.

WILDER-SMITH, A; FREEDMAN, D. **Isolation, quarantine, social distancing and community containment:** pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. J Travel Med 2020; 27:2.

World Health Organization (WHO). **WHO director-general's statement on IHR emergency committee on novel coronavirus (2019-nCoV).** Geneva: WHO; 2020. (cited 2020 Apr 16). Disponível em: [https://www.who.int/news-room/detail/23-01-2020-statement-on-the-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/news-room/detail/23-01-2020-statement-on-the-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov)). Acesso em: 03 julho 2021.

DESAFIOS DAS FAMÍLIAS E PROFESSORAS NAS ATIVIDADES ESCOLARES ONLINE EM TEMPOS DE PANDEMIA

CHALLENGES FOR FAMILIES AND TEACHERS IN ONLINE SCHOOL ACTIVITIES IN TIMES OF PANDEMIC

Ana Lucia Barreto da Fonseca

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo
Professora Associada I do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – analb-fonseca@ufrb.edu.br

Catiane Santos Ferreira

Pós-graduanda em Gestalterapia, graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Graduada em Matemática pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Professora de Matemática da Escola Estadual.

Lara Barreto da Fonseca

Graduanda em Biomedicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP) – larabfonseca@outlook.com

Luana Oliveira Soares

Graduanda do curso de Medicina da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia -luanasoares8198@gmail.com

Tainá de Andrade Lima

Graduanda do curso de Medicina da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – tainalima95@hotmail.com

RESUMO

A pandemia provocada pela COVID 19 levou a todos para dentro de casa, ao isolamento social e à suspensão das atividades educacionais presenciais, fato que fez surgir o modelo de ensino remoto, no qual as atividades escolares e as aulas ocorrem online, por meio das plataformas disponibilizadas pelas redes sociais. De um lado, professoras apresentam conteúdos e do outro as crianças e adolescentes, com suporte das famílias realizam as atividades propostas. Para conhecer os desafios das famílias e professoras nas atividades escolares online em tempos de pandemia foi realizada uma 'Mesa Redonda Online' (live) com uma professora e um pai que acompanha as filhas em suas atividades online. A professora descreve a situação desafiadora que é construir materiais, gerar motivação e credibilidade nos alunos e familiares e driblar a perspectiva do desemprego. A situação de ansiedade é constante e adoecedora. O pai fala da necessidade de manter a rotina motivadora das crianças e foco na crença da efetividade da aprendizagem e progresso escolar das crianças. Aqui são apresentados os desafios e as incertezas que envolvem os educadores e familiares nesse período de pandemia, norteados por todos os fatores sociais, econômicos e educacionais do país.

Palavras-chave: Pandemia, atividades escolares online, família, professores

ABSTRACT

The pandemic caused by COVID 19 led everyone to go indoors, to social isolation and the sus-

pension of face-to-face educational activities, a fact that gave rise to a teaching model known as Remote Learning. This teaching generated online School Activities in which classes take place through platforms made available by social networks. On the one hand the teachers present the contents, on the other hand the children and adolescents, with support from the families, carry out the proposed activities. To learn about the challenges of families and teachers in online school activities in times of pandemic, an 'Online Round Table' was held with a teacher and a father who accompany their daughters in online activities. The teacher describes the challenging situation that is to build the materials, generate motivation and credibility in students and families, and circumvent the prospect of unemployment. The anxiety situation is constant and sickening. The father speaks of the need to maintain the children's motivating routine and focus on the belief in the effectiveness of learning and children's school progress. Here is understood the great challenge and uncertainties that involve educators and families in this period of pandemic, guided by all social, economic and educational factors in the country.

Keywords: Pandemic, online school activities, family, teachers

INTRODUÇÃO

A mesa redonda online "Desafios das famílias e professoras nas atividades escolares online em tempos de pandemia" proposta pelo Núcleo de Pesquisa Comportamento, Desenvolvimento e Cultura (NCDC) teve como objetivo colocar duas instituições educadoras – Escola e Família – diante do debate que é a relação entre essas, mais especificamente no desafio dessa roupagem, online, mediada por uma tela.

Essa "Live" foi proposta pelos integrantes – docente, graduandos e egressos – do NCDC, núcleo que tem como objetivo a realização de projetos de pesquisa e extensão que inter cruzem os temas pilares: comportamento, desenvolvimento e cultura, entre os quais infância, adolescência, família, educação, sexualidade e gênero. A mesa redonda online aqui apresentada teve como inspiração as discussões em torno do tema que surgiram nas redes sociais, tanto dirigidas às famílias que acompanhavam seus filhos, especialmente crianças, em atividades escolares online, quanto às dificuldades enfrentadas pelas professoras diante da preparação e realização dessas "aulas remotas".

Assim, foram discutidos os desafios das variadas nuances que compõem a escolarização fora da sala de aula presencial, no ambiente virtual, em que a professora expõe um conteúdo intermediado pela tela (computador, notebook, celular), enquanto pais e/ou responsáveis supervisionam o processo de apren-

dizagem em seu ambiente familiar.

Essa estratégia foi uma alternativa proposta para manter a dinâmica de escolarização de crianças, adolescentes e adultos em curso durante a pandemia da COVID-19, visto que era incerta a data de retorno às atividades escolares/acadêmicas presenciais e havia receio de prejuízos no processo de escolarização e aprendizagem dos sujeitos, em especial crianças e adolescentes. No momento em que esse trabalho estava sendo produzido, ainda não houve retorno às atividades escolares presenciais. O mesmo pode ser dito de muitas outras atividades laborais que se transformaram em "home office", ou seja, trabalho em casa. Tanto as atividades escolares quanto as profissionais que ocorrem remotamente utilizam tecnologias digitais, como internet e seus aparatos.

No tocante às atividades escolares, observa-se que têm dado vazão a diversas questões sobre funções escolares e familiares diante do processo de aprendizagem das crianças e adolescentes. Entre as infinitas questões, perpassam especialmente as dificuldades enfrentadas por esses dois polos diante das atividades escolares online, as estratégias de superação das dificuldades, as relações entre professores e familiares nesse desenho de escolarização, o comportamento das crianças e adolescentes nesse processo, a organização familiar, assim como os limites e possibilidades desse modelo.

A atividade aqui descrita – live – foi estruturada com o objetivo de colocar os atores desse pro-

cesso (professora e familiares dos alunos) em uma conversa mediada sobre os desafios que permeiam a dinâmica de construção e efetivação das atividades escolares online.

ATIVIDADES ESCOLARES ONLINE DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

A pandemia de COVID-19, que é a enfermidade causada pelo corona vírus (SARS-Cov-2), tem assolado o mundo desde o primeiro trimestre de 2020, fato que gerou ações governamentais de isolamento social sob orientação da Organização Mundial de Saúde (OMS). O isolamento social foi imposto às populações como estratégia de contenção da proliferação do vírus, estando na condição de emergência internacional de saúde pública (FONSECA et al, 2020).

O isolamento social impôs muitas mudanças no cotidiano das pessoas, paralisando toda a sociedade, colocando-as em suas residências, com contato exclusivo com os que coabitam. Apenas os serviços essenciais de saúde, segurança e alimentação foram mantidos em funcionamento e, mesmo assim, de modo restrito (WILDER-SMITH et al., 2020; ZOU; RUAN; HUANG, 2020).

As medidas sanitárias de isolamento social interferiram em todas as atividades sociais, especialmente nas atividades escolares. Da educação infantil ao ensino superior, todas as atividades foram inicialmente suspensas preventivamente. Contudo, com o prolongamento da medida, sem prazo determinado ao retorno às aulas, a angústia tomou conta de estudantes e familiares, e após muitos debates, foi definida a adoção da atividade de ensino remoto, cujas aulas passaram a ocorrer online. Esse modelo foi instituído do maternal ao ensino superior.

Atividades escolares online, o que é esse modelo? Como professores, pais, estudantes e escolas lidam com esta adaptação de ensino? Essas foram e continuam sendo perguntas que passeiam pelo imaginário social de muitos brasileiros, porque diferem do ensino à distân-

cia (EAD).

Realizar atividades escolares online, principalmente para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I, é algo inédito e inimaginável há poucos meses. Não se assemelha aos cursos EAD, que possuem práticas e metodologias específicas, e são empregadas quase que exclusivamente no nível superior. O ensino remoto é uma adaptação da aula presencial ao meio virtual, mediada por instrumentos da tecnologia da informação e comunicação. (DIAS-TRINDADE; ESPÍRITO SANTO, 2020).

Assim, diante do quadro emergencial, a atividade escolar online tornou-se uma estratégia de manter crianças e adolescentes em atividade escolar dentro de casa, sob tutela dos pais e/ou responsáveis. Essa dinâmica exigiu uma adaptação abrupta, desafiadora e sem nenhum parâmetro de referência (FONSECA et al, 2020). As escolas e seu corpo docente tiveram que criar as mais diversas e criativas formas de levar os conteúdos escolares às crianças, e os pais e responsáveis ficaram com a tarefa de servir de suporte a realização das atividades em casa. Pareado a essa lógica estava e está a montagem de uma engrenagem tecnológica que possibilite a todos, de seus ambientes domésticos, tornar a proposta viável.

Essa perspectiva trouxe em si muitos ajustes aos sujeitos envolvidos, pois não foram ou estão previamente preparados. De um lado o domínio da tecnologia digital e o ajuste as demandas pedagógicas, a disponibilidade de arsenal técnico como internet, computadores e seus recursos para a montagem das atividades. De outro, as famílias dispõem desses instrumentos, capacidade de manejá-los, espaço adequado, somado a dinâmica familiar e da criança a essa demanda. A princípio pode parecer algo simples, colocar as crianças a frente de uma tela para “ter aulas” com seu professor, mas como é que as famílias estão vivenciando essa situação e ainda administrar a vida em isolamento social.

Sem contar que muitos ficam de fora desse processo, especialmente as crianças e adolescentes da periferia das cidades, como também aqueles que vivem na zona rural, principalmente pela falta de acesso a internet ou de ter

à sua disposição a tecnologia básica para que esse modelo se torne efetivo. É fácil imaginar as dificuldades que escolas, professores, estudantes e famílias enfrentaram - e ainda enfrentam - para tornar possível a formação escolar de crianças e jovens em meio à pandemia (OLIVEIRA; FONSECA; CORDEIRO, 2020).

Como afirmam Fonseca et al (2020), enquanto a imunização não atingir um percentual majoritário da população e os números de infectados e mortos não caírem a taxas baixas, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde do Brasil aconselham o distanciamento social como uma importante estratégia para prevenção da infecção pelo SARS-COV2. A escolarização das crianças e adolescentes tem sido objeto de ansiedade de familiares, que se mostram exaustos nessa tarefa e um terço deles está descrente na efetividade do aprendizado dos estudantes, o que os preocupa com os prejuízos futuros (FONSECA et al, 2020).

Curiosos com esse tema, o NCDC propôs realizar uma “Mesa Redonda online” que colocasse “à mesa” a discussão sobre os desafios e limites das atividades para o/as professor/as e familiares.

MÉTODO

O NCDC discutiu a emergente situação da escolarização infanto-juvenil durante a pandemia da COVID-19, refletiu sobre notícias disseminadas nas redes sociais e definiu o interesse em realizar a “Mesa Redonda online” com os dois maiores envolvidos no processo de atividades escolares online; familiares e professoras, especialmente da educação infantil. Para efetivar a proposta, buscou-se, entre os conhecidos, aqueles que vivenciavam essa realidade, esses foram convidados a compor a “mesa”, entre profissionais, pais e familiares com crianças em idade escolar. Muitos eximiram da participação justificando o excesso de atividades, de ambos os lados.

Dentre o/as convidado/as foi definida a composição da mesa com uma professora do Ensino Fundamental I (Terceiro Ano) de escola do setor privado da capital baiana. Professora

com mais de uma década de experiência em metodologia de ensino baseada na construção do conhecimento através, como define a professora, do contato e da criatividade, base do processo educativo, e um pai solteiro que mora com duas crianças, uma de 10 anos e uma de 6 anos, estando ele 50% do tempo em atividade home office e 50% presencial, administrando o processo de atividades escolares online das crianças. Essa mesa foi mediada pela coordenadora do NCDC em dia e hora agendado e com divulgação pela página do núcleo no Instagram – NCDC_UFRB. A mesa ocorreu através da live Instagram e todos que “seguem” a página puderam acessar.

RESULTADOS

No dia e hora marcados, utilizando a página do Instagram do NCDC_UFRB, foi aberta a mesa para todos aqueles que quisessem ouvir e participar via chat. A “mesa” está disponível na página do Instagram.

A coordenadora abrindo os trabalhos, apresentou os integrantes da mesa e passou a palavra para a professora com a provocação: “Qual o maior desafio das atividades escolares online?”

A professora descreve o percurso até chegar à decisão de realizar as atividades escolares online. Ela começa denunciando o número de professores de todos os níveis de ensino que estão sistematicamente sendo demitidos e que não encontrarão trabalho enquanto a pandemia não estiver sob controle, como também não há segurança que haverá emprego após esse período. Em seguida ela afirma que o primeiro desafio foi aprender a utilizar a tecnologia;

A gente não está acostumada a usar as plataformas de sala de aulas, preparar material didático no computador, enviar e receber materiais em formulários nuvens. Então o primeiro limite e desafio é ter que aprender a usar o computador. A escola teve que montar um programa específico e treinar os professores, também de modo remoto, para, aos poucos, estar mais preparada ao uso dessa tecnologia.

A escola deu o suporte aos professores? Foi questionado.

A escola que trabalho deu muito suporte, mas conheço algumas que deixaram a mercê da própria professora. Elas tiveram que 'si virar só'. Uma foi ajudando a outra! Apesar disso, é até difícil falar. Porque me compromete, mas a gente teve que arcar com os custos de se preparar para as atividades online. Por exemplo, a potência da internet em casa. Eu mesmo tive que contratar uma mais rápida e mais cara. Esse custo é meu.

E a rotina de trabalho, como é o preparo das atividades, aulas?

As atividades online duram duas a três horas, mas a gente passa o dia inteiro trabalhando. Nunca trabalhei tanto. As atividades são divididas entre todos os professores, cada um prepara o material de acordo com o que é mais acessível e disponibiliza aos outros, que fazem as adaptações. Estamos sempre compartilhando as ideias e materiais que montamos. É um trabalho em grupo realmente. Se não fosse assim, não teríamos como dar conta.

Mais difícil mesmo é encontrar a forma de motivar as crianças e tranquilizar os pais. A gente é, o tempo todo, bombardeado pelos pais e familiares. Ligam a toda hora. Não se dão conta que é tarde, que o horário de trabalho acabou. Não. Se estão fazendo uma tarefa com a criança e a criança não entende, ou eles, ligam. E a gente tem que dá atenção. Explicar tudo de novo.

Os pais e familiares estão muito ansiosos?

Eu acho que todos nós estamos ansiosos, cansados, desgastados. Cada um com uma questão. Os pais estão com medo de seus filhos se prejudicarem, se atrasarem na escola, 'perderem o ano', além de ter que fazer muitas das atividades que as crianças fazem em sala de aula. Eles alegam ter muitas tarefas para as crianças fazerem. Os professores estão ansiosos com a possibilidade de perder o emprego, da renda dá para viver, das crianças aprenderem, do material produzido ter efeito, de serem criticados pelos pais, de perderem os direitos trabalhistas. Muitos também têm filhos que também estão em atividade escolar online e ainda tem que acompanhar seus filhos.

No momento seguinte foi apresentado o familiar a mesa, pai solteiro com duas crianças no Ensino Fundamental I, a mais jovem no ensino privado e a maior no público. Ele começa afirmando que o maior desafio desse período de isolamento social está sendo manter uma rotina de atividade, sejam escolares ou de lazer, para que as filhas construam uma vida produtiva. Ele diz que acorda as meninas no horário comumente, tomam o café da manhã e em seguida sentam, cada uma em um notebook para acompanharem as aulas.

Ele esteve em home office no início da pandemia, e no momento da "mesa" já retornou ao local de trabalho em metade do tempo. Descreve que;

Tenho receio de trazer o vírus para casa, então faço todos os procedimentos de desinfetar antes de ter contato com as meninas. Elas ficam em casa com as aulas e a responsabilidade de fazer as tarefas que acompanho e tiro as dúvidas.

Foi questionado sobre os desafios das atividades escolares online e ele diz;

Sem dúvida é manter a rotina e a motivação das meninas. Elas ficam querendo dormir tarde, fazer as atividades em outros horários, mas tento manter tudo mais ou menos igual. Por incrível que pareça, a escola pública da mais velha está mais estruturada nas atividades que a particular. Tem aulas todos os dias, com atividades e materiais acessíveis. A outra é mais complicada, e a escola não atende com tanta prontidão, nunca pensei sobre a hora da professora. A mais velha ajuda a irmã, mas as atividades, em geral, terminam demandando minha ajuda.

Esse pai retoma a fala apontando que não havia refletido sobre as dificuldades enfrentadas pelas professoras, tanto no preparo dos materiais completamente inéditos e urgentes, quanto no assédio dos familiares, na angústia das demandas das crianças e ansiedades delas próprios e também da cobrança e ameaças das instituições de ensino. Ele afirmou ser um pai que acessa os professores das filhas com frequência, em busca de orientação e que nunca esteve atento à demanda de tarefas às quais esses profissionais estão envolvidos.

Ele acrescenta que, apesar das dificuldades,

para ele tem sido uma oportunidade de estar mais com as filhas e acompanhar seu processo de aprendizagem, mas tem ouvido muito de colegas a insatisfação e descrédito no aprendizado efetivo dos filhos nessas atividades escolares online. Alguns, inclusive, diz ele;

Tenho colega que diz que vai tirar a criança da escola, que só está gastando dinheiro e as escolas ficam fazendo de conta que ensinam. Dizem que estão pagando para eles próprios fazerem o trabalho das professoras, que estão ganhando no 'mole'.

A professora se pronunciou dizendo que já ouviu essa afirmativa de alguns pais e ela fica indignada diante dessa afirmativa porque "Nunca trabalhamos tanto! E as pessoas acharem que não fazemos nada, é muito triste!".

O pai concordou com a professora e acrescentou que esses pais/responsáveis deveriam parar para pensar que diante de um modelo de atividade escolar completamente novo, são inevitáveis as dificuldades. Ele afirma que, mesmo que as filhas não tenham o aprendizado equivalente ao ensino presencial, estar em contato com a escola, com os professores e o conteúdo já traz alguma contribuição para o desenvolvimento da criança.

Durante a mesa, foi possível vivenciar uma das angústias inerentes às atividades remotas: a 'queda' da internet. A professora teve sua fala interrompida em vários momentos, com travas da imagem e da fala. Fato que levantou a discussão quanto à ansiedade das professoras durante as aulas online diante das 'quedas' da internet ou até mesmo o rompimento da rede. Tanto o pai quanto a professora definiram esse problema como um dos entraves do processo de execução das atividades escolares online.

DISCUSSÃO

Após essa fala, o tempo da 'live' foi concluído e fechamos a mesa com a impressão da grandeza do desafio que está sendo a realização das atividades escolares nesse modelo e quais as potencialidades e comprometimentos dessa pandemia no fluxo de aprendizagem das crianças e adolescentes, que, até o momento, estão há mais de um ano nessa dinâmica. Como dito

anteriormente, é um modelo novo, sem parâmetros de referência metodológica, em que os profissionais de ensino estão a frente de construir materiais e propostas em curso, testando e fazendo.

As falas dos participantes deixam em evidência o quão exaustivo está sendo essas atividades para ambos os lados, exaurindo a todos os envolvidos, inclusive as crianças. Alguns pais descredita na efetividade dessas atividades, como constata Fonseca et al (2020) e como afirmaram os participantes da mesa, crença que deve permear, vez por outra, a percepção de muitos dos envolvidos, sejam pais, familiares, professoras e, até mesmo, as crianças e adolescentes.

A angústia é inerente ao momento atual, não somente a pandemia e o adoecer, mas as repercussões desse estado de coisas para frente. A educação, em especial a dirigida às crianças, é motivo de muita apreensão, principalmente por parte dos familiares e educadores. Como fica explícito nas falas, há aqueles que são descrentes da efetividade das atividades escolares online no processo de escolarização das crianças, jovens e adultos, os que nem tanto, mas também não têm muito claro da repercussão desse processo no fluxo escolar das crianças pós-pandemia.

É certo que os profissionais da educação foram "engolidos" por essa demanda, sob pressão dos familiares, da sociedade e/ou das instituições educacionais, e assumiram o desafio de manter a escolarização rodando. Eles se comprometeram com a busca de estratégias variadas para manter a função da educação no desenvolvimento dos educandos, alguns com o respaldo e apoio das instituições escolares, outros apenas com o apoio de seus pares. Esse compromisso, por necessidade e/ou por crença na efetividade das atividades escolares online, tem promovido a continuidade da relação entre famílias e professoras.

A "live" permitiu o diálogo entre os dois lados do processo, de modo que o familiar pode ouvir a professora em suas limitações e angústias, como a professora pode captar a dinâmica familiar para responder as demandas das atividades escolares online. Ambos envolvidos

no afã de potencializar o aprendizado e desenvolvimento das crianças nesse momento de pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia tornou-se uma aliada na construção de estratégias de ensino e aprendizagem escolar para todos os níveis educacionais. A internet, junto aos aparatos eletrônicos, tornou possível a superação das limitações desse momento histórico e a manutenção de muitas atividades sociais, em especial, da escolarização. Esses tempos definirão novos rumos à humanidade, preveem estudiosos, especialmente no que se refere aos processos de ensino e cuidado com a saúde.

Pode-se pensar em novas formas de conceber a educação e a saúde? Com um olhar mais valorado das instâncias de poder, com ingerência em políticas públicas efetivas?

A pandemia trouxe muitos fenômenos à tona, agudizou as exclusões sociais, as diferenças acirradas entre os vários extratos da sociedade, com a potencial chance de aumentar as distâncias sociais, visto que uma parcela da população escolar não teve acesso mínimo as atividades escolares, e há também aqueles que tiveram acesso de modo precário. Essa realidade também envolve o/as seus familiares e todo entorno. Somado a esses fatores estão aqueles que promovem a educação, formação, escolarização da sociedade, o/as professores/as, que estão na linha de frente, tal qual a equipe de saúde nas UTI's COVID-19, tentando "salvar" vidas, entre essas, a sua, educação é "o ganha pão!".

A pandemia ainda está em curso, abatendo uma centena de cidadãos diariamente, o isolamento social ainda é a orientação das autori-

dades sanitárias, associado ao uso da máscara e da higienização das mãos, sem ter uma data para ser considerada sob controle. A ameaça ainda bate à porta.

Apesar disso, já há algumas escolas em atividades presenciais, alguns pais tem a necessidade, por trabalho ou outro fator, de levar sua criança e/ou adolescente a escola, outros são mais resistentes ao retorno presencial. A pergunta que permeia a educação nesse momento é: Quais as repercussões das atividades escolares online na vida escolar das crianças? Haverá prejuízos para o desenvolvimento cognitivo? E o social e afetivo?

Seja qual for o prazo, se voltar às aulas presenciais amanhã, é notório que todos estão sedentos de um retorno à vida em movimento. A vida das crianças e adolescentes em casa torna-se num esforço desmedido, pelo lado das professoras, para a estruturação das atividades de aprendizagem dos seus alunos, motivadas pelo compromisso profissional e pelo receio do desemprego e, de outro lado, com os pais/familiares se propondo a ser suporte da aprendizagem.

Além disso, como a sociedade se reorganizará pós-pandemia? Os modelos de atividades escolares online vieram para ficar? Será que a sociedade/familiares reconstruirão suas relações com a instituição educacional? Como as crianças/adolescentes farão esse retorno aos muros escolares, às salas de aula e aos contatos presenciais com seus pares e educadores?

Aqui não focamos a análise nas famílias sem as devidas condições de acompanhar e dar suporte a seus estudantes, seja por carência material, emocional, educacional, essas ficarão a margem desse processo e sem nenhuma dúvida, terão prejuízos incalculáveis no seu desenvolvimento acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS-TRINDADE, S. e ESPÍRITO SANTO, E. Educação a distância e educação remota emergencial: convergências e divergências, dos pesquisadores. In: Dinamara Pereira Machado (organizadora). **Educação em tempos de COVID-19: reflexões e narrativas de pais e professores**, 1ª ed. Curitiba: Editora Dialética e Realidade, 2020.

FONSECA, A. L. B da; FERREIRA, C. S.; FONSECA, L. B da; SOARES, L.; LIMA, T. OLIVEIRA, W. L. G. de. **Atividades escolares online em tempos de covid-19**. E-book COVID 19. Cruz das Almas/BA: EDUFRB, 2021. (No Prelo).

OLIVEIRA, W. L. G. de; FONSECA, A. L. B. da; CORDEIRO, R. C. **Desigualdades raciais e de gênero na pandemia**. Saúde da População Negra e Indígena Cruz das Almas/BA: EDUFRB, 2020.

WILDER-SMITH, M.D.; DO FREEDMAN, M. D. Isolamento, quarentena, distanciamento social e contenção da comunidade: papel central para medidas de saúde pública à moda antiga no novo surto de coronavírus (2019-nCoV). **Journal of Travel Medicine**, Volume 27, Edição 2, março de 2020, taaa020, <https://doi.org/10.1093/jtm/taaa020>

ZOU, L.; RUAN, F.; HUANG, M. **Carga viral SARS-CoV-2 em amostras respiratórias superiores de pacientes infectados**. N Engl J Med. 2020. <https://doi.org/10.1056/NEJMc2001737>.

APOIO ACADÊMICO A ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO E (IN)FORMAÇÃO

ACADEMIC SUPPORT FOR GRADUATION STUDENTS IN PANDEMIC TIMES: AN ACCOMMODATION AND (IN) TRAINING EXPERIENCE

Jessica Talia Machado de Jesus Lira

Graduanda em Licenciatura em Biologia pela UFRB.
talialira@hotmail.com

Gabriele Vieira dos Santos Santos

Graduanda em Licenciatura em Biologia pela UFRB.
gabrielle_santos20@hotmail.com

Neilton da Silva

Doutor em Educação e Contemporaneidade, docente e pesquisador do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB), UFRB.
neilton@ufrb.edu.br

RESUMO

O presente relato tem como propósito socializar a experiência de apoio, acolhimento, formação e concessão de informações aos estudantes de diferentes cursos sobre a universidade e certos aspectos da vida acadêmica. Do ponto de vista metodológico, as ações relativas à atividade formativa denominada "Monitoria de Graduação", foram planejadas e desenvolvidas por um grupo vinculado ao Programa de Educação Tutorial da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, durante o ano de 2020, direcionadas aos estudantes calouros no contexto da pandemia da Covid-19. As atividades foram realizadas no formato remoto e contou com a participação de estudantes, facilitadores, professores, técnicos-administrativos, entre outros interessados. A duração de cada sessão foi de três horas, com a dinâmica de três blocos – o primeiro de exposição, o segundo de discussão/reflexão e o terceiro de dúvidas e proposições. Em síntese, os resultados da atividade evidenciaram contribuições formativas aos estudantes, revelando-se um suporte necessário ao processo de afiliação universitária, o qual contou com um ambiente motivacional, informativo e integrador, permitindo a expressão de sentimentos e de pertencimento deles à universidade. Entre as dificuldades encontradas, destacam-se a queda esporádica da internet, que impossibilitava a compreensão dos argumentos dos interlocutores.

Palavras-chave: Ingresso na graduação, Vida Acadêmica, Formação Universitária.

ABSTRACT

The purpose of this report is to socialize the experience of support, reception, training and providing information to students from different courses about the university and certain aspects of academic life. From a methodological point of view, the actions related to the training activity called "Graduation Monitoring" were planned and developed by a group linked to the Tutorial Education Program of the Federal University of Recôncavo of Bahia, during the year 2020, aimed at freshman students in the context of the Covid-19 pandemic. The activities were carried out in a remote format and participated with the participation of students, facilitators, teachers, administrative technicians, among other interested parties. The duration of each session was three

hours, with a dynamic of three blocks - the first of exposition, the second of discussion / reflection and the third of doubts and propositions. In summary, the results of the activity showed formative contributions to the students, revealing a necessary support to the university affiliation process, which had a motivational, informative and integrative environment, allowing an expression of feelings and their belonging to the university. Among those found, the sporadic fall of the internet stands out, which made it impossible to understand the interlocutors' arguments.

Keywords: Undergraduate admission, Academic life, University Training.

INTRODUÇÃO

Ao ingressar na universidade o estudante de origem popular se depara com um novo universo, bastante diferente da realidade experimentada por ele nas vivências escolares anteriores, capaz de marcar significativamente a sua vida acadêmica, do acesso até a sua permanência no ensino superior (ZAGO, 2006).

Ainda que a universidade se coloque como um horizonte a ser avistado e conhecido, o processo de apropriação desse espaço na graduação não é tão simples como se imagina. Entre os maiores desafios enfrentados pelos estudantes, destacam-se: o estranhamento da universidade e dos seus códigos, a incompreensão dos procedimentos de rotina referentes ao curso de graduação, a insegurança no que tange à construção de novos vínculos emocionais e superar aqueles que ficaram para trás; e a necessidade de aprender, interpretar e assimilar novas regras institucionais, as quais incluem linguagens, modos de pensar e formas de se comunicar (COULON, 2008; SILVA, 2015).

O contato com experiências durante a fase de adaptação à vida acadêmica no âmbito universitário, entre responsabilidades esperadas e os direitos assegurados, fará com que o estudante identifique-se com o novo espaço de educação e formação superior, e com isso seu êxito acadêmico será mais evidente.

Diante do exposto, cabe assinalar que os

Estudantes que se integram acadêmica e socialmente desde o início de seus cursos têm possivelmente mais chances de crescerem intelectual e pessoalmente do que aqueles que enfrentam mais dificuldades na transição à universidade. (TEIXEIRA, 2008, p. 186).

Pensando na aproximação dos calouros de diferentes cursos de graduação da universi-

dade, muitos dos quais não tiveram qualquer contato com seus colegas, professores e coordenadores, devido a pandemia da Covid-19, desde março de 2020, o Grupo PET UFRB e Recôncavo em Conexão planejou e executou a atividade formativa intitulada "Monitoria de Graduação: acolhimento, apoio e (in)formação aos calouros", a qual deu origem ao presente relato de experiência.

No bojo desta atividade formativa, buscou-se apresentar a universidade aos calouros, seus programas de apoio, grupos de estudos e editais diversos, aproximando-os assim das vivências acadêmicas através de relatos de experiências, palestras e exposição de ideias, além da promoção de estímulos para que os ingressantes despertassem o interesse em conhecer e usufruir das oportunidades advindas do lugar que, a partir de então, contribuirá para que possuam uma formação mais ampla e de qualidade, sem perder de vista o acesso às políticas afirmativas que lhes ajudarão a permanecer no ensino superior.

Entre as possibilidades existentes, diante de um cenário pandêmico ocasionado pelo vírus Sars-CoV-2, as plataformas virtuais, os dispositivos móveis e o formato remoto para o desenvolvimento de ações educativas se revelaram as únicas possibilidades que estiveram à disposição para aprender, explorar e comunicar, sem perder de vista que os desafios de acesso à internet, os bens tecnológicos e pacotes de serviços, não têm estado ao alcance de todos, sobretudo daqueles que integram as classes sociais menos abastadas e muitas vezes em situação de vulnerabilidade social e econômica.

METODOLOGIA

A atividade formativa "Monitoria de Gradua-

ção” foi desenvolvida pelos membros do Grupo PET UFRB e Recôncavo em Conexão no período de 24 de setembro e 11 de dezembro de 2020, através da plataforma Google Meet. O público-alvo da atividade era composto por estudantes calouros, ingressantes no semestre de 2020.1, na UFRB, e, além destes, contamos com as presenças dos facilitadores das ações formativas, de docentes, de técnicos-administrativos e de outros interessados.

A referida atividade foi constituída por três blocos, para os quais foram viabilizadas as seguintes estratégias didáticas: palestras, oficinas, relato de experiência, debate e dinâmica de grupo. A comissão organizadora criou card de divulgação para cada ação formativa, e, para tanto, utilizou-se a rede social Instagram onde o grupo PET mencionado tem um perfil, e junto a ele, também foi feito uso da rede social WhatsApp, por meio da qual criou-se um grupo com os participantes no intuito de ampliar o contato.

As redes sociais proporcionaram o repasse de informações, as divulgações reiteradas das sessões e também a disponibilização do link da sala virtual, sem esquecer dos contatos por e-mail, cujos nomes dos participantes foram obtidos a partir das inscrições realizadas com o auxílio do Google Formulários.

Para execução da atividade, foi elaborado um cronograma com todas as sessões para que cada temática fosse abordada semanalmente (às quintas-feiras e sextas-feiras), e assim evitar conflitos com as demais atividades do grupo. Cabe informar, ainda, que ao término de cada sessão, os organizadores aplicaram um instrumento de avaliação a fim de verificar o nível de satisfação dos participantes, visando o aperfeiçoamento do trabalho de mediação formativa.

O primeiro bloco foi composto por 10 (dez) encontros de 03 (três) horas, distribuídos de acordo com as temáticas sequenciadas: 1- O que é a Universidade?; 2- Assistência Estudantil (PROPAAE e NUPI); 3- Representatividade Estudantil: D.As e C.As; 4- Grupos PET da UFRB; 5- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID): relatos de experiência; 6- Programa Residência Pedagógica: relatos de

experiência; 7- PIBIC e PIBEX: relatos de experiência; 8- Grupos de Estudos: relatos de experiência; 9- Mobilidade Acadêmica Nacional e Internacional; e 10- Ciranda Cultural.

O segundo bloco dedicou-se à interlocução entre os expositores das temáticas acima mencionadas e os participantes, servindo para aprofundar os temas discutidos, fazer indagações e partilhar experiências entre os atores.

O terceiro bloco contou com 5 (cinco) plantões acadêmicos no intuito de dirimir as dúvidas dos estudantes sobre os programas da UFRB, seus objetivos e formas de participação nos processos seletivos, que ainda restaram após as exposições dos facilitadores. Esses encontros eram espontâneos, pois não requeriam inscrições prévias, uma vez que, para participar, os organizadores, apenas disponibilizaram o link de acesso da sala virtual para que os calouros – e até veteranos interessados, acesassem, fossem acolhidos e colocassem suas questões para que pudessem ser apoiados e orientados.

A monitoria de graduação totalizou 40 horas, sendo 30 horas de exposições dos facilitadores convidados e 10 horas destinadas de plantões para apoio acadêmico.

Após essa síntese metodológica, apresentaremos a seguir uma reflexão e discussão circunstanciadas acerca do modo como as ações foram executadas, avaliadas e o desfecho da atividade formativa, ao nível dos desafios, dos aprendizados e do caráter formativo por parte de todos os envolvidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ingresso na graduação é um momento ímpar para aqueles que vislumbram a formação universitária, sendo para muitos a realização de um sonho. Porém, o processo de adaptação é por vezes dificultoso, pois os estudantes deparam-se com um ambiente com variadas possibilidades, mas ao mesmo tempo percebem-se carentes de informações exatamente quando estas são tão necessárias.

Para o novo estudante, a universidade é vista como um novo mundo, no qual ele passará a viver, a pensar, a realizar atividades específicas e a se relacionar com diferentes atores: colegas,

professores, gestores, pessoal administrativo, de apoio, entre outros. (SILVA, 2015, p. 132).

Com o propósito de diminuir os desafios encontrados pelo caminho dos estudantes, as sessões de “Monitoria de Graduação” foram sistematizadas no sentido de propiciar aos calouros o bem-estar e a construção da sua autonomia universitária, ao estimular o pertencimento institucional, a construção de saberes, o relacionamento com novas pessoas e a disponibilização de informações importantes para a vida acadêmica.

Participaram do conjunto das ações formativas uma quantidade razoável de estudantes, com número de participantes em cada sessão que variou do mínimo de 6 (seis), até o máximo 27 (vinte e sete), com uma média de 13,6 participantes por sessão.

Ao se conectarem pouco a pouco com o universo da graduação, e irem percebendo a sua complexidade, os estudantes observam o quanto pode ser significativa a apropriação de informações sobre a universidade, seus ritos, códigos e rotinas e, nesse percurso, os desafios, as descobertas e os processos de rupturas estarão sempre presentes (COULON, 2008).

Para Silva (2015, p. 132-133), o caminho percorrido, pelos ingressantes na universidade, está ligado a processos de transição, nem sempre fáceis de lidar. Para a passagem do status de aluno da Educação Básica para o de estudante do Ensino Superior, existem certas etapas que devem ser cumpridas e que não se dão de forma linear.

O objetivo da graduação é formar profissionais de nível superior, dotados de competência técnica, científica, humanista e de conhecimentos inerentes à área de formação, o que subjaz o desenvolvimento de um conjunto de capacidades que os habilitarão a tomar decisões diante de situações previstas e não previstas, vinculadas ao contexto social e profissional.

Os resultados obtidos ao término da atividade formativa indicaram que as dinâmicas empreendidas a cada sessão foram bastante significativas, tendo em vista o reconhecimento da

maioria dos participantes.

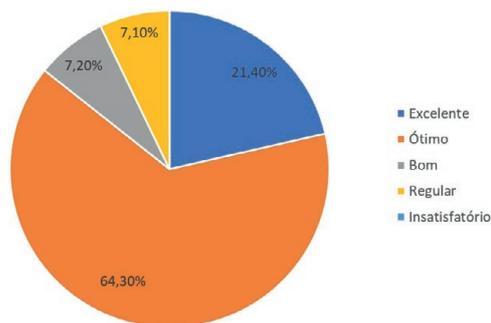
Cabe destacar a diversidade de estratégias utilizadas por cada facilitador para expor as temáticas, a exemplo de stand up, leitura de poesias e mobilização dos participantes através do seu nome. Às vezes era solicitado que um participante indicasse outro par para dar continuidade à argumentação.

Em relação a ordem das exposições, seguia-se o mesmo padrão, primeiramente ocorria apresentação dos palestrantes e, posteriormente, as discussões e a resolução de dúvidas, e essa estratégia se mostrou bastante profícua.

A mediação ficava a cargo dos bolsistas do Grupo PET UFRB e Recôncavo em Conexão, posto que cada semana a responsabilidade era assumida por um bolsista diferente. Percebemos que essa metodologia foi amplamente aceita pelo público, sendo que 50% consideraram excelente a interação entre os mediadores/participantes.

No gráfico I, pode-se observar que 64,30% consideraram como excelente a organização do evento. Desta forma, notamos um alto grau de satisfação dos palestrantes em relação a monitoria de graduação.

Gráfico I: O que você achou da organização?



Fonte: Grupo PET Conexão de saberes: UFRB E Recôncavo em conexão.

Os temas de cada sessão foram escolhidos visando permitir aos calouros de graduação uma orientação sobre todos os programas disponíveis na instituição, assim como a dinâmica de funcionamento desta. Dessa maneira, os resultados indicaram que 57,1% dos participantes consideraram excelente a pertinência

dos temas desenvolvidos pelos palestrantes, enquanto que 35,7 % consideraram ótimo.

A orientação acadêmica, compreendida como espaço para aprendizagem e partilha de impressões, dúvidas, sentimentos pode se constituir como uma tecnologia educacional eficiente para dar conta e auxiliar os novos estudantes a finalizar seu processo de afiliação. (SAMPAIO; SANTOS, 2012, p.12).

As instruções iniciais sobre a dinâmica de funcionamento da universidade, o suporte acadêmico e as ações de permanência contribuem de forma efetiva para a manutenção dos estudantes que acabaram de ingressar no ensino superior. O desconhecimento dessas orientações pode findar a trajetória acadêmica dos calouros, devido aos múltiplos fatores que os impossibilitam de concluir a graduação.

Os plantões da monitoria de graduação tinham como objetivo suprir as dúvidas dos participantes relacionadas às sessões. No primeiro plantão criamos uma sala no Google meet, mas não conseguimos atingir o nosso objetivo devido a incompatibilidade de horários dos atores envolvidos.

Nos plantões seguintes utilizamos uma dinâmica diferente, onde disponibilizamos o número do whatsapp de alguns petianos para que os participantes pudessem entrar em contato para serem orientados sobre as possíveis dúvidas. Essa dinâmica foi bastante proveitosa devido a flexibilização dos horários, o que permitiu auxiliar diversos estudantes.

Ao final da atividade aplicamos um formulário avaliativo através do Google forms, com o intuito de saber a opinião dos participantes em relação a dinâmica da atividade e sugestões que visassem a melhoria da monitoria de graduação, para que esse projeto se tornasse mais eficiente, quando selecionado posteriormente para fazer parte do planejamento anual do grupo PET. Ao total foram contabilizadas 14 respostas, indicando 64,3% que classificaram a atividade como excelente; 28,6% como ótima e 7,1% como regular.

Algumas dificuldades foram encontradas ao longo da execução da atividade, tanto pelos organizadores das ações formativas, quanto por parte de um número expressivo de par-

ticipantes, tais como: falha na conexão de internet, problemas com o retorno de áudio e vídeo, sem esquecer da etiqueta virtual, geradora de ruídos nas comunicações, já que alguns participantes deixavam seus áudios abertos enquanto os facilitadores estavam falando.

Além do exposto, percebemos que a divulgação da monitoria, não teve um alcance esperado, devido a inexperiência do grupo em fazer uma ampla divulgação através das redes sociais, questão que se encontra na agenda de reflexão e providências dos organizadores, a fim de superar essa fragilidade.

A competitividade pelo público relacionado ao excesso de ações de formação online, tendo em vista a situação pandêmica, foi um grande desafio encontrado, pois havia uma oferta muito grande de atividades, e com isso tivemos que concorrer com diversas instituições, grupos de pesquisa, grupos de estudo e pesquisadores de renome que organizaram lives temáticas, com grande visibilidade nas redes sociais.

Notamos pelos relatos dos participantes, ao fim das sessões, que mesmo sendo realizada a distância, devido ao isolamento social, a monitoria de graduação foi de grande relevância para o processo de construção de pertencimento dos calouros em relação a universidade, apesar de muitos estudantes revelarem que ainda não conseguiram ter contato com seus pares e docentes do primeiro semestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação da atividade formativa "Monitoria de Graduação", por meio de plataforma virtual, pelo Grupo PET UFRB e Recôncavo em Conexão, durante o período de isolamento social, mostrou-se oportuna na medida da impossibilidade do contato presencial com os calouros.

O propósito dos organizadores foi tornar ostensivas as informações relativas à dinâmica de funcionamento institucional e à capacidade instalada da universidade, que está à disposição de todos os estudantes que compõem o corpo discente.

Em que pese as desigualdades escancaradas pela ausência de bens tecnológicos, acesso a planos de internet de boa qualidade e conexão veloz por parte dos calouros, pelos proponentes da atividade e seu público-alvo, o desejo de colaborar, acolher e apoiar os estudantes ingressantes suplantou as dificuldades.

De acordo com os depoimentos dos participantes, a maioria das ações desenvolvidas se mostrou uma ferramenta potente de compartilhamento de novos conhecimentos, de aproximação dos calouros da universidade, de acesso às oportunidades que a UFRB oferece aos seus graduandos, de difusão de informações sobre as rotinas e dinâmicas da vida universitária, de aprimoramento das capacidades de reflexão e crítica e da possibilidade de fazer amizades com os novos colegas da universidade.

Nesta direção, os plantões de apoio acadê-

mico realizados também se revelaram pertinentes ao acompanhamento dos estudantes recém ingressos nesse processo de descobrimento da universidade, haja vista a possibilidade de dirimir as dúvidas colocadas tanto pelos calouros, quanto pelos veteranos no tocante ao acesso aos grupos de estudos, de pesquisa, de extensão, aos programas de educação tutoriais, de apoio à formação graduada e às ações afirmativas disponíveis.

Por fim, é oportuno mencionar, no que diz respeito aos organizadores, que a atividade formativa se mostrou enriquecedora academicamente, pois permitiu o desenvolvimento de habilidades como trabalho em equipe, comunicação afinada com o público-alvo, domínio de tecnologias digitais, planejamento de sessões remotas, acompanhamento e execução de ações formativas, as quais refletiram na construção da autonomia e no protagonismo dos bolsistas envolvidos.

REFERÊNCIAS

COULON, A. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Tradução de Georgina Santos e Sonia Sampaio. Salvador: Edufba, 2008.

MACHADO, P. L. P. Educação em tempos de pandemia: o ensinar através de tecnologias e mídias digitais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. ed.06, vol. 08, p. 58-68. Jun/2020.

TEIXEIRA, M.; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H.; OLIVEIRA, A. M. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**. Volume 12 Número 1 Janeiro/Junho 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a13.pdf>>. Acesso em 27 de janeiro de 2021.

SILVA, N. Processo de afiliação de egressos da EJA no Ensino Superior: desafios e propostas à docência universitária. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, vol. 3, nº 5, 2015.

SAMPAIO, S. M. R; SANTOS, G. **O conceito de afiliação estudantil como ferramenta para a gestão pedagógica da educação superior**. In: Conferência FORGES–Fórum do Ensino Superior nos Países e Regiões de Língua Portuguesa, 2ª, Macau. 2012. Disponível em: <<https://www.afor-ges.org/wp-content/uploads/2017/03/Sampaio-Sonia-UFB-Brasil.pdf>>. Acesso em: 02 de Janeiro de 2021.

DIVULGAR PARA QUEM? PLANO DE COMUNICAÇÃO DE LABORATÓRIOS DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

DISCLOSE TO WHOM? COMMUNICATION PLAN FOR HEALTH LABORATORIES AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF RECÔNCAVO DA BAHIA

Cláudia Albuquerque de Lima Queiroz Costa

Doutorado, docente da Universidade do Estado da Bahia claudiaalima1969@gmail.com ou calima@uneb.br

Isabella de Matos Mendes da Silva

Doutorado, docente do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (COMEPS/CCS/UFRB), isabellamatos@ufrb.edu.br

Victor de Queiroz Dias

Graduando, bolsista PIBEX discente do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, victorqueiroz15015@gmail.com

Thamirys Gomes de Sousa Oliveira

Graduanda, voluntária PIBEX discente de Medicina da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, thamirys.gomes@aluno.ufrb.edu.br

Marcílio Delan Baliza Fernandes

Doutorado, docente do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (COMEPS/CCS/UFRB), marcilibaliza@ufrb.edu.br

RESUMO

O presente relato de experiência tem por objetivo expor a implantação do plano de comunicação no Complexo Multidisciplinar de Estudos e Pesquisas em Saúde (COMEPS) do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e demonstrar como este auxilia nos processos de divulgação das investigações de pesquisadores do CCS/UFRB. O recôncavo baiano constitui-se a área e a abrangência geográfica para o desenvolvimento deste trabalho, cujas teorias e metodologias ancoram-se nos princípios freirianos e nos diferentes métodos da comunicação, por exemplo, nas redes sociais. No COMEPS, destacam-se ações, tais como a criação de peças de divulgação, atividades formativas, elaboração de material educativo, criação de páginas online, produção de podcasts e vídeos. A abordagem enfatiza a comunicação científica, com a divulgação dos resultados das pesquisas, como importante ação extensionista que aproxima a universidade da sociedade e potencializa a difusão de informações em saúde.

Palavras-chave: Divulgação científica; Ciências da Saúde; Laboratório de Pesquisa.

ABSTRACT

This experience report aims to expose the implementation of the Communication Plan in the Complexo Multidisciplinar de Estudos e Pesquisas em Saúde (COMEPS) of the Centro de Ciências da Saúde (CCS) of the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) to assist the processes dissemination of investigations by researchers from CCS/UFRB. The recôncavo baiano constitutes the area and geographic coverage for the development of this work, whose theories and metho-

dologies are anchored in Freire's principles and in the different methods of Communication, such as in Social Networks. In this COMEPS highlights actions such as the creation of promotional pieces, training activities, development of educational material, creation of online pages, production of podcasts and videos. The approach emphasizes scientific communication, with the dissemination of research results, as an important extension action that brings the university closer to society and enhances the dissemination of health information.

Keywords: Scientific divulgation; Health Sciences; Research Laboratory.

INTRODUÇÃO

Habitado por uma complexa e singular população, cujas origens remetem a diferentes agrupamentos sociais, culturais e étnicos, com relevância para as populações afro descendentes, o recôncavo baiano é acometido por problemas de saúde pública que, em sua grande maioria, estão ligados diretamente à falta de saneamento básico e ao acesso de serviços e sistemas de informação em saúde. Sua população sofre com uma heterogeneidade de doenças, sendo tais problemas acentuados pela distância das unidades de saúde e a falta de transportes públicos para as áreas com serviços de maior complexidade que tornam-se indisponíveis em algumas localidades, o que priva, especialmente, as populações mais vulneráveis situadas em áreas periféricas e da zona rural.

Parte das dificuldades de acesso a informações sobre as questões de saúde na região tem origem direta nas limitações evidentes em lidar com a publicização destas, mas, sobretudo, em apreciar a importância estratégica dos atores e produtores que já existem. Embora o desenvolvimento tecnológico seja imenso e cada vez mais veloz, o acesso às novas e antigas tecnologias da informação e comunicação continua restrito. Para a pesquisadora Maria das Graças Targino a divulgação de dados em saúde ainda tem muito a se aperfeiçoar, uma vez que as informações nas bases de dados são mais abrangentes e descentralizadas, desfavorecendo o público específico das informações em níveis regionais ou municipais. Diante do exposto, ela aponta que a divulgação de resultados de pesquisas é uma etapa intrínseca e não complementar à pesquisa científica, “é essencial perceber a saúde como recurso básico de qualquer sociedade e, por conseguinte, a informação em saúde é fundamental ao pro-

cesso de tomada de decisões no âmbito das políticas públicas, objetivando elevar a qualidade de vida dos povos” (TARGINO, 2009, p.54).

Entretanto, algumas instituições, em vários níveis, congregam, apoiam e/ou trabalham diretamente com projetos sociais e em saúde, que interligadas por redes formais ou informais de comunicação, vêm constituindo-se em uma teia complexa de relações auxiliando no processo de adaptação do recôncavo às diferentes ferramentas e redes.

Confluindo neste sentido, o Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), foi criado em 2006 com o propósito de interiorizar e descentralizar a educação em saúde na região que, por meio de pesquisas desenvolvidas pelos seus docentes relacionadas aos problemas de saúde das populações locais, auxilia no processo de aceleração destas mudanças. Com esta prática extensionista, um dos pilares da universidade fortemente vinculada aos processos de educação continuada, vem transformando Santo Antônio de Jesus e outros municípios, em polos regionais na área.

Ao permitir a formação de elos entre a universidade e a sociedade, a extensão universitária fortalece o diálogo entre ambos, estabelecendo um importante compromisso social de transformação efetiva da sociedade. Apesar disso, salienta-se que é imprescindível a análise de fatores multidisciplinares que levam a compreensão das informações disponibilizadas para a população relacionadas à saúde, que em tempos de pandemia da COVID-19, tomaram novas proporções, principalmente com a disseminação de informações distorcidas e sob o efeito de fake news.

Com o objetivo de estimular a produção e a

difusão de conhecimento científico no campo da saúde, o desenvolvimento e a exploração de tecnologias, bem como, a formação de pesquisadores qualificados e conscientes de suas funções acadêmicas e sociais, foi implantado em outubro de 2018 no CCS/UFRB o Complexo Multidisciplinar de Estudos e Pesquisas em Saúde (COMEPS). Este se constitui como instância favorecedora do desenvolvimento de atividades de pesquisa a partir de perspectivas interdisciplinares, bem como a articulação e a cooperação entre pesquisadores.

Portanto, faz-se urgente a divulgação desta produção de conhecimentos e informações geradas nos espaços do COMEPS, sobretudo, as ações de intervenção e prevenção sobre as doenças mais prevalentes nas populações da região. O planejamento de estratégias e a criação de produtos comunicacionais mais eficazes sobre a saúde pública, dirigidos à população alvo, tornam-se valiosos, uma vez que a experiência aqui apresentada vem contribuindo para divulgar as pesquisas. Para assegurar a difusão da informação e conhecimento é necessário o uso das novas tecnologias de comunicação e das mídias sociais, como blogs, projetos colaborativos, por exemplo, Wikipédia, sites ou comunidades de conteúdo projetados para permitir que os usuários façam upload e compartilhem conteúdo em vários formatos. Por outro lado, as redes sociais são ferramentas de comunicação bidirecionais de compartilhamento e de divulgação de informações, experiências, enfim, conhecimento, uma vez que podem produzir conteúdo personalizado que possuem uma grande quantidade de usuários, o que justifica a presença das instituições para divulgarem suas identidades e estabelecerem interações com seus públicos.

Diante desta diversificação de veículos e mídias sociais disponíveis, a equipe do plano de comunicação do COMEPS desenvolveu uma página no Instagram e outra no Facebook¹, com isso, vem produzindo uma variedade de tipologias textuais para estes e outros diferentes veículos de comunicação social, como as páginas oficiais da UFRB, do CCS e rádios regionais.

Tal iniciativa deve-se ao fato de que, mesmo a população da maior parte dos municípios do recôncavo baiano possuindo dificuldades de acesso às informações específicas sobre os problemas de saúde locais, a urbanização aliada ao fenômeno da globalização avança os interiores. O que corrobora com o pensamento crítico do sociólogo espanhol Manuel Castells (1999) quando afirma que hoje a convergência e a complexidade da sociedade em rede estão mudando as condições de aprendizagem, de conhecimento, cultura, lei, política governamental, governo, educação e saúde.

A maior questão levantada sobre o acesso às informações, diz respeito à democratização plena das sociedades. Para isso, é necessária a presença de um mediador ou agente capaz de construir uma narrativa contemporânea que transcende a informação de procedimentos de pesquisa para resultados palpáveis e úteis à sociedade que sirvam para a divulgação, disseminação e difusão da ciência (LIMA, 1999). As descobertas científicas e as respostas das pesquisas não podem ficar presas em frigoríficos ou em estantes, para que os cidadãos não sejam privados de seus direitos civis ao acesso à informação e à saúde.

METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES

A tríade ensino, pesquisa e extensão trabalhada no plano de comunicação do COMEPS imprime um movimento constante de realimentação formativa, o que constitui-se em um importante eixo político da dimensão social do mesmo. Autor dos livros *Pedagogia do Oprimido* (1968) e *Pedagogia da Autonomia* (1996), Paulo Freire inovou ao adotar um método em que a transformação da sociedade se dá pela educação e pelo conhecimento da realidade dos indivíduos. Seus princípios, autonomia, diálogo e esperança, suas teorias e metodologias participativas servem de base para este projeto.

¹Disponíveis em: https://instagram.com/com.comeps_ccsufrb?utm_medium=copy_link e <https://www.facebook.com/comepsUFRB>. Acesso em: 19 Out. 2021.

A longevidade e a escala do impacto das ações do COMEPS na região dependem de ampla divulgação, por isso, em março de 2021 foi estabelecida uma estratégia de implantação de um plano em comunicação para ampliação da visibilidade das pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do mesmo. O público dos meios de comunicação já estruturados na universidade são os beneficiários diretos e prioritários, uma vez que estes ajudariam a intervir, propagar os materiais de comunicação produzidos e a articular as informações com as comunidades do recôncavo baiano.

Aprovado em reunião do Comitê Gestor do COMEPS e cadastrado como Projeto de Extensão da UFRB², o plano está em consonância com a política de comunicação institucional. A equipe do plano é composta pela jornalista e pesquisadora Cláudia Ad Lima, professora da Universidade do Estado da Bahia, além de docentes do CCS e por dois discentes do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS), sendo um bolsista do Programa de Extensão PIBEX e uma discente voluntária. Ressalta-se que os discentes selecionados participaram do processo seletivo referente ao EDITAL PIBEX nº 01/2021, após ampla divulgação, especialmente no CCS e no Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL), com o apoio das suas respectivas gestoras de extensão.

Preliminarmente, a equipe realizou uma revisão bibliográfica e pesquisa de método documental a partir de análise das publicações e legislações referentes ao tema, além das páginas e documentos oficiais da instituição, como relatórios, dados sobre saúde da população do recôncavo, e, principalmente, pesquisas desenvolvidas pelos membros do COMEPS. Uma das primeiras ações foi a revisão do seu regimento interno, o qual foi atualizado, reapresentado e aprovado no comitê gestor do COMEPS.

Em seguida, procedeu-se um mapeamento dos agentes e seus papéis, de sua forma de funcionar e das necessidades de demandas por dados, além da definição das mais apro-

priadas para cada tipo de público, que foram assim definidos: a comunidade acadêmica da UFRB, especialmente a comunidade científica, docentes e discentes de outras instituições de ensino superior e profissionais de saúde, demais indivíduos oriundos da região do recôncavo, veículos de imprensa e redes sociais. Para estes foram estabelecidos métodos de seleção e suas estratégias, organização, compartilhamento e avaliação das informações relevantes, bem como pensadas as formas mais apropriadas de serviços de informação instaladas, intervenções frente às comunidades e produtos.

Adotou-se também pesquisa por meio de entrevistas com informantes-chave e grupos focais para subsidiar os releases e outros materiais de divulgação. Questionários/formulários do Google Forms, enviados a todos os membros do COMEPS, servirá de coleta de dados, informações e imagens que auxiliarão na confecção de produtos como catálogo, revista/jornal, vídeos e páginas virtuais, conforme detalhamento mais adiante. Para tanto, objetivou-se especificamente levantar e divulgar as ações dos projetos de pesquisa e extensão; inter-relacionar as ações desenvolvidas por estes, o que justifica-se pela diversidade das temáticas estudadas, incluindo as áreas das ciências básicas e aplicadas da saúde; oportunizar a aprendizagem na área de disseminação em informação em saúde, e por fim, auxiliar o COMEPS para se configurar como um centro de referência em disseminação de informações em saúde na região.

Ao término da etapa exploratória, de catalogação e organização dos dados, das informações e dos produtos elaborados e disseminados, será crucial a aplicação do método analítico para categorização dos resultados dos elementos comunicacionais dos produtos que foram desenvolvidos com as estratégias e políticas adotadas, incluindo a análise de recepção dos mesmos nos diferentes públicos alvo, que envolverá as comunidades da região. Este oferecerá um dispositivo teórico e de análise que permitirá tornarem visíveis as afinidades

²Registro PJ114-2021: Implantação do Plano de comunicação e disseminação de informações do - COM-COMEPS/CAMPUS CCS/ UFRB

e/ou diferenças na interlocução com outros saberes a exemplo da comunicação e da saúde. Neste caso, o instrumento mais importante para a análise dos resultados será o referencial teórico-metodológico quanti-qualitativo, onde serão avaliadas quais ferramentas seriam as mais adequadas para cada público específico.

Durante as reuniões virtuais da equipe de comunicação e com membros do COMEPS foram estabelecidas as prioridades e estratégias a serem tomadas no âmbito da comunicação e da divulgação, sem deixar de mencionar as questões contidas no regimento interno do COMEPS, as questões burocráticas, de segurança e autorizações que envolvem instituições públicas e acadêmicas, como os laboratórios de saúde, e relevantemente a observância com relação ao distanciamento social imposto pela pandemia, o qual vem dificultando, de sobremaneira, a execução de diversas ações.

Um briefing com perguntas básicas e de grande importância foi elaborado para serem definidos os caminhos da criação da identidade visual, incluindo a logomarca e o logotipo adotados (Figura 1), atividade executada pelo bolsista PIBEX em sintonia com os órgãos de divulgação da UFRB, tomando-se como base as informações e escolhas da equipe de comunicação e demais membros do complexo. O próximo passo será sua institucionalização, a criação e a confecção da placa de sinalização do COMEPS e seus laboratórios para melhor visualização destes dentro do Campus.

Figura 1 - Logomarca do COMEPS



Fonte: Arquivo próprio, 2021.

Existe uma grande demanda na formação de recursos humanos capacitados no manejo e na disseminação de informações, produtos e serviços, como na criação da identidade visual, bem como a criação de peças gráficas da

programação definitiva do layout das páginas do Instagram e Facebook e nos próprios processos de comunicação e escrita específica na área jornalística (releases). Neste âmbito, o projeto vem contribuindo na formação de dois discentes para atuarem em áreas da comunicação em saúde, os quais vêm mostrando-se engajados, críticos e com um excelente interesse científico e acadêmico a partir do intercâmbio entre pesquisa, ensino e extensão, evidenciando um importante vetor de divulgação, articulação e consolidação da formação superior, habilidades estas previstas no projeto pedagógico do BIS. Os discentes foram capacitados a criarem diferentes materiais, como releases, podcasts, spots e peças de divulgação como e-cards para ampla divulgação nas redes de contato, portanto, estão compreendendo, sobretudo, as diferentes linguagens para os diferentes públicos (leigos, estudantes, especialistas - acadêmicos e trabalhadores da saúde) e diferentes veículos como as rádios, redes sociais como Instagram, Youtube e Facebook.

Sobre as peças de divulgação as mais importantes são: a) Catálogo digital que tem a intenção de catalogar e divulgar os objetivos e metas do COMEPS, as pesquisas, projetos e as atividades desenvolvidas. Em busca de responder às perguntas: Quem faz o que? foi solicitada, através de formulário do Google Forms e e-mail específico aos coordenadores e membros dos laboratórios que compõem o COMEPS, a disponibilização de fotos, tabelas, imagens, gráficos acompanhados de termos de permissão de uso. Grande parte do que foi estudado, coletado e divulgado está sendo arquivado para servir de memória e banco de dados e de imagens do COMEPS; b) Cards, folder, cartas os quais possuem a finalidade de disseminar informações sobre o COMEPS, contendo textos, produção e seleção de fotos e outras imagens, estão sendo confeccionados e disponibilizados nas redes sociais e em plataformas interativas ou digitalizadas para facilitar a difusão em outros meios. Um exemplo disso são os e-cards (Figura 2) produzidos para os seminários científicos do COMEPS (Café Científico), que envolveram o levantamento de dados e informações, criação e produção de cada e-card de divulgação, entrevistas, descrição de informações relevantes, produção de

escrita de texto com informações jornalísticas (ex. releases, notas, propostas de pauta) que são veiculadas nos meios de comunicação internos e externos da UFRB, além de análise e interpretação dos dados referentes aos resultados da divulgação em si (como número de inscritos nos eventos e divulgação nas páginas e redes sociais).

Figura 2 - E-Card Café Científico, modelo atual



Fonte: Arquivo próprio, 2021.

A equipe vem colaborando com a organização de seminários, reuniões, exposições e outros eventos de interesse do COMEPS com a previsão da inserção deste em eventos e feiras de saúde, a exemplo do evento Reconcitec, envolvendo teoria e prática. Considerando os seminários científicos do COMEPS, o mesmo foi concebido a partir dos princípios de extensão universitária, tendo como objetivo uma maior interação entre os grupos de pesquisa do CCS, tal e qual com a sociedade, através da divulgação das atividades de pesquisa desenvolvidas pelos grupos que o constituem. Neste contexto, comparando com os seminários científicos realizados em 2021 com o realizado em 2020, observou-se um aumento significativo do número de inscritos em 2021, com maior expressão principalmente das inscrições advindas do público externo à UFRB. Podemos inferir que este aumento foi devido às estratégias de comunicação e divulgação utilizadas a partir das atividades previstas no plano.

A criação das páginas online de redes sociais, com suas linguagens específicas, foi criada e disponibilizada como instrumento para a transmissão de informações gerais e específicas. A equipe vem encarregando-se de elaborar, produzir, encaminhar e alimentar informações de interesse público, a partir de dados

primários ou secundários com a produção de conteúdo verbal e de conteúdo visual. Tal estrutura vem possibilitando não somente o compartilhamento das bases de dados à consulta pública pela internet, como também a implementação de outros serviços que buscam potencializar a capacidade do COMEPS em atender seu público e divulgar informações e resultados, visto que, vislumbram uma maior integração da equipe e discussões sobre diversos temas relevantes entre o público específico da universidade e outros maiores interessados nas temáticas abordadas. Para uma melhor atratividade junto ao público, já foram implementadas as páginas do Instagram (Figura 3) e do Facebook (Figura 4) pelo bolsista PIBEX, as quais vem demandando a seleção e a catalogação de textos, imagens e vídeos.

Figura 3 - Página do Instagram



Fonte: COMEPS. 2021.

Figura 4 - Página do Facebook



Fonte: COMEPS. 2021.

Um outro projeto em articulação e em parceria com uma rádio da região é o Podcast “O instante da Saúde” ou “Consulta com Especialista” para disponibilização e horário específico

em sua grade de programação de dúvidas de saúde de ouvintes enviadas por mensagens escritas ou por áudio para serem tiradas por membros do COMEPS, atentando-se para uma experiência da realidade da região, das comunidades e dos municípios envolvidos. O primeiro podcast produzido, com o coordenador do COMEPS, está disponibilizado na página do Instagram. Estão previstas também a produção de vídeos, video-clips, ou teasers curtos sobre cada laboratório com planejamento de roteiros, para tanto, foram registradas, arquivadas e solicitado aos diversos setores arquivos de imagens dos laboratórios e espaços do COMEPS. Após contatos prévios, haverá um planejamento de distribuição entre os parceiros, entidades de ensino, organizações de interesse e comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um projeto em andamento, ainda inexistem análises dos impactos das ações realizadas, portanto, não é possível inferir um avanço na utilização desse conhecimento para a visibilidade do COMEPS, bem como,

definição de políticas de saúde na região. Outro importante fator relaciona-se com os impedimentos de levar adiante alguns itens planejados, como o preenchimento dos formulários por parte dos membros do complexo para o fornecimento de dados e informações sobre suas pesquisas, o que foi contornado parcialmente com o levantamento realizado pelos discentes na plataforma lattes, google e outras redes sociais.

Ao pretender socializar os conhecimentos obtidos através das pesquisas realizadas pelos pesquisadores do COMEPS, a implantação e o desenvolvimento do plano de comunicação procuram viabilizar a ampliação da relação deste complexo com a sociedade, impactando socialmente a quantidade e qualidade de informações sobre saúde necessárias para a superação dos problemas sociais na área. Assim, no final contribuirá para a inclusão dos grupos sociais excluídos da sociedade e historicamente vulnerabilizados pela ausência de informações na visão sobre a promoção da saúde e prevenção de doenças, não deixando de mencionar a possibilidade de interação entre conhecimento e experiências acumuladas na academia com o saber popular.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mayse de Oliveira A553p **O Programa Mais Médicos e o acesso aos serviços de saúde em Santo Antônio de Jesus-BA.** Cachoeira, Dissertação (mestrado) – Pós - Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, Centro de Artes, Humanidades e Letras, UFRB, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Fac. símile digitalizado (Manuscritos). São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968.

LIMA, Cláudia A. de. Comunicação da Ciência. Anais do **I Fórum de Jornalismo e Ciência de Pernambuco**, Recife. Mestrado em Comunicação - UFPE, 1999. p.101-106.

KAPLAN, Andreas M.; Michael Haenlein. **Users of the world, unite!** The challenges and opportunities of Social Media. *Business Horizons* 53, 2010.

TARGINO, Maria. G. **Informação em saúde:** potencialidades e limitações información en salud. Seminário dos Projetos do Programa de Indução à Pesquisa & Desenvolv Tec.-FIOCRUZ, Rio de Janeiro. *Inf., Londrina*, v. 14, n. 1, p. 52 - 81, jul./jun. 2009. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/05/pdf_388191884b_0010347.pdf. Acesso em: 19 Set. 2021.

ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS: RELATO DE UM EVENTO EXTENSIONISTA

COMPREHENSIVE HEALTH CARE FOR THE TRANS POPULATION: REPORT
OF AN EXTENSION EVENT

Marcos André Medrado da Cruz

Bacharel em Saúde, Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, marcosmedrado65@gmail.com.

Caio Luiz Coelho Ferreira dos Santos

Bacharel em Saúde, Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, caiocoelho@gmail.com.

Helena Moraes Cortes

Doutorado em Ciências pela Universidade de São Paulo, Professora Assistente do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; helena@ufrb.edu.br

Sibele de Oliveira Tozetto

Doutorado em Biologia Geral na Eberhard Karls Universität Tübingen, Alemanha; Professora Associada do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; sibele.tozetto@gmail.com.

Marla Niag dos Santos Rocha

Mestra pelo Mestrado Profissional em Saúde da Família da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) em parceria com a UFRB, Professora Auxiliar de Saúde da Mulher do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, marlaniag@yahoo.com.br

RESUMO

A Liga Acadêmica de Ginecologia e Obstetrícia do Recôncavo da Bahia (LAGORB), do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, avançou nas concepções de atenção à saúde da mulher cisgênera exclusivamente, abordando a atenção integral à saúde das pessoas trans. Objetivou-se apresentar a experiência da realização do I Simpósio sobre Atenção Integral à Saúde da População Trans, para promover discussão ampla, romper a concepção cis-normativa sobre Ginecologia e Obstetrícia, aprofundar o tema da transgeneridade e entender as restrições que a comunidade lésbica, gay, bissexual, trans, queer, intersexo, assexual e outras (LGBTQIA+) encontra no acesso às Redes de Atenção à Saúde. O evento ocorreu de modo on-line, de 27 a 31 de Julho de 2020, transmitido via YouTube e plataforma contratada pelo evento. Contou com mais de quatro mil inscritos, audiência diária média superior a 50% e programação com profissionais de referência. Abordou-se temas centrais como gênero, sexualidade, ginecologia, saúde mental, acesso à saúde e direitos. Por fim, o evento reitera que a LAGORB cumpriu seu papel de liga acadêmica, fomentou um debate relevante e se alinhou aos princípios de Universalidade, Equidade e Integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

Palavras-chave: Saúde Integral. LGBTQIA+. Ginecologia. Obstetrícia.

ABSTRACT

The Academic League of Gynecology and Obstetrics of Recôncavo da Bahia (LAGORB), from the

Health Sciences Center of the Federal University of Recôncavo da Bahia (CCS/UFRB), went beyond the conceptions on health care for cisgender women, addressing comprehensive care to trans people's health. This report aimed to present the experience of idealizing the I Symposium on Comprehensive Health Care for the Trans Population, to promote a broad discussion, break up with the cisnormative idea of Gynecology and Obstetrics, deepen the theme of transgenderism and understand the restrictions that the lesbian community, gay, bisexual, trans, queer, intersex, asexual and others (LGBTQIA+) has found in the access to Health Care Networks (RAS). The event took place online, from the 27th to the 31st of July 2020, broadcasted via YouTube and a platform contracted by the event. It had more than four thousand subscribers, an average daily audience of more than 50% and a schedule with reference professionals. Central themes such as gender, sexuality, gynecology, mental health, access to health and rights were addressed. Finally, the event reiterates that LAGORB fulfilled its role as an academic league, fostered a relevant debate and aligned itself with the principles of Universality, Equity and Integrality of Brazilian Unified Health System (SUS).

Keywords: Comprehensive health. LGBTQIA+. Gynecology. Obstetrics.

INTRODUÇÃO

A Liga Acadêmica de Ginecologia e Obstetrícia do Recôncavo da Bahia (LAGORB), do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CCS/UFRB), surgiu em 2013 com o propósito de debater temas em atenção integral à saúde da mulher nos pilares do ensino, pesquisa e extensão. Tal propósito é orientado pelos objetivos do curso de Medicina da UFRB, que em seu projeto pedagógico prevê a formação de profissional capacitado a prestar atenção integral à saúde, com capacidade científica e técnica, focado na ética, na atualização tecnológica e em um conceito ampliado de cidadania (UFRB, 2017).

Baseada nesses princípios formativos e inspirada na proposta de curricularização da extensão do itinerário formativo do curso, bem como pelo ambiente diverso e plural da UFRB e do território do recôncavo, a liga debruçou-se sobre o tema da diversidade para entender as diversas restrições que a comunidade lésbica, gay, bissexual, trans, queer, intersexo, assexual e outras (LGBTQIA+) encontra no acesso às Redes de Atenção à Saúde (RAS).

Sobre isso, Cortes et al. (2020) estudaram o (des) acesso da população trans aos serviços de saúde no recôncavo baiano. O estudo apontou a falta de capacitação dos profissionais de saúde para o atendimento das (trans) especificidades e sua repercussão como importante barreira no acesso à saúde desta população, com perpetuação de estigmas e preconceitos

dentro do serviço de saúde, resultantes de uma construção social patologizante da transgeneridade, gerando atendimentos de saúde precários e consequente afastamento dos equipamentos de saúde.

O Brasil ainda é o país que mais mata pessoas trans no mundo (ANTRA, 2020), fruto de uma transfobia estrutural, "autorizada" e incentivada, que produz diversos mecanismos de violência, afetando a saúde mental, expectativa de vida, acesso aos diversos bens e serviços, profissionalização e ocupação.

O I Simpósio sobre Atenção Integral à Saúde da População Trans, idealizado pela LAGORB-CCS/UFRB, reflete sobre saúde ampliada e o intuito de pensar os "cistemas" ¹ legais e as ciscolonialidades. Refletir a cisgeneridade e as identidades de gênero naturalizadas, demonstrando os corpos contemporâneos são atravessados pelas heranças das colonizações europeias e socioculturalmente significados a partir da ideia de que os padrões cisgêneros são os naturais.

A respeito de "colonialidade" e "colonialismo", Restrepo e Rojas (2010) entendem o colonialismo como processo e aparatos de domínio político e militar que se exercem para garantir a exploração do trabalho e riquezas das colônias em benefício do colonizador. E, a colonialidade, um fenômeno histórico complexo que se estende até o presente e se refere a um padrão de poder que opera através da naturalização de hierarquias territoriais, raciais,

culturais e epistêmicas, com a reprodução de relações de dominação.

Sendo assim, para Vergueiro (2015), o colonialismo foi uma das experiências históricas constitutivas da colonialidade. A partir disso, propõe-se pensar a normatividade cisgênera enquanto um conjunto de dispositivos de poder colonialistas sobre as diversidades corporais e de gênero cujo conjunto de dispositivos será organizado em seções relativas às esferas – ou sistemas.

Nesse contexto, é concebida a proposta de extrapolar as concepções tradicionais de atenção à saúde da mulher cisgênera, abordando a atenção integral à saúde das pessoas trans. Assim, este relato teve como objetivo apresentar a experiência de idealização, construção, organização e realização do I Simpósio sobre Atenção Integral à Saúde da População Trans.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a. A Construção do Simpósio

A proposta do evento foi pensada por um grupo de trabalho (GT) composto por 11 participantes que se reuniram periodicamente para construir o escopo inicial do projeto. Dentre os membros estavam discentes de medicina e enfermagem da UFRB, ligantes e/ou componentes da diretoria da liga, docente supervisora da LAGORB, docentes doutores e doutoras da UFRB ativistas transfeministas e participantes de movimento social na causa LGBTQIA+, incluindo o grupo de pesquisas Saúde Mental, Políticas Públicas e Populações em Situações de Vulnerabilidades (MentalPop UFRB/CNPq), que tem como uma de suas linhas de pesquisas os estudos que envolvem a transgeneridade e saúde mental.

Essa ação fez parte de uma estratégia da LAGORB/CCS/UFRB em pautar temas relevantes que ainda seguiam invisibilizados na maioria das grades curriculares dos cursos da área da saúde, a fim de protagonizar uma luta na sociedade por despatologização das identidades trans, visibilidades trans multiplicadas, com-

plexificadas e descolonizadas, fundamentadas nos princípios de dignidade humana e autodeterminação, para maior valorização da vida.

Além disso, o evento também deveria apresentar as diversas e urgentes demandas políticas trans, como dignidade, acesso a recursos, empregos dignos e compatíveis com as qualificações e anseios pessoais, ampliando a percepção de que inconformidades de gênero são construídas enquanto tais, a partir de uma normatividade cisgênera, e que a luta consiste em questionar esta normatividade (VERGUEIRO, 2015).

Durante as reuniões do GT, foram propostos eixos temáticos que fossem centrais para a discussão sobre: gênero e sexualidade, integralidade do cuidado, interseccionalidades, despatologização das identidades trans, saúde mental; trans hormonização, procedimentos cirúrgicos, ginecologia e urologia para a população trans, temas em reprodução e acesso à saúde, serviços e direitos da população trans. Ademais, observou-se a importância do protagonismo trans nas diversas mesas propostas e na mediação das palestras, a fim de evidenciar as dimensões de suas experiências e enfrentamentos em todos os aspectos da vida cotidiana, e também como pesquisadores/as

Acerca disso, Carrijo et al. (2019, p. 1) propõe a ressignificação da discussão do “lugar de fala”, que tem se configurado em uma relação tensa entre a academia e os movimentos sociais de pessoas trans e travestis. Os autores problematizam a necessidade de se reconfigurar o próprio meio acadêmico no lugar da vida de pessoas trans e travestis propondo “uma estratégia narrativa que pudesse incluir a perspectiva de uma epistemologia situada na experiência”².

Ou seja, entende-se que a academia tanto possa privilegiar suas produções com a epistemologia trans, com estudos pautados na produção científica de professoras/cientistas trans/travestis, indo em contramão à sociedade conservadora, incluindo mais a diversidade humana, considerando-se que a instituição é reflexo do tecido social.

b. A realização do Simpósio

O Simpósio sobre Atenção Integral à Saúde da População Trans ocorreu de modo on-line entre os dias 27 e 31 de Julho de 2020, tendo sido transmitido via YouTube e também por meio de plataforma própria custeada com o auxílio instituições parceiras. A divulgação do evento foi feita via redes sociais da LAGORB, contando com colaboração de ligas acadêmicas de outros estados e de organizações parceiras como portais de notícias especializados nas demandas da população LGBTQ+.

O sucesso da temática atraiu cinco mil seiscientos e sessenta e dois inscritos, com audiência diária média de mais de 50% destes. De acordo com as informações coletadas por meio do formulário online, a maioria dos inscritos identificaram-se como graduandos (73,1%) ou profissionais (12,6%) da área da saúde. Quanto a sua composição etária, o público estava majoritariamente enquadrado na faixa dos 18 a 24 anos (72,8%), seguido pelos participantes na faixa dos 25 a 40 anos (24,5%), 40 a 60 anos (1,9%) e menores de 18 anos (0,8%). Assim identifica-se o perfil de inscritos como predominantemente jovens estudantes ou profissionais da área da saúde, grupos que compuseram o público-alvo dessa ação.

A programação contou com dois ou três palestrantes por dia, e com a presença de até dois mediadores com atuação científica, docente ou em ativismo político e social, relacionada às temáticas debatidas no dia.

O primeiro dia de simpósio lançou as bases para alicerçar as discussões dos dias subsequentes. O debate foi iniciado abordando os conceitos, problemáticas e interrelações sobre Gênero e Sexualidade a partir da preleção da Profa. Dra. Fran Demétrio. Iniciada essa discussão, seguiu-se a apreciação do Prof. Dr. Thiago Soliva acerca das interseccionalidades e seus impactos sobre grupos historicamente marginalizados, com foco em suas implicações sobre a atenção à saúde disponível a desses indivíduos.

Para Collins e Bilge (2020), uma definição útil e não definitiva de interseccionalidade indica que ela investiga como relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais

marcadas pela diversidade, considerando que categorias de raça, classe, gênero, sexualidade,- entre outras - são interrelacionadas e se afetam mutuamente. Dessa forma, especialistas e ativistas que usam marcos interseccionais nos ajudam a entender como a vigilância e a violência de Estado impactam desproporcionalmente em pessoas trans e não conformantes de gênero racializadas.

Em seguida, a doutoranda em Estudos sobre Gênero, Mulheres e Feminismos (Universidade Federal da Bahia, UFBA), Viviane Vergueiro Simakawa, que também é integrante do Coletivo De Trans pra Frente, Mestre em Cultura e Sociedade (UFBA) e Ativista Transfeminista, trouxe à tona a discussão sobre a despatologização do corpo trans, abordando uma problemática pertinente tanto ao campo das ciências sociais quanto no das ciências da saúde, destacando ainda a necessidade emergente de desconstruir racionalidades tradicionais associadas à objetificação e patologização dos corpos das pessoas trans.

Os debates foram mediados pela Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus, que é doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (Universidade de Brasília), pesquisadora líder do ODARA Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade, e coordenadora do núcleo de diversidade NDI-VAS Marielle Franco (Instituto Federal do Rio de Janeiro).

Após a mesa-redonda do primeiro dia de Simpósio, teve início a abordagem dos aspectos do cuidado à pessoa trans predominantemente englobados no campo das ciências da saúde. Nessa perspectiva, houve a conferência do Prof. Esp. Fernando Meira de Brito Oliveira, médico de Família e Comunidade, sobre a Integralidade do Cuidado à População Trans, compartilhando com o público suas vivências na assistência. O professor ressaltou a situação de vulnerabilidade em que se encontram as pessoas em situação de rua, com especial atenção àquelas que são também pessoas trans, estando ainda mais submetidas à violências e marginalização devido às interseccionalidades.

Assim, delineados os conceitos e adotadas as

perspectivas pertinentes, criou-se um espaço de abordagem da saúde no tocante aos desafios referentes à população trans, que ultrapassa, não excluindo, as demandas relativas à saúde sexual. Em sua fala, a Profa. Dra. Helena Moraes Cortes convidou os espectadores a refletirem sobre a saúde mental da população trans. Os destaques deste debate foram as questões relacionadas às diversas formas de violência vivenciadas por essa população, e seus reflexos diretos no processo de adoecimento mental, assim como, sobre o despreparo das redes de atenção à saúde para o acolhimento dessas demandas, constituindo-se também como uma forma de violência, através da negação ao acesso e pela inexistência do serviço especializado.

Durante as mediações ficou também notório que parte considerável das demandas por assistência à saúde mental da população trans relaciona-se direta ou indiretamente à descoberta e compreensão da própria transgeneridade, em alguns casos envolvendo o desejo ou necessidade de Trans Hormonização. Nesse sentido, a profa. doutora Luciana M. B. Oliveira, médica endocrinologista e coordenadora do Ambulatório Transexualizador do Hospital Universitário Prof. Edgar Santos (HUPES), apresentou uma preleção acerca da Trans Hormonização no Processo Transexualizador, reforçando a necessidade de acompanhamento profissional para uma hormonização segura e eficaz e, destacando como a falta deste poderia colocar em risco a saúde dessa população.

A partir deste ponto, o terceiro dia de simpósio foi dedicado às técnicas cirúrgicas existentes, bem como às questões de saúde reprodutiva. Com o intuito de informar e educar os espectadores acadêmicos e profissionais da área de saúde, o médico urologista Odair Paiva, responsável pelo ambulatório de cirurgia transexual do Hospital Mário Covas de Santo André - SP, demonstrou os avanços alcançados pela técnica cirúrgica e as possibilidades para a assistência à população trans, tratando da cirurgia de redesignação sexual e os cuidados pós-operatórios. Os professores Joir Lima Júnior e Paulo Plessim, médicos especialistas em cirurgia plástica, abordaram também as cirurgias estéticas possíveis no processo transexualizador e os cuidados necessários. Por fim, o

médico ginecologista especialista em reprodução humana Agnaldo Viana discorreu sobre o processo de preservação da fertilidade prévia à cirurgia de redesignação sexual.

Sobre essas abordagens, ressalta-se que a maioria das pessoas trans não possuem livre acesso às cirurgias que desejam por diversos impeditivos estruturais de ordem econômica e social, bem como, de organização do sistema de saúde (Popadiuk et al., 2016). Apesar disso, a ideia defendida por esse simpósio incluiu o entendimento de que a educação dos profissionais é etapa essencial para iniciar qualquer processo de mudança.

Essa compreensão deriva dos objetivos e diretrizes da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (PNSILGBT), que preconiza a inserção desses temas nos processos de educação continuada dos trabalhadores do SUS, destinando um dos eixos de seu Plano Operativo à “Educação permanente e educação popular em saúde com foco na população LGBT”, objetivos com os quais se encontram alinhados os princípios deste evento extensionista.

As palestras do quarto dia de Simpósio abordaram o acompanhamento ginecológico e urológico à pessoa trans, pelas médicas ginecologistas Marla Niag (professora do CCS/UFRB e UFBA) e Patrícia Almeida (atuante no ambulatório de atenção à saúde de travestis e pessoas trans) e pelo médico urologista Eduardo Deda (professor do CCS/UFRB). As falas apresentadas tiveram por intuito trazer esclarecimento sobre os cuidados específicos a serem tomados na abordagem da saúde genital e reprodutiva das pessoas trans, lançando luz a uma área pouco abordada e, na qual há grande carência de profissionais bem capacitados.

Ainda neste último dia, o médico urologista Marcelo Vieira abordou as técnicas de reprodução assistida e possibilidades de concepção na população Trans. Na sequência, Yuna Vitória Santana (mulher trans, graduanda em direito e pesquisadora em gênero pelo NUCUS-UFBA) e Theo Brandon (homem trans, graduando em medicina e ativista com enfoque no movimento negro, trans e transfeminismo) abordaram as gestações paternas e a reprodução em ca-

sais transgêneros durante o processo de harmonização, contribuindo com suas vivências enquanto casal trans que experienciou uma gestação durante esse processo. Como mediadores deste dia de debates participaram os médicos Luciano Laranjeiras, hematologista e professor da UFRB, e Miranda Lima, homem trans e médico psiquiatra do Núcleo de Estudos e Assistência à pessoa Trans da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

O encerramento das atividades do Simpósio contou com a mediação da Enfermeira Ranna Daniele (mestranda da Escola de Enfermagem da UFBA com projeto de dissertação sobre infância e adolescência de pessoas trans) e da Profa. Juliana Quintino (médica de família e comunidade, professora do CCS/UFRB). A palestra do Dr. Ailton Santos deu continuidade à discussão sobre o acesso à saúde da população trans, compartilhando experiências de implementações de protocolos e diretrizes para educar os profissionais e melhorar os atendimentos em serviços de saúde no contexto do estado da Bahia.

Neste ponto, fez-se essencial a contribuição da palestra de Yuna Vitória Santana, acerca dos direitos da população trans, encerrando o simpósio com um debate sobre os amparos legais das pessoas trans para questões como uso do nome social e direito ao atendimento digno nos serviços de saúde.

b. Desafios superados

Além da organização da infraestrutura digital, a necessidade urgente de tratar de um tema tão complexo e negligenciado trouxe à tona a dificuldade de selecionar, dentre uma miríade de assuntos necessários, os temas possíveis

e essenciais e as abordagens mais didáticas para se atingir o objetivo proposto.

Junto a isso, a seleção de profissionais colaboradores com autoridade científica para discorrer sobre os temas elencados requer grande conhecimento sobre a temática e inserção nos grupos de pesquisa e fóruns de debate desses assuntos. Diante disso, a superação desses desafios só se fez possível graças à articulação da LAGORB com os grupos de pesquisa MentalPop e LABTRANS, que tiveram contribuição essencial na curadoria de temas e palestras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da avaliação do evento, feita pela organização, considerando fatores como o amplo alcance do simpósio, atingindo diversas faixas etárias e principalmente o público-alvo de estudantes e profissionais da saúde, bem como a movimentação e debates ocorridos nas redes sociais e durante o próprio evento além do grande leque de temas abordados, entende-se que atingiu seu propósito como evento extensionista, em termos de conteúdo e alcance.

Nesse sentido, pode-se considerar que a LAGORB cumpriu seu objetivo com a proposta, tendo fomentado o debate e levado esclarecimento sobre um tema historicamente negligenciado, alcançando tanto acadêmicos e profissionais quanto o público em geral. Por fim, foi possível estimular a replicação de eventos desse tipo, a criação de espaços de discussão e, portanto, propor tensionamentos no campo da saúde alinhados aos princípios de Universalidade, Equidade e Integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Dossiê Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, 2021. 140 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa**. Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Brasília: Ministério da Saúde; 2013.

CARRIJO, Gilson Goulart et al. **Movimentos emaranhados:** travestis, movimentos sociais e práticas acadêmicas. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** São Paulo: Boitempo, 2020.

CORTES, Helena Moraes et al. O (des) acesso de pessoas transgêneras aos serviços de saúde no recôncavo baiano. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 6, n. 4, p. 159-180, 2020.

MORAIS, Andréia Vanessa Carneiro; CORTES, Helena Moraes. **Cirurgia de redesignação sexual:** implicações para o cuidado/Sex reassignment surgery: implications for care. *Journal of Nursing and Health*, v. 10, n. 3, 2020.

POPADIUK, Gianna Schreiber, OLIVEIRA, Daniel Canavese e SIGNORELLI, Marcos Claudio. A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) e o acesso ao Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS): avanços e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2017, v. 22, n. 5 [Acessado 18 Outubro 2021], pp. 1509-1520. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232017225.32782016>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017225.32782016>.

SILVA, G. W. S. et al. Fatores associados à ideação suicida entre travestis e transexuais assistidas por organizações não-governamentais. **Cien Saude Colet** [periódico na internet] (2020/Jan).

RESTREPO, E.; ROJAS, A. **Inflexión decolonial:** fuentes, conceptos y cuestionamientos. Popayán, Colombia: Editorial Universidad del Cauca, 2010. ISBN 958-732-067-1.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Cap. 3-5.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. **Projeto Pedagógico do Curso de Medicina.** Santo Antônio de Jesus, 2017.

ABRINDO AS FRONTEIRAS DA UNIVERSIDADE ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

OPENING THE FRONTIERS OF THE UNIVERSITY THROUGH SEXUAL
EDUCATION IN SCHOOLS: EXPERIENCE REPORT

Jéssica Mariana Lima de Oliveira

Bacharela em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB
jessicamlo@hotmail.com

Adailton Alves da Costa Filho

Bacharel em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB
adailtonalvees@hotmail.com

Abdias de Souza Alves Júnior

Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Universidade pela Universidade Federal da Bahia - UFBA.
abdias.junior.sa@gmail.com

Sibele de Oliveira Tozetto Klein

Doutora em Biologia Geral, na Eberhard Karls Universität Tübingen. Docente Associada do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia;
sibele.tozetto@ufrb.edu.br

Marla Niag dos Santos Rocha

Mestre em Saúde da Família pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) em parceria com Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB. Docente Auxiliar de Saúde da Mulher do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
marlaniag@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo do relato é descrever a vivência de discentes pertencentes a uma Liga Acadêmica da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em uma atividade de extensão intitulada "Educação Sexual nas Escolas - Mitos e Verdades". Trata-se de uma atividade extensionista desenvolvida em escolas da rede pública e privada do município de Santo Antônio de Jesus no estado da Bahia, nos anos de 2018 e 2019, com público de jovens entre 13 e 15 anos. Foi desenvolvido um formulário com assertivas verdadeiras e falsas acerca da temática, para que os adolescentes pudessem assinalar o que consideravam como sendo mito ou verdade. O formulário foi a ferramenta base que estruturou toda a discussão, sendo utilizado no início da oficina. A partir das respostas obtidas iniciou-se as discussões acerca de cada assertiva, com explicações sobre os mitos e verdades, podendo abordar a temática de forma ampla, acessível e participativa. Os resultados revelam como os serviços universitários extensionistas se apresentam como uma atividade exitosa na educação em saúde, especificamente no conhecimento e garantia dos direitos sexuais e reprodutivos.

Palavras-chave: Adolescentes. Sexualidade. Infecções Sexualmente Transmissíveis.

ABSTRACT

The objective of the report is to describe the experience of students belonging to an Academic

League of the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB), in an extension activity entitled "Sexual Education in Schools - Myths and Truths". It is an extension activity developed in public and private schools in the municipality of Santo Antônio de Jesus - Ba, in the years 2018 and 2019, with a public of young people between 13 and 15 years old. A form was developed with true and false statements about the theme, so that adolescents could mark what they considered to be myth or truth. The form was the basic tool that structured the entire discussion, being used at the beginning of the workshop. From the answers obtained, discussions about each assertion began, with explanations about the myths and truths, being able to address the theme in a broad, accessible and participatory way. The results reveal how university extension services are presented as a successful activity in health education, specifically in the knowledge and guarantee of sexual and reproductive rights.

Keywords: Adolescent; Sexuality; Sexually Transmitted Infections.

INTRODUÇÃO

Em 1988, a Constituição Brasileira reconheceu os direitos das crianças e dos adolescentes priorizando para estes os cuidados com a saúde e a educação (BRASIL, 1988). Com relação aos direitos sexuais e reprodutivos, o Ministério da Saúde garante a esta população o direito de: i) viver e expressar livremente a sexualidade sem violência, discriminações e imposições, e com respeito pleno pelo corpo do(a) parceiro(a); ii) escolher o(a) parceiro(a) sexual; iii) viver plenamente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças; iv) viver a sexualidade independentemente de estado civil, idade ou condição física; v) escolher se quer ou não quer ter relação sexual; vi) expressar livremente sua orientação sexual; vii) ter relação sexual independente da reprodução; viii) ter sexo seguro para prevenção da gravidez indesejada e aquisição de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs); ix) ter acesso a serviços de saúde que garantam privacidade, sigilo e atendimento de qualidade e sem discriminação; e x) aquisição de informação e acesso a uma educação sexual e reprodutiva (BRASIL, 2009). Além disso, os direitos à assistência e aos cuidados com a saúde sexual e reprodutiva do adolescente também foram assegurados com a criação do Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), em 1999 (Ministério da Saúde, 2013).

Geralmente é na fase da adolescência que os indivíduos começam a vivenciar e experimentar as primeiras práticas sexuais. Esta fase compreende de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) (WHO, 1986) e com

o Estatuto da Criança e Adolescente (BRASIL, 1990) os períodos entre os 10 e 19 anos e 12 a 18 anos, respectivamente. Neste momento de vida, os jovens passam por alterações significativas de ordem biológica, e adentram ao mesmo tempo, em um mundo de novas descobertas, o que pode também os inserir em um grupo de vulnerabilidade à aquisição de doenças sexualmente transmissíveis (DST), a gravidez precoce, ao aborto, além de desequilíbrios de natureza fisiológica e psicológica (Silva et al., 2015).

Apesar da relevância da Estratégia de Saúde da Família em direção à saúde do adolescente, percebe-se, na rotina dos serviços das Unidades Básicas de Saúde (UBS), uma baixa frequência de adolescentes e pouca oferta de programas direcionados para os mesmos, mostrando que as ações voltadas à saúde desta população ainda são insuficientes (VIEIRA, 2014). A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) registraram dados onde estes serviços de saúde não aparecem como um lugar importante e prioritário para se encontrar informações confiáveis sobre sexualidade na adolescência dos brasileiros (Ministério da Saúde, 2013). O Ministério da Saúde reconhece que para uma melhor promoção da saúde de adolescentes e jovens, é fundamental a realização de ações educativas sobre sexualidade, gênero, saúde sexual e reprodutiva. Vale ainda ressaltar a importância de que estas ações educativas se desenvolvam não somente nos serviços de saúde, mas também em diferentes espaços, como nas escolas, nas associações comunitárias, e até nos domicílios com o envolvimento dos

pais e familiares (Ministério da Saúde, 2013; VIEIRA, 2014). O estudo de Campos e colaboradores (2017) com adolescentes do ensino médio evidenciou que a troca de saberes sobre os direitos sexuais entre pesquisadores e adolescentes, poderia interferir positivamente na promoção da saúde sexual, assim como, no planejamento das atividades na atenção primária, para a melhoria da promoção da saúde da população nesta faixa etária.

Reconhecendo a universidade como uma potência no campo da educação em saúde e dos impactos positivos das intervenções em comunidades, com a participação de indivíduos de diferentes idades, esse relato de experiência descreve a vivência de discentes pertencentes a Liga Acadêmica de Ginecologia e Obstetrícia do Recôncavo da Bahia (LAGORB), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), na atividade de extensão intitulada "Educação Sexual nas Escolas - Mitos e Verdades" junto aos adolescentes em algumas escolas de Santo Antônio de Jesus (Bahia).

CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA

Esta experiência trata-se de uma atividade extensionista desenvolvida em escolas da rede pública e privada do município de Santo Antônio de Jesus (Bahia), nos anos de 2018 e 2019, com público de jovens entre 13 e 15 anos. O projeto surgiu a partir do ensejo dos discentes da LAGORB de extrapolar os muros da universidade promovendo a troca de saberes e a expansão da universidade, através da educação em saúde.

Pensando na educação em saúde, os passos seguintes perpassam por identificar uma temática relevante e a metodologia a ser usada. A seleção do tema ocorreu após uma breve revisão da literatura, onde foi possível observar que Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) representavam um problema de Saúde Pública no território baiano, ocasionando mais de 12000 internações no Sistema Único de Saúde (SUS) entre os anos de 2008 e 2019 (BRASIL, 2020).

Entendendo que puberdade marca o início da atividade sexual, este período foi eleito como oportunidade ideal para a realização da pro-

moção de informações a respeito dos métodos de prevenção das IST's e de saúde sexual em geral. Nesse sentido, após contato com a direção dos colégios da rede pública e privada da zona urbana de Santo Antônio de Jesus, definiu-se que a atividade seria realizada com as turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental.

A metodologia foi pensada com intuito de realizar uma intervenção dialógica, que despertasse a curiosidade e que ao mesmo tempo fosse capaz de captar a atenção do grupo. Para isso, desenvolvemos como ferramenta auxiliar um formulário, contendo frases verdadeiras e falsas (Figura 1) sobre as infecções sexualmente transmissíveis, as assertivas versavam sobre as formas de contágio e a prevenção do HIV/AIDS, permitindo uma abordagem acessível e participativa.

Figura 1 - Formulário pré e pós teste aplicado durante atividade extensionista




Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Centro de Ciências da saúde
Liga Acadêmica de Ginecologia e Obstetrícia do Recôncavo da Bahia

Nome: _____
Série: _____

PRÉ E PÓS-TESTE (HIV/AIDS)

- Dar Beijo no rosto ou na boca, dar aperto de mão, abraço, ou trocar sabonete, toalha, lençóis, talheres e copos, com um portador do HIV, fara você correr o risco de contrair a doença.
- A pílula e o preservativo previnem a transmissão do HIV.
- Refere um comportamento de risco de infecção por HIV. Relações sexuais com múltiplos parceiros sem utilização de preservativo; Partilha de seringas infectadas; Presença de sangramento, como menstruação, no momento do ato sexual.
- A profilaxia pós exposição (PEP) "coquetel" no dia seguinte" pode impedir o contágio após exposição ao vírus.
- O vírus HIV pode ser identificado no período de 30 a 60 dias após a infecção.
- As chances de se contrair HIV através do sexo oral são menores do que sexo com penetração.
- É possível contrair o vírus da HIV através da masturbação com um(a) parceiro
- A mãe pode transmitir HIV para seu bebê no parto normal, através da amamentação e durante a gravidez, se a mulher infectada não realizar um acompanhamento médico adequado.
- Uma pessoa de aparência saudável, não possui HIV.
- A AIDS é uma doença que tem cura, tem vacina, e só ocorre em grandes capitais.

GABARITO

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pré										
Pós										

Fonte: Acervo próprio, LAGORB – UFRB.

DESENVOLVIMENTO

A atividade contou com a participação de 46 adolescentes de duas escolas da zona urbana do município de Santo Antônio de Jesus, sendo desenvolvida durante o horário de aula. As assertivas utilizadas visavam abordar os seguintes eixos temáticos principais: contágio, prevenção, tratamento, diagnóstico e prognóstico.

A discussão das assertivas gerou um momento de inquietação e questionamentos, fomentando a produção e a consolidação do conhecimento acerca do tema abordado. Este momento, demonstra a importância da disseminação de informações e o seu impacto positivo nos comportamentos sexuais. Ao longo da atividade a dialógica se mostrou bastante espontânea, os participantes ao longo da atividade se mostraram abertos e confiantes para tirarem suas dúvidas sem receio de possíveis julgamentos. Trabalhar dentro da dinâmica de pré e pós teste possibilitou a criação de um ambiente leve e descontraído, além de evidenciar o impacto da atividade na aquisição de conhecimento acerca do tema discutido. Após a atividade, os participantes demonstravam entusiasmo e interesse em participar de outros momentos similares.

O comportamento sexual de um indivíduo depende não só da etapa de desenvolvimento em que se encontra, como do relacionamento familiar e do contexto social no qual está inserido (OTT, 2010). É na adolescência, quando as mudanças estão se consolidando, que o adolescente precisa de apoio, compreensão e informações bastante claras. Necessita, ainda, da garantia de suporte afetivo e de espaços permanentes para questionamentos, reflexões e diálogos, favorecendo o desenvolvimento de seu potencial pleno, como um ser inserido na sociedade (ALMEIDA; HARDY, 2007).

Segundo Kerntopf e colaboradores (2016) o desenvolvimento de atividades extensionistas voltadas para educação em saúde no ambiente escolar, se torna uma potente ferramenta na disseminação de informações acerca da educação sexual e reprodutiva. Isso porque a escola representa um dos espaços de apoio, presença e socialização dos adolescentes envolvidos, diminuindo as situações de riscos e

vulnerabilidade. Desta forma, a ação de extensionista, é potente no sentido de promover uma ampla troca de saberes e fomentar a construção do conhecimento em educação sexual atrelada aos conhecimentos sobre os direitos do cidadão jovem, muito importantes para lhes proporcionar, além do aprendizado, segurança para terem relações sexuais saudáveis, mais protegidas de ISTs, livres de coerção, discriminação e violência (CAMPOS et al., 2017).

É importante ressaltar que a dificuldade em levar aos adolescentes informações acerca da sexualidade traz uma reflexão sobre o que é previsto pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2009). Se tratando de direitos sexuais e reprodutivos, é garantido à criança e ao adolescente o direito à informação e a educação sexual e reprodutiva e limitar a família a responsabilidade de fornecer educação sexual às crianças e adolescentes pode deixá-los vulneráveis ao recebimento de informações com base no julgamento, crença individual e senso comum de pessoas que talvez não necessariamente estejam preparados para dar essas informações.

CONCLUSÃO

A atividade foi capaz de criar um espaço de diálogo e escuta, indispensável no desenvolvimento de atividades educativas voltadas para o público jovem. Além disso, este modelo de ensino-aprendizagem, visa respeitar os saberes e a autonomia, possibilitando aos participantes uma releitura e ressignificação do comportamento sexual, e conseqüentemente, uma reflexão crítica sobre a temática, configurando o direito de decidir sobre os atos que poderiam definir a sua saúde sexual.

Informar de maneira eficiente e clara, não se trata de uma tarefa fácil e exige uma fonte de informações segura e livre de julgamento de valores. Nesse contexto, a universidade se mostra como ferramenta potente na disseminação de informações, impactando positivamente na promoção da saúde, assim como, na educação sexual, contribuindo para o acesso do direito sexual e reprodutivo das crianças e adolescentes. O que reforça o papel fundamental do desenvolvimento das atividades extensionistas, permitindo que a universidade cumpra seu papel social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, AFF; HARDY, E. Vulnerabilidade de gênero para paternidade em homens adolescentes. **Rev Saúde Pública**. v.41(4), p. 565-72, 2007.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST):** o que são, quais são e como prevenir. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sih/cnv/niba.def>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: <http://bvs-ms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anticoncepcionais.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2016.

BRASIL. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Ministério da Saúde, Brasília, (Cadernos de Atenção Básica, n. 26), 1. ed., 1. reimpr, p. 300, 2013.

CAMPOS, Helena Maria et al. **Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde:** diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes. Saúde em Debate, FapUNIFESP, [s.l.], v. 41, n. 113, p.658-669, abr. 2017.

KERNTOPF, Marta Regina et al. **Sexualidade na adolescência:** uma revisão crítica da literatura. Adolesc. Saúde, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 106-113, set. 2016.

OTT, MA. **Examining the development and sexual behavior of adolescent males**. J Adolesc Health. v. 47(3), p. 318, 2010.

SILVA, Aniel de Sarom Negrão et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saude**, Ananindeua, v. 6, n. 3, p. 27-34, set.,2015.

VIEIRA, Roberta Peixoto et al. Participação de adolescentes na Estratégia Saúde da Família a partir da Estrutura Teórico-Metodológica de uma Participação Habilitadora. **Rev. Latino-am.**, São Paulo, p.309-316, abr. 2014.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <<https://normas.leg.br/api/binario/d9c9c09c-ee-80-42c9-a327-20fd195213c7/texto>> Acesso em 16 de janeiro 2021.

BRASIL. **Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. 1990a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em: 16 Jan. 2021.

WHO, World Health Organization. **Young People's Health – a Challenge for Society**. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/41720/WHO_TRS_731.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em:16 jan 2021.

ISSN 2236-6784



9 772236 678001



00001